



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências
Sociais de Portalegre



UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E DA REMINISCÊNCIA NO TRABALHO COM IDOSOS EM CONTEXTO INSTITUCIONAL

Relatório Final de Estágio
Mestrado em Gerontologia (Especialidade Gerontologia Social)

Jéssica Catarina Fernandes Jardim

Orientador: Prof. Doutor António Calha
Orientador Institucional: Dr.^a Elsa Vargas

Outubro
2017

**Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação e Ciências
Sociais de Portalegre**

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E DA REMINISCÊNCIA NO TRABALHO COM IDOSOS EM CONTEXTO INSTITUCIONAL

Relatório Final de Estágio
Mestrado em Gerontologia (Especialidade Gerontologia Social)

Jéssica Catarina Fernandes Jardim

Orientador: Prof. Doutor António Calha
Orientador Institucional: Dr.ª Elsa Vargas

**Outubro
2017**

LOCAL DE ESTÁGIO: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTARÉM – CENTRO DE DIA

Telefone (Centro de Dia): 243 305 205/ 243 305 207

Telefone (Serviços Administrativos): 243 305 260

Fax (Serviços Administrativos): 243 205 269

Email: geral@scms.pt

Site: scms.pt

Período de Estágio: 750h, com início em Outubro.

Área de Intervenção: Idosos

PROVA ACADÉMICA DE MESTRADO

- 04 de abril de 2018, às 10h30, no Salão Nobre da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre.

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

Presidente: Prof. Doutor Abílio José Maroto Amiguinho

Arguente: Prof. Doutor Michel Gustave Joseph Binet

Orientador: Prof. Doutor António Geraldo Manso Calha

AGRADECIMENTOS

No decorrer da realização deste estágio tive várias pessoas que me ajudaram e me apoiaram desde o seu início até à sua conclusão.

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos os professores responsáveis pela minha formação ao longo do Mestrado em Gerontologia, sempre prestáveis e disponíveis para ajudar em qualquer dificuldade.

Ao meu orientador, Professor António Calha, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A Santa Casa de Misericórdia de Santarém, em especial ao Centro de Dia que me acolheu ao longo do meu estágio curricular, a todas as pessoas com quem trabalhei, nomeadamente à Diretora Técnica Dr.^a Elsa Vargas, que foi uma das minhas orientadoras, agradeço a sua disponibilidade para ajudar-me sempre que precisei. Também agradeço à Técnica Superior de Serviço Social, a Dr.^a Andreia Fonseca, que me permitiu acompanhar o seu trabalho ao longo do estágio e que me ajudou na minha formação profissional. A todas as colaboradoras que demonstraram sempre uma grande disponibilidade para me ajudar no que precisasse.

Um obrigado especial a todos os utentes do Centro de Dia, pois foi muito bem recebida e acarinhada.

Um obrigado à minha família que esteve sempre presente e me auxiliou ao longo do Mestrado em Gerontologia e no decorrer da realização deste trabalho.

Por último, quero também agradecer aos meus amigos e aos meus colegas que estiveram sempre do meu lado para me ajudar a enfrentar qualquer obstáculo.

A todos, um muito obrigado!

RESUMO

Neste trabalho apresento a descrição e a reflexão da experiência de estágio em contexto de lar de idosos, visando a implementação de um projeto de investigação-ação baseado na história de vida e na reminiscência.

Após uma contextualização do projeto e apresentação do contexto onde se desenvolveu o estágio apresento os resultados da análise de relatos que decorreram de um conjunto de sessões de histórias de vida e reminiscência envolvendo um total de dezoito idosos. As sessões foram realizadas em grupo, permitindo a partilha de histórias de vida entre os utentes, a reflexão e o surgimento de novas aprendizagens. As sessões versaram sobre a “infância e a vida familiar”, “o percurso escolar”, a “carreira profissional” e o “nascimento do primeiro filho”, sendo o meu objetivo principal analisar a importância deste tipo de atividades no trabalho com os idosos.

Os resultados obtidos revelam que os utentes ao relatar a sua própria história de vida, estão a recordar experiências do passado. Possibilitou ainda o desencadear de sentimentos e emoções e ajudou os utentes a reconhecer a sua identidade e o seu valor.

Palavras-chaves: Histórias de vida; Reminiscência; Sessões; Relatos; Experiências.

ABSTRACT

In this work I present the description and reflection of the internship experience in a nursing home context, aiming the implementation of an action research project based on life history and reminiscence.

After a contextualisation of the project and presentation of the context in which the stage was developed, I present the results of the analysis of reports that take place from a set of sessions of life stories and reminiscence involving a total of eighteen elderly. The sessions were held in a group, allowing the sharing of life histories among the users, reflection and the emergence of new learning. The sessions focused on "childhood and family life", "the school journey", "professional career" and "birth of the first child", my main objective was to analyse the importance of this type of activities in the work with the elderly.

The results show that when the users are reporting their own life history are remembering experiences of the past. It also enabled the unleashing of feelings and emotions and helped users to recognize their identity and value.

Keywords: Life stories; Reminiscence; Sessions; Reports; Experiences.

SIGLAS

CATEI – Centro de Acolhimento Temporário de Emergência para Idosos

SAD – Serviço de Apoio Domiciliário

SCMS – Santa Casa da Misericórdia de Santarém

PADP – Plano de Atividades de Desenvolvimento Pessoal

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
1. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	13
2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS IDOSOS	15
3. ALTERAÇÕES IDENTITÁRIAS NO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO....	17
4. O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL NUMA SOCIEDADE ENVELHECIDA.....	20
5. O SERVIÇO SOCIAL NAS INSTITUIÇÕES DE APOIO A IDOSOS	24
6. AS METODOLOGIAS DO SERVIÇO SOCIAL NO TRABALHO COM IDOSOS	29
7. A HISTÓRIA DE VIDA E A REMINISCÊNCIA NO SERVIÇO SOCIAL.....	34
7.1 HISTÓRIA DE VIDA.....	34
7.2 REMINISCÊNCIA.....	35
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL.....	42
1. DESCRIÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	43
1.1 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTARÉM	43
2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INSTITUIÇÃO	45
CAPÍTULO III – PROJETO DE ESTÁGIO	50
1. DIAGNÓSTICO SOCIAL	51
2. OBJETIVOS.....	55
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS COM OS IDOSOS.....	55
3.1 ATIVIDADE N.º1: INFÂNCIA E VIDA FAMILIAR – “ÁRVORE GENEALÓGICA” ..	57
3.2 ATIVIDADE N.º2: O PERCURSO ESCOLAR – “IMAGEM SURPRESA”	58
3.3 ATIVIDADE N.º3: CARREIRA PROFISSIONAL – “QUEM SOU EU?”	60
3.4 ATIVIDADE N.º4: NASCIMENTO DOS FILHOS – “MUDAR A FRALDA”	61
CAPÍTULO IV – RESULTADOS E EVIDÊNCIAS DE CADA SESSÃO	63
1. ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NAS SESSÕES.....	64
1.1 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º1 - INFÂNCIA E A VIDA FAMILIAR	64
1.2 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º2 – O PERCURSO ESCOLAR.....	75

1.3 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º3 – CARREIRA PROFISSIONAL.....	103
1.4 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º4 – NASCIMENTO DOS FILHOS	114
2. TEMAS QUE SOBRESSAÍRAM NAS SESSÕES.....	130
3. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS SESSÕES	135
CONCLUSÃO.....	136
BIBLIOGRAFIA	142
ANEXOS	147
ANEXO I – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE FOTOGRAFIAS E GRAVAÇÕES DE ÁUDIO	148
ANEXO II – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º1.....	150
ANEXO III – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º2.....	197
ANEXO IV – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º3	274
ANEXO V – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º4	327

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Funções do Serviço Social Gerontológico	26
Figura 2 – Árvore Genealógica	57
Figura 3 – Grupo reunido na biblioteca	57
Figura 4 – Moldes da árvore genealógica	58
Figura 5 – Realização da atividade “Imagem Surpresa”	58
Figura 6 – Saquinho com as imagens.....	59
Figura 7 – Realização da atividade “Quem sou eu?”	60
Figura 8 – Realização da atividade “Quem sou eu?”	61
Figura 9 – Realização da atividade “Mudar a Fralda”	61
Figura 10 – Boneco e a fralda de pano.....	62
Figura 11 – Momentos de brincadeira	62
Figura 12 – Sapatos	82
Figura 13 – Autocarro.....	83
Figura 14 – Bibes	84
Figura 15 – Mala de cabedal	85
Figura 16 – Imagem retratada no papel (lado direito) e o “Livro de Leitura da 3º Classe” (lado esquerdo)	86
Figura 17 – Estojo de Madeira.....	86
Figura 18 – Ardósia	87
Figura 19 – Sala de aula.....	88
Figura 20 – Orelhas de burro.....	88
Figura 21 – A professora a bater no aluno.....	89
Figura 22 – Professora	89
Figura 23 – Mão no ar	90
Figura 24 – Aluno a copiar.....	91
Figura 25 – O poema.....	91
Figura 26 – Amizade	92
Figura 27 – Bullying.....	92
Figura 28 - Dr. Salazar (esquerda), a imagem do Presidente General Carmona (direita) e o crucifixo como símbolo Cristã	93
Figura 29 – Jogo do peão (lado esquerdo) e o jogo da macaca (lado direito)	94
Figura 30 – Género	95
Figura 31 – Lancheira.....	96

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Género dos idosos envolvidos no projeto	51
Gráfico 2 - Idades dos idosos envolvidos no projeto	52
Gráfico 3 – Estado Civil dos idosos envolvidos no projeto	52
Gráfico 4 – Habilitações Literárias dos idosos envolvidos no projeto	53
Gráfico 5 – Contexto Familiar dos idosos envolvidos no projeto	53

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da Intervenção	22
Tabela 2 – Nível micro: Instituições de Solidariedade	26
Tabela 3 - Funções do Assistente Social em instituições de cariz residencial	27
Tabela 4 - Escala de Fumat dos idosos envolvidos no projeto	54
Tabela 5 – Descrição dos Participantes.....	56

INTRODUÇÃO

Em Portugal o índice de envelhecimento é cada vez mais elevado, resultando um aumento de casos de idosos com doenças crónicas e de dependência, como é o caso da demência, levando muitas das vezes a institucionalização do idoso. Contudo, quando ocorre a institucionalização o idoso é sujeito a um conjunto de normas e de regras, além de enfrentar um ambiente coletivo, e que não faz parte da personalidade e individualidade da sua história de vida.

Neste relatório de estágio são apresentados os resultados de um projeto baseado na história de vida e a reminiscência dos idosos em contexto institucional. Com a realização das atividades pretendeu-se que os idosos relembrem momentos do passado e o reconhecimento dos mesmos e ajuda-os a reconhecer a sua própria identidade.

O Estágio Curricular iniciou-se no mês de Outubro de 2016 e terminou em Abril de 2017 e realizou-se no Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém. O estágio teve a duração de 750 horas. Tive dois orientadores, uma orientadora institucional, a Dr.^a Elsa Vargas e o Professor Dr.^o António Calha, como supervisor pedagógico.

Este trabalho divide-se em 4 capítulos. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico, em que menciono o envelhecimento, a institucionalização, as alterações identitárias no processo de institucionalização, o papel do serviço social nas instituições de apoio aos idosos, as metodologias do serviço social e para concluir, sendo o mais importante, abordo a história de vida e a reminiscência no serviço social e as técnicas de reminiscência. O segundo capítulo corresponde ao enquadramento institucional, na qual é referida a caracterização da instituição e da resposta social e todas as tarefas realizadas no estágio curricular. Já o terceiro capítulo refere-se ao projeto de estágio, em que abordo o diagnóstico social dos utentes que participaram nas sessões de reminiscência, a descrição de todas as atividades relacionadas com a história de vida e a reminiscência. Por fim, o capítulo relacionado com os resultados e as evidências de cada sessão.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Na língua portuguesa, o termo velhice significa o estado do que é velho e remete para a antiguidade, a idade avançada e a decrepitude (Carvalho, 2013). Lima (2010:14) refere que o envelhecimento é um “processo universal, gradual e irreversível de mudanças e transformações que ocorrem com a passagem do tempo”. Já a Direção Geral de Saúde (2006 cit por Ramos, 2012:5) define envelhecimento, como “um processo de mudança progressivo da estrutura biológica, psicológica e social dos indivíduos, que iniciando-se mesmo antes do nascimento se desenvolve ao longo da vida”.

De acordo António (2011 cit por Carvalho, 2013:83), “o envelhecimento pode ser analisado segundo duas perspetivas: 1) na perspetiva do conjunto da população, denominado envelhecimento demográfico ou populacional ou 2) na perspetiva do indivíduo, entendido como envelhecimento individual. Enquanto a primeira compreende as alterações da estrutura etária da sociedade e se traduz no acréscimo dos com 65 e mais anos no total da população, a segunda, a do indivíduo, engloba a mudança progressiva que o envelhecimento acarreta na estrutura biológica, psicológica e social”.

Schroots e Birren (1980 cit por Mamede, 2011) afirmam que existem três formas de envelhecimento: o envelhecimento biológico, o envelhecimento social e o psicológico. O envelhecimento biológico resulta da vulnerabilidade crescente e de uma maior probabilidade de morrer, a que se chama senescência; envelhecimento social, relativo aos papéis sociais, apropriado às expectativas da sociedade para este nível etário e o envelhecimento psicológico definido pela autorregulação do indivíduo no campo de forças, pelo tomar decisões e opções, adaptando-se ao processo de senescência e envelhecimento.

O envelhecimento da população adquiriu uma grande importância hoje em dia, em particular na Europa, quer no ponto de vista do debate teórico, quer no ponto de vista da discussão política e da política social (Paúl & Ribeiro, 2012). Como refere Carvalho (2013:45), “O Estado, a sociedade e as famílias precisam de se preparar para a longevidade, com a formação para o cuidado numa era de profundas mudanças demográficas, económicas e de relações intergeracionais”.

Em suma, o envelhecimento demográfico ocorre devido à baixa natalidade e do aumento da esperança de vida, quer à nascença quer aos 65 anos de idade, associadas à baixa mortalidade infantil. De acordo com os dados obtidos pelo World Population Data Sheet, do Population Reference Bureau, de 2012, existem no mundo cerca de 564 milhões de indivíduos com 65 ou mais anos representando 8% de toda a população do mundo. Prevê-se que, em 2050, venham a ser 2 mil milhões, representando 20% da População (UN,2011). Em Portugal, existem mais de 2 milhões de idosos, que representam 19,1% do

total da população, e em 2050 representarão 31,8% (Carvalho, 2013:81). Já em relação à Europa, Portugal é representado como um dos países mais envelhecidos (Carvalho, 2013).

Porém, o envelhecimento demográfico em Portugal resulta essencialmente devido a três fatores:

- Baixa da taxa de natalidade: nascem cada vez menos crianças;
- Fluxos migratórios: por um lado temos a saída dos jovens à procura de melhores condições de vida e, por outro lado, regressa a população idosa emigrada ao país de origem;
- Aumento da esperança de vida: quer à nascença (79,8 anos: 76,7 para os homens e 82,6 para as mulheres, o que resulta da baixa taxa da mortalidade infantil, 31,1‰); quer aos 65 anos de idade (16,9 anos para os homens e 20,3 para as mulheres) (António, 2009 cit por Carvalho,2013:85).

Embora que o envelhecimento seja considerado um problema social, a inadequação da sociedade perante as transformações ocorridas faz com que os idosos estejam muitas vezes envolvidos em situações de isolamento, solidão e precariedade económica (Carvalho, 2013). Logo, “o que poderá constituir-se como problema social é a ausência, insuficiência ou inadequação de respostas da organização social” (Gil, 1999 cit por Carvalho,2013: 203).

Para dar resposta face ao envelhecimento, Paúl & Ribeiro (2012:71) diz-nos que “o envelhecimento populacional requer medidas, iniciativas e intervenções, no sentido de melhorar a qualidade de vida dos idosos e assegurar a sua integração progressiva e equilibrada na sociedade”, dado isto os idosos vivem muito mais tempo, mas é necessário garantir que os idosos vivam com qualidade, estejam integrados na sociedade e na família, com garantias de meios de subsistência e apoios necessários.

Como refere Calha (2014:30), apesar dos aspetos da Organização Mundial de Saúde no que diz respeito à “adoção de políticas que promovam o envelhecimento ativo como forma de fomentar a qualidade de vida da população idosa [...] é reconhecida a existência de um conjunto de vulnerabilidade que atingem a condição sénior e que obstaculizam o envelhecimento ativo”. Dentro delas, destaca-se o estado de saúde e o isolamento social no qual se encontram muitos desses idosos.

Todavia, “caminhamos seguramente para uma sociedade diferente da que conhecemos até agora e onde os padrões institucionais de atuação terão de se adequar às mudanças indelévels proporcionadas pela revolução silenciosa dos temas demográficos” (Fernandes, 2001 cit por Paúl & Ribeiro, 2012:188).

2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS IDOSOS

As famílias eram a principal entidade de suporte em situações de dependência de alguns elementos da família. Embora que hoje em dia a família tenha um papel importante nos cuidados aos idosos, as transformações que a família tem sofrido ao longo do tempo afetou o seu papel. Pois, as condições de habitabilidade, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a diminuição da taxa de natalidade, e os novos tipos de família (como o exemplo das famílias monoparentais), tornam difíceis a capacidade de garantir todos os cuidados necessários ao idoso por parte da família (Lima, 2010). Logo, as instituições para idosos transformaram-se em suportes essenciais para a família, visto que estas não conseguiam assegurar as necessidades geradas pelo isolamento, pelas doenças e incapacidades em que o idoso se tornava vítima (Carvalho, 2013).

Do mesmo modo, Cardão (2009 cit por Oliveira, 2014) refere que a família por não ter tempo ou capacidade para cuidar do idoso pelo elevado grau de dependência física e/ou mental, originando numa ausência de suporte familiar ou na presença de conflitos familiares que fragilizam o idoso e o levam à institucionalização. Por outro lado, Paúl (2005 cit por Oliveira, 2014) menciona que os problemas de saúde e a falta de recursos económicos para a manutenção da casa, são as principais causas da institucionalização.

Outras das razões que leva a família ou até o próprio idoso a tomar a decisão de institucionalização são: a viúves, a idade avançada, a presença de doenças, o estado mental do idoso, dificuldades na realização da vida diária, viverem sós, ausência de suporte social, a etnia e a pobreza (Oliveira, 2014).

A institucionalização para um idoso significa frequentemente a rutura de laços com os familiares, amigos, vizinhos e a inserção numa vida comunitária que lhes é estranha. Por outras palavras, a institucionalização para a pessoa idosa representa "... uma mudança significativa no seu padrão de vida e uma rutura com o meio com o qual se identifica e para o qual deu o contributo mais ou menos válido. O idoso encara, nestas circunstâncias, uma realidade completamente nova e, por vezes, assustadora, com a qual nem sempre consegue estabelecer uma relação equilibrada e tranquila" (Pimentel, 2001 cit por Lourenço, 2014:27). Contudo, Pimentel (2001 cit por Oliveira, 2014:20) refere que a institucionalização é "a fase da vida em que o idoso entra para uma instituição é representada como a última etapa da sua trajetória de vida, sem qualquer expectativa ou possibilidade de retorno".

Para Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2006 cit por Oliveira, 2014), o idoso só considera a instituição a sua casa, sendo que com a continuidade da estadia no lar, este deve garantir autonomia, privacidade, direito de escolha, independência ao idoso e dignidade.

Hall (1997 cit por Amaro, 2013) menciona que a institucionalização pode acarretar um conjunto de perdas, tais como: perdas de autonomia; independência; autoestima que equivalem a uma admissão pública de incapacidade; sozinho; circunstâncias físicas; emocionais e económicas. Tal como Hall, Pimentel (2001 cit por Amaro, 2013) menciona a perda da intimidade, da privacidade, da autonomia, entre outras. Todas estas perdas podem resultar na diminuição da qualidade de vida dos idosos devido à ausência de privacidade, ao regime, à infantilização, à falta de interação com significado, à perda de contacto com o mundo exterior e ao impersonalismo (Amaro, 2013).

Todas as adaptações que os idosos enfrentam com a institucionalização representam um conjunto de crises, que perturbam o seu estilo de vida e representam agressões à sua identidade (Amaro, 2013).

Em suma, não é aceitável que um lar transforme o idoso em vítima devido à sua situação, resultante da sua falta de autonomia, da liberdade, da intimidade pessoal, sujeitando tarefas simples a regulamentos internos numa lógica de desresponsabilização e que as famílias intervenham em formas não legitimadas designadamente no domínio da saúde, internamento e alienação de bens dos idosos.

Contudo, a institucionalização continua a ser a mais procurada por apresentar competências qualificadas na área do apoio à dependência do idoso (Carvalho, 2013).

3. ALTERAÇÕES IDENTITÁRIAS NO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

Dubar (1997 cit por Oliveira,2014) refere que a identidade de um indivíduo corresponde ao que ele tem de mais precioso. “Constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida” (Dubar, 2005 cit por Ferreira, 2013). É também resultado de uma construção, quer individual, quer social (Guedes, 2012). Ou seja, a identidade resultada de uma construção quer individual, quer social, e que está em constante reestruturação, reelaboração, dependente das orientações dos indivíduos, assim como das perspectivas e julgamentos que os outros lhe conferem (Oliveira, 2014). Porém, Dubar (1997 cit por Amaro, 2013) menciona ainda que a identidade nunca está definitivamente terminada, pelo contrário, assume-se como um processo no qual os indivíduos atravessam obrigatoriamente períodos de crise.

A identidade é “uma estrutura polimorfa, dinâmica, cujos elementos constitutivos são os aspetos psicológicos e sociais em relação à situação relacional num dado momento, de um agente social (indivíduo ou grupo) como ator social” (Kastersztein, 1990 cit por Guedes, 2008:13). Para Erikson (1987 cit por Oliveira,2014), este diz-nos que a identidade é um processo que integra um conjunto de experiências do indivíduo ao longo de toda a sua vida. Este menciona ainda que a identidade é construída no meio de redes interativas, nas quais o indivíduo se define face aos outros, e que é na relação que estabelece com os outros que o indivíduo aceita ou rejeita as imagens de si.

Por outro lado, Brandão (1986 cit por Ferreira, 2013:14) afirma que a identidade é um sentimento pessoal e a consciência de um “eu” como uma realidade individual que torna o sujeito único diante de outros “eus”: “É na relação com estes outros eus, diferentes de si, que o sujeito único se reconhece. Assim, temos a noção de encontro, necessário à construção da identidade. Por um lado, este é um processo dinâmico, de constantes movimentos e articulações entre o eu e o outro. Por outro, a permanência e manutenção de certos pontos de referência, que não mudam nunca na identidade do sujeito (como o seu nome, as relações de parentesco, a nacionalidade, etc.) e que lhe permitem uma distinção e unidade no reconhecimento de si” (Souza, 2009 cit por Ferreira, 2013:14).

Porém a identidade tem duas funções reguladoras: a função integradora e a função adaptativa. A função integradora corresponde a preservação do “eu”, enquanto a função adaptativa permite a adaptação às diferentes situações relacionais (Oliveira, 2014).

Na ótica de Lipiansky (1990 cit por Guedes, 2012:55), “a identidade resulta portanto de relações complexas que se tecem entre a definição exterior de si e a percepção interior, entre o objetivo e o subjetivo, entre si e os outros, entre o social e o pessoal”. Sendo assim, podemos salientar a identidade social e a identidade pessoal.

Desta forma, é de referir o conceito de identidade social, pois “Ela é construída por cada geração com base em categorias e posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenroladas nas instituições que os indivíduos atravessam e para cuja transformação real, eles contribuem. Esta construção identitária adquire uma importância particular no campo do trabalho, do emprego e da formação que ganhou uma forte legitimidade para o reconhecimento da identidade social e para a atribuição do estatuto social” (Dubar, 1997 cit por Teófilo, 2015:15). Alguns elementos que podem fazer parte a identidade social, são: o estado civil, profissão, papéis sociais, idade, nacionalidade, pertença étnica, entre outros (Guedes, 2012).

Já a identidade pessoal, como refere Herzog & Markus (1999 Guedes, 2012:29) em que “...o “eu” do indivíduo, o seu “self”, podemos defini-lo como um sistema dinâmico e multifacetado de estruturas interpretativas que regula e modera o comportamento, contemplando representações e rotinas cognitivas, afetivas, e somáticas, ou seja, caracterizando todo o processamento de informação, condicionando a postura do sujeito no mundo que deriva das experiências, atividades e bem-estar, passadas, presentes e futuras.” Isto é, a identidade pessoal corresponde à percepção subjetiva que um indivíduo constrói da sua individualidade, a consciência e definição de si (Lipiansky, 1990 cit por Guedes, 2012).

Contudo Charazac (2001 cit por Lourenço, 2014:32) afirma que os idosos “...mostram um Eu dividido entre um tempo biológico sem compromisso possível e o tempo do desejo que admite não só a reversibilidade do tempo mas também os fantasmas narcísicos da eternidade e da mortalidade. Quando o Eu descobre que não tem mais poder sobre a marcha do seu envelhecimento do que aquela que teve sobre a sua vinda ao mundo, compensa-se ainda deste limite investindo um tempo de compromisso entre as reivindicações do Id e as exigências da realidade”.

Quando um idoso é institucionalizado, este depara-se com um ambiente coletivo de regras e imposições que nada tem ver com a sua personalidade e individualidade, com a sua própria história de vida, em que tudo funciona de igual modo para todos (Lourenço, 2014). Por outras palavras, quando o idosos é institucionalizado, este é submetido a um conjunto de regras ou costumes que lhe são impostos, a uma companhia que não teve oportunidade de escolher, a solicitar autorização para sair da instituição ou a ter que participar em atividades quando não lhe apetece, a comer ou a ver-se obrigado a levantar-se a determinada hora (Barenys, 1990 cit por Amaro, 2013). Pois, acabam por não ter em consideração os desejos e motivações dos utentes, pois limitam-se a dar resposta às necessidades fisiológicas, esquecendo-se dos de nível social e afetivo (Pimentel, 2001 cit por Amaro, 2013).

Muitas destas adaptações que os idosos enfrentam ao serem institucionalizados representam verdadeiras crises, que perturbam a sua identidade, o que pode manifestar-se em dificuldades de adaptação devido aos problemas psicológicos pelos quais passaram, como, por exemplo, as perdas, a doença e o desenraizamento (Pimentel, 2001 cit por Amaro, 2013). “As perdas suscitam, nas pessoas idosas, depressão, ansiedade, reações psicossomáticas, afastamento e descompromisso” (Amaro, 2013:30).

Porém, Goffman (1961, cit por Teófilo, 2015) refere que a identidade do eu, enquanto indivíduo, se mantém ao ser Institucionalizado, na medida em que a sua vontade, muitas vezes, é posta em cauda devido às normas e as regras impostas pela instituição.

Lerner & Hultsch (1983 cit por Fonseca, 2004 cit por Lourenço, 2014:32) reforça ainda que “...o declínio na saúde e a perda do sentido de controlo são as principais ameaças à continuidade de um self saudável, apesar de ser difícil distinguir até que ponto este ou aquele acontecimento têm um impacte «mais negativo» sobre a identidade. À imagem de um corpo que fraqueja juntam-se outras, igualmente relevantes: os papéis sociais alteram-se, os pares morrem, muda-se de residência e a pessoa vê-se muitas vezes a servir-se de estratégias desajustadas para manter de si mesma uma imagem e um conceito positivo”.

Porém, Pimentel (2001 cit por Oliveira, 2014) menciona que as adaptações que os mais velhos passam correspondem a crises profundas, que alteram a sua identidade.

Além disso, estas crises de identidade na velhice podem originar mudanças significativas e substanciais no estilo de vida dos indivíduos e também no seu bem-estar geral, como na mudança no padrão de vida idealizado após a reforma e a ocorrência de acontecimentos imprevistos, causando assim, dificuldades de adaptação (Lourenço, 2014).

Contudo, as identidades reconstruídas e em permanente reconstrução, das pessoas idosas dependem dos diferentes ambientes e locais em que os indivíduos se movem no decorrer da sua vida quotidiana, em continuidade com os estilos de vida presentes ao longo das suas trajetórias (Teófilo, 2015).

4. O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL NUMA SOCIEDADE ENVELHECIDA

O Serviço Social é uma disciplina científica no âmbito das ciências sociais, que tem como objetivo estudar e agir com vista à diminuição das condições de desigualdades, promovendo a justiça social e a cidadania (Carvalho, 2003). Porém, os Assistentes Sociais trabalham em diferentes contextos, com diferentes problemáticas e destinatários (Carvalho, 2013). Ou seja, o Assistente Social deve atuar sobre os danos sociais, situações de vulnerabilidade, de sofrimento ou de desenvolvimento social. As formas de atuação entre as diferentes situações diferem não só pelo universo sobre o qual se focaliza a ação, mas também pelos propósitos implícitos, como os de regulação, integração e inclusão (Carvalho & Pinto, 2014).

Contudo, “a profissão de Serviço Social promove a mudança social, a resolução de problemas nas relações humanas e o reforço da emancipação das pessoas para promoção do bem-estar. Ao utilizar teorias do comportamento humano e dos sistemas sociais, o Serviço Social intervém nas situações em que as pessoas interagem com o seu meio. Os princípios dos direitos humanos e da justiça social são fundamentais para o Serviço Social.” (Federação Internacional dos Assistentes Sociais, cit por Sousa, 2013:15).

Na ótica de Carvalho (2013:24), esta defende que o “Serviço Social tem como objeto de ação a cidadania, e como objetivo intervir na realidade social, melhorando as condições de vida dos indivíduos e grupos, capacitando-os para a mudança social, de modo a aumentar o seu bem-estar social, tendo como base uma ética inscrita nos valores e nos direitos humanos, respeitando as diferenças, exercitando práticas sociais não opressivas e emancipadoras, potenciadoras da participação social”. Todavia é importante referir o desempenho de práticas de empowerment pelos Assistentes Sociais, tais como: tratar os utentes em plano de igualdade; respeitar as suas opções; fomentar a integração e a participação e reforçar a sua autonomia (Barbosa, 2011).

Sendo assim, Payne (2011 cit por Carvalho, 2011) refere que serviço social está interligado aos direitos humanos, ao bem-estar e ao desenvolvimento pessoal e social mais do que uma ideia em progresso é um fato associada a práticas humanistas e compreensivas e a intervenções anti opressivas, anti discriminatórias e críticas.

Hoven (2002 cit por Barbosa, 2011:78) menciona ainda que “a função atribuída ao Serviço Social é uma função de comunicação ou mediação no sentido de estabelecer a comunicação, ser intermediário entre grupos e pessoas, entre instituições e cidadãos, entre oferta e procura”.

É evidente que antes de o envelhecimento se tornar um desafio para as sociedades atuais, as pessoas mais velhas já eram “objeto” de intervenção do Serviço Social (Carvalho

& Pinto, 2015). Dado que se verifica o aumento do número de idosos, a intervenção nesta faixa etária, que costumava ser principalmente centrada na assistência, agora é uma questão de direitos humanos e de direitos sociais e políticos. Assim, a sociedade, o Estado e as políticas abordam esta questão e ainda modificou a intervenção do Serviço Social com as pessoas mais velhas (Carvalho & Pinto, 2014).

Os problemas que mais preocupam ao Serviço Social, como menciona Phillipson (2002 cit por Carvalho, 2011:54), é o aumento das pessoas muito idosas, dado que estas são “vulneráveis a problemas sociais e de saúde associados ao risco de pobreza, solidão, isolamento, necessidade de cuidados alargados e diferenciados, questões de discriminação pela idade, questões de violência e de pressão sobre os recursos no que diz respeito à sustentabilidade dos sistemas de proteção social e de saúde”.

No entanto é de referir que “o Serviço Social na área de Gerontologia intervém em populações heterogêneas, com problemáticas muito complexas e multidimensionais, o que requer um conhecimento vasto sobre os problemas subjacentes a esta realidade, mas também a contextualização desses problemas num contexto social global mais amplo” (Carvalho, 2013:178).

Segundo García e Jiménez (2013 cit por Carvalho, 2013), em relação aos idosos, os Assistentes Sociais devem encarregar-se de conhecer as causas e os efeitos dos problemas sociais, individuais ou coletivos das pessoas idosas e de como conseguir que essas pessoas assumam uma ação organizada, tanto preventiva como transformadora, para os superar.

Os princípios da intervenção do Serviço Social com pessoas idosas, segundo Carvalho (2013) são: Valorizar as tarefas do quotidiano e a construção do projeto de vida, das suas necessidades e preocupações. A sua opinião deve ser ouvida e respeitada, como os seus hábitos, costumes, crenças e valores culturais; Garantir o segredo profissional e a confidencialidade; Informar os seus direitos e deveres enquanto beneficiária dos serviços de ação social e de saúde; Cada situação é objeto de uma avaliação pormenorizada, definindo-se com a pessoa idosa e sua família um plano de cuidados personalizados/ individualizado, de caráter preventivo e reabilitador; O plano de cuidados tem como objetivo assegurar uma maior qualidade de vida e com a maior autonomia possível, favorecendo a autoestima e garantindo a dignidade da pessoa idosa; O idoso deve receber apoio adequado a sua situação e os serviços devem organizar-se em função das suas necessidades; Os profissionais têm em conta a rede informal do idoso e colaboram com ela, informando-a sobre as suas competências.

O Serviço Social tem em às necessidade de apoio ao cuidador informal numa altura de desinvestimento dos recursos formais, como os cuidados continuados, cuidados no

domicílio, residenciais e outros recursos como as ajudas de apoio entre outros (Carvalho, 2011).

O Assistente Social ao longo da sua intervenção deve seguir um conjunto de fases, como defende a Carvalho (2013:185). Podemos analisar essas fases na tabela seguinte:

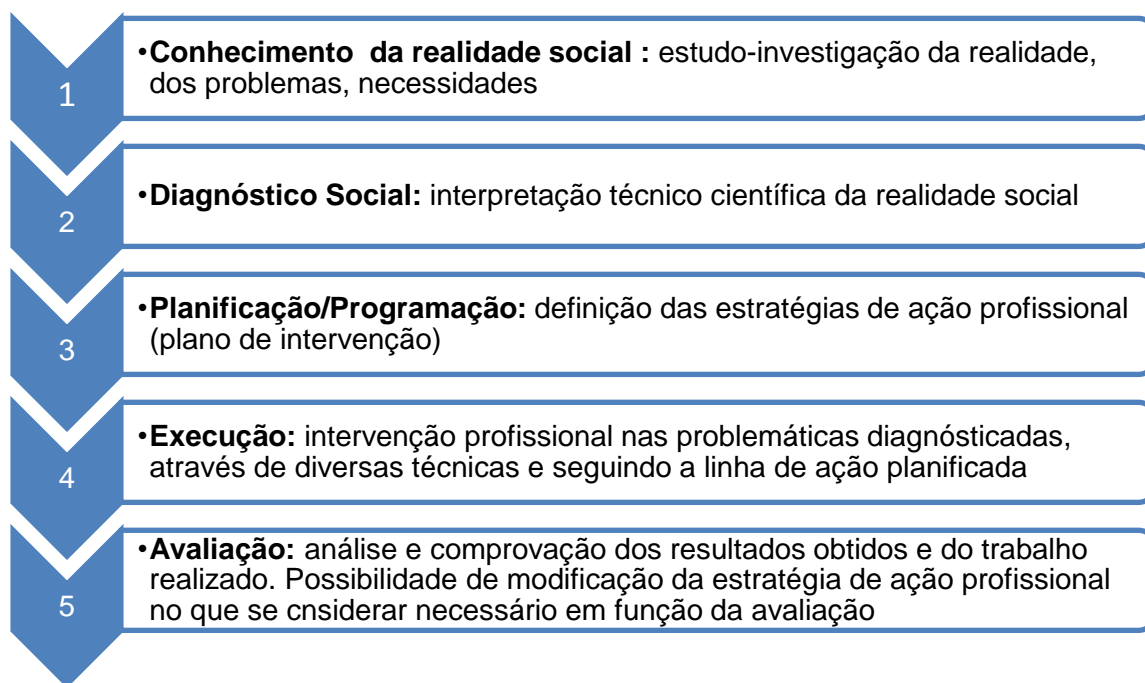


Tabela 1 – Fases da Intervenção

1º Etapa: O Assistente Social deve realizar a entrevista ou uma visita domiciliária. O principal objetivo é obter informação suficiente acerca da pessoa idosa e dos seus recursos, classificando o (os) problema (s) colocado (s), analisando a possibilidade de resposta do serviço e/ou instituição, e detetando eventuais situação de risco social;

2º Etapa: No diagnóstico estabelece-se a natureza das necessidades e problemas que afetam a pessoa idosa e a sua família, procedendo-se ao seu estudo com vista à elaboração de um plano de trabalho;

3º Etapa: o Assistente Social em conjunto com a restante equipa interdisciplinar deve elaborar um plano de intervenção com a pessoa idosa;

4º Etapa: a execução do plano de intervenção propriamente dito consiste no trabalho concreto/direto com a pessoa idosa, com a sua família ou na utilização dos recursos;

5º Etapa: esta ação tem como objetivo de analisar os progressos alcançados em relação aos objetivos e metas propostas, indicando os fatores que influenciaram esse processo, também pode ter em conta aconselhar ou recomendar com vista a melhoria dos resultados, determinando ações a desenvolver.

Em suma o Assistente Social deve analisar a situação familiar e social do idoso e encontrar respostas às necessidades dos idosos, recorrendo aos vários recursos disponíveis pela instituição e aos vários serviços.

O profissional de Serviço Social, desde sempre está encarregue de administrar e gerir recursos sociais, o estabelecimento de relações de ajuda junto das pessoas idosas e ou das famílias de idosos. Porém a sua atuação centra-se no âmbito das políticas públicas e sociais. De acordo com a política de integração social e de proteção dos idosos a mesma tem sido estruturadas nos Planos Nacionais de Ação Inclusão - PNAI, 2008-2010. Nos Planos Nacionais de Ação Inclusão (PNAI, 2008-2010) podemos verificar que as orientações de política relacionada com a problemática do envelhecimento, estão interligadas com a questão demográfica, ao aumento do número de idosos na população, ao consequente aumento da dependência, pobreza, isolamento e solidão (Carvalho, 2011).

As políticas abordam o processo de envelhecimento em dois pólos, o negativo e o positivo. A nível negativo o envelhecimento encontra-se associado com problemas de pobreza, exclusão, solidão, isolamento e discriminação pela idade e as políticas têm o objetivo de atenuar estes problemas em vez de os prevenirem. Já a nível positivo, o envelhecimento articula-se com determinadas atividades que promovam os idosos a participar, por serem autónomas em termos funcionais. Nesta política os idosos são concebidos como consumidores passivos e não como sujeitos ativos (Carvalho, 2011).

5. O SERVIÇO SOCIAL NAS INSTITUIÇÕES DE APOIO A IDOSOS

O Assistente Social deve detetar, diagnosticar e analisar as necessidades sociais das pessoas idosas, em vez de centrar-se numa intervenção tradicional, em que se baseia num diagnóstico de dificuldades, problemas, necessidades e carências da pessoas e da situação (Carvalho, 2013). O Assistente Social deve ainda realizar um “processo de trabalho coletivo, organizado dentro de condições dadas, cujo produto, em suas dimensões materiais e sociais, é fruto de um trabalho combinado ou cooperativo” (Marilda lamamoto, 1999 cit por Andrade, 2009:78).

Muitos Assistentes Sociais deparam-se com uma atuação associada à gestão da pobreza aliadas a orçamentos sociais escassos, num contexto de extremas dificuldades, de aumento das necessidades. Daí as políticas beneficiam a seleção de necessidades, num quadro de complexidade de problemas sociais, e de racionalização de recursos (Carvalho & Pinto, 2014). Por outro lado, podemos afirmar que a eficácia da intervenção do assistente social depende não só da qualidade dos recursos sociais disponíveis pelas políticas sociais, mas também do que a própria pessoa é capaz de investir, como esforço, motivação e desejo de seguir em frente (García e Jiménez, 2003:59 cit por Carvalho, 2013). Ou seja, não depende exclusivamente dos recursos sociais oferecidos pelas políticas sociais, mas também da força de vontade do utente.

Segundo Carvalho & Pinto (2014:421), “os Assistentes Sociais têm agora novos mandato em particular, responsabilidade na gestão de recursos sociais com serviços para os idosos e responsabilidades na promoção do acesso das pessoas mais velhas a recursos e serviços.”

Os assistentes sociais fazem parte do processo de modernização da sociedade e da construção do sistema de Segurança Social, sobretudo no subsistema não contributivo e de ação social. Por outro lado, passaram de um sistema de assistência para um sistema de direitos (Carvalho, 2010 cit por Carvalho & Pinto, 2014) e contribuíram para a configuração e administração da área da ação social na área das pessoas idosas (Carvalho & Pinto, 2014).

É de referir que o Serviço Social “é influenciado pela forma como os estados e as políticas que desenvolvem para fazer face ao mundo dos sistemas e do mundo da vida (Habermas, 1987), sendo estes influenciados diretamente pelas políticas sociais (Lorenz, 2002; 2005), em especial pelas organizações existentes e pelo tipo de gestão e de prestação de cuidados aos idosos (Payne, 2012 cit por Carvalho & Pinto, 2014:24).

Em Portugal, a intervenção do Serviço Social com os idosos pode ser encontrada num conjunto de políticas e áreas de atuação, designadamente: “a nível central – no governo central (departamentos e organizações estatais e no governo local (autoridades locais), no

sector não lucrativo (organizações sem fins lucrativos e organizações voluntárias) e no sector privado (organizações comerciais com fins lucrativos). No governo central, o Serviço Social intervém no sistema de Segurança Social, no apoio das pessoas mais velhas a aceder a benefícios sociais e na gestão de recursos sociais ao nível residencial, domiciliar e outras respostas na comunidade” (Carvalho, 2012 cit por Carvalho & Pinto, 2014:425).

Tal como refere Carvalho (2013), os profissionais do Serviço Social na área da Gerontologia trabalham em contextos institucionais específicos (nos sectores particular, cooperativo, social, empresarial), nomeadamente: os lares, centros de dia, residência, serviços de apoio domiciliário; contextos comunitários, com famílias, em autarquias, em organizações públicas, como a Segurança Social ou na área da saúde, equipas de cuidados continuados; ou ainda em instituições ou associações de cultura e lazer (Universidade da Terceira Idade/ Sénior), associações de reformados e pensionistas, em organizações não lucrativas e algumas lucrativas e empresas.

Como referi anteriormente, o Serviço Social faz parte do quadro geral do sistema de Segurança Social, por conseguinte, é considerado os princípios dos direitos humanos e o direito das pessoas mais velhas a viver com dignidade (Carvalho & Pinto, 2014). É de salientar que as respostas sociais existentes em Portugal, no âmbito da Segurança Social são: centros de convívio; centros de dia; centros de noite; serviços de apoio domiciliário; acolhimento familiar; estruturas residenciais; centros de férias e lazer.

Em relação a intervenção do Serviço social no campo da velhice, este tem como objeto a pessoa idosa, vindo ser uma intervenção a nível individual ou coletivo, ao qual o idoso vive uma determinada situação, com a necessidade de melhorar e que quer superar e desenvolver a sua funcionalidade social, cooperando na transformação da situação, das circunstâncias que a geraram, além de desenvolver as suas potencialidades numa perspetiva positiva (García e Jiménez, 2003 cit por Carvalho, 2013).

Também têm uma ação mais alargada, multisserviços, ou mais restrita e a ação do Serviço Social depende dessa conceção e organização. Além disso, o Serviço Social é exercido nos lares, apoios domiciliários, centros de dia, programas e projetos (Carvalho & Pinto, 2014).

A nível comunitário, os profissionais de Serviço Social estão inseridas nas instituições particulares de solidariedade social, tal como podemos verificar no quadro (quadro 2) seguinte (Carvalho & Pinto, 2014:430):

Nível micro: Instituições de Solidariedade	
Instituições de Solidariedade	
Respostas Sociais	Serviço Social
- Gestão das respostas sociais;	- Direção e coordenação de equipamentos;

<ul style="list-style-type: none"> - Gestão de lares, centros de dia e serviços de apoio domiciliário; - Programas e projetos específicos de prevenção da solidão e isolamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenação de serviços e equipas; - Intervenção direta com idosos e famílias; - Intervenção indireta – Integração e acompanhamento das situações sociais na comunidade; - Integração em multiserviços.
Cuidados Continuados	Serviço Social
<ul style="list-style-type: none"> - Gestão das unidades de longa duração; - Planeamento das altas – integração no meio natural de vida; 	<ul style="list-style-type: none"> - Elemento das equipas de planeamento das altas – trabalho em equipa multidisciplinar; - Análise social – avaliação de necessidades do idoso e da família; - Intervenção na comunidade; - Coordenação de respostas de longa duração.

Tabela 2 – Nível micro: Instituições de Solidariedade

Contudo, nos diferentes contextos institucionais, aos quais o Assistente Social intervém, estes exercem um conjunto de variadas funções, em que podemos verificar na figura 1 (Carvalho, 2012:181).



Figura 1 – Funções do Serviço Social Gerontológico

Em suma, cabe aos Assistentes Sociais planejar, organizar, aplicar e avaliar o processo profissional no âmbito da respetiva intervenção, com o objetivo da promoção do bem-estar

social e da melhoria das condições de vida de cidadãos, grupos e comunidades (Gordon Hamilton, 1958 cit por Andrade, 2009).

É de salientar ainda, que a intervenção social do Assistente social é baseada num “processo de trabalho coletivo, organizado dentro de condições dadas, cujo produto, em suas dimensões materiais e sociais, é fruto de um trabalho combinado ou cooperativo” (Marilda Iamamoto, 1999 cit por Andrade, 2009).

Segundo Carvalho (2013), o objetivo da intervenção social em lares e outras instituições de cariz residencial, como é o caso da Estrutura Residencial para Idosas, é o de promover a integração social e pessoal do residente no meio de convivência da instituição, assim como potenciar a manutenção e o reforço dos laços existentes com a sua família e comunidade.

De acordo com Santiago (2003 cit por Carvalho, 2013), é atribuído as Assistentes Sociais um conjunto de funções, nomeadamente função preventiva, função socioeducativa, função assistencial, funções planificadora e a função organizadora e coordenadora, como podemos observar na tabela abaixo apresentada (tabela 3).

Funções do Assistente Social em instituições de cariz residencial (Santiago, 2003)	
Função Preventiva	Desenvolvimento de atuações destinadas a promover a integração dos residentes e a detetar precocemente possíveis situações de conflitos entre residentes e residentes-famílias.
Função Socioeducativa	Desenvolvimento de atuações que favoreçam as competências e habilidades pessoais dos residentes.
Função Assistencial	Efetivação de respostas às diferentes necessidades sociais da pessoa idosa, informando-a, aconselhando-a e orientando-a sobre os diferentes recursos sociais existentes, e desencadeando projetos de intervenção “eu” atendam às distintas situações-problemas que se apresentam.
Função Planificadora	Desenvolvimento de atuações técnicas na programação de projetos de intervenção e participação geral da instituição.
Função organizadora e coordenadora	Fazendo parte da equipa interdisciplinar da instituição, participando na elaboração e desenvolvimento dos diferentes projetos institucionais e estando em contato direto e sistemático com os restantes profissionais, com vista a uma atuação coordenada e integral.

Tabela 3 - Funções do Assistente Social em instituições de cariz residencial

Já em relação às respostas de cariz domiciliário, o Assistente Social deve estimular a pessoa idosa para manter uma atividade física e intelectual, dentro das suas possibilidades

e tendo em conta as suas possibilidades e tendo em conta as suas especificidades individuais e possibilidades ambientais. Deve:

- Possibilitar aos familiares/ cuidadores informais momentos de aprendizagem do cuidar com as equipas de prestação de cuidados;
- Programar, realizar e avaliar sessões de (in) formação e/ou a criação de grupos de autoajuda para cuidadores informais, a partir do diagnóstico das suas necessidades e expetativas;
- Avaliar o índice potencial de sobrecarga do cuidador, definindo estratégias de prevenção e/ou diminuição dessa sobrecarga;
- Promover a (re) vitalização das redes sociais informais de apoio à pessoa idosa (amigos, vizinhos, familiares) e ao cuidador principal, quando tal for possível e desejável para ambas as partes envolvidas;
- Realizar, em conjunto com a restante equipa interdisciplinar, uma avaliação do ambiente domiciliário no sentido de identificar riscos e potenciais necessidades de adaptação com vista à segurança e bem-estar da pessoa idosa e dos seus cuidadores;
- Potenciar as saídas e novas formas de relação com o meio, descoberta de novos centros de interesse e ocupação. (Carvalho, 2013).

Contudo, as políticas de velhice são muito importantes para promover os idosos na sociedade e defender uma sociedade mais justa e coesa (Carvalho & Pinto, 2014).

Deste modo poderei salientar o papel do Assistente Social como mediador, tal como refere Hoven (2002 cit por Barbosa, 2011:78), que “a função atribuída ao Serviço Social é uma função de comunicação ou mediação no sentido de estabelecer a comunicação, ser intermediário entre grupos e pessoas, entre instituições e cidadãos, entre oferta e procura”.

Em suma o Assistente Social deve analisar a situação familiar e social do idoso e encontrar respostas às necessidades dos idosos, recorrendo aos vários recursos disponíveis pela instituição e aos vários serviços.

6. AS METODOLOGIAS DO SERVIÇO SOCIAL NO TRABALHO COM IDOSOS

A metodologia, segundo Pena (2012:85), é um conjunto de pressupostos teóricos que sustentam a visão da realidade mas também um conjunto de linhas de ação a seguir, que são implementadas através dos métodos e das técnicas.

O método centra-se no fazer do assistente social, assumido como um agente de mudança (Robertis, 2003 cit por Pena, 2012), na qual a mudança ocorre desde o primeiro contacto entre o Assistente Social e o utente. É realizado um trabalho de cooperação em que o profissional analisa a situação e colhe as propostas do utente (Pena, 2012). As mudanças podem ocorrer a vários planos, nomeadamente no plano microsocial (indivíduo, famílias ou pequenos grupos) ou num plano macrosocial (organizações e territórios) (Pena, 2012).

O método é fulcral na construção do objeto científico, no sentido que “leva a uma precisão do objeto de estudo do Serviço Social ao nível da intervenção e da investigação” (Ferreira, 2011 cit por Pena, 2012:85).

Embora que cada intervenção seja orientada por uma lógica diversa, de compreensão e transformação da realidade, cabe ao modelo de intervenção a mediação entre a teoria e a prática (Pena, 2012).

“O modelo descreve a ação do assistente social, a recolha de dados, a elaboração de hipóteses de ação, a seleção de objetivos, estratégias e técnicas que resultam para a resolução dos problemas detetados” (Ranquet, 1996 cit por Pena, 2012:87).

Existe um leque variado de modelos e técnicas de intervenção que podem ser usados pelos profissionais de Serviço Social, a partir dos centros de atendimento social (público, privado ou ONG), para trabalhar profissionalmente uma problemática concreta (Carvalho & Pinto, 2014).

Alguns dos modelos de intervenção usados pelos profissionais de Serviço Social são: o modelo psicossocial; modelo centrado na resolução de problemas; modelo de intervenção em crise; modelo centrado na tarefa; modelo sistémico e ecológico; modelo radical; modelo de modificação de comportamento e o modelo de organização comunitária de Rothman. Os modelos devem ser usados consoante as diferentes problemáticas num caso.

De acordo com Robertiz (2011), a metodologia de intervenção em Serviço Social baseia-se na utilização de um ou vários métodos, como do ponto de vista da teoria.

Robertis (2013 cit por Pena, 2012) refere que o Assistente Social para obter uma boa intervenção deverá seguir sete fases:

1. A identificação do problema social ou do pedido – o primeiro contacto com a pessoa utilizadora do serviço mas esse encontro pode surgir de diferentes iniciativas, entre as quais, o profissional, o utilizador do serviço ou outro profissional ou serviço;

2. Análise da situação – recolha de informação sobre o utente acerca da sua situação e o contexto global, bem como a análise do sector de intervenção e das respostas existentes no contexto das políticas públicas.

3. Avaliação preliminar operacional – elaboração de uma síntese dos dados recolhidos anteriormente, a interpretação dos dados e formulação de hipóteses de trabalho. O projeto de intervenção é baseado na avaliação e é realizado em conjunto com o utente.

4. Elaboração do projeto de intervenção, negociação do projeto e contrato – são definidos os objetivos de intervenção e o nível de intervenção, que pode implicar uma pessoa, uma família, um grupo, uma comunidade ou uma instituição social e a eleição das formas de intervenção ou estratégias;

5. Execução do projeto – O projeto de intervenção é colocado em prática de acordo com os objetivos delineados. A intervenção poderá ser do tipo direta ou indireta.

6. Avaliação dos resultados – avaliação das mudanças ocorridas com a intervenção, entre o início e o fim da intervenção.

7. Finalização do processo – o fim da intervenção está presente desde o primeiro encontro com o utilizador do serviço, mas pode estar mais ou menos explícito, pois em algumas situações não é verbalizado esse fim e em outras situações está previsto e é utilizado como uma referência no estabelecimento do contrato.

Howe (2008, cit por Pena, 2012:80) refere “para que os assistentes sociais possam agir claramente, de forma competente e útil nas situações práticas, precisam de pensar teoricamente, de modo a compreenderem a pessoa e a sua situação”, desta forma podemos mencionar que a teoria e a prática na intervenção em Serviço Social estão articuladas.

Na ótica de Carvalho & Pinto (2014), ao longo de uma intervenção é utilizado um conjunto de técnicas no decorrer das fases dos processos metodológicos. Relativamente à primeira fase, esta corresponde ao diagnóstico (Carvalho & Pinto, 2014).

Relativamente ao diagnóstico são utilizadas técnicas gráficas com o intuito de resumir e ordenar os dados recolhidos, nomeadamente: “o genograma (estrutura de parentesco e dados principais dos membros da família), o mapa de relacionamentos (representando-se como são as relações entre eles), o ecomapa (no qual é recolhida a informação do meio social que rodeia a família), o mapa de rede (que estuda individualmente as redes sociais de cada membro), o culturograma (para estudar a diversidade cultural dos integrantes do caso),

o fluxograma e a linha do tempo (ambos analisam e ordenam cronologicamente os eventos mais relevantes no utente) ” (Carvalho & Pinto, 2014:254).

Em reação à segunda fase, esta corresponde à programação. Nesta fase são usadas tabelas que articulam os fins e objetivos profissionais num calendário de atuação. As técnicas mais utilizadas são: gráfico de Gantt e o pantograma (Carvalho e Pinto, 2014).

Na aplicação do programado, ou fase de intervenção, o Assistente Social normalmente utiliza três técnicas complementares entre si: a entrevista, a observação e o contrato (Carvalho & Pinto, 2014).

É através das entrevistas que os Assistentes Sociais criam relações e interações entre a realidade e os sujeitos individuais ou coletivos (Sanches, 2014).

A técnica de observação corresponde a atenção orientada para um facto concreto, com o objetivo de recolher informações sobre essa observação. Essa observação será registada, examinada e avaliada para extrair as conclusões do caso (Carvalho & Pinto, 2014).

Já o contrato “oferece uma direção e focaliza as atividades do assistente social nos objetivos definidos. Responsabiliza o utente na mudança da condição da própria vida”. (De Robertis, 2011:125). O contrato é também utilizado quando são processados os serviços ou recursos específicos que assim o requerem, ou quando a própria instituição utilize documentos standards para estabelecer os acordos. (Carvalho & Pinto, 2014).

Em relação à última fase do método, segundo Carvalho & Pinto (2014), esta corresponde a avaliação dos resultados obtidos. Para que a avaliação seja concretizada, é necessário recorrer a um conjunto técnicas, como: a entrevista de avaliação, inquéritos, testes, escalas, documentação biográfica e reuniões de especialistas, entre outras (Carvalho & Pinto, 2014).

No decorrer da intervenção o Assistente Social deverá recolher variadas informações, que serão arquivadas nos registos pessoais. Esses arquivos de registos pessoais são formados por quatro documentos básicos (ficha social, história social, relatórios sociais e formulários de encaminhamento), e ainda a documentação apresentado pelo utente. A elaboração desde documento facilita a eficácia e a eficiência na gestão de informação (Carvalho & Pinto, 2014).

De acordo com Azevedo (2013 cit por Sanches, 2014) os instrumentos e técnicas devem ser manipulados de modo a garantir os direitos, fomentar a igualdade de oportunidades, universalidade dos acessos aos bens, recursos e serviços sociais e para ampliar os direitos.

Em suma, “a metodologia de intervenção em Serviço Social consiste num processo geral e integrado, de carácter interdisciplinar e plurifuncional, no qual as necessidades e

problemas sociais se conhecem, analisam e avaliam a partir da coordenação das diferentes áreas, âmbitos e profissionais” (Carvalho, 2013:182).

Relativamente a intervenção do profissional de Serviço Social, esta poderá ser de dois tipos, a intervenção direta e a intervenção indireta.

A intervenção direta ocorre quando se desenvolve uma relação frente a frente em que o utente está presente e é ator, como o trabalhador social. Verifica-se este tipo de intervenção quando são realizados os atendimentos e nas visitas domiciliárias (Robertis, 2011). Os autores García e Jiménez (2003:61 cit por Carvalho, 2013:183) defende que a intervenção direta com os idosos e as famílias possuem quatro tipos de funções, nomeadamente a função preventiva, a promocional, a assistencial e a reabilitadora.

1. As **funções preventivas** têm o intuito de criar melhores condições para que não possam surgir processos problemáticos;

2. As **funções promocionais** pretendem descobrir e desenvolver nas pessoas idosas as suas capacidades para prevenir, resolver ou controlar as condições que configuram a sua problemática social, de forma autónoma, reduzindo ao máximo as dependências sociais;

3. As **funções assistenciais** correspondem ao trabalho realizado pelo assistente social com os idosos e com a sua família, e têm o objetivo de resolver um problema, por algum motivo, está condicionada e precisa de ser reforçada;

4. As **funções reabilitadoras** destinam-se à promoção da (re) inserção ou orientação dos idosos que, por algum motivo, tenham sofrido algum tipo de situação de exclusão social.

Já a intervenção indireta são todos os trabalhos realizados, mas fora de uma relação face-a-face com a pessoa em que o assistente social age para o utente, mas não com ele, ou seja, o trabalhador social é o único ator e a pessoa é simplesmente uma beneficiária. Este tipo de intervenção acontece nas ações empreendidas a fim de organizar o trabalho, na planificação de intervenções, de ações empreendidas em benefício do utente mas que não inclua a participação ativa e direta deste (Robertis, 2011). Para que isto ocorra, é necessário que o Assistente Social conheça todos os recursos existentes no meio para poder informar o idoso e a sua família sobre os recursos formais existentes, outras instituições e serviços, programas, projetos, prestações pecuniárias, benefícios sociais, bem como as condições e critérios de acesso, se necessário, nesse processo (Carvalho, 2013).

Para finalizar, as metodologias usadas na intervenção do Assistente Social faz “toda a diferença no quotidiano da prestação dos cuidados às pessoas idosas e /ou em situação de dependência, e pode passar apenas por atos tão simples como sentar-se ao lado da pessoa idosa para a escutar, sem pressas, demonstrando disponibilidade, motivando-a a falar, respeitando o seu ritmo, chamando-a pelo nome (afirma o reconhecimento existencial),

falando pausadamente, num tom de voz afável, tendo especial cuidado com os aspetos da comunicação não-verbal” (Carvalho, 2013:188).

7. A HISTÓRIA DE VIDA E A REMINISCÊNCIA NO SERVIÇO SOCIAL

7.1 HISTÓRIA DE VIDA

Na ótica de Ramalho (2012) as histórias de vida são entrevistas exaustivas com os atores sociais com objetivo de obter uma narrativa dos seus percursos de vida. Desta forma a metodologia que é usada neste tipo de investigação é qualitativa.

Quando usamos este tipo de metodologia é importante o ponto de vista de quem está a narrar a história de vida. Pois com este tipo de investigação pretende-se um estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Em relação ao investigador cabe a ele ter a capacidade de escuta e de reflexão. Através das histórias de vida individuais podemos caraterizar a prática social de um grupo, família ou indivíduo (Ramalho, 2012).

A “investigação biográfica não é construir uma história ou uma biografia pessoal com fim terapêutico ou histórico, mas reelaborar uma nova vivência, partindo de fragmentos de vida que nos ajudam a dar um valor único, mas partilhável para a compreensão da realidade comum a todos os atores sociais” (Cortes, 2011 cit por Ramalho, 2012:11).

Contar a própria história é uma forma de reviver e de lembrar os eventos e é também um reexperimentar de sentimentos e as emoções que lhes estão associados (Brandão, 2007:2). Logo, a recuperação de memórias autobiográficas positivas pode gerar sentimentos de alegria ou orgulho, já as recordações negativas podem suceder sensações de stress (Levine et al., 2009 cit por Lopes, 2015).

Recorrer às histórias de vida possibilita-nos obter uma “perspetiva única de um indivíduo e aquilo que constitui a sua verdade e a sua realidade; as perspetivas que ele partilha com outros e que constituem as suas realidades e as suas verdades partilhadas; o modo como essas perspetivas e essas verdades se ligam a um contexto, uma situação, uma posição e/ ou uma história comuns; os elementos a partir dos quais e através dos quais essas realidades, perspetivas e verdades são negociadas, construídas, partilhadas e justificadas” (Atkinson, 2002; Bertaux, 1996; Denzin 1989, cit por Brandão, 2007:9).

Há uma relação íntima entre história de vida e identidade. Pois, ter uma identidade, ser-se alguém, implica não só ter uma história, mas também ser-se capaz de dar conta dessa história (Lopes, 2015).

Isto é, a construção da personalidade é influenciada pela construção das histórias de vida baseadas nas memórias autobiográficas, que tem uma ligação íntima com os objetivos de vida das pessoas, as suas emoções e os significados pessoais que este atribui a cada acontecimento (Rathbone et al., 2008, cit por Brandão, 2007). O sentido de identidade do

sujeito depende assim, da sua capacidade de recordar a sua história de vida (memórias definidoras do self) (Rathbone et al., 2008, cit por Brandão, 2007).

Na ótica de Cohen (1989, cit por Eysenck e Keane, 2000 cit por Teles, 2008) esta memória é fulcral na preservação da identidade ou do autoconceito e está relacionada com a capacidade que o indivíduo tem para armazenar e recuperar os eventos de vida.

É de referir o conceito de autobiografia consiste num processo planeado de escrita da história de vida, contudo pode não apresentar uma sequência cronológica, mas abrange os principais acontecimentos de vida (Afonso, 2011, Webster & Haight, 1995, cit por Lopes, 2015). Logo, as memórias autobiográficas são recuperações específicas de acontecimentos experienciados pessoalmente (Cala & Mata, 2010 cit por Santos, 2012).

A narrativa está associada a atividade de contar episódios de vida, histórias do passado. Já a reminiscência que é mais espontânea e menos organizada, a narrativa implica a narração de histórias estruturadas e com uma sequência lógica (Webster & Haight, 1995 cit por Lopes, 2015).

7.2 REMINISCÊNCIA

A reminiscência, do latim *reminiscentia*, é um conceito que se encontra associado às evocações, memórias ou recordações. A reminiscência é um processo normativo inerente a todos os seres humanos, em que consiste no desencadear de memórias acerca das experiências significativas ocorridas no passado, habitualmente com conotação positiva ou negativa (Marques, 2012). Por outras palavras, a reminiscência diz respeito a uma forma particular de recordação de memórias autobiográficas, baseado num processo onde estas memórias são acedidas para serem então relembradas, repetidas, interpretadas e muitas vezes partilhadas com outras pessoas Teles (2008).

De acordo com Norris (1986 cit por Teles, 2008) lembrar de momentos do passado pode evocar um conjunto de emoções, desde a felicidade a tristeza, ira a alegria, pesar a exaltação. De certo modo, as nossas reminiscências dão um “colorido” ao passado, e de qualquer maneira é o que temos de melhor de nós próprios. Ou seja a reminiscência é um meio de recuperar partes do passado e focar neles para enriquecer as vidas diárias.

Apesar de a reminiscência acontecer diariamente, esta pode ser partilhada ou não. Embora que as memórias autobiográficas possam ser recuperadas voluntariamente é a base da reminiscência como intervenção e as memórias autobiográficas relatadas resultam da sua perceção e construção das experiências (Westerhof et al., 2010 cit por Lopes, 2015). Pois, ao recordarmos das situações que vivemos, de modo individual ou intrapessoal, permite-nos analisar o passado, a compreensão das mudanças, a adaptação a transições, a

aquisição de novos conhecimentos, a comunicação com os outros e a promoção da nossa autoimagem (Gonçalves & Martín, 2007 cit por Marques, 2012).

Além disto, “a reminiscência permite ao sujeito compreender quem é, e que lugar ocupa na sua família nuclear, na família alargada, no seu grupo de pares, no seu meio laboral, na sua cidade e num contexto mais macrossocial, o mundo” (Bluck & Alea, 2009 cit por Santos, 2012:23).

Reminiscência é um fenómeno espontâneo que surge em diversos contextos, baseia-se em relatos de um indivíduo acerca de episódios autobiográficos ou de histórias da sua vida (Afonso, 2011 cit por Lopes, 2015). Além de ser um processo espontâneo, pode ser desencadeado através de sons, cheiros, imagens ou outros estímulos (Pinquart & Forstmeir, 2012 cit por Santos, 2013).

Contudo, a reminiscência pode surgir em “modo intrapessoal, através de cognições exploradas pelo sujeito, ou de modo interpessoal, partilhando tópicos do passado com outros, em conversações de díades ou grupos mais latos” (Gonçalves & Martín, 2007 cit por Marques, 2012:27). Desta forma, a reminiscência é utilizada com os idosos como técnica de intervenção para promover a autoaceitação e bem-estar (Pinquart, & Forstmeier, 2012 cit por Lopes, Afonso & Ribeiro, 2014).

Segundo esta metodologia, MacMahon e Rhudick (1964, cit por Martinez, 2003 cit por Teles, 2008:30), referem três tipos de reminiscências:

1. A contagem de histórias (storytelling reminiscence), com a função de promoção da auto-estima e a função social da narrativa;
2. A reminiscência como matéria de revisão de vida;
3. A reminiscência defensiva (defensive reminiscence), com a função de diminuição de ansiedade associada ao declínio, através da glorificação do passado e depreciação do presente”.

Por outro lado, Coleman (1974, cit por Gibson 2004, cit por Teles, 2008:31) defende a existência de quatro tipos de reminiscências:

1. “Reminiscência Simples (simple reminiscence), referindo-se a memórias não dirigidas e fundamentalmente automáticas;
2. Reminiscências Narrativas (narrative reminiscence) que implicaria a recordação de experiências passadas com a utilização da imaginação (daydreaming);
3. Reminiscências Informativas (informative reminiscence) que estão relacionadas com ensino ou entretenimento;
4. Revisão de Vida (life-review), implicando uma análise e avaliação no ato de recordação”.

Abordar esta técnica de intervenção nos lares no passado era um assunto desencorajado aos idosos. Atualmente é muito importante abordá-la quer a nível social, quer a nível da prestação de cuidados de saúde física e psicológica (Coleman, 2005 cit por Santos, 2012). Estas intervenções normalmente envolvem os idosos, membros da família, técnicos de saúde e outros profissionais.

Na ótica de Goldfarb (1998 cit por Cabral, 2000:3), o objetivo da reminiscência com os idosos é de “realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente, outorgando um sentido de comando da realidade e continuidade do ser”.

Contudo, o envelhecimento causa impactos na autoestima do idoso, levando à desvalorização no seu papel ou como pessoa, por vezes é origem de avaliação generalizada e indiferenciada da sociedade. Portanto, a reminiscência ao fazer que os idosos relembrem de certos detalhes feitos no passados e o reconhecimento dos mesmos, pode ajudar o idoso a reconhecer a sua identidade e o seu valor (Teles, 2008). Embora, que por vezes o idosos ao lembrar os momentos e ao falar sobre o seu passado em comum são muitas vezes associadas ao luto, a separação geográfica e limitações físicas, mas importante para o idoso lembrar do seu passado e conectá-lo com o presente, pois poderá a ter mais anos de vida (Schweitzer & Bruce, 2008).

Embora que a reminiscência seja um processo mental que nos permite recuperar o passado, como a revisão de vida, a narrativa e a autobiografia, a reminiscência tem um caracter mais espontâneo e menos avaliativo das experiências, menos estruturado, quer na perspetiva cronológica, quer no encadeamento dos temas e eventos recuperados (Lopes, 2015).

Em suma, a reminiscência é um processo que “consiste na recuperação de memórias autobiográficas, é necessário compreender de que forma acedemos às nossas memórias de acontecimentos pessoais passados assim como compreender de que modo esta informação é codificada” (Santos, 2013:7).

7.2.1 Técnicas de Reminiscência

Os objetos, as fotos, os cheiros, os gostos ou sabores, texturas e toque, os sons, a música, a dança, palavras e frases, entre outros, podem todos fazer parte da reminiscência.

Numa atividade de reminiscência não só é desencadeado um conjunto de memórias, como se estivesse acontecendo no presente, mas também queremos obter respostas espontâneas de verbal cinestésica (movimento), do mesmo modo a música e textos orais leva a isso também.

Em suma, é apresentado em seguida um conjunto de técnicas de reminiscência que ajuda no desenvolvimento das atividades de reminiscência.

- **Objeto**

Um simples objeto ajuda o idoso a recuperar memórias causadas pela forma que ele olha para o objeto, como se sente, até mesmo o peso e a textura do objeto. Para encontrar os objetos certos para a pessoa levará o seu tempo, pois poderá envolver visitas a certos locais, ou até mesmo o contacto com certos equipamentos. A família do idoso poderá estar envolvida na atividade, pois se esta estiver disposta, pode trazer objetos de casa.

- **Fotos**

Tal como os objetos, as fotografias também ajudam a recuperar memórias. As fotografias podem relevar detalhes que normalmente passam despercebidos, por exemplo, um padrão de parede, um par de sapatos, entre outros.

As fotografias revelam a história de vida da pessoa, pois podem-nos revelar a rua onde a pessoa cresceu, os locais de trabalho, as viagens, as férias, celebrações importante, entre outros momentos que fizeram parte da vida da pessoa.

É importante a contribuição das famílias ou até mesmo de bibliotecas locais, pois estas podem fornecer grandes fotos a preto e branco de empresas locais e eventos registrados.

- **Cheiros**

Tanto os cheiros agradáveis, como os desagradáveis podem evocar memórias, por exemplo, as flores, os legumes, os perfumes podem desencadear memórias de experiências e de passatempos do passado e entusiasmos para a vida futura.

- **Gostos ou Sabores**

Os gostos ou sabores podem desencadear memórias, pois o idoso pode relembrar a loja de doces da infância, a receita de um bolo ou até mesmo sabores associados a ocasiões especiais durante o ano.

A família também tem um papel importante nesta atividade, pois esta pode ajudar-nos a encontrar o alimento ou o bolo favorito do idoso. A família pode ainda confeccionar determinadas receitas em casa e trazer para a atividade.

- **Texturas**

Usando o nome de tecidos e explorar os moldes do vestuário antigo pode trazer de volta muitas memórias, por exemplo, onde comprou a roupa, onde comprou o tecido, quem é que fez a roupa, entre outras memórias.

Utilizando uma simples caixa de costura com lã, dedais, agulhas, amostras de tecido, alfinetes pode ajudar também a despertar uma série de pensamentos.

Além da caixa de costura, podemos usar a roupa, como os vestidos de casamento ou de outras ocasiões especiais.

- **Sons**

Usando excertos de gravações, como o canto dos pássaros, banda de música, sinos da igreja, ou até mesmo do mar e da chuva, podem ser usadas como estímulo para despertar memórias do passado.

Também podemos realizar uma colagem de som com um grupo de idosos relacionados a um tema. Nesta técnica, a atividade deve ser abordada com leveza e de forma peculiar para estimular a mente com imagens de eventos passados, além disso são compartilhadas com as outras pessoas.

- **Música**

“Música e canções de épocas anteriores na vida são um estímulo poderoso, e muitas vezes provocam memórias associadas de ocasiões sociais, dias significativos e relacionamentos” (Aldridge 2000; Greenyer, 2003, cit por Schweitzer & Bruce, 2008).

Numa atividade de grupo, na qual as pessoas cantam canções conhecidas pode ajudar a construir um senso de identidade de grupo e de pertença. Além de cantarolar, assobiar a melodia ou tocar o ritmo são todas as formas válidas de contribuir para o sentido de pertença.

- **Dança**

Usando a música ao vivo ou gravadas, as pessoas podem encontrar grande prazer em dançar, mas caso isso não seja possível, ao ver os outros a dançar podem também encontrar grande prazer ao recordar o passado da sua própria vida.

- **Palavras e Frases**

Na conversa entre a pessoa com demência e do cuidador a memória surge espontaneamente.

Ao escrever essas memórias num papel ou até mesmo escrever numa parede (com a permissão da pessoa), ajudará a contribuir para o seu bem-estar ao ver o que se lembrou e até mesmo poderá colaborar com outras ideias.

Também poderão ser realizadas gravações com a família, com ou sem conexão de tempo passado, sendo lembrado todos os momentos agradáveis que passaram juntos. As gravações podem ser semelhantes a uma conversa de chamada telefônica, com uma mensagem carinhosa e algumas reflexões pessoais. Este tipo de abordagem é importante principalmente para as pessoas com demência, em particular as sentem falta da sua família, pois ao ouvir a voz de alguém que lhe é familiar é reconfortante.

Esta abordagem também é conhecida como "terapia de presença simulada", e estudos têm mostrado que para algumas pessoas isso funciona muito bem.

- **Escrita**

Muitas pessoas gostam de escrever, outras apreciam ter alguém que escreva para elas. Pois, ao escrever uma nota a um amigo lembrado, numa atividade de reminiscência pode estar longe de expressar sentimentos, mesmo que a nota não seja enviada.

Este tipo de abordagem com uma pessoa com demência é fulcral, pois este ao se lembrar de um amigo ou parente poderá surgir um conjunto de sentimentos (alegria, raiva ou tristeza), além de ser satisfatória por expressar sentimentos no presente.

- **Rádio e Televisão**

Ouvir a rádio e assistir algum programa de televisão podem desencadear memórias. Um simples vídeo, CD's ou DVD's também são úteis para este tipo de abordagem, pois podem ser parados e reproduzir os momentos interessantes para a pessoa.

- **Visitas**

As visitas também são muito interessantes, pois as pessoas poderão voltar aos locais que fizeram parte da sua vida, como a escola, a igreja, o local onde trabalhava, ou até mesmo a museus sobre a vida do quotidiano. Este tipo de atividade ajuda a invocar novas memórias para falar no futuro.

- **Trabalho Intergeracional**

O trabalho intergeracional recorre na sua maioria, a transmissão de experiência dos mais velhos aos mais novos, quer com os jovens, quer com os bebés. Este tipo de atividade

com as pessoas com demência é um sucesso, pois podem desencadear um conjunto de memórias.

Embora que um simples objeto de criança, como uma boneca pode ser estímulo para evocar memórias, um bebé real é muito melhor, pois o som, o cheiro desperta sentidos de distância que uma boneca não desperta. Em relação aos jovens, os idosos relembram-se sempre da sua juventude e do que foram e faziam.

A família, mais uma vez, pode ser útil para a realização desta atividade, pois podem ser voluntários valiosos para a reminiscência, além de alguns familiares terem conhecimentos de informática para criar colagens interessantes, entre outras atividades.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

1. DESCRIÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.1 SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE SANTARÉM

A Santa Casa da Misericórdia de Santarém (SCMS) é uma organização não-governamental fundada em 1500 e esta dedica-se à prestação de serviços de saúde e apoio social (SCMS, 2015).

A Missão da Santa Casa da Misericórdia de Santarém é: “agir concertada e integradamente na Comunidade que a envolve melhorando as condições de vida da sua população, prestando, criando e desenvolvendo serviços nas áreas social e da saúde adequados às necessidades das pessoas, promovendo a solidariedade, a qualidade de vida e a dignidade humana”. Tem como visão: ser uma instituição de referência pela qualidade nas áreas sociais e da saúde a nível local, nacional e transnacional. A sua prática baseia-se nos seguintes valores: justiça, ética, solidariedade, equidade. (SCMS, 2015:6).

Atualmente a Santa Casa da Misericórdia de Santarém presta serviços na área da infância e juventude, da anciania, da saúde.

➤ Infância e Juventude:

Creche/Pré-Escolar – “Os Amiguinhos”;

Centro de Acolhimento Temporário para Crianças em Risco – “1º Passo”;

Centro de Atividades de Tempos Livres – “Quinta do Boial”;

Lar de Infância e Juventude – “Lar dos Rapazes”.

➤ Anciania:

Centro de Dia;

Apoio Domiciliário;

Lar de Idosos;

Residência de Acamados – Lar de Grandes Dependentes;

Centro de Acolhimento Temporário de Emergência Para Idosos – CATEI;

Lar de S. Domingos.

➤ Saúde:

Unidade de Cuidados Continuados de Longa Duração e Manutenção – “Hospital de Jesus Cristo”.

A Santa Casa da Misericórdia de Santarém apoia também indivíduos e famílias em situações de vulnerabilidade, através de uma Equipe Multidisciplinar de Rendimento Social de Inserção e do Centro de Acolhimento e Atendimento Social – “Novo Rumo” e a Cantina Social. É disponibilizado também o Banco de Roupas, Serviço de Balneário Social, Banco de Ajudas Técnicas/Produtos de Apoio, Banco de Equipamentos Domésticos e Ginásio Social (SCMS, 2015).

Além disso, a SCMS tem aberto à Comunidade em geral uma Oficina de Encadernação para a Comunidade em geral, a Universidade de Terceira Idade de Santarém, cuja gestão é partilhada com a Autarquia e a União de Freguesias da Cidade de Santarém (SCMS, 2015).

1.1.1 Resposta Social de Centro de Dia

Segundo a Segurança Social, o Centro de dia é um “equipamento social que funciona durante o dia e que presta vários serviços que ajudam a manter as pessoas idosas no seu meio social e familiar” (Instituto da Segurança Social, 2015).

Através das capacidades e interesses de cada utente, o Centro de Dia ajuda a prolongar e potenciar ao máximo as capacidades psíquicas, físicas e sociais dos utentes, despertando-os para novos interesses (SCMS, 2015).

O Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém tem capacidade para receber 60 utentes, sendo que 50 vagas estão previstas em acordo de cooperação com a Segurança Social e 10 vagas fora do acordo de cooperação (SCMS, 2015).

O seu funcionamento é de 2ª a 6ª, das 8h30m às 18h00m (SCMS, 2015).

Os objetivos do Centro de Dia são:

- “Melhorar o bem-estar dos clientes/utentes potenciando as suas capacidades psíquicas, físicas, sociais e artísticas;
- Melhorar a qualidade de vida dos clientes/utentes;
- Promover as relações interpessoais entre os idosos, com outros grupos geracionais a fim de impedir o isolamento social;
- Melhorar a integração social, favorecer a autonomia pessoal e a permanência dos idosos no seu meio natural de vida” (SCMS, 2015:26).

O quadro de pessoal é composto pela: “1 Diretora Técnica; 2 técnicas auxiliares de serviço social (uma principal e outra II); 1 encarregado do sector II; 3 ajudantes de lar; 2 trabalhadoras de serviço gerais (de I a II)” (SCMS, 2015:26).

Os serviços disponibilizados aos utentes pelo Centro de Dia são:

- “Alimentação;
- Cuidados de Higiene Pessoal e Imagem;
- Tratamento de Roupas;
- Transporte;
- Cuidados de saúde;
- Atividades de Animação Sociocultural, recreativa e ocupacional;
- Apoio psicossocial” (SCMS, 2015:27).

2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INSTITUIÇÃO

O Centro de Dia é gerido por uma diretora técnica, a Dr.^a Elsa Vargas, licenciada e educação social, com pós-graduação em orientação e contextos familiares de risco. Em relação à Assistente Social, só vai ao Centro de Dia uma vez por semana, visto que a Assistente Social também é uma das colaboradoras do Serviço de Apoio Domiciliário (SAD).

No entanto, quando a diretora técnica do estabelecimento está de férias, o apoio psicossocial e administrativo é prestado técnica de serviço social.

É de referir que a estagiária foi orientada pela diretora técnica da resposta social, porém acompanhou também o trabalho da Assistente Social.

Algumas das atividades que a estagiária realizou foram: Acompanhamento no Apoio Psicossocial; Aplicar a escala de avaliação funcional de Lawton & Brody; Planos Individuais (PI's) e a respetiva aplicação da Escala de Fumat aos clientes/Utentes; Organização dos processos dos utentes, impressos associados; Participação nas reuniões; Apoio nas atividades de animação; Apoio no preenchimento dos Planos Semanais e Anuais e também nos Planos de Atividades do Desenvolvimento Pessoal (PADP); Aplicação dos Questionários da Satisfação dos Clientes/Utentes e o tratamento dos respetivos questionários; Acompanhar o cliente/utente a entidade de saúde.

A. Apoio Psicossocial

No decorrer do estágio, a estagiária assistiu a vários atendimentos, quer por parte dos clientes/utentes que frequentam a instituição, quer por parte dos familiares de alguns utentes que frequentam a instituição. Alguns dos atendimentos foram de alguns familiares que foram à procura de informações acerca do processo de admissão e dos serviços prestados pelo Centro de Dia.

Os apoios psicossociais também são realizados através do telefone ou por via email.

Foi importante assistir aos atendimentos para ver como devemos conversar com as famílias que muitas vezes vêm à procura de respostas imediatas e devido à falta de vagas temos que aconselhar os familiares também a se inscreverem em outras instituições.

E ainda, observar como é que devemos interagir com os utentes da instituição, pois deparamo-nos com várias realidades distintas, às quais temos que chamar a atenção.

B. Escala De Avaliação Funcional De Lawton & Brody

Após a admissão do cliente/utente no Centro de Dia, é aplicada a escala de avaliação funcional de Lawton & Brody. A escala de avaliação funcional de Lawton & Brody indica o nível de autonomia/ dependência (SCMS, 2015).

Contudo o nível de autonomia é dinâmico e determina o ajuste na prestação de serviço e pode condicionar a possibilidade do cliente/utente poder frequentar esta resposta social ou necessitar de transitar para uma situação de internamento (SCMS, 2015). A escala é aplicada anualmente para compreender a evolução que o utente teve na concretização das tarefas das vidas diárias.

Ao longo do estágio, a estagiária aplicou a escala de avaliação funcional de Lawton & Brody aos clientes/utentes. A aplicação da escala foi uma das primeiras tarefas da estagiária, pois permitiu a estagiária conhecer melhor os utentes e compreender se utentes são capazes de realizar as pequenas tarefas do dia-a-dia. É de referir, que após a aplicação dos questionários, eles foram revistos pela diretora técnica e constamos que alguns utentes não responderam as respostas de acordo com a realidade, pois preferiram referir que eram capazes de realizar as tarefas, do que dizer a verdade.

C. Planos Individuais (PI's)

A estagiária colaborou na elaboração dos PI's e na monitorização dos mesmos.

“O Plano Individual (PI) é um instrumento de trabalho que tem como objetivo o planeamento da intervenção do Centro de Dia com os utentes, de forma a promover a autonomia e qualidade de vida, respeitando o projeto de vida, hábitos, gostos, confidencialidade e privacidade da pessoa” (SCMS, 2015:55). Dado isto, no PI está definido um conjunto de atividades e ações, adequados às necessidades, hábitos, interesses e expectativas de cada utente (SCMS, 2015).

O PI é monitorizado semestralmente (6 em 6 meses) e é avaliado e revisto anualmente ou sempre que necessário, através de todos os intervenientes, como os colaboradores diretos e indiretos, família, clientes/utentes, outros (SCMS, 2015).

Além de o Plano individual se basear nas necessidades e expectativas de cada utente, este também se baseia no resultado da aplicação da escala de medição do Índice de Qualidade de Vida, a Escala de Fumat (SCMS, 2015). A Escala de Fumat é composta por 57 questões, sendo divididas por diferentes níveis, nomeadamente: o bem-estar emocional, as relações interpessoais, o bem-estar material, o desenvolvimento pessoal, o bem-estar físico, a autodeterminação, a inclusão social e os direitos.

A Escala de Fumat permite a avaliar a qualidade de vida dos clientes/utentes e condições que influenciam o seu funcionamento e também avaliar o mesmo instrumento, como é o caso do Centro de Dia (Alonzo, Sánchez, Martínez, 2009).

Depois da aplicação das Escalas de Fumat, são realizadas Reuniões de PI com a diretora técnica, as técnicas auxiliares de serviço social (com funções de animadoras), ou

com a psicomotricista ou fisioterapeuta (caso se aplique ao utente). As reuniões servem para definir as atividades e ações, de acordo com as necessidades, hábitos, interesses e expectativas de cada utente.

Após a elaboração do PI devemos proceder para a explicação ao cliente/utente no que toca ao PI e se houve progressos ou não em relação ao Índice de Qualidade de Vida (Escala de Fumat) anterior. Por fim, o PI deve ser assinado por todos os intervenientes nomeadamente, os utentes (com assinatura ou através da impressão digital) e os colaboradores (diretora técnica, assistente social e a estagiária).

Nos casos em que os utentes não sejam capazes de responder a Escala de Fumat, essa é respondida pela família e é assinada pela mesma.

D. Processo Individuais Dos Utentes/ Cliente, Impressos Associados

Cada cliente/utente tem um processo individual. No processo individual constam documentos e impressos que compõem todo o processo de identificação, avaliação diagnóstica e toda a intervenção do Centro de dia (SCMS, 2015).

A estagiária ao longo do estágio curricular teve acesso aos processos, pôde explorá-los, verificar se faltavam ou não alguns documentos e também inserir documentos e impressos novos.

Os processos dos utentes que morreram ou que anularam o contrato de prestações de serviços foram arquivados em outro dossiê.

Acho que o processo é relevante para conhecermos um bocado da vida do idoso, bem como o seu estado civil, com quem vivia, quantos filhos tem, qual o seu estado de saúde, entre outros aspetos. Por exemplo, onde morava, qual era a sua carreira profissional e a sua situação financeira. Note-se, que o processo individual é confidencial.

E. Participação De Reuniões De Equipa

A estagiária teve a oportunidade de assistir a uma reunião de equipa multidisciplinar. Achei importante assistir a essa reunião de equipa para perceber como é que a instituição funcionava realmente e como eram tomadas as decisões da instituição, como era preparada a entrada de novos utentes, a partilha de informações sobre alguns utentes e de alguma alteração a realizar ou alguma coisa que poderia afetar o funcionamento da instituição ou até mesmo pontos a melhorar na instituição.

Para além da reunião da equipe multidisciplinar, a estagiária também participou em reuniões de PI's. Como já foi referido anteriormente, esta reunião serve para definir as

atividades e ações, com base nas necessidades, hábitos, interesses e expectativas de cada utente. Na reunião estavam presentes os intervenientes do PI, menos os utentes e a família.

F. Apoio Nas Atividades De Animação

O Centro de Dia oferece aos utentes uma variedade de atividades de animação. As atividades tentam ir ao encontro dos gostos e necessidades dos utentes e que pretendem a manutenção das suas capacidades, o seu bem-estar e a sua satisfação (SCMS, 2015:50). Note-se que as atividades estão previstas no Plano de Atividades e nos Planos Individuais (PI).

Para o Plano de Atividades de Desenvolvimento Pessoal (PADP), foram elaboradas as fichas técnicas de cada atividade ao nível Institucional e cada resposta social adquiriu as fichas técnicas, em que as atividades tinham a participação dos seus clientes/utentes (SCMS, 2015:50).

A estagiária prestou apoio nas atividades nomeadamente, arte como terapia, nas atividades comemorativas, atividades intergeracionais, atividades interinstitucionais, inter-respostas sociais atividades religiosas, ginástica, jogos, literatura, música, saídas ao exterior, têxteis, entre outros (exemplos: Caminhada do Dia Internacional da Irradicação da Pobreza, Lançamento do Livro “Melodias na Manta”, Passeio ao Parque Ambiental de Santa Margarida – Borboletário, Feira de Outono, Feira Gastronómica de Santarém, Feira da Castanha, Festa do Chouriço, entres outros...).

A estagiária também prestou apoio no preenchimento dos Planos de Atividades de Desenvolvimento Pessoal (PADP).

G. Aplicação Dos Questionários Da Satisfação Dos Clientes/Utentes

Com base no processo de certificação, a Equipa de Qualidade disponibilizou questionários de avaliação da satisfação dos Clientes/Utentes, Familiares, Trabalhadores, Voluntários e Parceiros (SCMS, 2015).

A estagiária aplicou os questionários de satisfação dos clientes/ utentes e ainda realizou o tratamento de dados dos respetivos questionários.

H. Acompanhar o Cliente/Utente a Entidade De Saúde

O cliente pode solicitar acompanhamento a entidade de saúde para a consulta, exames de diagnóstico, tratamentos de enfermagem e reabilitação. De acordo com o regulamento interno do Centro de Dia, isto sucede-se quando o acompanhamento não pode ser

assegurado pela família e o utente/cliente solicite a diretora técnica o acompanhamento no mês anterior à ocorrência ou com limite de 72 horas de antecedência.

Após o acompanhamento, o colaborador que acompanha o utente deve preencher uma ficha para registar todas as informações importantes que o médico referiu na consulta.

CAPÍTULO III – PROJETO DE ESTÁGIO

1. DIAGNÓSTICO SOCIAL

Algumas das razões que leva o idosos ou a família do idoso a candidatar-se para a integração no centro de dia são:

- “Idoso parcialmente dependente e/ou dependente de outros para grande parte das atividades de vida diária;
- Idoso com demência, incapaz de garantir por si só o seu bem-estar bio-psico-social e incapaz de estar sozinho;
- Idoso com doença psiquiátrica e consequente dependência” (SCMS, 2015:26).

Visto que existem na instituição utentes com estas características, a minha intervenção baseia-se na Reminiscência e Histórias de Vida. Para tal terei de criar mecanismos que promovam a estimulação cognitiva em relação às memórias do passado. Com isto pretendo também a partilha de histórias de vida entre os utentes, a descoberta de histórias de vida interessantes e com esta partilha verificar que algumas delas são semelhantes.

Dado isto, o diagnóstico tem como base a recolha de informação dos utentes que participaram nas atividades. Os dados foram recolhidos através dos processos individuais e de uma base de dados em Exel. Foram recolhidas informações relacionadas com o género, a idade do idoso, estado civil, habilitações literárias, contexto familiar e índice de qualidade de vida.

No Centro de Dia coexistem 50 clientes/utentes, mas só 18 clientes/utentes participaram nas atividades propostas. Logo, só foram recolhidas informações dos 18 clientes que participaram nas atividades.

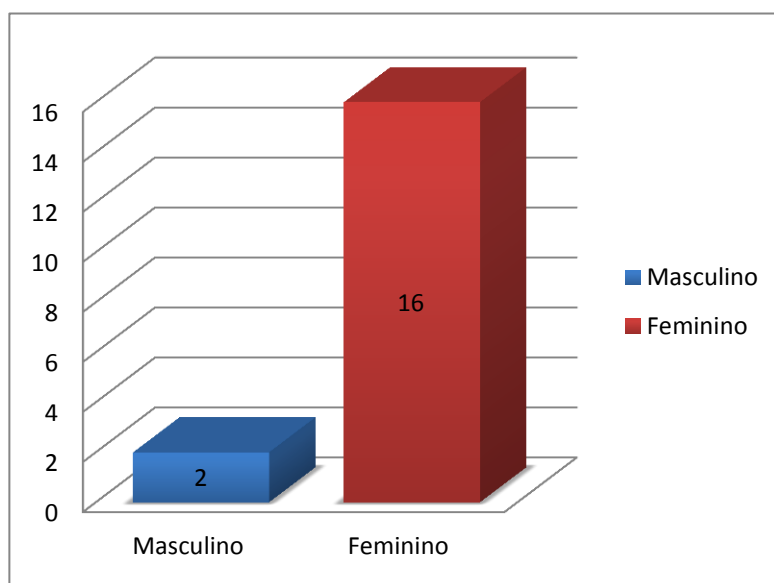


Gráfico 1 – Género dos idosos envolvidos no projeto

De acordo com o gráfico 1, num total de 18 clientes/utentes que participaram nas atividades, 16 clientes são do sexo feminino e 2 cliente são do sexo masculino. Ou seja, podemos concluir que a maior parte dos utentes que participaram nas atividades são do sexo feminino.

É de referir ainda que em relação ao número total de 50 clientes/utentes que frequentam o Centro de Dia existe uma maior prevalência do sexo feminino.

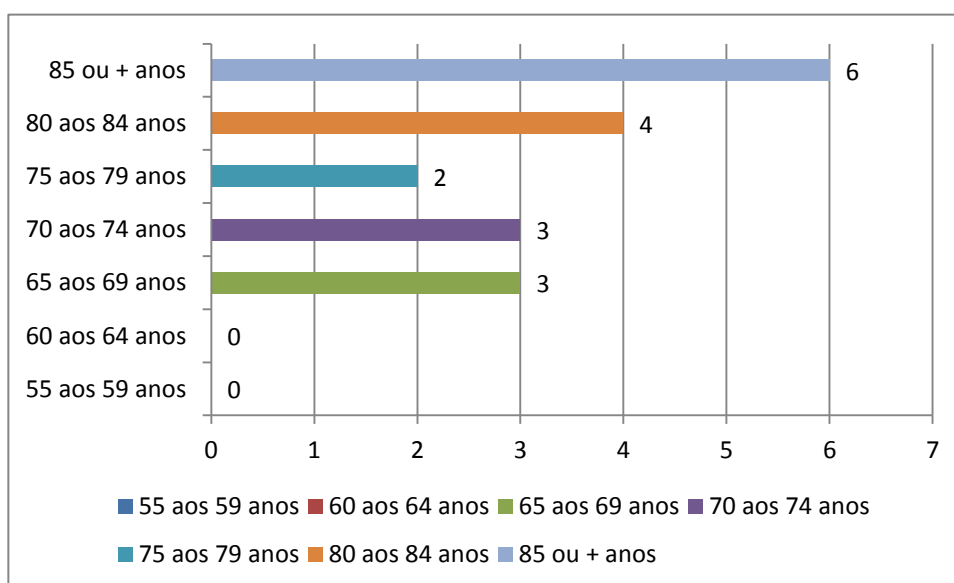


Gráfico 2 - Idades dos idosos envolvidos no projeto

O gráfico acima apresentado refere-se às idades dos clientes. É visível que nas atividades participaram pessoas com idades acima dos 65 anos de idade.

Além disso, verificamos que a maior parte dos clientes têm idades compreendidas entre os 80 aos 84 anos (4 clientes) e 85 ou + anos (6 clientes).

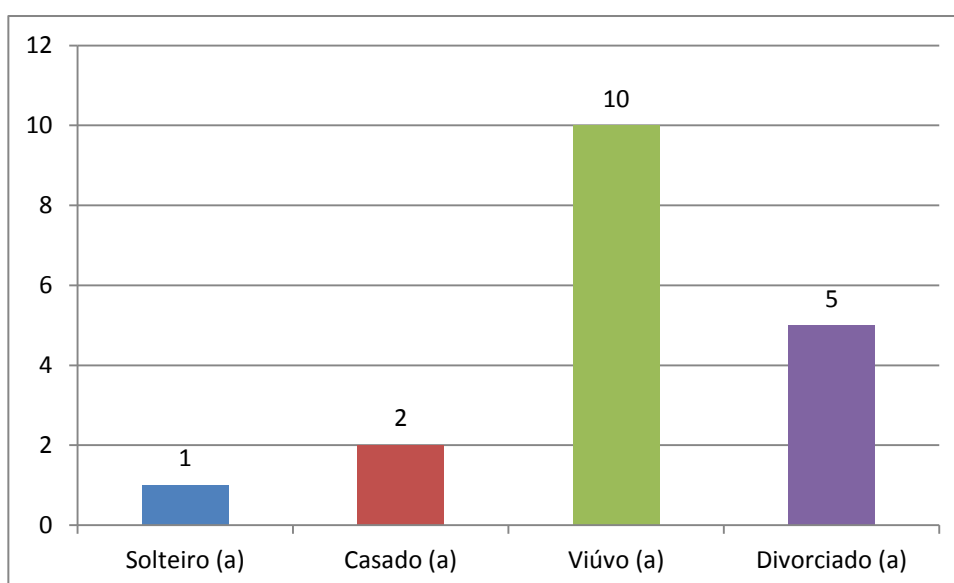


Gráfico 3 – Estado Civil dos idosos envolvidos no projeto

O gráfico 3 apresenta o estado civil dos clientes/utentes que participaram ao longo das atividades. Verifica-se que a maior parte dos clientes são viúvos (10 utentes), 5 clientes são divorciados, 2 são casados e 1 é solteiro.

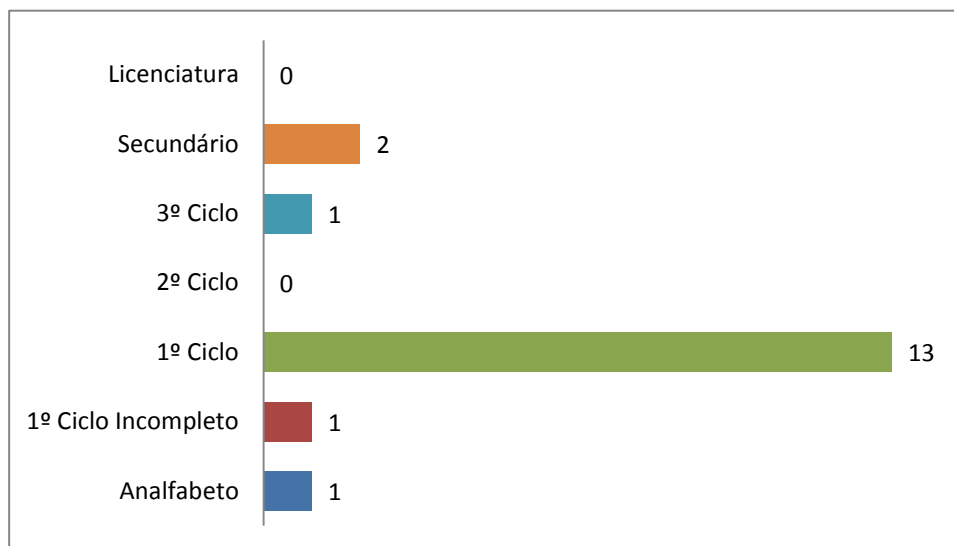


Gráfico 4 – Habilitações Literárias dos idosos envolvidos no projeto

É visível no gráfico 4 que a maior parte dos clientes possui o 1ºciclo (13 clientes), 1 cliente possui o 3ºciclo e 2 clientes o secundário. É de citar que 1 dos clientes não concluiu o 1º ciclo e 1 cliente é analfabeto.

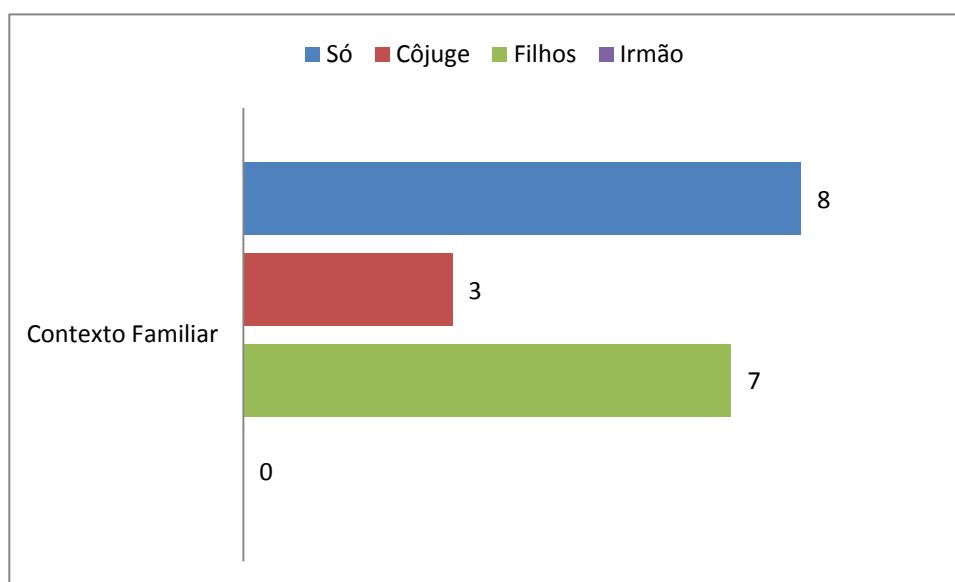


Gráfico 5 – Contexto Familiar dos idosos envolvidos no projeto

O gráfico 5 diz respeito ao contexto familiar que cada cliente vive, verificamos que a maior parte dos clientes vivem sós (8 utentes) e outra grande parte vive com os filhos (7

utentes). Outros 3 clientes vivem com o seu cônjuge. Nenhum dos clientes abrangidos vive com o seu irmão/irmã.

N.º de Utentes	Escala de Fumat
2	0
1	112
2	114
2	116
1	117
3	118
3	120
2	121
1	123

Tabela 4 - Escala de Fumat dos idosos envolvidos no projeto

A tabela 4 apresenta resultados obtidos na aplicação da Escala de Fumat aos idosos envolvidos no projeto. A Escala de Fumat permite a avaliar a qualidade de vida dos clientes/utentes e condições que influenciam o seu funcionamento e também avaliar o mesmo instrumento, como é o caso do Centro de Dia (Alonzo, Sánchez, Martínez, 2009).

A Escala de Fumat é aplicada de seis em seis meses a cada clientes/utente, sendo um dos instrumentos fundamentais para elaborar os Planos Individuais (PI'S). A escala é composta por 57 questões, sendo divididas por diferentes níveis, nomeadamente: o bem-estar emocional, as relações interpessoais, o bem-estar material, o desenvolvimento pessoal, o bem-estar físico, a autodeterminação, a inclusão social e os direitos.

Para a elaboração desta tabela foram utilizados os dados da última Escala de Fumat realizada. Os valores dos índices de qualidade de vida dos clientes obtidos nas Escala de Fumat têm um índice compreendido entre os 112 e os 123, sendo que existe um maior número de clientes que apresentam um índice de qualidade de vida de 118 e 120.

Dois utentes não possuíam a Escala de Fumat porque a escala é aplicada após um mês de admissão no Centro de Dia.

Posso ainda referir que a média do índice de qualidade de vida dos clientes/ utentes é de 104,94.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral é a meta mais ampla que define o quadro de referência do projeto (Espinoza, 1986 cit por Serrano, 2008). O objetivo geral deste projeto de estágio foi: analisar a importância da reminiscência no trabalho com os idosos.

Em relação aos objetivos específicos, estes são objetivos mais concretos e mencionam o que se pretende alcançar com o projeto (Serrano, 2008). Os objetivos específicos da minha intervenção foram:

- Identificar as potencialidades e limitações da utilização destas metodologias na estimulação cognitiva dos idosos;
- Identificar as potencialidades e limitações da utilização destas metodologias no conhecimento das histórias de vida dos idosos.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS COM OS IDOSOS

O projeto de estágio teve em vista a realização de um conjunto de atividades sobre a história de vida e a reminiscência dos idosos. Para abordar a história de vida e a reminiscência foram realizadas quatro sessões com diferentes temas, nomeadamente: a infância e a vida familiar, o percurso escolar, a carreira profissional e o nascimento dos filhos.

Participaram clientes/ utentes que frequentam a sala 1 do Centro de Dia. Estas atividades abrangeram cerca de 18 clientes, com mais de 65 anos de idade e que não possuíam qualquer tipo de demência.

Durante a realização das atividades procedeu-se ao registo áudio e fotográfico, tendo sido cumpridos os princípios éticos que orientam a investigação científica. No processo de recolha de dados os participantes foram devidamente informados dos objetivos da investigação e acederam voluntariamente a participar nas atividades. Foi igualmente garantido e respeitado o anonimato de todos os participantes (Anexo I).

Utentes	Género	Idade	Estado Civil	Habilitações Literárias	Contexto Familiar	Avaliação Funcional de Lawton & Brody	Índice da Qualidade de Vida
A	Feminino	81	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Moderada	118
B	Masculino	95	Casado (a)	Analfabeto	Cônjuge	Dependência Ligeira	118
C	Feminino	74	Divorciado (a)	Secundário	Filhos	Dependência Grave	121
D	Feminino	91	Viúvo (a)	1º Ciclo	Filhos	Dependência Moderada	123
E	Feminino	88	Viúvo (a)	1º Ciclo	Filhos	Dependência Moderada	116
F	Feminino	79	Viúvo (a)	Analfabeto	Só	Dependência Ligeira	120
G	Masculino	65	Solteiro (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Ligeira	114
H	Feminino	73	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Ligeira	117
I	Feminino	83	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Ligeira	121
J	Feminino	87	Viúvo (a)	1º Ciclo	Filhos	Dependência Ligeira	121
K	Feminino	76	Divorciado (a)	1º Ciclo	Filhos	Dependência Moderada	120
L	Feminino	67	Divorciado (a)	3ºCiclo	Cônjuge	Dependência Moderada	118
M	Feminino	81	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Ligeira	120
N	Masculino	77	Casado (a)	Analfabeto	Cônjuge	Dependência Total	116
O	Masculino	78	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Ligeira	112
P	Feminino	84	Viúvo (a)	1º Ciclo	Só	Dependência Moderada	114
Q	Feminino	84	Viúvo (a)	2º Ciclo	Filhos	Dependência Moderada	¹
R	Masculino	85	Viúvo (a)	1º Ciclo	Filhos	Dependência Moderada	¹

Tabela 5 – Descrição dos Participantes.

¹ Os utentes R e S não apresentam os valores do índice de Qualidade de Vida, porque este é calculado após ao primeiro mês da admissão do utente no Centro de Dia.

3.1 ATIVIDADE N.º1: INFÂNCIA E VIDA FAMILIAR – “ÁRVORE GENEALÓGICA”

Esta atividade baseou-se na elaboração de uma árvore genealógica com a família nuclear de cada cliente, ou seja, os pais, o próprio cliente e os irmãos (se fosse o caso).

Primeiro foram criados os moldes dos troncos com cartolina de cor castanha e os moldes dos arbustos da árvore com a cartolina de cor verde. Foram também criadas várias maçãs com a cartolina EVA.

Depois foram recolhidos, junto dos clientes, o nome dos pais e dos irmãos destes, para serem escritos nas maçãs. As maçãs foram coladas nas árvores genealógicas. A montagem da árvore foi executada individualmente.



Figura 2 – Árvore Genealógica

Depois das árvores genealógicas estarem todas concluídas foram definidos quatro grupos para partilhar um pouco sobre as experiências do passado, bem como recordar a sua infância e a sua vida familiar (ANEXO II). Os grupos reuniram-se na biblioteca da instituição.

Procurei saber um pouco sobre os pais dos utentes, perceber se estes tinham uma boa relação com os filhos, como era a educação dada pelos pais, como é que eram os momentos passados em família e como foi a infância dos clientes.

Todas as árvores genealógicas foram expostas ao longo do corredor do Centro de Dia.



Figura 3 – Grupo reunido na biblioteca

Objetivos

- Fortalecer o espírito de grupo;
- Desenvolver estratégias pessoais de revisitação do passado;
- Valorização de experiências positivas;
- Relativização de experiências negativas;
- Cooperação de grupo no processo de recordar.

Estratégias e Materiais utilizados

Foram utilizadas um conjunto de estratégias e materiais ao longo da atividade.

Em relação aos recursos humanos utilizados, foram os clientes que participaram nas atividades e a psicomotricista que ajudou capturar fotos ao longo da sessão.

Já os materiais usados para esta atividade foram:

- A biblioteca;
- Mesas e cadeiras;
- Cartolinas de cor verde e de cor castanho;
- Cartolina EVA de cor vermelha;
- Tesoura;
- Cola UHU;
- Esferográficas.

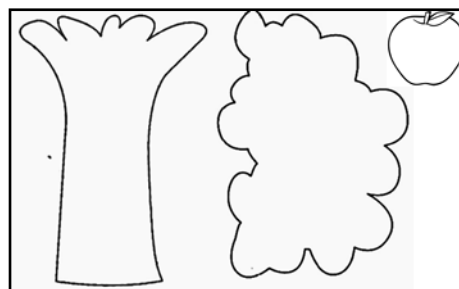


Figura 4 – Moldes da árvore genealógica

Em relação aos recursos financeiros, todas as ajudas financeiras foram concedidas por parte do Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém.

A estratégia principal usada nesta atividade foi a construção da árvore com os nomes do agregado familiar e através do diálogo com os utentes.

De acordo com Àries (1981, cit por Barros, 2006), o sentimento de infância muda de acordo com a sociedade e com o momento histórico vivido. Logo, ao longo do tempo mudam-se os brinquedos, as brincadeiras e os conceitos associados à infância (Barros, 2006). Dado isto, através dos relatos dos utentes podemos constatar que a infância sofreu profundas alterações ao longo dos tempos.

3.2 ATIVIDADE N.º2: O PERCURSO ESCOLAR – “IMAGEM SURPRESA”

À partida foram criados cinco grupos, em que um dos grupos só consta participantes que não frequentaram a escola.

Para os participantes que frequentaram a escola realizou-se a atividade da “Imagem Surpresa”. Para esta atividade foi necessário um saco pequeno. Esse saco pequeno continha um conjunto de papéis dobrados com imagens associadas ou não à escola do tempo de infância dos clientes. Desta forma foi desenrolada um diálogo entre os utentes.

Para os que não frequentaram a escola foi realizado um diálogo de forma a perceber quais foram os entraves que não os levaram a frequentar a escola e quais foram os impactos negativos/positivos de não frequentarem a escola que se refletiu ao longo da sua vida (Anexo III).



Figura 5 – Realização da atividade “Imagem Surpresa”

Foram proporcionados ao longo da atividade momentos de alegria e de grande nostalgia.

Objetivos

- Fortalecer o espírito de grupo;
- Desenvolver estratégias pessoais de revisão do passado;
- Valorização de experiências positivas;
- Relativização de experiências negativas;
- Cooperação de grupo no processo de recordar.

Estratégias e Materiais utilizados

Os recursos humanos utilizados foram os clientes que participaram nas atividades e a psicomotricista que ajudou a capturar fotos ao longo da sessão.

Em relação aos materiais usados para esta atividade foram:

- Computador;
- Impressora;
- Papel;
- Tesoura;
- Saco pequeno;
- A biblioteca e a sala;
- Mesas e cadeiras.



Figura 6 – Saquinho com as imagens

Nesta atividade não foi necessário recorrer a recursos financeiros, dado que foram usados materiais já existentes no Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém.

As imagens permitem o despertar de sentimentos, identificação, eliciam memórias, disparam a imaginação, a introspeção, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões de mundo (Bassalo & Weller, 2011). A estratégia com o uso de imagens e fotografias é a foto-elicitación ou foto-entrevista (Mendonça, Melo & Padilha, 2011).

Segundo Loeffler (2014, cit por Mendonça, Melo & Padilha, 2011), a foto-elicitación é um processo em que o investigador se torna ouvinte e o participante interpreta as fotografias/imagens para o entrevistador.

Na ótica de Collier (1973, cit por Mendonça, Melo & Padilha, 2011), este processo possibilita um carácter de proximidade com os objetos apresentados durante a entrevista e também promove a estimulação da memória. Ou seja, a apresentação das imagens ao

participante evita que o participante se desvie do tema abordado, proporciona a autoexpressão, permite que o participante seja capaz de explicar e identificar o conteúdo daquela imagem e de demonstrar o conhecimento que tem sobre o objeto apresentado na fotografia (Mendonça, Melo & Padilha, 2011). Porém, a foto-elecitação possibilita um diálogo estruturado, sem qualquer efeito inibidor de questionários ou inquéritos verbais que possam causar constrangimentos ao participante (Mendonça, Melo & Padilha, 2011).

Atente-se que as fotos permitem recordar acontecimentos do passado, bem como capturar o ambiente vividamente para a análise de outros indivíduos (Patton, 2002, cit por Mendonça, Melo & Padilha, 2011).

Em suma, com as imagens/ fotografias “é possível “voltar ao passado” e se colocar no mesmo com os olhos do presente, trazendo de lá suas vozes silenciadas pelo tempo, pelo esquecimento, pela saudade e pelo ressentimento no ato constante de reavivar a memória e todas as suas reminiscências” (Pinheiro, 2009:3).

Thomson (119:67, cit por Pinheiro, 2009:10) refere que “a investigação e análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como relutamos nossas reminiscências sobre o passado durante toda a vida”.

Contudo, através das fotografias alusivas a sessão sobre o percurso escolar, possibilitou a estimulação da memória através do exercício de reminiscência do passado. Permitiu ainda a desinibição de sentimentos e o despertar da saudade entre os vários participantes.

3.3 ATIVIDADE N.º3: CARREIRA PROFISSIONAL – “QUEM SOU EU?”

Nesta atividade o cliente/utente teve que escrever uma profissão e mostrar aos restantes utentes, menos ao cliente/utente que teve de adivinhar qual a profissão que está escrita no papel. Depois o papel deve estar pousado em cima da mesa e à frente do utente que tem de adivinhar “quem sou eu”, ou seja, qual a profissão que está escrita no papel. Enquanto um cliente/utente tem de adivinhar o que está escrito no papel, os restantes têm que dar pistas sobre a profissão, por exemplo: o que veste, quais os materiais que usa, o que faz, etc...



Figura 7 – Realização da atividade “Quem sou eu?”

Para esta atividade realizaram-se grupos quer para a realização da atividade, quer para cada cliente partilhar a história da sua carreira profissional (Anexo IV).

Nesta atividade pude constatar dificuldades por parte de alguns utentes, pois ficavam confusos e em vez de dizer um objeto ligado à profissão, acabavam por referir a profissão que estava escrito no papel daquela ronda ou na ronda anterior.

Objetivos

- Fortalecer o espírito de grupo;
- Desenvolver estratégias pessoais de revisitação do passado;
- Valorização de experiências positivas;
- Relativização de experiências negativas;
- Cooperação de grupo no processo de recordar;

Estratégias e Materiais utilizados

No que diz respeito aos recursos humanos utilizados na atividade foram os clientes que participaram nas atividades.

Em relação aos recursos materiais utilizados na atividade foram:

- Sala ou Biblioteca;
- Mesas e cadeiras;
- Papéis.
- Caneta.

Esta atividade não teve custos, pois foram usados materiais que já havia no Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém.



Figura 8 – Realização da atividade “Quem sou eu?”

3.4 ATIVIDADE N.º4: NASCIMENTO DOS FILHOS – “MUDAR A FRALDA”

Inicialmente foram criados grupos, contudo alguns dos utentes realizaram a atividade de forma individual para abordarem o nascimento dos filhos.

Por fim os clientes tiveram de colocar a fralda de pano no bebé (boneco), onde também partilharam algumas histórias (Anexo V).

Com a chegada do bebé à sala proporcionou-me momentos de grande animação, pois todos queriam pegar no boneco.



Figura 9 – Realização da atividade “Mudar a Fralda”

Objetivos

- Fortalecer o espírito de grupo;
- Desenvolver estratégias pessoais de revisitação do passado;
- Valorização de experiências positivas;
- Relativização de experiências negativas;
- Cooperação de grupo no processo de recordar;

Estratégias e Materiais utilizados

Os recursos humanos utilizados na atividade foram os clientes que participaram nas sessões.

Os recursos materiais usados foram:

- Biblioteca e a sala;
- Mesas e cadeiras;
- Boneco: Bebê;
- Fralda de pano.

Esta atividade não teve qualquer custo. Os materiais foram concedidos para a atividade pelo Lar dos Rapazes.

A estratégia usada nesta atividade foi a técnica de encontro para relatos de história de vida e o uso de objetos.

É de salientar que através da observação do objeto ou até mesmo o peso e da textura dele, pode desencadear um conjunto de sentimentos e memórias do passado.

Através do boneco e da fralda, os participantes puderam recuperar e relatar histórias sobre os seus filhos.



Figura 10 – Boneco e a fralda de pano



Figura 11 – Momentos de brincadeira

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E EVIDÊNCIAS DE CADA SESSÃO

1. ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NAS SESSÕES

1.1 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º1 - INFÂNCIA E A VIDA FAMILIAR

Objetivo 1 – Fortalecer o Espírito de Grupo

Após as atividades de cada sessão ou ao longo das sessões foram criados vários grupos para o fortalecimento do espírito de grupo, através das partilhas de histórias de vida entre os participantes. Logo, permite que os utentes se expressem livremente, podendo também intervir com perguntas para clarear melhor as afirmações, bem como para dar a sua opinião ou contribuir para o tema abordado nas sessões. Desta forma, também contribuiu para melhorar as relações interpessoais entre os utentes que participaram nas sessões planeadas.

Segundo Serrano (2008:54), nas técnicas de grupo estão implícitos os seguintes fatores: a) Desenvolver o sentimento do “nós”; b) Ensinar a pensar ativamente. Gerar um novo modo de pensar; c) Desenvolver capacidades de cooperação, partilha, responsabilidade, autonomia, criação; d) Ensinar a escutar de modo positivo e compreensivo; e) Criar sentimento de segurança, vencer medos e inibições; f) Favorecer as relações pessoais, permitindo o desenvolvimento social do indivíduo.

Ao longo das sessões verificámos que existem histórias de vida cruzadas, uma vez que se os utentes se conheciam no passado, como podemos confirmar nas seguintes citações, em que o marido da Utente D trabalhou com o pai da Utente I e inclusive a Utente I trabalhou com a irmã mais nova da Utente D.

“D – (...) O meu marido começou a trabalhar com o pai dela nos celeiros do trigo. O meu marido trabalhou com o teu pai...”

I - E ainda trabalhou no leite também...

D - Pois. E depois foi para a Ribacal do leite. Até morrer. Foi muito novinho, com 65 anos.”

“I – (...) Mas eu aprendi isso no alfaiate, mas entretanto empreguei-me numa fábrica de louça que trabalhei lá durante 7 anos. Até tinha caixa e essas coisas...então empreguei-me numa loja de cerâmica....

D - Era uma fábrica bem bonita. A minha irmã também lá trabalhou...

I - Trabalhou uma irmã desta que era a mais nova, não era?

D - A Mª Cecília, a mais nova.”

É evidente que ao haver uma relação de longa data facilita a comunicação entre os utentes, havendo assim mais interações entre eles. Do mesmo modo, sucede com os utentes G e K, pois trabalharam na mesma instituição.

“ K - Estivemos empregados na Caixa de Previdência. Eu reformei-me em 2002 e você? Ficou mais algum tempo?

G – Foi (...) Sim, foi. Toda a gente respeitava o meu avô, ele era muito conhecido e o meu Bisavó era o Manuel Ramos. Ele tinha uma pastelaria.

K – Era uma pastelaria ao cimo da rua?

G - Sim, era.

K – Sabe do que eu mais gostava? Era das amêndoas. Ouvi dizer que o Campo da Feira foi doado...”

Ao longo da sessão, a revisão e a partilha do passado é potencializada, pois as partilhas das histórias de vida são discutidas em grupo através dos relatos dos utentes, resultando assim na aprendizagem ao ouvir a história dos outros e a relatar a sua. Desta forma, resulta o reforço do espírito de grupo através da revisitação partilhada do passado. “A partilha e o reconhecimento interpessoal reforçam a autoconfiança e a coesão de grupo, favorecendo um maior investimento na relação grupal e na produção individual de trabalho” (Portela, 2011:55).

Também registamos intervenções por parte dos utentes que não se conheciam no passado, mas que estavam à vontade para intervir com questões, interagir e conhecer um pouco sobre os outros utentes, como podemos verificar no seguinte excerto.

“N - O meu pai, como costumava dizer que era o homem dos sete ofícios. (...). A seguir foi fazer tapadões, não sei se vocês sabem o que são tapadões, quando vêm as cheias para não calgar para o outro lado...”

Q – O que é um tapadão? Nunca ouvi falar nisso...

N – é um dique.

Q – é a primeira vez que ouvi dizer tapadão.

B - Em Alpiarça naquela altura, em 1945 faziam os diques, mas quando eu cá cheguei os pedreiros que eram do meu conhão já tinham feito e fui encontrá-los já dentro da ponte.

N – Continuando, o meu pai foi trabalhar para este e para aquele na agricultura, um dia para um, outro dia para outro...assim trabalhou até quando pôde. Até quando ele não podia andou a guardar um rebanho de cabras.

Q - Ainda hoje à muita gente lá para o norte que trabalha com cabras...

N – Depois andou na lenha. Ele ia cortar lenha para cozer a cale nos fornos...havia aqueles fornos de cale para cozer a pedra.

Q – Naquele tempo as casas eram caiadas, não era nada pintado.

N – A minha mãe, coitadinha, ela cuidada dos 11 filhos. Eram 11, mas a minha mãe teve 21 filhos.

B – E os 21 nasceram na mesma casa? Dos 21 só sobreviveram 11, o resto foram falecendo então?

N – Sim. Pois, antigamente não havia médico de família e agora há tudo. Agora uma mulher está grávida e sabem logo se é um rapaz ou se é rapariga. Naquele tempo não havia nada destas coisas.

B – Também no nosso caso era 16 e também digo que morreram 8 e ficaram 7.

N – A minha mãe era muito boa pessoa. A gente antes de jantar havia a reza e tínhamos que rezar ali à mesa. Depois de acabarmos de jantar íamos todos para a lareira e a minha mãe ia ensinar a gente a rezar e aquele que se risse ou se dizia uma palavra mal dita levava com o canudo de assoprar o lume na cabeça.

M – Desculpe lá pela pergunta, mas o senhor é Ribatejano?

N – Sou. Eu sou da freguesia de Alcanede. Sou do pé da Pedreira. (...)

Ao longo da sessão a partilha de histórias e de vivências tornou-se uma constante entre os utentes. Esta partilha sustentou-se no facto de muitos dos utentes serem provenientes de meios sociais semelhantes e partilharem muitas das referências identitárias. Os utentes Q e R, por exemplo, relataram vivências da 2ª Guerra Mundial e do Estado Novo.

“ Q - Hoje falam para os pais como se fossem colegas de escola, tratam por tu e isso estragou tudo.

R - Os pais e os avós! Não é só os pais, os avós, os netos. Daí que eu acho que terá a influencia da maneira de como se tratam uns aos outros com respeito. A vida que nós passamos, uma crise muito grande que foi o tempo da 2ª Guerra Mundial.

Q – Andava descalça...

R - Eu calcei os primeiros sapatos com 13 anos e meio, quando fui trabalhar para Lisboa. Foi a minha mãe à loja comprar o que eu chamo os ténis, nesse tempo chamava-se as sapatilhas. E foi isso que levei calçado para trabalhar em Lisboa.

Q – Sabe qual era o calçado que o meu pai comprava para nós, para as raparigas e para os rapazes? Sapato de atanado, comprados na Malveira em que tínhamos que comprar cera para os amaciarmos e ficavam todos mergulhados...tinha que ser quente. O Salazar levou tanta tareia do resto da Europa pelo povo Português andar descalço e mandou fazer as alpergatas,

que ainda existe em Santa Clara, só que não faz alpergatas, faz outro tipo de sapatos...

R - A propósito do calçado. Eu fui para Lisboa, como disse foi a minha mãe comprar à mercearia umas sapatilhas para eu não ir descalço. Andava eu a trabalhar numa fábrica de curtumes. O meu pai tirou-me da escola, estava eu a fazer a 3ª classe, enfim havia dificuldades e o meu pai arranhou aquela oportunidade e lá vou eu trabalhar descalço”.

Objetivo 3 – Valorização de Experiências Positivas

O termo “Experiência”, etimologicamente, origina-se do substantivo *experiri*, que significa “provar”; do radical *periri* advém o termo *periculum*, que significa “perigo”; e, ainda, tendo-se *per* como radical, observa-se sua origem indo-europeia, que transmite o sentido de prova ou travessia” (Larrosa, 2004 cit por Larovere, 2014:33).

De acordo com o dicionário português, a experiência tem o seguinte significado: (1) ato ou efeito de experimentar; (2) conhecimento por meio dos sentidos de uma determinada realidade; (3) conhecimento de uma realidade provocada no propósito de saber algo, particularmente o valor de uma hipótese científica; experimentação; (4) conhecimento obtido pela prática de uma atividade ou pela vivência; (5) prova; ensaio; tentativa. Porém vamos centrar no ato ou efeito de experimentar e no conhecimento por meio dos sentidos de uma determinada realidade (Larovere, 2014).

Para Larrosa (2004:153 cit por Larovere, 2014:33), “em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”. O mesmo autor refere ainda “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (Larrosa, 2002:27 cit por Larovere, 2014:33), por outras palavras, duas pessoas podem passar pelo mesmo acontecimento, mas a experiência vivida por ambas podem ser interiorizadas de modo destinto.

Com isto, podemos abordar o conceito de Self, apesar de ser um conceito complexo. O Self inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros, o que envolve a representação mental de experiências pessoais (Gazzaniga & Heatherton, 2003 cit por Macedo e Silveira, 2012).

Ao longo da sessão produziram-se relatos da história de vida e experiências do passado, sendo que essas experiências foram interiorizadas e assumidas como experiências positivas e experiências negativas. No entanto é importante que os utentes saibam valorizar as experiências positivas do passado.

Por vezes as pessoas têm experiências negativas no passado e ao passar por uma experiência positiva sabem variolizá-las, como é o caso da Utente A que ao longo do seu

relato testemunha que teve uma vida um pouco amargurada, primeiro pela falta de amor e carinho por parte dos seus pais, depois pela vida penosa que teve com o seu primeiro marido e não só.

A Utente A refere que não era feliz com o primeiro marido, mas quando encontrou o segundo marido foi muito feliz e menciona ainda que “tinha mimo de mais”.

“A - Não era uma menina feliz, nunca fui feliz e se eu disser à menina que senti-me feliz e senti-me como uma mulher foi ao fim dos médicos separarem-me do meu primeiro marido e de eu ter a sorte de encontrar o segundo marido, enquanto foi vivo fui 25 anos muito feliz pelos meus filhos, pelo meu marido. Até lhe digo uma coisa, tinha mimo de mais, fui muito mimada. Ai sim, fui muito feliz.”

Por outro lado, temos a Utente C que apresentou ao longo do seu discurso ter uma vida muito feliz em família e nunca lhe faltou nada - “Éramos felizes, tivemos tudo quando queríamos, (...)”. Tal como a Utente C, a Utente M expõe que todos os elementos da família gostavam todos uns dos outros e que eram todos felizes.

“M – Gostávamos todos uns dos outros” (...) “ Fui feliz ao mais que possível, tinha coisas mais ou menos boas, tinha sapatos, mas andava descalça.” (...) “Éramos felizes...matávamos um porco uma ou duas vezes por ano...tínhamos galinhas, coelhos, hortas...”

Podemos apurar ainda que os utentes aceitam as experiências do passado e por sua vez valorizam o seu “Eu”. Como o exemplo da Utente I, em que aprendeu a fazer calças e fatos de macacos, valorizando-se ao referir que “tinha assim muito jeito”. E além disso a utente valoriza a sua maneira trabalhar na fábrica de cerâmica ao mencionar que “(...) eu me ajeitava com tudo...”, “eu sabia trabalhar, sabia vidrar...aprendi a fazer essas coisas todas.”

“I – (...) Mas depois fui aprender e tinha assim muito jeito e aprendia a fazer calças e a fazer fatos de macaco (...). (...) Eu fiz de tudo, só o que não fiz foi pintar. O resto eu me ajeitava com tudo...às vezes faltava uma nisto ou naquilo e lá ia eu, porque até eu era capaz de desenrascar a falta da outra. E trabalhei muito. Tinha uma coisa que tínhamos que estar em pé e agente fazia partos e tigelas, tudo o que era a roda e carregava com o pé e aquilo andava à roda. Há umas máquinas de costura que há hoje em que se carrega

com o pé? É com aquilo que trabalhava...trabalhava muito nisso, eu sabia trabalhar, sabia vidrar...aprendi a fazer essas coisas todas. (...)

De acordo com Rogers (1977: 152, cit por Fonseca, 2009) “Ser o que realmente se é” implica ainda outros elementos componentes. Um deles (...) é a tendência do indivíduo para viver uma relação aberta, amigável e estreita com a sua própria experiência. Isto não acontece facilmente”, ou seja, para saber valorizar-se é importante que o indivíduo aceite a sua própria experiência. Por outras palavras, “Valorizar a minha experiência, o modo como sinto, o que sinto, e, por isso, devo seguir o que “sinto ser bom” (Rogers, 1977: 33 cit por Fonseca, 2009).

A Utente J apesar de desistir da escola, esta aceita a sua experiência na escola e ainda refere que “(...) era muito inteligente (...)”. Além disso, ela menciona que tinha muito jeito no que toca as lides domésticas.

“J - Eu andei até à quarta classe. Não me deram mais. A minha professora teve muita pena porque eu era muito inteligente, tive muita pena. (...) Por exemplo, ao domingo a minha mãe ia para a praça e um fazia uma coisa e outro fazia a outra...eu tinha muito jeito naquelas cozinhas em cimento, tínhamos assim um rodapé e em volta da cozinha tínhamos uma largueza e um pincel que gostava de cair aquele teto quando era ao domingo e um fazia uma coisa e outro, outra (...)”

Contudo, Rogers (1961/1995 cit por Fonseca, 2009) defende que o Self é um produto social e se desenvolve nas relações interpessoais.

A utente J fala-nos do seu padrinho, sendo que esta valoriza a relação de ambos e o quanto gostava de ir a Almeirim passar as férias na casa do padrinho.

“J – (...) O meu padrinho gostava muito de mim e eu também gostava muito de lá ir a Almeirim muitas vezes e depois nas férias é que ia para a casa dele. (...)”

Em relação ao Utente O, este valoriza a relação que tinha com os pais, pois afirma que “eles me valeram de muito”.

“O - (...) Eram muito meus amigos e além de serem muito meus amigos, até a uma certa idade eles me valeram de muito, que é a idade da escola, depois a idade de ir para a oficina eles me valeram de muito.”

Objetivo 4 – Relativização de Experiências Negativas

Em relação às experiências negativas e traumatizantes, há que ser capaz de as relativizar, enquadrando-as num determinado contexto, mas não deixar que envenenem permanentemente a nossa existência (Ribeiro, 2016), por outras palavras, se passarmos por alguma experiência negativa temos que aprender com ela e retirar-lhes o que essa experiência teve de bom.

Ao que toca a Utente A, ao longo da sessão esta refere a falta de amor por parte dos seus pais. De certa forma a utente tenta relativizar este problema ao tentar arranjar uma “desculpa” ao referir que “(...) talvez não fossem eles que tivessem educação, ou talvez fossem eles que não tivessem tempo para isso, talvez fosse o próprio feitio deles.”

“A – Não me lembro de um beijo do meu pai, não me lembro de um beijo da minha mãe, não me lembro de um carinho do meu pai, nem me lembro de um carinho da minha mãe. Mas também ao mesmo tempo, hoje por mim vejo que talvez não fossem eles que tivessem educação, ou talvez fossem eles que não tivessem tempo para isso, talvez fosse o próprio feitio deles.”

Através dos discursos, posso concluir que os utentes tiveram uma infância muito sofrida e além disso, entraram precocemente no trabalho.

A utente D refere que brincava pouco e relata ainda que a vida do campo era assim, pois brincavam pouco e trabalhavam desde cedo no campo.

“D - Sim, agente brincava pouco. Mas o meu pai também era assim um pouco áspero e depois não deixava agente ir aos bailes divertir-se um bocadinho. Era vida de campo querida.”

A Utente F relata que o pai tinha problemas com o álcool, mas relativiza o problema, pois o importante é que ele não era agressivo nem deixava faltar nada em cima da mesa.

“F - Os meus pais eram muito pobres, mas davam sempre aquilo que puderam. O meu pai gostava um pouco de pinguinha de vinho, mas não era ruim para a família, nem estragava o dinheiro que era para dar de comer aos filhos.”

Além disso revela que começou a trabalhar na agricultura desde cedo e que não frequentou a escola. Esta não dá grande importância por não ter frequentado a escola, pois valoriza-se a si mesma ao facto de saber muito, como as contas e os problemas, embora que não fosse muito boa aos ditados.

“F - Fui trabalhar para a agricultura aos 11 anos. Antes disso ficava em casa ou ia para a casa de uma senhora, pois nunca andei na escola, mas sabia e sei muito...contas, problemas. Eu só era pior para os ditados...sabia ver que os outros estavam mal, mas eu, cada palavra, era um erro...”

A utente F relativiza o facto de não saber do paradeiro do irmão que vive em Sines ao não dar grande importância.

“H - Como eu disse à dias, eu não sou militar e não posso ver se está lá o nome dele, se está como morto, ou como vivo...nunca mais escreveu, não sei mais dele... Só sei deste que está em Sines em que telefono para ele “estou bem”, “então vais ser operado a alguma coisa?”, “Não. Está calma. Isto é genético, mas não vou. Só fiz aquelas coisas que tinha de fazer, mas não vou ainda.

Estagiária - Há quanto tempo não vê o seu irmão?

H - Há muito tempo...mais de cinco anos. Não sei onde ele está. Telefonei para a antiga morada e dizem que não o conhecem, já não se lembram dele. Não sei...”

Relata ainda que não teve uma infância muito fácil por causa da relação que tinha com os seus irmãos, mas desculpa-os por eles serem mais velhos e ela tinha que os respeitar.

“H - Não. Não havia tempo para brincar e depois os meus irmãos estavam a crescer e depois tiravam-me a boneca, escondiam-me as bonecas e depois eu chorava. A minha infância não foi boa a esse respeito. Quem manda, manda e os meus irmãos eram mais velhos que eu e eu tinha que os respeitar (...).”

Para a Utente I, independente dos problemas de saúde que teve ao longo da vida, o importante para ela são os filhos.

“I – (...) E os meus filhos, graças a deus que nunca me deram muitos desgostos. Tive um pouco de falta de saúde, mais ou menos sempre, fiz duas operações. Uma vez parti uma perna...olhe uns problemas de saúde. Mas os meus filhos, a minha filha também foi muito inteligente, também chegou a ganhar bolsas de estudo, não era uma bolsa da Gulbenkian, mas já não sei como aquilo era, só sei que recebia todos os meses. A minha filha é técnica oficial de contas e o meu filho trabalha com ela. Ele é técnico de contabilidade.”

Outro aspeto de que as utentes falam, principalmente o sexo feminino é o facto de irem a poucos bailes, pois mencionam que naquele tempo as pessoas pensavam de maneira diferente. Como podemos averiguar na citação da utente J.

“J - Era filha única, mas nunca tive regalias. A minha mãe nunca me deixava ir para lado nenhum nem a bailes. A bailes, ia só no dia da Nossa Senhora da Saúde e era só a matiné. Nunca me deixava ir para lado nenhum. São dessas pessoas antigas e não deixavam...”

Esta utente tem um conflito com o irmão e que a afeta muito. Inicialmente esta recusou em tocar no nome do irmão. É de referir que na construção da “Árvore Genealógica”, esta sempre referiu ser filha única, logo só constatou-se o nome dos pais e o nome dela. Ela menciona ainda que a mãe gostava mais do irmão do que dela e que isso acontecia por causa do feitio dela. Relata ainda que o irmão teve determinadas atitudes por casa da mulher dele. Ainda revela que não tem uma relação boa com ela.

“J – Ela coitada, ia com aquele tal irmão, que eu nem gosto de falar nele. (...) Por exemplo, ao domingo a minha mãe ia para a praça e um fazia uma coisa e outro fazia a outra...eu tinha muito jeito naquelas cozinhas em cimento, tínhamos assim um rodapé e em volta da cozinha tínhamos uma largueza e um pincel que gostava de caiar aquele teto quando era ao domingo e um fazia uma coisa e outro, outra. Quando a minha mãe vinha nós tínhamos tudo arrumado. O meu irmão era homem, iam para outro lado. (...) A minha mãe para mim foi do pior e já lhe perdoei porque ela gostava mais do meu irmão, ela só gostava muito era dele, pois ela lhe dava a fezinha toda e ela não sei, era o feitio dela.(...) Nunca passei por uma coisa dessas...afinal eramos tão amigos desde pequeninos e ele é que ia a todo o lado. Se fosse preciso ir a Lisboa ou ia a qualquer lado, ao médico. Se a minha mãe lhe dissesse “leva a Lurdes ao médico?”, ele era muito coiso por mim e depois

que casou fez-se assim por causa da mulher. Por causa da cabra da mulher...”

Em relação a Utente K, esta menciona não ter tido um bom ambiente familiar por causa do seu pai, mas como já passou vários anos, esta relativiza a situação. A utente refere ainda que a educação dada pela sua mãe era muito rígida, pois a mãe batia nos filhos, e menciona ainda que era normal a educação ser assim naquele tempo.

“K - Não é dizer mal do meu pai, mas ele foi um bocado mau para a minha mãe. O ambiente familiar podia ter sido um pouco melhor, mas pronto, já passou. (...) A minha mãe foi mais de bater, mas não foi por isso que achei uma má mãe. Era a educação daquele tempo.”

Tal como os outros utentes, a Utente M abandonou a escola desde muito cedo e refere que a causa principal para abandonar a escola foi por ter ficado de castigo por ir descalça para a escola. No entanto começou logo a trabalhar.

“M - E eu só fiz a 3ª Classe, porque foi o castigo de eu ir descalça para a escola. A professora foi lá ao Casal pedir para a minha mãe me deixar ir à escola e a minha mãe não me deixou..., mas eu comecei logo a trabalhar, porque ela ia para a horta (...).”

Esta relativiza ainda o facto de ter nascido com alguns problemas de saúde aos quais ultrapassou e relata que chegará aos 100 anos.

“M – (...). Depois vim eu que já nasci doentinha...o médico disse à minha mãe que ela não me criava, mas enganou-se e eu criei-me e ainda estou para ir até aos 100.”

O Utente N pertencia a uma família com vários elementos e acima de tudo uma família humilde. Revela ter tido uma vida difícil ao longo da sua infância, pois não havia tempo para brincar, começou a trabalhar desde cedo. Menciona ainda que os primeiros sapatos foram produzidos em casa.

“N - Não havia tempo para brincar para as ovelhas não galgarem o milho, o trigo, o feijão, tudo o que estava plantado naquelas terras, senão elas galgavam...depois eles sabiam sempre quem andavam com as ovelhas e iam

ter com a patroa diziam que “tens de pagar X por elas terem lá ido à minha fazenda”. Eu tinha que as guardar. Aquilo era comer, vestir e calçar. Os primeiros sapatos que tive eram feitos em casa...era de cabedal e tinha a sola. Lá na minha terra também não tinha grandes sapateiros.”

A Utente Q fala que os irmãos não eram muito unidos dando a desculpa de haver muita carência. Por um lado, refere que independente de haver muita carência nunca faltou comida em cima da mesa.

“Q - Os meus irmãos não eram muito unidos porque havia muita carência, batiam-se às vezes uns aos outros. Não foi bom em aspeto nenhum...nunca houve fome, aliás havia fartura...a salgadeira estava sempre cheia de carne, o pão fazia-se em casa para a semana, os legumes vinham das hortas que nós tínhamos. Nesse aspeto foi grandioso.”

Tal como a Utente Q, o Utente R menciona que havia alguns desentendimentos, mas este não demonstrou muita importância sobre o assunto.

“R - Entre irmão sempre tivemos uma relação próxima...uma vez houve um desentendimento, mais nada...e ainda hoje...”

Como já tinha referido anteriormente, os utentes não tiveram uma infância normal, como as crianças de hoje em dia, pois abandonavam precocemente a escola para ir trabalhar. Certamente isto ocorria devido às carências que as famílias passavam naquele tempo. Podemos verificar isso no discurso do Utente R.

“R - Nunca me lembra de ser menino, nem sei se alguma vez eu cheguei a ser menino, porque, como já disse, quando saí da escola o nosso trabalho já estava desde a véspera à noite destinado e à noite já tinha que estar feito... não havia tempo para brincar, como já lhe disse os pais só diziam uma vez não e os pais têm que dizer muitas vezes não e os filhos retribuem... É totalmente diferente do que se vê hoje...hoje a educação é diferente, é levada diferente, a maneira de ser das pessoas é diferente, etc... (...) O meu pai tirou-me da escola, estava eu a fazer a 3ª classe, enfim havia dificuldades e o meu pai arranhou aquela oportunidade e lá vou eu trabalhar descalço.”

Objetivo 5 – Cooperação de Grupo no Processo de Recordar

Constata-se ao longo da sessão 1, sobre a “Infância e a Vida Familiar”, pouca cooperação de grupo no processo de recordar, uma vez que cada utente vivenciou experiências e contextos diferentes. Isto só foi visível nas situações em que as utentes já se conheciam no passado, como é o caso das citações apresentadas entre as utentes D e I.

Na seguinte citação a Utente I teve a necessidade de confirmar junto com a Utente D se era a irmã mais nova da Utente D que trabalhou com ela numa fábrica de cerâmicas.

“I – Trabalhou uma irmã desta que era a mais nova, não era?

D – A M^a Cecília, a mais nova.”

Na citação seguinte, a Utente I ao não se lembrar do nome da festa que se realizava quando se acaba a apanha da azeitona, ela questionou à Utente D como é que se chamava a festa uma vez que esta já não se recordava, sendo que a festa se chama a “*Fiava*”.

“I - Como era o nome daquela festa quando acabava a azeitona?

D - A Fiava!

I - Ainda me lembro que faziam aqueles coscorões muito grossos!”

É apresentada novamente uma conversa entre as utentes D e I, questionando assim uma à outra sobre as idades dos netos, tendo ambos idades muito próximas.

“I - Olhe, era diferente, mas agora vejo os meus filhos bem e o meu neto, o mais velho na altura em que se casou...mas ele já tem 38.

D - O meu neto tem 40 ou 41 e o teu faz quantos?

I - Nem sei.

D - O meu está longe. O meu João é que é da idade do teu.

I - O Miguel é que é mais velho que o teu 2 ou 3 anos.

D - que idade tem o teu?

I - Não sei se ele tem 37 ou 38 anos.

D - Se o teu tem 38 o meu tem 41.”

1.2 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º2 – O PERCURSO ESCOLAR

Objetivo 1 – Fortalecer o Espírito de Grupo

Devemos fomentar a participação ativa de todos os membros, assim como a consciência de que o grupo existe em e para eles próprios. Este sentimento de pertença ao grupo faz passar do “eu” para o “nós” (Serrano, 2008).

Algumas das citações apresentadas têm a intervenção inicial da estagiária, através de questões, pois a partir daí criou-se o diálogo, tal como podemos confirmar no excerto seguinte. Podemos ainda verificar a intervenção do Utente N no discurso da Utente A para contribuir com a sua opinião.

“Estagiária – Onde aprendeu a fazer contas, os números?”

A – Não faço contas com o lápis. Faço contas de cabeça. Se a menina apresentar-me uma conta eu vou puxando até chegar a conta que está lá. Ora vamos lá, como é que eu aprendi... Como aprendi a fazer tudo. Não foi ninguém que me ensinasse a fazer nada, ensinaram-me só a guardar cabras e depois quando cresci fui crescendo...

N – Também é preciso saber.

A – Exatamente.”

No excerto seguinte a Utente A menciona a falta de políticas públicas daquele tempo e refere ainda que a sua mãe não foi abandonada, pois os filhos ajudaram-na. O Utente N intervém para confirmar que “não havia nada” que pudesse suprimir as necessidades dos idosos.

“A – (...). Mas a minha mãe não ficou abandonada. Não havia abonos, nem havia reformas, nem a casa do povo ainda havia...”

N – Não havia nada...

A – Pois, não havia nada. (...).”

Situações semelhantes ocorre entre os utentes B e K. Pois o Utente B frequentou a tropa, tal como os outros utentes do sexo masculino e menciona que tirou a 4ª classe no quartel, mas anos mais tarde quando foi pedir o diploma nunca lhe foi dado por não o encontrarem. Daí ele ter feito a matrícula numa escola de adultos que era conhecida como o Varela e que agora se chama Jorge. A Utente K intervém para referir que o filho andou na mesma escola para aprender escrever na máquina.

“B – “Daqui uns dias já o tens”, eu não esperei e ele nunca veio. Mas logo nesse dia quando cheguei cá fui-me matricular numa escola de adultos, que era o Varela. É onde é agora o Jorge...”

K – Lembro-me. O meu filho foi para lá aprender a escrever á máquina.

B – Aquilo não era a máquina...eu fui para lá escrever e quando ele viu a caligrafia e a redação, “oh homem!”, eu já estava apto (...).”

Ao longo do discurso do Utente B, as Utentes K e H intervêm para gabar e admirar a memória do Utente B.

“K – Não é por gabar, mas este senhor tem uma cabeça...”

H – Está melhor que eu. Também não tive nenhum AVC graças a deus. Eu gosto muito dele.”

É de ressaltar que o Utente B tem 96 anos, é um dos utentes que mais interage e além disso tem uma boa capacidade de memória. Foi proveitoso tê-lo num grupo, pois deu a conhecer as suas histórias, além de proporcionar momentos de dinâmica, através das suas perguntas e de adivinhas que aprendeu ao longo da sua vida escolar. Podemos verificar isso nas seguintes citações.

“B – é uma adivinha. Para anda eu pus a capa, mas para eu lhe pôr a andar tirei a capa, mas sem a capa ele não pode andar e ele dança sem parar.

Estagiária – É o peão.

K – É uma adivinha.

B – Para andar eu coloquei a capa...

H – Que é a corda. Depois jogávamos com uma pedrinha e depois para ver se era boa “esta é boa, é pesada para atirar”. Depois jogávamos à corda “dois rapazinhos a saltar a corda, um chama-se Pedro, outro chama-se Paulo, sai o Pedro e fica o Paulo” (a cantar), às vezes uma pessoa não sabia sair, catrapum...caía.”

“B – Jogava a Bilharda, jogava ao peão...

Estagiária - Bilharda?

B – Sim.

Estagiária – o que é bilharda?

B – A bilharda era um pau deste tamanho, eram cortados deste lado e era afiado no lado de cima. Depois fazia-se assim um buraquinho na terra e metia-se o pau, levantava-se...

H – Ah, era o Paulito.

B – Agente chamava-a a bilharda.

H – E a gente o paulito...Era um buraco, mais ou menos por aqui, era mais altinha, depois batia-mos com outro pau aqui que ele saltava...

B – Exatamente.

H - Que engraçado. E nós eramos o paulito...”

Tal como aconteceu na atividade anterior também ocorreram questões entre os utentes, como é o exemplo da Utente C que questiona a Utente D se o livro da 1º Classe era do João Medeiros.

“D – Tinha na Moçarria. Porque a professora queria o livro da 1º classe.”

C – Era o João Medeiros não era?

D – Era o livro da 1º classe, mas não me lembra (...).”

O trabalho em grupo possibilita o desenvolvimento de ideias e pontos de vista para a formação do indivíduo, pois permite-o adquirir conhecimentos em relação a si mesmo, com o outro e com o meio social (Dias, 2013). Durante a partilha de histórias de vida entre os utentes, são evidentes oportunidades de novas aprendizagens, como se sucede no seguinte excerto, em que a Utente M e a Utente R não sabiam da existência de guardar perus, adquirindo assim novos conhecimentos.

“E – Fui trabalhar. Fui guardar perus.

M – Ai que engraçada.

R – Curioso, nunca ouvi.

M – Já ouvi falar de guardar cabres e guardar ovelhas, agora perus nunca ouvi. Foi a primeira vez.

P – Ai é tão falado.

R – Não estamos a falar de meia dúzia de perus.

E – Eu gostava de fazer malha, que arranjava umas farpas de arame farpado como havia antigamente e uma vara e eles não podiam sair dali. Consegui um bocado de lã e duas farpas de arame farpado. Depois vim para Santarém e nunca mais descansei...fui trabalhar, casei...”

Outros dos tópicos abordados e referidos pela maior parte dos utentes eram as agressões recebidas por parte dos professores, o que atualmente não é permitido por lei.

Comparam ainda a liberdade que existia com a que existe hoje em dia. Todos defendem que devido à demasiada liberdade que existe hoje em dia está associado à má educação e aos comportamentos dos jovens de hoje. Mencionam que havia a necessidade de haver liberdade, pois havia muita supressão de liberdade.

Ao que toca a este assunto, maior parte dos participantes quiseram intervir e deixar a sua opinião.

“A – Há mais liberdade sem dúvida nenhuma, mas uma liberdade saudável, uma liberdade em que tudo se respeitasse uns e aos outros, a gente se perdoa...tenho a certeza que você já ouviu muita vez e não há ninguém que não oiça, passa três, quatro ou cinco raparigas junto...é alho, cebolas e não há respeito por ninguém.

(...)

N – Antigamente era outra criação...agente quando ia para casa jantar íamos todos para a lareira, todos sentados à volta da fogueira e a minha mãe ensinava a gente a rezar. Aquele que se risse, por exemplo, você se dissesse uma palavra mal dita, agarravam no canudo de assoprar o lume levava com ela na cabeça.

A – Oh, não era preciso tanto porque isso também era demais, está a compreender? Não era preciso tanto. Acho que era um bocadinho de disciplina. O meu pai também era daquele tempo. O meu pai...eu não queria chorar.

N – O meu pai não era ruim de bater...

A – Pois aí está (...)”

“Estagiária – A educação era diferente...

H – É. Era rija, a educação era assim...

K – A educação era diferente.

H – Quer dizer, os palavrões que nos dizem, vai para aqui, vai para acolá, “ai o meu pai! O meu pai vai-me bater, andei dois dias à rasca com o rabo que até tinha que pôr uma almofada.”

Tal como aconteceu na sessão anterior, existiu uma interação entre as Utentes I e D. Pois já se conhecem desde muito novas e por vezes existia a necessidade de realizar perguntas uma à outra de forma a confirmar a história ou por não se recordarem de algo. Embora que houvesse essa interação entre as duas utentes, isso nunca impediu de as outras utentes intervirem, como é o caso da Utente J.

“I – Tinha 11 anos quando fui para lá. Ainda andei muito tempo na casa de uma senhora que se chamava Guilhermina Raposo.

J - Eu era 11 ou 12.

D – A Guilhermina vivia ao pé de mim na altura.”

Muitos dos utentes por entrarem precocemente no trabalho e abordam facilmente o tema das atividades profissionais que desempenharam ao longo da sua vida.

É de notar que antigamente possuíam trabalhos com baixa remuneração e sem direitos de trabalho. Tal como se confirma no diálogo entre a Utente I e a Utente J, pois ambas tinham o mesmo trabalho, eram costureiras e recebiam uma miséria. Dado que recebiam pouco é evidente que possuíam condições de vida precárias.

“I – Nós andávamos no alfaiate, mas na altura da azeitona e das vindimas...na azeitona ganhávamos 10 escudos por dia e no alfaiate ganhava 25 tostões e no princípio não ganhava nada. E já fazia umas calças.

J – E eu! Umas calças e um casaco e ganhava e ganhei 100 escudos.

I – Eu era 25 tostões. Mas acabava a azeitona e eles já não me queriam porque eu tinha ido embora. Depois foi para uma fábrica de louça e trabalhei lá durante 7 anos. Eu nunca tive vagar para estar parada.

(...)

J – Andei num curso de bordados, depois num curso de costureira, e andei na D. Lila a aprender a bordar a mão. Isso mandava-me ela...

D – E foi assim a nossa vida, minha querida.”

Algumas das intervenções resultou do debate realizado entre os utentes, pois não concordavam uns com os outros.

“J – O 5º ano era até a 4ª classe, depois era a admissão ao liceu.

D – O 5º ano é o 5º anos, antes era diferente.

J – Mas isso é antes da admissão ao liceu.

D – Mas o 5º ano não é a admissão ao liceu...As minhas filhas também fizeram.

I – O 5º ano é outra coisa.”

Um dos momentos mais engraçados entre as utentes foi quando começaram a cantar o Hino de Portugal. Isto mostra que estavam todas à vontade entre si, que se sentiam integradas num só grupo.

“Estagiária – E o Hino de Portugal?

J – Isso cantava-se.

(Começaram todas a cantar o Hino de Portugal)

C – Acho que ainda cantam isso.

J – Nunca mais me esquece.

D – O que nunca mais me esqueci foi do hino.

I – A gente também se ouviu muita vez. E ainda se ouve no 10 de Junho.”

Devido às desigualdades sociais que marcaram a época, só as pessoas que possuíam boas condições económicas é que podiam investir na educação e se candidatarem ao Liceu. Tal como se constata no discurso entre as utentes K e H. Ambas possuíam dificuldades económicas e estudaram só até a 4ª classe.

“K – Estudei até a 4ª classe. Naquele tempo de 30 e tal alunas sabe quantas é que foram para a admissão ao liceu? Cinco.

H – Naquele tempo era difícil...

K – Naquele tempo só mesmo as ricas é que estudavam.

H – E quem tinha dinheirinho par poder pagar ali.

K – Naquela altura eu gostava, mas os meus pais não tinham possibilidade.”

Objetivo 2 – Desenvolver Estratégias Pessoais de Revisitação do Passado

Como já referi anteriormente, esta atividade baseou-se num saquinho com papéis no seu interior. Nesses papéis continham imagens que eram associadas ao tempo de escola dos utentes. Contudo, a atividade entre os diferentes grupos não teve o mesmo segmento, visto que as imagens eram retiradas do saquinho de forma aleatória.

Recorde-se que “a reminiscência pode definir-se como o processo mental voluntário e espontâneo de recuperação de memórias autobiográficas, associado a eventos de vida considerados significativos e verídicos para o próprio” (Lopes, 2015:42). Logo, a estratégia principal na revisitação do passado é a foto-elicitación. A foto-elección é o processo em que o participante interpreta as fotografias para o entrevistador, portanto, o investigador se torna ouvinte (Loeffler, 2004, cit por Mendonça, Melo & Padilha, 2011). Importa referir que uma imagem origina sentimentos, identificação, desperta a imaginação, a introspeção, entendimentos, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões do mundo (Bassalo, Weller, 2011). Ou seja, muitas dessas imagens podem gerar sentimentos de grande nostalgia, outras de revolta.

Em relação à participação dos utentes, algumas foram de forma espontânea e conseguiram desenvolver algumas histórias, recordando certos momentos e acontecimentos do passado. Noutros casos houve a necessidade de incitar o discurso através de questões.

Os utentes tiveram toda a liberdade para se expressam e fazê-lo se sentirem-se à vontade com o assunto.

Antes de concretizar a atividade, investiguei nos documentos informáticos quem é que frequentou escola. Esta atividade não é adequada aos utentes que não frequentaram a escola, pois poderia gerar sentimentos de frustração/tristeza ou até mesmo de exclusão.

Dado isto, foi realizado um diálogo para perceber quais foram as causas que os levaram a não frequentar a escola, ou até mesmo abandonar a mesma.

Iremos agora abordar os relatos e descrições da experiência escolares dos utentes que participaram nas atividades.

Uma das imagens que usei na atividade foi a fotografia de um par de sapatos. Visto que a maior parte dos utentes tinham condições de vida precárias não tinham dinheiro para comprar os primeiros pares de sapatos. E os que havia não eram nada confortáveis, pois os utentes revelaram que causavam várias feridas nos pés. Mencionam ainda que os primeiros pares de sapatos eram as Alpargatas, feitas de couro de vaca ou de boi.



Figura 12 – Sapatos

“Estagiária – Andava descalça?

E – Sempre descalça.

Q – Ai andou descalça até tarde, se fosse eu...No tempo de Salazar ele mandou fazer uma fábrica de Alpergatas para calçar toda a gente.

M – Eu andei muito descalça porque queria.

Estagiária – E a senhora?

P – Eu andei sempre calçada felizmente. Depois quando fui mudar para a casa dos tios, os tios tinham posses e eu vivia diferente.

Q – Já é à frente das sapatilhas que o Salazar mandou fazer. Estes são mais recentes.

Estagiária – Mas andava com uns atanados?

Q – Sim. Eram comprados na Malveira, mas já não devem vender. O atanado era feito do couro de vaca ou de boi com a pele ao contrário. Dura mais tempo, mas trama os pés todos. Faz feridas.”

O Utente B refere que em casa havia dois pares de sapatos, uns de cor azul e outros castanhos. Visto que ele e o irmão tinham o mesmo número de sapato, antes de irem para a escola escolhiam qual era a cor dos sapatos que cada um calçava.

B – Eu ia descalço. Eu ia descalço e os primeiros sapatos que eu tive era naquele tempo eram as alpergatas e então havia umas castanhas e havia outras azuis. E o meu pai comprava castanhas e azuis e então o meu irmão dizia “tu queres estas ou estas?”, Então umas vezes eu ficava com as azuis,

outras vezes eu ficava com as castanhas. Os primeiros sapatos que eu usava eram esses.”

A maior parte, tal como o Utente S faziam o percurso para a escola a pé.

“Estagiária – Como é que ia para a escola? Ia a pé?

S - A pé e descalço e sem sapatos. (...) Depois cheguei a tirar a escola com uma pessoa que dava explicações, mas eu andava 3 quilómetros a pé só para lá chegar. (...)”

Contudo, foram bem poucos os utentes que calçavam sapatos para se deslocar para a escola, como os utentes L, H, G, K e a ainda a C utente E. Podemos confirmar isso no seguinte excerto.

“L – Ia com sapatos.

Estagiária – Já tinham sapatos?

H – Eu tinha sapatos, mas não eram sapatos desses.

G – Tinha.

Estagiária – E a senhora?

K – Eu usava, mas esses eram mais bonitos.”

Uma vez que foi abordado o assunto dos sapatos, era essencial abordar o modo de como se deslocavam para a escola, se iam a pé ou de autocarro.

Como já referi anteriormente, a maior parte dos utentes realizavam o percurso a pé e se deslocavam vários quilómetros. Foram poucos os utentes que se deslocavam de autocarro.



Figura 13 – Autocarro

“G – Um autocarro.

Estagiária – Iam de autocarro ou iam a pé?

L – De autocarro.

G – Eu andei.

H – Eu não. Andei sempre a pé. “À la pata”.

K – Ainda eram uns poucos quilómetros para ir e vir a pé.

H – Olha, eu fui sempre à pata.

Estagiária – Então ia à “pata”. E você também, porque até ia descalço.

K – O caminho foi todo arranjado que até ia aqui até ao Campo da Feira, então tínhamos que descer lá do matadouro por uma estrada estreitinha e depois tínhamos subir outra para chegar ao Casal.”

É de notar que os utentes que se descolavam de autocarro viviam perto das grandes cidades.

Atualmente todas as crianças quando vão para a escola necessitam de usar bibes. Logo, uma das fotografias refletia os bibes.

Constata-se que alguns dos utentes usaram bibes parecidos aos da imagem, outros usavam batas brancas ou simplesmente a roupa que vestiam no seu dia-dia.

Por um lado conclui-se que o uso ou não de bibes variava consoante as possibilidades económicas de cada um.



Figura 14 – Bibes

“Estagiária – o que é isto? São os Bibes da escola. Usou?

L – Usei bata branca.

H – A minha não. Eram estes bibes que usava.

K – estes bibes são mais para o colégio.

H – Quando fui para a escola de freiras, eram destes bibes.

Estagiária – E o senhor?

G – A minha era em azul.

Estagiária – Usou bata ou algum bibe?

B – Ai não. Nunca usei bibes, nem batas nem algo parecido.

Estagiária – A roupa que estava vestida era a que servia.

B – Era.”

“O – Os bibes...

Estagiária – Nunca usou?

O – Nunca usei nada disso. Bata eu usei, mas era uma bata branca.”

Constata-se que por vezes os bibes passavam de irmão para irmão. Como é o caso da Utente M.

“M – A minha irmã ainda teve, mas como era mais gordinha e a bata estava-me larga e eu andei tão pouco tempo na escola, porque houve um ano que me passaram de um ano para o outro a seguir e eu tive um desgosto porque

me passaram. Depois era amiga daquelas que estavam ao pé de mim e eu passei para as outras que não gostavam de mim.”

Um dos papéis continha a fotografia de uma mala de cabedal. É evidente que naquele tempo não usavam malas iguais às da imagem, no entanto a maioria refere que usavam um saco de pano com duas asas. Alguns utentes mencionam que foi a mãe que fez o saco com o pano de saca.



Figura 15 – Mala de cabedal

“Estagiária – Aqui está uma mala de escola de cabedal.

B – É para ir à escola...

Estagiária – Como é que vocês levavam os materiais?

H – Com uma mala destas... Nós não tínhamos destas malas

B – É uma mala de senhora ou de escola.

Estagiária – É de escola.

B – Eu ainda vou para a escola outra vez.

K – Era uma bolsazinha feita com pano de saca.

H – Bruxo. Eu tinha uma mala destas antigamente...

Estagiária – Tinha uma mala destas?

L – Eu tinha um saco feito com asas...”

No caso da Utente P foi a única utente que teve direito a uma pasta da escola.

“P – A pasta da escola...

Estagiária – Tinha uma pasta da escola?

P - Eu tinha uma pasta.

Q – Eu não tinha.

Estagiária – Não tinha, então o que usava em vez de uma pasta?

E – Um saco.

Q – Um saco de pano que a mãe fazia?

E – Pois...

Q - Que engraçado. Aliás essa não conheci...

M – Era uma pastazinha, mas era um saco de duas alças feito de saca.”

Já em relação ao livro escolar, num papel estava retratada a imagem do “Livro de Leitura” da 4ª classe e ainda usei para a atividade o manual escolar “Livro de Leitura da 3ª classe” que estava disponível na biblioteca do Centro de Dia. Muitos dos utentes demonstraram curiosidade em folhear o livro ao longo e depois da sessão.

Os utentes relataram que os livros escolares deles eram parecidos ao livro que apresentei.

Na capa do livro está retratado a mocidade portuguesa, daí a Utente H referiu que os irmãos participaram na mocidade portuguesa.

Referem ainda que os livros mudavam todos os anos.

É de notar que a Utente H tem ainda na sua memória algumas matérias que deram na escola.

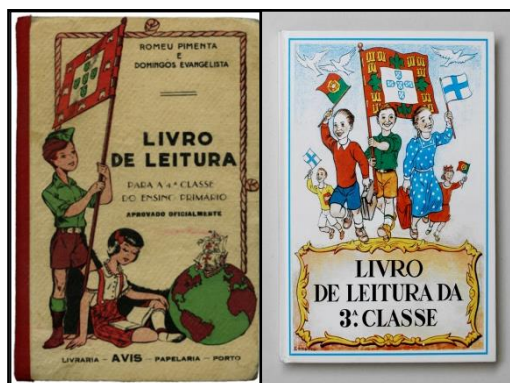


Figura 16 – Imagem retratada no papel (lado direito) e o “Livro de Leitura da 3ª Classe” (lado esquerdo)

“Estagiária – Os vossos livros eram parecidas a estes?”

H – Eram.

L – É um livro da escola da 3ª classe.

H – Era e eu estudei por esse. Por isso é que lhe disse se os passarinhos não eram do livro da 3ª classe, era da 2ª classe.

K – da 4ª se calhar.

H – Não. Na quarta não. Já a gente já se sabia de muita coisa.

Estagiária – Aprendiam muito neste livro?

H – Se a gente aprendia...

K – Cada ano era um livro.

H – as ceifeiras está aí umas que a gente tinha que estudar porque haviam palavras muito difíceis e a gente não sabia dizer.”

Outras das imagens que está entre os papelinhos é um estojo de madeira. Na sua maioria não possuíam estojos, outros contam que tinham um estojo de madeira parecido ao da imagem.

Referem ainda que os principais materiais que tinham para escrever eram um lápis e uma caneta.

A Utente M manifesta o gosto que tinha pela escrita e ainda relata um episódio um pouco triste no dia em que fez uma redação sobre o que queria ser quando fosse grande. Pois a amiga derrubou o frasco da tinta no seu vestido.



Figura 17 – Estojo de Madeira

“ R – Era um lápis e uma borracha e já era muito bom. E um caderno para escrever.

M – Era como eu.

P – Para a escrita eu só tinha um lápis e a caneta e mais nada.

M – Fazia redações bonitas e um dia a professora perguntou o que queria ser quando fosse grande e eu disse que gostava de ser professora. Estava tão bonita nesse dia que uma amiga que pensava que era minha amiga entornou tinta para o meu vestido novo e eu chorei.”

Em relação à ardósia era um material obrigatório, logo todos os utentes tinham uma. Importa referir que não se designava ardósia, mas sim “pedra”.

Em alguns grupos, como é o caso da citação que se segue, gerou-se uma confusão, pois diziam que era um quadro, mas depois chegaram à conclusão que era uma ardósia.

Contam ainda que primeiro passavam os exercícios na “pedra” e depois passavam a limpo para o caderno.



Figura 18 – Ardósia

“ Estagiária – É uma ardósia.

H – Ah! Também tive as famosas pedras.

Estagiária – As pedras que vocês dizem...

H – E à sexta-feira a gente tinha um paninho para limpar essa coisa toda.

K – Mas chamam-lhe outro nome ao quadro.

Estagiária – Não, não. Isto são ardósias por serem mais pequenos, mas era uma pedra.

H – Era a pedra. E sabe o que acontecia? Na sexta-feira tínhamos que limpar tudo por fora.

B – Era com um ponteiro que se escrevia. A pena como você está a dizer já era para escrever nos cadernos.

H – Exato. Aqui não, é com a pedra.

K – Quando se passava era a caneta... Chamam-lhe o quê?

Estagiária – Ardósia.

K – Fui a primeira vez que ouvi esse nome.

B – Na minha escola, não sei se na vossa tal acontecia, propriamente tinha um tinteiro encaixado aqui, depois faziam onde colocávamos os lápis e as canetas...

H – Exato.

K – E às tantas o parelho caia e fazia uma borrada.

H – Se sujávamos a carteira tínhamos que lavar tudo à sexta-feira.

B – Poder, podíamos, mas tínhamos que pagar a cota para ter essa regalia. Ter a tinta, ter os lápis, as canetas...essas coisa todas.

Estagiária – Ai era? Pagam cota?

H – Claro.

K – Era para a ajuda da tinta.

H – Depois a gente molhava...era uma caneta, mas não é como estas de agora. É uma caneta feita de pau... Era uma caneta de molhar na tinta. Era um pau e um aparo.”

Relembra-se ainda como eram as carteiras, pois tinha um tinteiro encaixado e uma zona para colocar as canetas. Referem ainda que pagavam uma cota para ter tintas e canetas.

Na imagem está apresentada uma sala de aula como antigamente. Todos aludiram que as carteiras eram semelhantes à da imagem.



Figura 19 – Sala de aula

“I – Isto para mim é a escola.

Estagiária – A vossa escola era assim?

I – Mais ou menos...Era assim era com as carteiras.

D – A minha também tinha a janela. Era para as orelhas de burro.

I – As janelas acho que não eram parecidas com esta.

D – Quando passo lá digo sempre “olha a minha escola!”

Em relação às janelas, alguns utentes quando as viram lembraram-se logo das orelhas de burro.

De tal forma, uma das imagens incluídas no saquinho é um rapaz com as orelhas de burro.

Em relação a esta imagem desencadearam-se memórias e sentimentos relativamente ao uso das orelhas de burro. Pois alguns deles demonstraram um sentimento de ira por serem humilhados diante de toda a escola.



Figura 20 – Orelhas de burro

O uso de orelhas de burro está associado às experiências negativas, pois era uma espécie de castigo psicológico aplicado aos alunos quando demonstravam que não sabiam a matéria. Além disso servia para mostrar aos menos aplicados o que acontecia se não se aplicassem.

Depois dos alunos terem as orelhas de burro na cabeça, eram obrigados a irem para um canto da sala ou para a janela da sala, para que todas as pessoas que passassem pela rua vissem.

“H – (...) Usei tanto! Porque não sabia a tabuada e fazer contas e usava orelhas de burro. Depois era virada para a parede, num cantinho e com o caderno aqui ponderado. (...) Pois claro que usei, com um livro nas costas. Queriam que eu fosse para o recreio para as outras pessoas me verem que eu era burra. Apanhei porrada, mas não fui ao recreio.” (...) “Eu sabia a tabuada e naquele dia não sabia. Pode não querer saber a tabuada, então esta menina não sabe a tabuada...com um caderno todo aberto aqui e com um fio amarrado, o caderno tudo aberto e as orelhas de burro à janela. As pessoas olhavam e riam-se. Depois eu ficava assim “Vira-te de costas!”, e eu “não viro”, “Vira-te de costas”, “Não quero. Você quer que as pessoas comecem a rir”...porrada outra vez.”

Outras das formas de castigo era o uso das reguadas e das canas. A maior parte dos utentes revelaram que levaram reguadas.

“I – Ela! Esta pensa que está a bater no quê? Num cavalo!?
J – É no aluno.
I – Mas a minha foi na mão.
J – As reguadas eram nas mãos.
I – Esta aqui o aluno está com o rabo para o ar.
J – olha lá que também estou a perceber isso.”

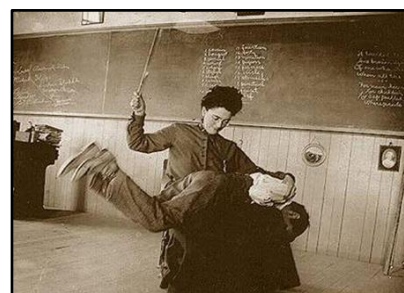


Figura 21 – A professora a bater no aluno

Contudo, houve alguns utentes que nunca usaram as orelhas de burro na escola.

A próxima imagem representa uma professora. A imagem tem o intuito de averiguar se os utentes gostaram ou não das suas professoras. Na sua maioria não gostavam porque os professores eram demasiados exigentes, castigavam os alunos com punições físicas e psicológicas. Tal como refere Calha (2016), a relação pedagógica das “escolas de antigamente” representa um

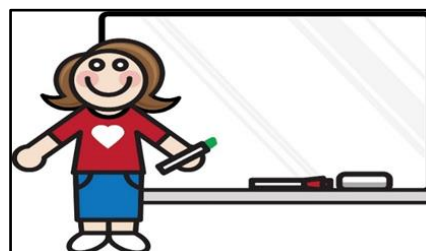


Figura 22 – Professora

modo de socialização particular, onde prevalece a disciplina, cristalizada em formas rígidas de controlo, regras, rituais e castigos.

Ainda hoje eles recordam a sua professora como um flagelo no passado, tal como verificamos na citação apresentada. Com a análise da citação apuramos que a Utente D não gostava da sua professora por causa das orelhas de burro e recorda-se ainda do marido da professora, também professor, que feriu a cabeça da irmã com o uso da cana, como forma de a castigar.

“D – O que é isto?

Estagiária – É uma professor. Gostava da sua professora?

D – Se gostava dela? Não porque ela me pôs as orelhas de burro.

Estagiária – Só teve uma professora?

D – Só, mas já não me lembro do nome dela. Ela tinha um marido muito bonito e foi esse que partiu a cabeça da minha irmã com a cana.”

As memórias partilhadas entre os utentes apresentam a imagem idealizada da escola reguladora e disciplinadora. Sendo uma ideia de escola partilhada geracionalmente (Calha, 2016).

Ainda referem que a professora recebia muitas prendas por parte dos pais dos alunos, como forma de agradecimento por ensinar a ler e a escrever aos seus filhos.

A imagem que se segue é em relação ao colocar a mão no ar para poder intervir nas aulas. Os utentes referem que intervinham pouco, pois a única pessoa que podia falar era a professora. E só podiam falar com a ordem da professora, caso contrário poderia sofrer represálias.



Figura 23 – Mão no ar

“Estagiária – Pode retirar outro? E quando queriam falar todos ao mesmo tempo?

R - Isso não podiam... “o que quiser falar que levante o dedo e quando eu der ordem é que falam”, podiam estar lá à frente, mas o que levantava a mão primeiro é que falava.

Estagiária – Havia ordem...

R - Havia ordem, primeiro a professora estava atenta... “professora eu levantei primeiro!”, “cala a boca porque eu estou aqui e vi quem levantou primeiro”. Ela via, “vá diz lá o que tu queres”.

Em relação ao copiar pelos colegas ou usar cábulas são poucos os utentes que revelam que o fizeram. Porém método mais usado na época era o copiar pelo outro, pois bem poucos tinham o conhecimento da existência das cábulas.

“I – Olhe saí-me dois rapazes e vou escolher o melhor.

D – Claro, tens que escolher o melhor...

Estagiária – o que o de trás está a fazer?

I – Olhe se quer que lhe diga, não sei o que lhe dizer...

J – Então aqui é um aluno que está a escrever...

Estagiária – e o de trás está a tentar copiar pelo colega da frente...

I – Era capaz de ser...

Estagiária - Vocês copiavam?

J – Não.

I – Olhe copiavam mas era por mim... Eu até às vezes ensinava os do 3º ano.”



Figura 24 – Aluno a copiar

De acordo com o excerto apresentado, as utentes referem que nunca copiaram pelo colega do lado, porém há uma utente que menciona que os outros colegas é que copiavam por ela.

A imagem apresentada tem como intuito representar as matérias concedidas pelo professor nas escolas. Neste caso está escrito “o poema”, mas os utentes referem que não aprendiam a fazer poemas, pois as principais disciplinas eram a matemática, português, ciências da



Figura 25 – O poema

natureza e a história. Relatam ainda que faziam várias redações e ditados. Podemos averiguar no relato do Utente R, em que não aprendiam a elaborar poemas.

“R - Não Jéssica, naquele tempo não aprendia-mos poemas. Aprendíamos a fazer redações, problemas, nós íamos ao quadro resolver os problemas. A professora ditava o problema e nós o tínhamos que o fazer, outras vezes havia mesmo cadernos com problemas. O professor ditava o problema e nós tínhamos que escrever no quadro. Nisso até eu era jeitoso, até tinha uma certa vocação para as contas. Para isso e para geografia.”

A imagem seguinte representa a amizade. A maioria já não possui qualquer contacto com os colegas de escola. Uns porque já morreram, outros porque cada um seguiu destinos diferentes, tal como podemos verificar na seguinte citação.



Figura 26 – Amizade

“H – Tinha muitos amigos que mais tarde foram mortos pelos pretos à catanada.

Estagiária – Ainda têm amigos de infância da vossa escola?

B – Eu já não tenho com certeza.

H – Eu já não tenho.

K – Eu pelo menos uma me encontro todos os dias com ela.

(...)

B – Ainda me lembro principalmente de um amigalhaço que era de Idanha e se chamava Manuel Jesus Coutinho. Foi o melhor amigo que eu tive na tropa. E na escola havia um de Pombal e os pais mudaram lá para a freguesia porque o pai era pedreiro, o nome dele era Hélder, mas nós chamávamos de Pombal. E quando as lições eram custosas porque o professor era mau, ele dizia assim para mim “Amanhã a gente não se vem à escola”, “Então?”, o professor era mau e tal e então faltávamos e íamos aos pássaros. Assim que fechasse a escola nós íamos para casa como se tivéssemos ido à escola. No outro dia o professor dizia ao meu pai “Então o seu filho não veio à escola?”, “Ai não?”....

H – Eram com uma fiska que apanhavam os pássaros?

B – Armávamos uma fiska.”

O Utente B relembra o seu amigo da tropa e um outro amigo do tempo de escola. Ainda acaba por contar um dos episódios que se passou no passado quando ele e o amigo da escola faltavam às aulas para caçar pássaros.

Um dos problemas que a sociedade enfrenta hoje em dia é o Bullying nas escolas. De acordo com o site da APAV, o Bullying “É uma forma de violência contínua que acontece entre colegas da mesma turma, da mesma escola ou entre pessoas que tenham alguma característica em comum (por exemplo: terem mais ou

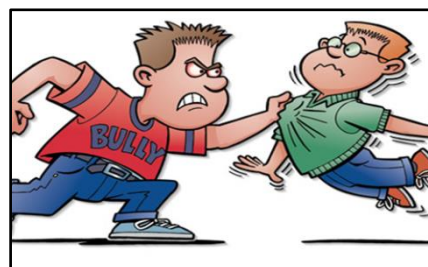


Figura 27 – Bullying

menos a mesma idade; estudarem no mesmo sítio).” O Bullying pode surgir de diferentes formas, tais como: física, sexual, verbal, social, cyberbullying e homofóbico.

Uma grande parte dos utentes nunca ouviu falar deste conceito, ou já ouviram falar, mas não sabem o que é. Importa referir que o bullying sempre existiu, mas no século passado sucedia-se fora da escola e era visto como uma brincadeira entre os jovens e que não causavam traumas psicológicos para a vida futura.

“Q – (...).Olha outro a levar...

Estagiária – Aqui é o chamado Bullying em que é os colegas...

P – Uns com os outros.

Estagiária – Na vossa altura...

P – Não havia tanto disso. Na minha época não.

Q – Na minha época então nem se sabia que alguma coisa dessas existia.

Estagiária – Não era permitido...

P – Não era permitido...

Q – Na minha época era permitido tudo. Tareias, fome, falta de vestidos, falta de roupa, falta de tudo...

P – No tempo de Salazar era assim”.

Os utentes mencionam ainda que no tempo de Salazar era permitido as tareias, fome, falta de vestuário, entre outras coisas.

As “escolas de antigamente” estavam inseridas no programa institucional da escola republicana, orientado por princípios de ação e de justiça particulares (Calha,2016).

Nas escolas primárias quando os alunos entravam na sala de aula tinham que cantar o hino nacional. Além disso, era obrigatório ter nas salas de aulas os três símbolos que estão representados na figura, a imagem do Dr. Salazar (esquerda), a imagem do Presidente General Carmona (direita) e o crucifixo como símbolo da orientação Cristã.



Figura 28 - Dr. Salazar (esquerda), a imagem do Presidente General Carmona (direita) e o crucifixo como símbolo Cristã

Os utentes relatam que na sala de aula estavam presentes estes três símbolos.

“K - Aqui tem um crucifixo e...

Estagiária – O que tem na imagem? É o crucifixo, a imagem de Salazar e do Presidente da Republica.

H – Mais nada! Tínhamos que ver isto ali...”

“ Estagiária – Rezavam na escola?

B – Rezávamos sim senhora. Até já tivemos a falar disso. À entrada no meu tempo rezava-se a Avé Maria e à saída era a mesma coisa.”

H – E rezávamos antes de sentarmos à mesa. Com o meu falecido pai era assim... Que esta comida que a gente está a receber que Deus nos deu faça boa vontade, era uma coisa assim e no fim dizíamos “Ámen” e sentava-mos
Estagiária - E o hino nacional cantavam?

B – Muitas das vezes cantavam (...) Havia um professor que tinha uma marquise do comprimento destas das salas, então para ir ao recreio passavam por lá e mandava-nos acartar paus. Tinha assim uma fila e depois dava a volta. E íamos a marcar passo.”

Alguns utentes referem ainda que rezavam na escola. Do mesmo modo como na escola, muitas das famílias rezavam em casa, antes das refeições, ou à noite para passar o serão.

O Utente B, relata que os alunos ajudavam a levar uns paus para a marquise do professor nos recreios. Tal como o professor do Utente B, havia outros professores que se aproveitavam dos alunos para realizar determinadas tarefas.

Em relação aos jogos que se realizavam na escola, havia vários. Posso concluir que a maior parte dos utentes jogaram ao peão e a macaca.



Figura 29 – Jogo do peão (lado esquerdo) e o jogo da macaca (lado direito)

“P – (...). É o pião...”

Estagiária – E o jogo da macaca.

Costumavam brincar?

P – sim, jogava o jogo da macaca.

Estagiária – Brincavam esses jogos ou outros?

P – O martelo como diziam. Mas na escola era mais estes. O peão não, era para rapazes e as raparigas não podiam ter.

Q – Eu ainda cheguei a jogar ao peão.

Estagiária – Ainda conseguiu se infiltrar nos rapazes...

Q – E jogava ao futebol com os meus irmãos e outros miúdos. Eu fui maria rapaz...

P – Eu era rapazona.”

É de referir que os utentes também falaram de outros jogos, como o martelo, a carica, a corda e o paulito.

Confirmamos ainda que havia desigualdade de género em relação aos jogos, como podemos verificar no discurso da Utente P, em que o peão era um jogo destinados aos rapazes.

Do mesmo modo, no saquinho tem uma imagem a representar o género feminino e o género masculino. Esta imagem tem o intuito de perceber se a escola era para a ambos os sexos ou não.

Contudo, concluímos que em alguns casos a escola era mista, outros a escola era dividida por horários, como menciona a Utente K. Pois, de manhã as aulas eram destinadas aos meninos e à tarde às meninas. Já o Utente B refere que havia duas salas, em que uma era destinada aos meninos e a outra às meninas.

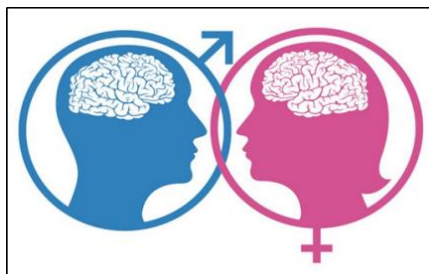


Figura 30 – Género

“Estagiária – Aqui está a retratar o sexo masculino e o sexo feminino.

H – Ai que eu falasse disso.

Estagiária – As escolas eram divididas?

H – Eram raparigas para um lado e rapazes para outro. Depois no recreio haviam as monitoras a cuidar.

K – A escola davam aulas as raparigas e aos rapazes, mas de manhã era eu e à tarde era o meu irmão. Portanto, de manhã eram as meninas e à tarde os meninos. Até na casa de banho era uma coisa...

H – Era para não haver sexo.

Estagiária – E o senhor?

B – Na minha escola haviam duas salas. Uma sala para as meninas e outra para os rapazes...

H – Exatamente, nunca se falou de sexo.

B – Mas na minha terra só tinha uma sala e éramos misturados. Já haviam rapazes e raparigas.”

Atente-se que naquela época o sexo era tabu e a desigualdades de género estavam muito enraizadas na sociedade.

Atualmente os lanches são fornecidos pelas escolas, mas antigamente isso raramente acontecia. Normalmente os alunos levavam uma lancheira com leite ou pão com manteiga ou o que havia em casa.

Em alguns casos, como é o caso do Utente B, não levavam lanche por morarem perto de casa.

“K – Isto é uma sandes ou o que é?

H – Algumas vez tinha um pão tão

bom e leitinho da escola!?

Estagiária – Isso é uma lancheira. No

vosso tempo levavam lanche de casa ou não comiam?

H – Levava leite de casa e pão com manteiga.

B – Eu nunca levei porque morava perto da própria escola, claro que ia à escola e ia à casa.

K – Eu mal me lembro, mas de certeza que levava um lanchinho. Entrávamos às 9h da manhã até à 13h.

B – Na minha terra a escola também ficava perto...

H – Eu fui mais longe. Agora veja lá se comia disto! Alguma vez levava isso para a escola!?

Estagiária – Levava lanche para a escola?

G – Davam-me na escola.”



Figura 31 – Lancheira

É de referir que algumas pessoas naquela época tinham dificuldades socioeconómicas, logo possuíam dificuldades em superar todas as necessidades. Daí muitos dos alunos levavam lanches bem simples ou não levavam nada para comer.

Contudo, segundo Almeida e Vieira (2006:73, cit por Calha, 2016:186): “a comparação do que não se conhece (a escola do tempo presente, cujo retrato científico é ignorado e cuja experiência quotidiana não lhes é familiar) com o que se julga conhecer (a experiência própria vivida, vivida no pretérito) transmutada em experiência universal, válida para todos os alunos dessa geração, e em todas as escolas do País”.

Objetivo 3 – Valorização de Experiências Positivas

De acordo com James (cit por Oliveira, 2005, cit por Sousa, 2012:9), o self possui dois aspetos fundamentais, o “Eu” enquanto sujeito e o “Eu enquanto objeto. “O “Eu” enquanto sujeito é aquele que organiza e interpreta de forma subjetiva a experiência do sujeito, é o conhecedor, construindo o “Eu” enquanto objeto, posteriormente denominado de autoconceito, sendo um sistema dinâmico e complexo de crenças a respeito de si mesmo feito de emoções, motivações e avaliações.”

Para Fonseca (2005, cit por Sousa, 2012), o self tem o papel de avaliar e interpretar experiências, motivar e incentivar o comportamento, lidar com emoções e conceder um sentido para incentivar o comportamento, lidar com as emoções e dar um sentido à continuidade da vida. Porém, o mesmo autor refere que a distinção entre Self e autoconceito é que o autoconceito é um conceito acerca de uma identidade, o Self.

Novo (2003, cit por Sousa, 2012) afirma que o Self refere-se à imagem que cada um tem sobre si mesmo, sobre a sua personalidade, em relação aos seus pensamentos, às características da identidade de cada um e sentimentos, podendo abranger diferentes representações e perspetivas temporais, em relação a si e às relações com os outros.

Logo podemos abordar o conceito de autoconceito. Para Bandura (1986, cit por Guimarães 2012:3), o autoconceito é “uma visão que o indivíduo possui acerca de si próprio, sendo que esta visão é formada com base na sua experiência direta e na sua observação e avaliação de pessoas significativas”.

Do mesmo modo, os utentes também possuem um autoconceito sobre si mesmos. Como é o caso da Utente C e a Utente D que valorizam-se a si mesmas, pois referem que eram muito inteligentes quando frequentavam a escola.

“C – Também eu era muito inteligente. Ouvia a primeira vez e decorava tudo.”

“D – (...) Eu sabia e era inteligente. Aprendia tudo o que me ensinava. Eu aprendia tudo.”

De acordo com as análises dos relatos, verificamos que nenhum utente fez referências a reprovações.

Além disso, a Utente D tirou a 4ª classe depois de entrar para o Centro de Dia. Esta utente valoriza essa experiência.

“D – A gente fazíamos tudo o que era de leitura, a gente fazia de tudo o que as professoras mandavam. Elas eram muito boas. Elas disseram-me assim “Então a senhora lê dessa maneira, faz problemas dessa maneira, faz contas dessa maneira, faz tudo e a senhora e deram-me a 4ª classe. Olhe já nem sei da carta, devo ter lá para casa. Deram-me a 4ª classe. Depois olhe, ler eu fui sempre lendo, escrever eu não escrevia para ninguém. As minhas filhas sabem ler e eu não tinham ninguém e tinha telefone.”

Ao longo do relato da história de vida do Utente G em relação à escola, este teve experiências positivas e experiências negativas. Inicialmente apresentava muitas dificuldades quando andava na escola e teve alguns professores aos quais não tem boas recordações. Mas este valoriza o facto de aprender a ler, tendo as suas dificuldades. É de notar a importância que o utente deu ao acompanhamento dos seus pais ao longo da escola.

“G – Tive muita dificuldade no estudo. Portanto o meu pai pôs-me no colégio de surdos e mudos. Um professor muito inteligente. Esse professor estudou na casa pia, saía de lá muito educado e depois eu fui lá. Tive lá esse professor e esses meus pais estavam lá e o professor “Você lê devagar, é um bocado gago”, e pronto...E li a leitura. (...) Eu li e ele disse “fiquei contente e os teus pais também”. Depois eu ia todos os dias com a minha mãe lá no colégio e eu levava comida e o professor 100% da fala e maneira que havia lá uma mulher que era má, ela me batia muito...Depois foi alguém foi dizer ao meu pai e o meu pai foi lá, falou com o diretor e depois o meu pai tirou-me. Depois eu fiz a 4ª classe, eu tinha 16 anos, adulto. Tive uma professora muito boa, depois fiz o exame e fiquei bem e passei.”

Tal como as utentes C e D, a Utente I autovaloriza-se, embora que a utente abandonasse a escola desde muito cedo a utente refere que era muito inteligente.

“I – Então a mim ela fartou-se de mandar cartas por um rapaz que morava lá perto para o meu pai, por causa de eu ser inteligente. (...) Olhe, copiavam mas era por mim... Eu até às vezes ensinava os do 3º. As vezes a professora dizia “pois respondeste, porque uma menina ali do 2º classe disse atrás”. Eu falava mas era quando eles demoravam a responder a uma pergunta que a professora fazia e eu dizia “oh filha, é isto assim, assim”, mas ela às vezes apanhava-me e eu falava baixinho.”

A Utente J também se autoavalia-se como inteligente no passado e no presente, pois refere quando a professora de ginástica faz perguntas de matemática a utente acerta as questões.

“J – Eu nunca levei. Eu era muito inteligente na escola e a professora que eu vim embora até a minha professora chorou. (...) Ainda hoje quando está aí a

professora de ginástica e pergunta por matemática eu respondo a todas as perguntas.”

Note-se que “bom desempenho escolar assume alguma importância para os candidatos, facto fortemente salientado no seu discurso autobiográfico”(Calha, 2016:177).

A Utente M independentemente de ter abandonado a escola quando era nova, esta não desistiu e voltou a escola com os 40 anos. Esta refere que fez uma “4º classe muito bonita.”

“M – (...) Sempre gostei de escrever, na 3ª classe eu já escrevia e já fazia assim aqueles versos manhosos. E já com 40 e tal anos começou haver a escola noturna e eu convidei as vizinhas para eu não ir sozinha porque era um bocado longe e eu fui para a escola. E fiz uma 4ª classe muito bonita.”

O Utente R, tal como a Utente M, refere que “era jeitoso, até tinha uma certa vocação para as contas”.

“R - Não Jéssica, naquele tempo não aprendia-mos poemas. Aprendíamos a fazer redações, problemas, nós íamos ao quadro resolver os problemas. A professora ditava o problema e nós o tínhamos que o fazer, outras vezes havia mesmo cadernos com problemas. O professor ditava o problema e nós tínhamos que escrever no quadro. Nisso até eu era jeitoso, até tinha uma certa vocação para as contas. Para isso e para geografia.”

No geral, a percepção que cada um tem sobre si mesmo e em relação às experiências que passaram são positivas.

Objetivo 4 – Relativização de Experiências Negativas

Muitas das vezes os utentes para tentarem relativizar ou ignorar as situações negativas do passado, evitam falar sobre o assunto e focando-se noutras histórias, como é o caso da Utente A. A utente não frequentou a escola porque o seu pai não deixava e para desviar o assunto fala do Dr. Branco que tentava incentivar o seu pai a colocar os filhos na escola. Por um lado ela relativiza a sua situação, de não saber ler e nem escrever, ao referir que tem a convalescença da 4ª classe.

“A – Agora a aprender a ler e a escrever, não. Passava à porta da escola todos os dias, duas vezes por dia, com um rebanho de cabras. Havia um doutor que era o Dr. Branco que tinha uma amante ali ao pé da Guarda

Nacional Republicana e então quando ia falar com o meu pai, porque era um senhor muito popular e amigo, chamava “oh António Pedro venha cá! Meta a cachopinha na escola”. E o meu pai respondia para ele “Oh senhor, todo o homem que mete um filho na escola precisava de levar com um tiro na cabeça”. Portanto 11 filhos e nenhum foi à escola, mas só quem não sabe ler sou eu, mas não posso dizer o que a Doutora disse ali, eu não posso dizer que não sei ler. Tenho a covalência da 4ª classe, sei fazer o meu nome, sei conhecer as letras, vejo preço de tudo, sei ver uma conta no papel. A Doutora diz que não sei ler. Agora não assino o meu nome porque foi diagnosticado uma doença de tremer e há dias que tenho dificuldades em levar o comer para a boca e então chegaram à conclusão de me retirarem o bilhete de identidade e de me porem no cartão de cidadão que não posso assinar e não é não sabe assinar. Fui empregada do estado 30 e tal anos e eu tinha que assinar os meus recibos de vencimento, os ordenados, como no tribunal, como na escola eu tinha que assinar. Mas nunca fui a uma escola senão para trabalhar.”

Há problemas e experiências negativas que são difíceis de ultrapassar. No caso desta utente as vivências negativas são relativizadas com base na sua fé.

Como pode constatar no seu discurso, a utente considera ser uma pessoa condenada e abençoada por Deus, mas independentemente de tudo o que passou, esta refere que aprendeu muito com Deus.

“A – Exatamente. Quando cresci tomamos o nosso rumo e eu tomei o meu rumo a servi. E eu digo, acredito muito em deus porque eu talvez seja uma das pessoas ou muito condenadas por deus ou socorrida/ abençoada por deus. Porque tudo o quanto eu devia aprendi com deus...Eu tive muitos ofícios.”

Como já referi anteriormente, uma das formas de punição que as professoras concediam aos seus alunos era o uso das orelhas de burro. Uma das utentes ficou de certa forma marcada por este tipo de punição foi a Utente D, pois ainda hoje quando passa à porta da escola da sua infância recorda-se daquele castigo. Castigo esse causado pela falta de material, dado que o seu pai não comprou o livro. A utente relativiza a situação ao mencionar que era inteligente e que aprendia tudo o que lhe ensinavam.

“D – Era o livro da 1ª classe, mas não me lembra. Depois claro que a minha mãe não comprou o livro porque o meu pai não queria e a professora perguntou-me pelo livro logo no dia e eu disse que não levava porque o meu pai não deixava comprar e sabe o que ela me fez? Pôs-me à janela com umas orelhas de burro. (...) E depois quando passava na rua e agora quando passo pelas Abitureiras, “olha a minha escola que andava com as orelhas de burro!”, porque fica à beirinha da estrada. E quando passavam “Olha aquela não sabe! Ela é burra e tem as orelhas de burro!”. Eu sabia e era inteligente. Aprendia tudo o que me ensinava. Eu aprendia tudo.”

Esta utente menciona ainda que atualmente dá alguns erros ao escrever, mas sabe ler muito bem. Contudo esta não dá muita importância ao não saber escrever muito bem.

Porém, esta utente como a maior parte dos utentes, abandonou a escola por força de uma decisão familiar. Note-se que era normal naquele tempo os jovens abandonarem a escola precocemente a fim de auxiliar os pais, pois os rendimentos familiares eram baixos e os mais jovens começavam a trabalhar desde muito cedo e por um lado, a incapacidade da família suportar os custos acrescidos associados ao prolongamento dos estudos.

Pela mesma razão, podemos confirmar no discurso do Utente R.

“R - Naquele tempo era assim, as crianças eram novas e eram postas a trabalhar, os rendimentos eram poucos e a minha mãe teve 8 filhos, mas só criou 5 e enfim era muito difícil e então quase todas as pessoas logo que saiam da escola iam trabalhar e os estudos não duravam muito tempo.”

No entanto, hoje em dia os idosos relativizam o facto de terem abandonado a escola muito cedo, sendo por escolha pessoal ou por outra razão, porque era comum entre os jovens daquele tempo, acabando assim por não valorizar esse facto.

Objetivo 5 – Cooperação de Grupo no Processo de Recordar

Tal como a sessão anterior, houve pouca cooperação de grupo no processo de recordar.

O seguinte excerto refere-se a um relato de um grupo. Uma vez que o tema da sessão foi a escola, foi interessante ouvir os utentes realizarem perguntas uns aos outros sobre geografia, matéria aprendida na escola. Em suma, todos recordaram e cooperaram uns com os outros no processo de recordar onde nasce os rios de Portugal.

“B – Vocês em geografia sabem onde nasce os rios de Portugal?”

(...)

B – O Rio Douro nasce ao pé da Serra de Urbión, em Espanha também e vai desaguar no Porto. O Rio Minho que fica lá cima nasce no Monte Cantábricos, em Espanha também e vai desaguar em Ponte Lima.

H – Não, não. O rio Guadiana não nasce em Espanha.

B – Nasce na Serra da Estrela. Não, não.

K – Nasce em Badajoz.

B – Desculpe, joguei que estivesse a falar do rio Mondego. O rio Guadiana nasce em Espanha na Serra Regedoura em Espanha.

K – Uma vez passamos em Badajoz e uma, “olha, olha o Rio Tejo!”. Eu fiquei assim um bocado admirada, depois é que pensei assim, não, os rios nascem praticamente todos em Espanha.

B – São os mais fortes, em que é o Minho, o Douro, é o Tejo e o Guadiana. Estes são os mais fortes.

K – Os mais importantes.

B – Agora o Mondego também é um rio forte, mas nasce na Serra da Estrela.

K – É esse que julgava ser outro e é o Mondego. Até porque disse a ela...são quatro irmãos.

K – Qual é o rio que nasce mesmo em Manteigas?

B – O rio que nasce mesmo em Manteigas é o Rio Zêzere.

H – Por isso é que eu disse que eram 4 irmãos.

K – e essa cabecinha? Este senhor é uma coisa...

B – Ainda me lembro de muita coisa.

H – Por isso é que eu não me lembrava dos 4 rios grandes, mas sabia que um nascia na Serra da Estrela.

K – Dei isso quando tirei a 4ª classe....tínhamos que saber tudo senão levávamos com o ponteiro na cabeça.”

No excerto seguinte, a Utente Q não se recorda do nome do Presidente da República naquela época e a Utente P acabou por referir quem era.

“Q – Como é que se chamava o Presidente da República nesse tempo?

P – Era o Carmona.”

A próxima citação refere-se ao diálogo quando lhes foi apresentado o livro da 3ª classe, pois aparece a imagem da mocidade portuguesa a elevarem a bandeira portuguesa e a bandeira da paz. A Utente Q não se recordava de uma das bandeiras que está presente no livro e a Utente P acabou por enunciar qual era.

“Q – Esta bandeira é o quê?

Estagiária – A bandeira Portuguesa de antigamente.

Q – A bandeira portuguesa é esta, e esta aqui? Esta aqui não sei. É capaz de ser a primeira. Veja lá se recorda...

P – é a bandeira da paz. Tem a pomba por cima e é o símbolo da paz.

Q – é capaz.

P – Lembro-me que havia a bandeira da paz que tem a pomba por cima, essa azul

Q - é capaz desta senhora ter razão.”

Em suma, os utentes cooperaram uns com os outros no processo de recordar, quer através de questões realizadas entre si, quer na dificuldade de recordar alguns nomes.

1.3 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º3 – CARREIRA PROFISSIONAL

Objetivo 1 – Fortalecer o Espírito de Grupo

Com este objetivo pretendemos aproximar os participantes da atividade, facilitar a comunicação interna do grupo e além disso, promover um ambiente positivo ao longo da atividade. Logo, podemos confrontar com as citações que serão apresentadas que este objetivo foi alcançado.

A seguinte citação evidência o fortalecimento do espírito de grupo, principalmente entre as utentes D e J. Pois ambas discutem as horas da sesta, pois antigamente no verão realizavam-se duas vezes durante o dia.

“ D – Fazíamos duas horas. Antes havia ao almoço e depois havia ao jantar quando andamos a trabalhar e no verão, já não me lembra em que meses eram...

J – Eu acho que era na páscoa quando se dormia duas horas de tempo...

D – Não, era mais tarde. Parece-me que era. Ou começava em Julho e acabava em Setembro. Parece-me que era assim. Então era duas horas, ao almoço era só uma hora e depois então era na hora do jantar. Havia pequeno-almoço, havia almoço, havia jantar e havia ceia. A gente estava a trabalhar e tomava o pequeno-almoço em casa, depois íamos trabalhar e chegava à 13h e almoçávamos e depois às 15/16h era o jantar e depois era a sesta e à noite íamos para casa e era a ceia.”

A Utente F e a Utente A construíram a sua amizade no Centro de Dia, daí haver mais confiança para interromperem o discurso uma da outra. Esta atividade foi importante para ambas as utentes se conhecerem melhor através das partilhas de histórias de vida de cada uma.

“F – Para mim foi o meu primeiro namorado...”

A – O meu não foi...

F – O meu foi o primeiro em tudo. Foi o meu namorado, foi o meu marido, foi o meu primeiro amor, foi, é e será.

A – Eu não me posso gabar disso.

I – A gente também brigava.”

Seguidamente é apresentada um diálogo em que a Utente E interfere no discurso da Utente P para perguntar se recordava-se do Leiria, mas esta acaba por referir que tem dificuldades em se relembrar do nome e das caras das pessoas.

“P – Tirou. Tirou muitos fregueses, depois deixou de haver as modistas e as que costuravam para fora. As pessoas vão e compram já tudo feito, já não vão mandar fazer.

E – Lembrasse do Leiria?

P – Não me lembra. Lembro-me do nome, mas já não sei quem é. Às vezes lembro-me das caras das pessoas, mas já não me lembro do nome. Depois deixei de vir à rua, não venho à rua porque não consigo. Nem sei já a cidade, nem as ruas ...”.

Como sabemos, as queixas de perda de memória são muito frequentes entre os idosos. De acordo com Lindeboom e Weinstein (2004, cit. por Nunes, 2008, cit por Teixeira, 2010), o declínio das capacidades cognitivas não é igual em todos os idosos.

No entanto é essencial que haja uma atividade cognitiva diária, atividades sociais e de lazer, pois estas têm um impacto positivo no funcionamento cognitivo e são um fator de proteção contra o declínio cognitivo (Fernández-Ballesteros, 2009, cit por Teixeira, 2010). Conclui-se que a abordagem de atividades sobre a história de vida e a reminiscência são fulcrais para combater o declínio cognitivo dos idosos.

Objetivo 2 – Desenvolver Estratégias Pessoais de Revisitação do Passado

O tema desta sessão foi a atividade profissional, para tal foi realizada a atividade “Quem sou eu?”. Nesta atividade todos os participantes, menos um, tiveram de escolher uma

profissão. De seguida, essa profissão teve de ser escrita no papel e depois foi colocado sobre a mesa, à frente do utente que teve de descobrir qual era a profissão que estava escrita no papel através das pistas que os outros participantes forneceram. Essas pistas poderiam ser acerca do vestuário, objetos, entre outras pistas associadas à profissão que estava escrita no papel.

Esta atividade foi difícil de concretizá-la, visto que alguns utentes ficavam confusos ou se esqueciam de qual era a profissão que estava escrita no papel e outros acabavam por dizer o nome da profissão que estava no papel.

Visto que foram detetadas dificuldades no processo de recordar, a estagiária pediu aos participantes para lhe dizerem primeiro ao ouvido o qual era a pista associada a profissão escrita no papel.

Tal como referi anteriormente, com o avançar da idade surgem alguns declínios cognitivos, note-se que o declínio cognitivo não é igual para todos os idosos. De acordo com Lindeboom (2004, cit por Nunes, 2008, cit por Teixeira, 2010:10), “as funções cognitivas que mais podem sofrer com o efeito da idade são a atenção, a memória, a capacidade percetiva e espacial, as funções executivas e a velocidade de processamento”.

Na seguinte citação podemos verificar a concretização da atividade, em que o Utente G ficou por tentar adivinhar a profissão que estava escrita no papel.

“Estagiária – Já sabe?

E – Já.

Estagiária – Quem me dizer ao ouvido?

E – Sim...

Estagiária – Não... Não sabe?

E – Não.

Estagiária – Próximo...

C – Peixe.

Estagiária – Boa.

A – Pode ser um parecido?

Estagiária – Não vale.

A – Uma rede.

D – Já disseram Cana de Pesca?

Estagiária – Não...

D – Então Cana de Pesca.

Estagiária – Já sabe o que está aqui escrito?

Não levante...

D – O que são estas coisas que agente disse.

Estagiária – O que foi dito? Cana de Pesca, rede, peixes...

A – Anzol...

Estagiária – Qual é a profissão?

D – Então qual é a profissão destas coisas?

G – Pesca.

D – E qual é a profissão?

G – Pescador!

Todos – Boa!

Estagiária – Querem continuar?

D – Também já está quase na hora, já chega.”

Assim como o Utente G, o Utente N também teve que adivinhar qual era a profissão que estava escrita no papel.

“F – Veste uma bata branca, umas sapatilhas, usa uma agulha.

Estagiária – com quem ele lida?

A – Com pessoas que tenham umas dores nas costas, que tenha uma dor na perna, que seja preciso pôr um penso aqui, um penso acolá, que tenha um calo que seja tratado.

Estagiária – Já sabe o que é?

N – Um calo eu sei o que é...

Estagiária – E qual é a profissão? Qual é a profissão que Veste uma bata branca, umas sapatilhas, usa uma agulha.

F – Qual é a profissão que está escrita no papel. Nós estamos a dar indicações

N – Então a profissão...a minha é pedreiro.

A – Mas não tem haver com a sua...

Estagiária – Qual é a profissão que está aqui escrita no papel? Nós estamos a dar pistas sobre o que está aqui escrito. Então o que está aqui escrito usa calças brancas, sapatilhas brancas, usa uma agulha, adesivo, algodão...

N – Um dedal também.

F – Não.

Estagiária – Não, Não.

A – Algodão, pode ter uma dor.

N – Pode ser o mercúrio.

Estagiária – Exato.

N – Ou um Beta dine.

F – Qual é a profissão?

Estagiária – O que está aqui escrito?

N – Sei lá qual é a profissão.

Estagiária – Quem é que usa o mercúrio, a beta dine?

A – Quem usa essas coisas todas?

N – As enfermeiras.

F – Já está.

Estagiária – Aqui está escrito enfermeiro.

N – enfermeiro ou enfermeira vai dar tudo à mesma.”

Esta atividade permitiu a estimulação cognitiva nos utentes, porém requer respostas diretas. Logo, esta atividade não se evidencia memórias ligadas ao passado, nem a desinibição de emoções e de sentimentos. No entanto, isso foi possível através do diálogo realizado entre a estagiária e os participantes após a atividade.

Objetivo 3 – Valorização de Experiências Positivas

Não podemos esquecer que o autoconceito é a percepção que cada um tem sobre si mesmo em vários planos, como pai, filho, marido, profissional, em entre outras atividades. Do mesmo modo, James (1890, cit por Costa, 2002:76), “define autoconceito como o conjunto de tudo o que o indivíduo pode chamar seu, não só seu corpo e capacidades físicas, mas também seus pertences, seus amigos, parentes e seu trabalho”. De acordo com Tamayo (1981:88, cit por Costa, 2002:76), o autoconceito se refere a um “conjunto de percepções, sentimentos, traços, valores e crenças que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele mesmo”.

O Uteute B era carpinteiro, além disso fazia um pouco de tudo, como estofador, pintor, pedreiro, fazia lareiras, entre outras coisas. No entanto este considera que trabalhava muito bem e revela o gosto por aquilo que fazia. Além disso, podemos confirmar na citação que o utente tem saudades daquilo que fazia e que ainda hoje quando se deita adormece a pensar em todas as obras que fez.

“ B - Então eu cá tinha sempre muitos padrões, não é para me gabar, mas eu trabalhava bem. (...) Ah se eu tenho! Eu estou em minha casa e a minha cabeça sempre a pensar e a minha mulher diz-me assim “estás a dormir? Eu vou dormir...”, “olha eu vou mas é dar voltas ao miolo” e estou a ver por onde eu passei. Ainda foi ontem à noite que aconteceu isso “olha, eu estou a contar as igrejas por onde eu andei a trabalhar”...pois, algumas 7 igrejas que eu trabalhei. Pois, aqui, acolá, ia para Santa Margarida, eram orcas, eram zebras, no campo...”

Em relação utente E, esta também revela que tinha muito gosto pelo que fazia. A utente foi comerciante, pois comprou um bar quando regressou da Austrália.

“E – (...) Eu estive na Austrália e a minha filha. A minha filha foi para lá com o marido e os dois filhos e eu fiquei porque tinha o bar e depois começou a render bem e eu ganhei um prémio naquela altura. Tinha azeitonas, uvas, tinha tudo... Tenho um grande currículo. (...) Tinha esse gosto.”

A Utente F foi governante de uma casa durante vários anos. Ela trabalhou para uma família durante vários anos e considerava que também já fazia parte daquela família. Além da utente gostar do que fazia, ela acima de tudo sentia-se acarinhada por todos.

“F – Era. Ela é que depois quando ela já tinha outra e eu ainda lá estive uns meses para ensinar a outra porque ela pedia “Ensine-me bem o bacalhau com natas. Era uma coisa que ela adorava quando era feito por mim. Porque eu nunca o fazia como estava na receita, porque na receita o creme era só posto por cima, mas eu misturava o creme todo e aquilo ficava todo...é um bacalhau com natas, mas pode ser feito de muitas maneiras...”. (...) Eu sempre não gostei muito de fazer certas comidas. Eu gostei muito de ser dona de casa...”

Já a Utente H trabalhou vários anos para a Força Aérea como datilógrafa e a sua função era escrever para uma revista. Ela refere ainda que gostava de trabalhar na Força Aérea e revela que sente saudades. Para recompensar a falta da máquina de escrever, a utente tirou um curso de computadores.

“H – Tudo. Depois trabalhávamos para a revista, depois escrevia-se para o papel da máquina e depois mais tarde faziam um livro ...havia lá um que só falava de selos porque era o coiso dele e nós tínhamos que escrever tudo. Mesmo que a gente não gostássemos, nós tínhamos que escrever tudo. Fazíamos de tudo um bocado. Até um texto para os que iam-se embora. Tinha lá um que era Russo e depois descobriram que ele era russo, as depois saiu... Mas gostei de trabalhar na força aérea. Tinha lá uma que contava anedotas na hora de descansarmos um bocadinho...”

Tal como a utente E, a Utente J era comerciante e também gostava do que fazia. A utente tinha um bar e uns quartos para alugar.

“J – Gostava, mas era uma casa de muito trabalho, depois havia muita gente e era só vender. Era uma casa e quando havia as cheias dava muito trabalho.”

A Utente K foi auxiliar de limpeza. Revela que tem saudades, pois era muito nova e tinha mais capacidades para trabalhar. E ainda, menciona que gostava do que fazia e que deu o seu melhor no trabalho. Porém, ainda refere que gostava da Diretora e de todas as funcionárias.

“K – Ai tenho...era muito mais nova, tinha mais capacidade. Dei o meu melhor e gostei muito. (...) E essa foi uma Diretora que por exemplo, no natal era preciso levar um balde com pedras para indo fazer aqueles montes, mas ela ia logo à minha frente e era...há pessoas que não nasceram para mandar...eu gostava muito dela e de todas.”

Recorde-se que antigamente os jovens entravam precocemente para o mercado de trabalho, resultando uma baixa qualificação e a uma baixa remuneração. Além disso, quando começavam a aprender a profissão, eles não recebiam qualquer tipo de remuneração, tal como verificamos no discurso da Utente M.

“M – A minha profissão desde sempre foi costureira. Pagavam-me para aprender e eu não pagava nada. A outra não pagava nem ganhava, mas começou a ensinar tudo. Foi aí que eu aprendi. Depois eu fui para o Alfaiate e o alfaiate pagava-me 4 escudos por dia. Fiquei toda contente porque já tinha um ordenado. (...)A minha profissão foi sempre costureira e tenho um diploma, está lá tudo velho. Tenho que o procurar porque ele até é importante.”

Porém, a Utente M revela que só começou a ser remunerada quando foi trabalhar para o alfaiate. Contudo, para a utente receber o seu primeiro ordenado foi importante.

No que toca ao Utente N, este foi pedreiro ao longo da sua vida. O utente foi para França à procura de melhores condições de vida, mas depois regressou novamente para Portugal. Todos reconheciam o seu trabalho e a forma de como o Utente N trabalhava. Este revela ainda que gostava muito do que fazia.

“N – (...) O trabalho até tinha medo de mim. Quando eu lá chegava, o trabalho quando se metia à minha frente já estava bem-disposto e tudo. Eles começavam a falar mal, começavam a falar do material que iam assentar. Lá no hotel eu estava a meter o mármore no corredor à frente das portas do elevador, faziam um tapete de azulejos e à volta era tudo em mármore, mas depois vim de lá para fora, eu já ia lá à frente e eles lá atrás. (...) Gostava. Gostava muito daquilo que fazia. Muito, muito...”

Ao que diz respeito a utente Q, esta trabalhou numa fábrica de medicamentos, mas acabou por abandonar o trabalho quando se casou. A utente menciona que enquanto casada não tinha necessidade de estar a trabalhar. Além disso, acha que ganhou mais por cuidar e assistir o crescimento dos seus filhos.

“Q – Ganhei. Acho que qualquer ganha, mas muitas das vezes não pode, pois faz falta do dinheiro que a mulher entra para casa. Mas como eu não tive necessidade enquanto casada, porque havia a possibilidade de eu ter uma vida boa sem a minha intervenção de mulher empregada fora.”

Em relação ao utente R, independentemente de ganhar pouco no seu trabalho, ele gostava muito do que fazia. Refere ainda que foi fulcral trabalhar em contacto com os clientes.

“R – (...) Era mal pago e na forma de relacionamento com o cliente, nós com o contacto com o público temos que aprender também, temos que aprender também. O contacto com o público também é muito importante e eu gostei. Gostei sempre daquilo que eu fiz.”

Podemos assim concluir, que no geral todos gostaram da carreira profissional que exerceram ao longo da sua vida, independentemente que terem uma remuneração baixa. Além disso, a percepção que cada um tem sobre si no trabalho é positivo, pois alguns utentes referem que eram muito bons naquilo que faziam.

Logo, constatamos ao longo destas citações o autoconceito no trabalho, quer isto dizer, a percepção que cada indivíduo tem sobre si mesmo e a relação com as tarefas que cada um executou (Costa, 2002).

Contudo, Serra (1988), menciona a existência do autoconceito real e do autoconceito ideal. Ou seja, o autoconceito real está associado ao que o indivíduo habitualmente se considera ser e o autoconceito ideal está relacionado ao que o indivíduo desejaria ser.

Porém, estas duas formas de autoconceito podem estar próximas ou afastadas entre si. Pois, o mesmo autor refere que a diferença entre os dois é um indicador de autoaceitação. No entanto, quanto menor é a diferença, mais o indivíduo se aceita a si mesmo.

Objetivo 4 – Relativização de Experiências Negativas

A Utente A, como já referi anteriormente teve uma vida muito sofrida, mas independentemente de tudo tenta relativizar as coisas pelo qual passou, mantendo um espírito alegre no seu dia-a-dia. É evidente ao longo do seu discurso que foi vítima de violência doméstica durante anos por parte do seu marido. Apesar da violência que recebia por parte do seu marido, para ultrapassar a dor cantava.

Na altura quando as pessoas lhe questionavam qual era causa para andar com os “olhos todos negros”, esta respondia que tinha sido ela que pintou, mas em tom de brincadeira, de forma a relativizar e a esconder o que se passava.

“A – Se eu dizer muita vez à menina, agora já não...mas quando era mais nova, mesmo a chorar, mesmo com o corpo cheio de tareia, toda negra e com uma dor de cabeça, sem ninguém ver eu cantava...que tinha um sonho, um sonho enorme e eu gostava de ter entrado naqueles camarins, naqueles palcos e ver aquilo tudo. Tudo é com gosto e com vontade de fazer e com vontade de aprender, mas gosto de fazer aquilo que eu gostava, não, não tenho.(...) Nenhuma irmã é como eu e nunca foi. Se eu fui uma rapariga muito martirizada, mas muito macaqueira. Às vezes havia uma história que eu contava, eu andava sempre com os olhos todos negros que era o gosto que ele tinha em eu andar com os olhos inchados e depois e às vezes diziam-me assim “Tens os olhos todos negros!?”, “Ah, isso sou eu que os pinto”, a gozar, porque eles sabiam muito bem que não eram. Todos conheciam a coisa. Às vezes quando vejo uma mulher toda pintada eu digo assim “Quem trouxe essa moda para Santarém foi eu!”, “Então porquê?”, “Então eu andava toda negra e toda pintada que me roubaram a moda”. Quer dizer, eu faço da história da minha vida numa brincadeira e da brincadeira faço um programa, senão eu já tinha morrido. Levei tudo o que eu passei, tudo o que eu faço, os dias que eu estou mal disposta eu brinco com eles. Eu estou aqui muitos dias que eu quando venho para aqui tenho mais vontade de chorar do que de me rir, mas daí um bocado eu ponho todas as pessoas a rir, porque é a maneira de eu levar...”

Além disso, como forma de relativizar os problemas aos quais passou na sua vida, esta menciona que faz a sua história de vida numa brincadeira e nos dias em que está mal disposta brinca com os problemas. A utente também menciona que todos os trabalhos que teve ao longo da sua vida, nenhum foi o trabalho gostavam de ter, pois utente gostava de ser atriz.

Em todas as sessões foi pedido aos utentes que falassem abertamente e em assuntos aos quais estivessem totalmente à vontade para abordar. É evidenciado ao longo das sessões, no que toca às experiências negativas, os utentes preferem não mencionar o que lhe perturba e preferem ignorar. Tal como acontece com a Utente K, pois a utente refere que teve um desgosto na altura em que começou a trabalhar, mas a utente preferiu fugir ao assunto referindo que os anos passaram.

K” – Pois. É um trabalho que nos ajuda a distrair. Pronto, quando eu fui concorrer para a caixa de providência eu ia com grande desgosto que ainda hoje não esqueci, mas pronto. Os anos passaram...”

A utente também relativiza todos os problemas aos quais tem com o seu filho.

“K – Tenho lá um que ficou rabugento, o que ficou a morar comigo. Às vezes... Ainda ontem ele veio aqui porque eu precisava. Ele telefonou para saber do envelope e ele telefonou, mas eu não adivinhava que ele já estava no lado de fora, porque era quando a porta se abrisse, eu estava logo ali... “E agora, e agora! Agora tenho de pedir uma senhora para me abrir a porta!”, vinha de lá a Belinha e eu disse assim “Oh Belinha, faz-me ali um favor”, mas pronto, quando eu cheguei à noite já estava tudo bem. É assim...”

Em relação à utente M, esta revela um episódio de quando andava na escola, ao qual lhe marcou. Quando andava na escola uma amiga lhe entornou o tinteiro para cima do vestido. A utente tenta relativizar a situação arranjando causas para o que aconteceu, pois ela refere que era inveja por parte da amiga.

“M – Então já contei. Uma vez a professora disse-nos para fazermos uma redação daquilo que eu quero ser quando for grande. Eu escrevi uma redação. Essa redação ajudou-me para fazer a 4ª classe. Porque no dia da redação a professora mandou lá outras meninas para lerem a minha redação e a de outra. Eu queria ser professora e nesse dia levava um vestido tão bonito e a minha amiga que julgava ser minha miga sujou-me o vestido de

tinta...primeiro eu morava no casal, o meu pai era pintor, o que era uma profissão um bocadinho melhor...

Ela sentou-se na carteira onde eu estava sentada, mas ela era um bocado mal criada, como era afilhada de outra professora, então sentou-se lá e o tinteiro veio para cima de mim com a tinta..."

No passado o Utente N divorciou-se da sua primeira mulher. O utente no passado para tentar relativizar a situação foi para França e no atualmente prefere fugir ao assunto, centrando-se mais sobre o trabalho.

" N - No pé da pedreira, onde se arrancava a pedra da calçada para pôr nos passeios à borda da estrada, no encile, nas bordas da estrada que é para tirar a calçada do passeio onde se passa a pé. Trabalhava nas pedreiras. Nas pedreiras no fim eu era casado, a mulher portou-se mal, largueia de mão e depois eu nem podia ver a sombra dela, nem nada e pensei assim "vou para França."

Tal como a Utente A, a Utente Q também não seguiu o seu emprego de sonho. Pois, a Utente Q queria ser enfermeira, mas abandonou o sonho após casar. Com o tempo esta conformou-se com a situação.

"Estagiária – E nunca teve nenhum emprego de sonho?

Q – Não. Ah tive, desculpe, enfermagem.

Estagiária – Gostava de ser enfermeira?

Q – Eu fui aluna do Arthur Ravara durante ano e meio. Como casei com o meu marido não tive possibilidade nenhuma de continuar, tive que sair e faltava ano e meio mais. Eram três anos. Mas isso eu irritei-me porque era o que eu sonhava ser, mas já lá vai tantos anos. Eu era muito nova."

O Utente R também não seguiu o que queria. Este tenta relativizar a situação fugindo ao assunto e ao falar do seu pai que era carpinteiro.

"R – Eu gostava de ser músico. O meu pai era um homem com muito jeito para a carpintaria, para a madeira. Coisas idealizadas por ele e isso também era uma ideia que eu tinha. Um dia que eu fosse crescido ia dedicar-me a isto. Preferia a carpintaria em móveis e coisas em madeira. Mas o que me desviou foi eu ter ido para Lisboa. E aí..."

Contudo, independentemente de as experiências negativas desencadearem sentimentos negativos, devemos evitar que elas controlem a nossa vida. É importante relativiza-las.

1.4 ANÁLISE A ATIVIDADE N.º4 – NASCIMENTO DOS FILHOS

Objetivo 1 – Fortalecer o Espírito de Grupo

Todas as participantes passaram pela mesma experiência, a gravidez e o nascimento dos seus filhos. Independente de os homens terem sido pais, a experiência não foi tão vivida como as das mulheres.

Podemos verificar o fortalecimento do espírito de grupo através da citação do discurso da Utente D.

“D – Foi horrível. Foi tirada a ferros...”

Estagiária – Foi igual à outra utente...

D – Foi tirada a ferros, passei tanta sede, mas tanta sede. Não havia água em lado nenhum...

J – E não podia beber água?

D – Não se pode!

J – Ah, não sabia.

Estagiária – Também não sabia...

D – Morrem! Morreu um rapaz da minha terra no hospital por isso...por beber água. Ele foi operado e depois se esqueceram de ver...

J – Um rapaz lá na minha foi operado 7 vezes à apêndice e nunca mais ficou bom...

D – E esse não morreu...

(...)

D – (...) Depois ela voltou lá para ver, passei essa noite lá, no outro dia fui para a enfermaria e depois tiraram-me a almofada, estive com a cabeça virada para baixo porque mandaram retirar as águas aos doentes...e eu levantava-me e ia beber água. Fiquei de barriga para baixo “enfermeira, dê-me umas pinguinhas de água”...

K – Nem lhe molharam os lábios?

D – Aí é que era, nem me molhavam os lábios... “oh filha, fomos à farmácia comprar uma garrafa e também não havia”, olhe depois nessa noite passei uma noite horrível com a água...levaram-me um pratinho de comida. Nunca me esqueceu isto (...).”

A Utente D teve um parto muito difícil, dado que o bebé foi retirado a ferros e que lhe negaram água no dia do parto. As restantes utentes ficaram surpreendidas pelo sucedido.

A seguinte citação refere-se ao Utente N, que foi pai duas vezes, mas de mães diferentes. A Utente F interrompe o discurso para lhe dizer que independentemente de terem mães diferentes, são do mesmo pai e que são irmãs verdadeiras. E por fim o Utente N confirma o que lhe foi dito.

“N – Eu tenho duas meninas, mas é uma de cada mãe.

F – Não são da mesma mãe, mas as duas são filhas verdadeiras! São as duas do mesmo pai.

N – Verdade.”

Objetivo 2 – Desenvolver Estratégias Pessoais de Revisitação do Passado

Nesta atividade, a principal estratégia de revisitação do passado foi a utilização de um boneco (bebé) e uma fralda de pano. O objetivo principal desta atividade foi a revisitação ao passado através da ação de colocar uma fralda de pano e recordar os momentos da infância dos filhos dos utentes.

A maior parte dos utentes referem que já não colocam uma fralda há muito tempo.

Nesta atividade foi importante ver os utentes ajudarem-se uns aos outros para colocar a fralda ao boneco.

“Estagiária – Aos anos que já não põe uma fralda?

A – Agora já não ponho uma fralda a uns tempos...

D – Já mudei muita fralda...

Estagiária – Mudava muitas fraldas aos seus filhos?

D – Mas não tem o alfinete...

Estagiária – Tem, tem! Já mudou alguma fralda?

G – Não.

Estagiária – Sei que não tem filhos.

A – Tem que puxar a coisa para cima.

I – Tem que puxar para cima...

Estagiária – Tem de puxar para cima e clicar...exato. No tempo dos vossos filhos as fraldas eram só destas?

A – Eram só destas.

J – Eram de pano...

D – Não consigo meter, mas faz de conta eu ponho.

I – Os alfinetes das fraldas eram desses.

D – Está tudo, a fralda está bem posta, faz de conta que eu pus, pronto.

J – Posso tentar?

Estagiária – Pode, mas vou-lhe abrir o pano todo... temo aqui um bebé!

H – Pois isso é o que estou a ver.

A – Melhor é embrulhar o bebé na fralda e pronto!

K – Se é para pôr uma fralda isso não custa nada!

Estagiária – Então, vai pôr uma fralda.

J – Já está.

D – Ah! Ainda está pior do que eu..

G – É assim...

A – Ele sabe!

D – Não é, é assim primeiro. Assim...

I – Então ela estava a fazer bem...

Estagiária – Ainda a bocado vi de maneira diferente. Certamente deverá haver várias maneiras de pôr a fraldas...

D – Deixa-me ajudar a dobrar!

I – Agora já não há fraldas dessas...

D – Agora já não há fraldas dessas...vá, vamos jogar.

Estagiária – Muito obrigada meninas”.

Os utentes também referem que as fraldas de hoje em dia já não são de pano.

Além disso, verificou-se um momento de descontração, em que os utentes atribuíram um nome ao boneco e começaram a falar e a brincar com o boneco.

“K – O meu Luís quando era para pôr a fralda, depois havia o repuxo..

H – Mas que nome, Cristina Margarida.

Estagiária - É a Cristina Margarida, é uma menina... Quem que mudar primeiro?

K – Parece-me que ainda tenho lá uma da minha filha. Naquela altura não havia descartáveis...onde está o alfinete?

Estagiária – Está aqui o alfinete.

H – (Começou a falar com o bebé)

Estagiária – Não quero é que se pique.

K – Você vai aprender a pôr fralda...

H –Ai o bebé! Isto fica tapadinho e tudo...

(...)

K – É a minha bisneta. Quando mais vêm ao mundo, mais sobrem, mas ainda vão...mas já não vejo isso. A minha neta ainda faz 18 anos. Se ela for como a avó, casei com 18.

Estagiária – Casou-se nova.

K – Não está muito bem-feita, mas também não vou desmanchar...

P – Até já, porque eu vou à Belinha...

K – Não consigo meter o alfinete...

Estagiária – Muito bem...

K – Este alfinete é muito largo.

H – Cuidado com a mão para não picares o dedo...

K – Ela tem muito jeito.

Estagiária – Quer tentar?

H – A senhora tem filho?

L – Tenho dois...

H – Então tem que saber...

Estagiária – O bebé é pequeno

L – O alfinete?

Estagiária – Está aqui..

H – Isto não vai até ao pescoço, só vai até aqui...Isso está muito grande...Tens de fazer assim...

K – Eu não consegui meter o alfinete, talvez ela consiga...

H - Agora espetas...

Estagiária – Já está. Muito bem. Agora a senhora...Tem que começar de raiz

F – O alfinete?

Estagiária – Sou eu que tenho...Conseguiu! Vai ou não vai.

F – Ai meu amor, já está limpinha a minha querida.

A – Agora já comeu e tem que arrotar.

F – Ou já arrotou por baixo...

A – Para arrotar temos que lhe dar um abaninho..."

Tal como no excerto anterior, podemos verificar vários momentos de descontração.

É de ressaltar a participação dos homens nesta atividade, pois ajudaram de livre vontade a colocar uma fralda.

"Estagiária – Então o senhor alguma vez mudou alguma fralda?

M – No tempo dele não se usava fraldas...

N – Ajudei...

Estagiária – Ajudou a mudar as fraldas da sua filha?

N – Sim.

Estagiária – Ajudou também a dar banho?

N – Sim senhora.

Estagiária – E a senhora?

M – O quê?

Estagiária – Também mudava...claro que mudava, que remédio tinha...

M – Senão eles andavam todos sujos...

Estagiária – Mudava a fralde de quanto em quanto tempo?

M – quando estava chuva...

E – Eram lavadas...

Estagiária – Não ficavam molhadas facilmente? Agora no meu tempo são descartáveis...

N – No nosso tempo era uma fralda de pano e agora há umas fraldas muito jeitozinhas para pôr nos bebês...

M – Era um pano dobrado em triângulo...

N – Era e levava um alfinete aqui à frente para segurar a fralda.

Estagiária – Quem quer experimentar pôr uma fralda? Bem que isto é o dobro o triplo do tamanho do bebé... Venha cá para a frente...

M – pois, o bebé é pequeno...

N – Eu o seguro e você põe a fraldinha...

M – Tem que sobrar uma ponta...

N – Tem que sobrar duas pontas para a barriga e depois leva os alfinetes...

M – Dobra assim...depois põe o alfinete.

Estagiária – O alfinete...

M – Está mal dobrado, mas o bebé também é de plástico.

Estagiária – Está mal dobrada ou perderam o jeito como ponham a fralda?

M – O problema é mesmo esse...

E – Esta ponta está pior...

M – Pois está. Está mal obrado. Uma criança veste-se de qualquer maneira, não é por estar mal dobrado...

Estagiária – Por falta de pior...

N – A senhora pensa que está a mudar a fralda ao seu bisneto?

M – Bisneto já?

N – Não tem?

M – Os meus netos só pensam em estudar...

Estagiária - Já mudou as fraldas ao seu bisneto?

E – Ai, tantas...

Estagiária – Ao seu bisneto?

E – Ao meu bisneto não.

N – Rica barriga a menina...

R – É muito grosso o pano...

Estagiária – É.

M – É muito grosso, por isso que temos de dobrar muitas vezes...

Estagiário – O bebé também é pequeno, mas naquele tempo também havia bebés pequenos...

M – No meu tempo os bebés eram maiores.

N – Isso está muito grosso, se calhar é melhor dobrar a fralda...

M – Mas isso tapava o boneco todo.

N – Não tapa nada...

Estagiária – Não havia aquelas mezinhas para não dar olhado ao bebé?

M – Nunca ouvi falar disso.

N – Falta pôr o...

M – Não sou capaz...

Estagiária – Não consegue...

N – Tem eu dar isso às meninas novas...as meninas é que devem saber...

Estagiária – Olhe..

N – Sabe?

Estagiária – Acha? Só as descartáveis.

N – Pois, isso agora é tudo descartáveis...

Estagiária – Agora as fraldas são outras...

N – Pois são...Olhe está aqui, abrace-o...Tem de dar maminha ao bebé, á menina...

M – é o bisneto. Quer que punha as maminhas de fora?

N – Não! Ponha assim...

M – Olhe, no meu tempo as pessoas eram mais púdicas, davam mama, mas ponham uma fraldinha por cima a tapa...

N – Tapavam e só tiravam um botão ou dois e puxavam a mama para cima, mas sempre tapadas.

M – A pinha mãe uma parideira 11 filhos e a mãe da minha mãe teve 12. A minha avó, estivesse onde estivesse, ela e as outras da idade dela, chegavam com fome, ela sentava-se, deitava a mama para fora... e ela dizia se a mulher nasceu com mamas, era para dar a mama e era mais bonito tapar do que ter aquela mamona de fora.

N – exatamente...

E – Posso tentar fazer?

Estagiária - Claro que pode tentar fazer.

R – No nosso tempo não havia descartáveis, era de pano.

M – Está a dobrar muito melhor que eu... Não tem bisnetos?

N – Só uma neta.

M - E nunca quis mudar a fralda a neta? Se calhar isso já fez...

N - Já, já...

M – Pois...O meu tio ia a todo o lado com os filhos ao colo, pelo menos o mais velho ...

Estagiária – Olhe a perninha do menino...

E – A perninha... e aqui está ela...

M – Foi mais ou menos como eu fiz. Mas mais concertado..

N – Quando me meu isto pela primeira vez, eu usava uma fralda e umas coisas e a minha mulher me levantou muitas vezes da cama e pôs-me as fraldas e as cuecas.

M – Não há nada de mal. Somos todos seres humanos...

N – Eu não posso fazer porque eu não posso.

E – Não consigo meter isto...

Estagiária – É do alfinete, deixe estar...

M – O alfinete não tem força...

E – Não vai...

Animador – E pá, tem uma fralda até aos joelhos...

R – Devia ser um alfinete daqueles grossos.

Animadora – Tem ali mesmo um alfinete de bebé...

Estagiária – Ah, muito bem!

R – O pano é que é muito grade..."

Ao longo do discurso, a estagiária realizou algumas questões. O Utente N referiu que ajudou a mudar as fraldas e a dar banhos as suas filhas.

Objetivo 3 – Valorização de Experiências Positivas

Contudo, existe uma confusão em relação ao conceito de autoconceito e de autoestima, pois ambas são componentes do self e ambas estão profundamente relacionadas (Guimarães, 2012). No entanto, ambas são dimensões de uma só realidade, a cognitiva (autoconceito) e a afetiva (autoestima), (Garcia& Musitu, 1999, cit. por Quiles & Espada, 2007, cit por Guimarães, 2012).

Por outras palavras, o autoconceito é uma autorrepresentação de carácter cognitivo, constituído por um conjunto de apreciações que o sujeito faz sobre si próprio, avaliando-se em diferentes competências (Peixoto & Almeida, 1999, cit por Almeida, 2008). Já a autoestima, está relacionada com a autorrepresentação de carácter afetivo, baseada numa avaliação global que o indivíduo faz de si, revelando até que ponto está satisfeito consigo mesmo (Peixoto, 2003, cit por Almeida, 2008).

De acordo com Bednar e Peterson (1995, cit por Guerreiro, 2011:15), definem a Autoestima como o “sentimento duradouro e afetivo de valor pessoal, baseado em auto-percepções precisas”.

A Utente A autovaloriza-se como mãe. Independentemente de não ter dito posses suficientes, trabalhou muito para dar o melhor aos seus filhos e esteve presente sempre que eles precisassem. Logo, esta satisfação que a utente sente por ter sido uma boa mãe está associada a autoavaliação que ela faz sobre si mesma.

“A – Verdade. E eu tenho que me conformar assim, mas tenho orgulho da mãe que fui. Tenho pena de não ter dado muita coisa aos meus filhos. Tenho pena de não poder dizer “está isto que a mãe escreveu”, “está aqui isto que a mãe organizou”, não. Fui uma mulher que peguei de toda a raça de trabalhos, mas também sei que estive lá na hora H que eles precisassem de mim e ainda hoje, mas agora talvez eu esteja a prejudicar-me um bocadinho por eles, mas há de ser o que Deus quiser, há de ser assim e eu tenho de ser assim...”

O Utente B teve duas mulheres. Infelizmente a primeira mulher faleceu e a atual ainda está viva. Ele também teve 4 filhos, dois de cada mulher. Contudo o utente refere que gostava de acompanhar a gravidez.

“B – Eu a acompanhava sempre bem porque gostava de ter filhos dela e então tinha prazer nisso. (...) Sim. Bastante contente na primeira vez, eu gostava bastante da minha senhora também, Deus quis levá-la. Tive apenas 8 anos com ela e quando nasceu esse filho eu estava a trabalhar num local chamado Alpedrinha e então quando cheguei à casa tive a novidade de que ele já tinha nascido, mas que não queria mamar, e então a minha sogra disse que tinha de ir a um sítio e com tal fulano que faz uma certa reza, e eu que não acreditava nessas coisas e ir daqui até a tal parte, a uma terra chamada Cabeça do Boi. E eu então lá foi de bicicleta e falei com o senhor e ele fez-me umas quantas perguntas que eu não achava piada nenhuma naquilo e depois vim-me embora e quando cá cheguei o miúdo já mamava e a minha sogra “Estás a ver?”, “isso é intriguista, eu não gostei nada da conversa do homem”. E assim foi a primeira vez do meu mais velho...”

Além disso, o utente revelou que ficou muito contente pelo nascimento do seu primeiro filho.

Antigamente as pessoas recorriam ao “curandeiro” para pedir ajuda. Tal como é evidente ao longo do discurso do Utente B, em que o filho tinha dificuldades em beber leite materno, recorrendo então ao “feiticeiro” para rezar pela saúde do filho.

Ao longo de todos os discursos é visível que a entrada de um novo membro da família é um momento de grande alegria, quer para os pais, quer para os avós. É também um momento tão esperado que ao longo da gravidez é preparado o enxoval da criança, tal como verificamos no seguinte discurso.

“Estagiária – Ficou muito feliz quando soube que estava grávida?”

C – Foi porque eu queria ter um filho e o meu marido também queria ter e ele dizia “nós vamos ter!” (...) “Durante a gravidez... Tinha coisas ainda. A minha mãe teve três filhas e eu gostava de ter um rapaz. A minha mãe era toda bordadona e fez o enxoval para o bebé, fez o enxoval para o meu filho. Ainda lá tenho...Foi para as minhas netas...”

Também é visível no discurso da Utente D.

“Estagiária – E quando soube que estava grávida, ficou contente?”

D – Fiquei. É que eu estive casada 4 anos sem filhos. 4 anos e já podia ter dito filhos. Depois fiquei grávida. (...) Havia lá uma senhora que vivia na minha rua, a Sr.^a Lili que me dizia muitas vezes assim “Filhas como esta senhora nunca se criaram aqui na rua e nunca há de se criar”.

“Estagiária – Tem muito orgulho nas suas filhas?”

D – Olhe, as minhas filhas vinham no jornal quase todas as semanas, no Correio do Ribatejo, as melhores alunas do liceu. Vinham sempre...pelas melhoras da minha rica filha, que foi operado, pela verdade que eu estou a dizer.... Ganharam bolsas de estudo.

Tenho orgulho nelas, toda a gente gostou delas onde elas trabalharam, tiveram empregos muito bons.”

De acordo com Manning (2007, cit por Tátá, 2014:17), a autoestima está associada a uma autoavaliação global do indivíduo, abrangendo sentimentos de satisfação ou insatisfação consigo próprio.

A meu ver, o facto de os utentes observarem no que se tornaram os seus filhos, em prol da educação que eles concederam, eles sentem que alcançaram um objetivo e essas

conquistas influenciam a autoestima. Ou seja, sentem-se felizes, orgulhosos e satisfeitos consigo mesmo.

Logo, é de ressaltar o orgulho que os utentes têm das suas filhas, do que elas foram e no que elas se tornaram. Como o exemplo das utentes D e E, F que referem que estão orgulhosas e que arranjam bons empregos.

“Estagiária – Está orgulhosa no que a sua filha se tornou?”

E – Estou. Ela realmente...ela faz as coisas à sua maneira....tem um feitio da breca. (...)Dei. Dei, mas fui um bocadinho rígida para ela. O pai também, nunca lhe chegou a bater, a mim é que me batia de vez em quando. Fomos para a Austrália e depois viemos, chegou cá e no lugar de se empregar ou continuar a estudar... ela aproveitou e agora é professora de inglês.

Estagiária – Está contente por ela?

E – Estou sempre (...).”

“Estagiária – E está orgulhosa nos seus filhos em que se tornaram?”

F – Muito! Nunca me envergonharam a cara.”

É de notar que as utentes planearam o nascimento dos seus filhos.

“F – Fiquei, pois. Agente fez aquilo propositadamente. Além de a gente á ter tentado a muitos anos e nós não tínhamos, mas a gente arranjou e tínhamos que arranjar porque a gente quis.”

A Ute é mãe de um menino e de uma menina. Constata-se o orgulho, a satisfação, a alegria e o amor que esta mãe dos seus filhos.

“Estagiária – É um casal então...”

I – É. É a coisa melhor que eu tenho na minha vida, são os meus filhos.”

“Estagiária – Está orgulhosa da educação que deu aos seus filhos?”

I – Sim, por acaso até estou. Os meus filhos não falam mal a ninguém...”

Tal como as restantes utentes o filho da utente K foi recebido com grande alegria por parte da família. A utente relembra que a sua mãe ficou muito contente com o nascimento do primeiro neto.

“ K – Nasceu com 2 kg. Fiquei. A minha mãe gostava tanto dele, “ai o meu primeiro netinho, é tão bonito!”

Estagiária – Então foi muito mimado?

K – Isso foi o que eu disse à minha mãe! Ela gostava muito de crianças e depois chega o primeiro neto. (...). O andar do meu filho mais velho teve muita graça e eu tinha o cabelo comprido e agarrava-se às paredes, e não conseguia passar de uma parede para a outra sem se agarrar. O que eu ria...

Estagiária – Tem orgulho dos seus filhos? E no que eles se tornaram?

K – Tenho. O que vive comigo tem o seu feitio, mas pronto, já estou habituada a maneira de ser dele.”

Além disso menciona que tem muito orgulho dos seus filhos. Do mesmo modo, a Utente L também revela que ficou contente quando soube que estava grávida e que tem muito orgulho dos seus filhos.

“ Estagiária – ficou muito contente quando soube que estava grávida do seu primeiro filho?

L – Fiquei.

(...)

Estagiária – Está orgulhosa no que os seus filhos se tornaram?

L – Estou.”

Relativamente à sessão anterior, a “Carreira Profissional”, a Utente M valorizava o seu jeito de trabalhar na costura. No entanto quando nasceu o primeiro filho, esta bordou o enxoval em ponto cruz, de modo que o seu enxoval foi admirado pelas pessoas da aldeia da utente. É de notar a valorização que a utente tem em relação ao enxoval, pois esta considera-se boa costureira, logo isto contribui para uma boa autoestima. Recorde-se que a autoestima é o que o indivíduo atribui a si mesmo, estando intimamente ligada a aspetos cognitivos, emocionais e sociais da personalidade (Tátá, 2014).

Além disto, é visível a desigualdade de género, pois as mulheres antigamente tinham o dever de cuidar e tratar dos filhos e não os homens. É evidente no discurso da Utente M que o seu marido saiu dos padrões da sociedade e não tinha receio de pegar o filho ao colo perante os outros homens.

“M – Ai, o meu enxoval foi muito falada lá pela Chamusca, mas também sei o que sou. Eu fiz um enxoval lindo...Eu comprava daquelas revistas que vinha uns bonecos que eram umas formigas... Foi tudo feito a ponto cruz... Os

meus filhos nunca tiveram carrinho, mas tiveram muito amor.” (...) Tinha uma vizinha que tinha o portão “Ai, gosto de ver tanto o teu marido com o filho ao colo”...O meu marido pegava o filho ao colo. Tinham vergonha de pegar nos filhos...”

Estagiária – Os homens?

M – Pois. O meu marido é que fazia lá ver os outros homens todos. Pegava no cachopo e ia com os outros todos. Eu não fui parideira como a minha mãe, mas fui boa para dar a mama como ela...e ainda tinha que tirar leite.”

O Utente O também recorda o quanto ficou contente quando soube que ia ser pai.

“O – Claro que fiquei muito contente. Era o primeiro filho...”

Estagiária – Foi um homem ou uma mulher o primeiro?

O – Foi uma mulher. E também fiquei muito contente por isso, porque eu pensei sempre, bem é uma rapariga quando eu for velho ela vem...”

Tal como o Utente O, a Utente P também ficou contente por saber que ia ser mãe. Além disso, é visível que está orgulhosa e que gosta muito dos seus filhos.

“ Estagiária - Ficou contente quando ficou contente do primeiro filho?

P – Fiquei. Ficamos.

(...)

Estagiária – Está orgulhosa dos seus filhos e da educação que tiveram?

P – Estou muito orgulhosa e gosto muito deles.”

Note-se que quando o utente é questionado se tem orgulho pelos seus filhos, na maior parte admitem que sim e referem que têm filhos que foram bons estudantes, se tornaram pessoas honestas e são bons trabalhadores.

“ Estagiária – Tem orgulho nas pessoas que se tornaram os seus filhos?

Q – Tenho. São pessoas honestas, são pessoas trabalhadoras, estudaram...”

É de referir que o autoconceito e a autoestima são determinantes de bem-estar (Baumeister et al., 2003, cit por Guimarães, 2013).

Note-se que a autoestima é um fator para o bem-estar psicológico, daí estar associado a conceitos associados à saúde mental, como a estabilidade emocional e de ajustamentos às exigências da vida e o bem-estar subjetivo e à felicidade (Duarte, 2013).

Fox (1999, cit por Duarte, 2013) refere que a autoestima elevada está normalmente relacionada a conceitos positivos como o bem-estar.

Segundo Rogers (1961/1980, cit por Guerreiro, 2011), a teoria de desenvolvimento da personalidade e o método da terapia centrada no cliente tem o intuito de ajudar os clientes a tornarem-se conscientes e a aceitarem-se as suas próprias características, a serem mais capazes de elaborar as angústias e a ultrapassarem o sofrimento.

Porém, Fonseca (2002:29, cit por Teixeira, 2014:18) menciona que “para trabalhar a autoestima e a valorização do ‘eu’ é necessário trabalhar a identidade”. Atente-se que a identidade é própria de cada indivíduo, logo cada indivíduo possui o seu “eu” e os seus antepassados, a sua história, a sua vivência, a sua experiência de vida e o que herdou dos seus (Teixeira, 2014:8).

Objetivo 4 – Relativização de Experiências Negativas

A Utente A justifica o facto de a sua mãe dar-lhe uns dar tostões, supondo que os seus pais não receberam e não souberam dar outra educação.

“A – (...) Depois comecei a servir, já os meus pais já não estavam a comer, nem a beber, mas quando chegava ao fim do mês ia deixar o ordenado. Lá deixava, a menina não sabe o que é isso e deus queira que a menina nunca saiba, ela dava-me 5 tostões para o mês inteiro, para comprar umas pevides ou para comprar uns tremoços...”

Estagiária – Não era nada!

A – Exato e foi assim... Mãe teve amor, de pai como deve de ser... porque eles não tiveram educação para, mas isso também não tiveram os meus irmãos... não tivemos educação como deve de ser, ou porque eles não o tinham para dar a gente, ou porque era o meu pai (...).”

Por vezes tentamos arranjar respostas aos problemas. Foi o que o Utente B fez, pois quando o utente precisava de ajuda monetária, este pediu ajuda ao seu filho, mas este nunca lhe chegou a ajudar. Atualmente o utente tenta relativizar a situação, admitindo que nunca precisou da ajuda por parte do filho.

“B – Quanto a isso, eu só me lembro de uma vez do meu filho mais velho, estava ele a trabalhar em Lisboa e nessa altura tinha uma hérnia e era para ser operado e nessa altura eu não sabia quando é que lhe ia custar a hérnia, como eu já tinha posto dinheiro de parte e ele já era empregado, nessa altura estava no hospital de S. José e escrevi-lhe a perguntar se ele me ajudava e

ele nunca me respondeu, mas depois fui fazer uma obra em Lisboa e ele foi ter comigo “Oh pai, essa obra?” (...)” Então digo-lhe eu assim “então Afonso, eu escrevi assim, assim, assim e tu nunca me respondeste!”, e ele me diz assim e nunca me esqueci as palavras que ele disse “Oh pai, o pai gastava tanto por mês comigo e eu já há tantos meses que eu estou aqui e o pai não está a pagar estes meses, portanto já deve ter um bocado de volume para pagar essa despesa, portanto não lhe dei, nem lhe dou porque ele não lhe deve faltar nada”. Isto a resposta que ele me deu e de facto eu nunca precisei de nada dele.”

É normal que as crianças gostem de brincar e de fazer algumas partidas. É evidente que na altura os pais deem importância às experiências negativas que passaram com os seus filhos, mas com o passar dos anos, eles relativizam a situação, defendendo-a como normal daquela idade. Pois é o que acontece com as utentes E e Q.

“Estagiária – Lembrasse de alguma brincadeira dela?”

E – Isso de brincadeiras ela tinha muitas. Uma vez ela estava na sala, nas braseiras e naquele tempo não havia aquecimento e depois quando ela chegou à braseira, ela queimou a mão e teve que ir para o hospital. No outro dia, ia a descer as escadas e tinha um tapete daqueles aos buraquinhos, catrapus, tropeçou lá no coiso e depois ela gritava e gritava porque não queria ir para o hospital, mas depois lá eu convenci-a a ir comigo. De resto não havia brincadeiras.”

“Q – A minha filha que cá esteve ontem fez-me chorar montanhas de lágrimas, tantas, tantas. A minha casa era gigante e ficava em Memartins e tinha uma varanda que mandei fechar para fazer um sítio de costura. Então estávamos a fazer umas coisinhas, umas roupas e para casa...começamos a ouvir assim “vou voar” e outra vez “vou voar”, ela tinha 5 anos e quem é que vai pensar que uma garota de 5 anos vai se atirar do muro? E atirou-se! Quando a ouvi a chorar desci aquelas escadas do 1º andar para o resto chão toda louca e fui espreitar antes de descer o quintal e aquilo tem 2 metros e meio de altura e vejo a minha filha numa poça de sangue. Depois disso começou a passar com o tempo.

A mesma onde começou a chorar e quando fui ver ela estava com a cabeça entre os ferros do portão...

Estagiária – Então ela era meia traquinas...

Q – Era! O irmão mais novo, estavam ela a brincar as escondidas na vivenda e ela pôs-se numa das esquinas com a tesoura de cortar a relva, e apanhou o

irmão na barriga e ainda hoje ainda tem a marquinha. A sorte, foi da tesoura de corta relva tem os bicos redondos, não é bicuda.”

Contudo, é normal que as mães tomem estes sustos com os seus filhos.

Antigamente, para se realizar o parto, iam à casa umas parteiras, isto é, alguém experiente em realizar partos no domicílio, mas sem conhecimentos científicos. Só mais tarde é que surgiu a assistência ao parto nos hospitais.

Algumas destas utentes optaram por ter o parto em casa, outras optaram por ter o seu filho nas maternidades. No entanto, foram várias as utentes que referiram que o primeiro parto foi difícil, pois referem que os seus filhos foram tirados a ferros ou estiveram em risco de perder o seu filho. Atualmente relativizam essa experiência negativa, como o caso das utentes I e K.

“I – A minha foi muito difícil.

Estagiária – Foi muito difícil?

I – Foi muito difícil, ela teve que ser tirada a ferros, eu fiquei toda rasgada.

Estagiária – Então já foi no hospital...

I – Foi. E sai de lá toda mimada.”

“Estagiária – Vou saltar essa parte. Como é que correu o nascimento do primeiro filho?

K – Mal. Ele nasceu quando tinha 5 meses de gravidez e já estava para abordar, mas depois...

Estagiária – Depois conseguiu. Ficou contente?

H – Nasceu com 2 kg. Fiquei. A minha mãe gostava tanto dele, “ai o meu primeiro netinho, é tão bonito!”

Por um lado, a Utente I relativiza a situação e revela que saiu do hospital toda mimado.

Já a Utente K relativiza a experiência de quase perder o filho, pois as coisas depois correram bem. É se ressaltar a importância que a mãe da Utente K teve, pois foi um pilar para a educação dos seus filhos.

No que toca ao discurso da Utente M, esta dá importância ao facto de ter estado doente, porém, esta tenta relativizar ao facto de ter estado doente, além de ela acreditar que aquele problema de saúde afetava algumas pessoas da família como se fosse um ciclo. Por um lado, ela dramatiza o facto de a irmã ser saudável e ela não.

“M - Nós tínhamos liberdade, mas como eu era mulher e morávamos num casal, não podia abalar de casa sozinha, mas de resto... Eu fui à escola, mas

a minha mãe não me deixou porque eu deixava os sapatos e ia descalça. Eu já nasci doente e era uma família que era assim. A minha irmã não era doente, aquilo era um ciclo em que calhava esta coisa...”

2. TEMAS QUE SOBRESSAÍRAM NAS SESSÕES

Ao longo das sessões, houve temas abordados pelos idosos e que escaparam ao guião inicialmente planeados. Entre eles se destacaram entre os participantes, nomeadamente: as desigualdades de género, namoros, tabus em torno do sexo e da entrada da mulher para a puberdade e a violência doméstica.

No que diz respeito às desigualdades de género, essas estavam bem assentes na sociedade, pois as mulheres possuíam diferentes condições económicas, sociais, culturais e sexuais.

Eram evidentes as limitações que lhes eram incumbidas pela lei, as convicções sociais também eram predominantes, até os quadros ideológicos pelos quais o regime vigente se regia e pela prática política e social do mesmo regime (Beleza, 2013). Em relação as limitações implícitas na lei, eram destinadas às mulheres casadas, pois o destino ‘natural’ das mulheres era o casamento e a família, aliás fundamento constitucional de desigualdade (Constituição de 1933) (Beleza, 20013). Além disso, até 1974 as mulheres não exerciam o voto, pois a sua participação política era vedada, havia limitações profissionais, militares, aquisição ou perda de nacionalidade, etc. (Beleza, 2013). A relação entre a mulher e o Estado era estabelecida de forma indireta, através do marido.

As desigualdades de género evidentes ao longo do discurso das utentes dizem respeito às ideologias sociais que se regiam a sociedade, como por exemplo, as lides domésticas ou tratar dos filhos estavam a cargo das mulheres e era impensável um homem participar, caso o fizessem poderiam sofrer críticas sociais.

“J - (...) Quando a minha mãe vinha nós tínhamos tudo arrumado. O meu irmão era homem, iam para outro lado....”.

“M – (...) Pois. O meu marido é que fazia lá ver os outros homens todos. Pegava no cachopo e ia com os outros todos.”

Tal como as limpezas, também havia discriminação por parte dos jogos e das brincadeiras. Pois alguns jogos eram destinados para os homens e outros só para as mulheres. Isso é visível na citação seguinte, pois a Utente P refere que o jogo do peão era destinado para os homens e as mulheres não jogavam.

“P – O martelo como diziam. Mas na escola era mais estes. O peão não, era para rapazes e as raparigas não podiam ter.

Q – Eu ainda cheguei a jogar ao peão.

Estagiária – Ainda conseguiu se infiltrar nos rapazes...

Q – E jogava ao futebol com os meus irmãos e outros miúdos. Eu fui maria rapaz...

P – Era rapazona.”

Contudo, a Utente Q considera que foi “Maria Rapaz” e que jogou alguns jogos destinados aos rapazes juntamente com os seus irmãos.

No que diz respeito à escola, eram muito diferentes de hoje em dia, pois raramente existiam turmas mistas. Portanto, as aulas eram dadas em edifícios ou salas distintas, ou até mesmo em horários diferentes, por exemplo, de manhã as aulas eram para as meninas e na parte da tarde para os rapazes. Note-se que o sexismo e a discriminação estavam presentes nas escolas. Ou seja, tudo é causado em torno do tabu sobre o sexo, tal como é evidente na citação seguinte, porque abordar o tema sexo era impensável naquele tempo.

“H – Exatamente, nunca se falou de sexo.”

De acordo com o discurso da Utente D, o seu pai não a deixou estudar mais, pois ele acreditava que as raparigas iam para a escola aprender a ler e a escrever para depois mandar cartas aos namorados. Aqui é evidente a mentalidade daquela época, pois as mulheres eram reservadas e resguardadas até ao casamento. Do mesmo modo, as raparigas iam a poucos bailes e quando iam, tinham de estar sempre acompanhadas.

“D - O meu pai não queria que as raparigas aprendessem a ler e a escrever porque era para mandar cartas aos rapazes. Não deixava agente ir para a escola...tudo o que eu sei foi tirado por fora.”

Outro dos temas que são salientados ao longo do discurso dos utentes é o namoro. Dado que, as raparigas eram reservadas e resguardadas até ao casamento, os namorados só podiam namorar à janela ou com a presença de algum familiar por perto.

“Q - Brincava dentro de casa...não podia sair, até quando era para namorar era de janela do primeiro andar. Até um dia o meu marido desmaiou e ele caiu para o chão, aí foi quando eu pude sair para acudi-lo. Ele não tinha feito a digestão e foi para o frio... era num sitio que ainda existe aqui na cidade, que era o pátio das pardoneas e ainda existe um restaurante da pardoneas. Era aí que ele se encostava na árvore para namorar e de maneira que estava na janela do primeiro andar. Só entrou lá em casa no dia de cair... A educação era muito rígida.”

“S – (...) Eu vinha cá e íamos para o jardim da república namorar e a minha mulher tinha uma irmã mais nova e então ia a acompanhar-nos. Ela almoçava na casa dos pais e depois íamos até às Portas do Sol ou à Praça da República, então vinha a irmã mais nova a fazer-nos companhia. As pessoas podiam não pensar mal, mas podiam outras pessoas pensá-lo se nos vissem sozinhos...naquela altura era assim. Hoje namoram na rua e está a namorada e o namorado, juntos, e ninguém repara e não querem saber. (...) Aliás, para dar uma beijoca, “olha lá, não me dás um copo de água, que eu estou cheio de sede”, enquanto ela trazia o copo de água aproveitávamos...mas os namorados eram assim, ele no resto chão e ela no primeiro andar...”

Os utentes também mencionam que os namoros de hoje em dia eram bem diferentes do que antigamente. Até para dar o seu primeiro beijo, usavam como método o desmaio ou a falta de água para as raparigas descerem até ao resto chão.

Tal como o sexo, a entrada da mulher para a puberdade era um tabu, mesmo entre as mulheres do seio da sua família. Podemos verificar isso no discurso da Utente I, pois esta refere que não tinha conhecimento sobre o aparecimento da menstruação.

“I – (...) Quando chegou a altura de mudar de criança para mulher eu nem sabia que isso existia. (...) De maneira que quando isso apareceu comecei a gritar pela minha mãe. Foi de manhã na cama quando vi uma coisa diferente pôs-me a gritar pela minha mãe e ela “cala-te cachopa que isso é assim! São coisas que são assim” e eu fiquei muito parvinha a olhar para aquilo. (...) Então ponham uns quadrados turcos. Não sei se eram turcos. Era um pano que tínhamos lá a corar às vezes nas ervas, mas eu nem sabia para o quê que aquilo era. E nem tão pouco eu liguei. Ela ponha aquilo a corar em cima das ervas. A minha irmã como era mais velha e estava sempre a servir e naturalmente avisaram-na para me dizer e eu não sabia de nada. Naquele dia quando eu vi aquilo fiquei muito espantada e julguei que tivesse arreventado alguma coisa.”

As outras utentes também confirmaram que desconheciam que isso ocorria nas mulheres.

Apesar das desigualdades de género, das discriminações e dos tabus existentes na época, é mencionado a existência de violência doméstica, principalmente por parte dos maridos. Pois, as mulheres eram treinadas para se submeterem ao poder do marido e para

além disso, estas não tinham qualquer direito, nem voz na sociedade. Atente-se que as mulheres eram obrigadas a residir com os maridos e não poderia haver divórcio.

De acordo com o site da Apav, a violência doméstica é “ qualquer ação ou omissão de natureza criminal, entre pessoas que residam no mesmo espaço doméstico ou, não residindo, sejam ex-cônjuges, ex-companheiro/a, ex-namorado/a, progenitor de descendente comum, ascendente ou descendente, e que inflija sofrimentos: físicos, sexuais, psicológicos, económicos.”

Dado isto, algumas utentes referem que as mães foram vítimas de violência doméstica, como a Utente Q e a Utente P. Ambas referem que a violência ocorria após o consumo de álcool por parte dos seus pais.

“R - Depois disso houve um homem...quando passávamos em Gazelas, que era lavrador, que era o Guilherme das vacas...sem álcool ele era tratável, mas com álcool ele era terrível. A minha mãe levou muitas tareias, ele partiu muita loiça, comprava e voltava a comprar...por isso é que eu digo que não foi uma vida feliz...nem na primeira união, ou seja o casamento da minha mãe com o meu pai, nem com o segundo que ainda foi muito pior que o meu pai...ele era amigo da minha mãe, ele gostava da minha mãe e tratava-a bem, mas o meu padrasto foi um terror...”

“Q - O meu pai era sapateiro, com muito boas mãos, mas muita pevide...tinha um tempo que ele não bebia, era uma maravilha...depois começava a beber, partia tudo, estragava tudo e eu tinha muito medo dele...até ao ponto que a minha mãe teve que se separar e criou-nos sozinha.”

A Utente A foi vítima de violência doméstica por parte do seu marido. Sofreu durante vários anos, mas conseguiu colocar um ponto final na relação.

“A - Às vezes havia uma história que eu contava, eu andava sempre com os olhos todos negros que era o gosto que ele tinha em eu andar com os olhos inchados e depois e às vezes diziam-me assim “tens os olhos todos negros!?”, “Ah, isso sou eu que os pinto”, a gozar, porque eles sabiam muito bem que não eram. Todos conheciam a coisa (...). Eu estava mal tratada, também estava naquela fase em que era mal tratada pelo pai dos meus filhos. Saí daquela tortura...Mas tudo quanto eu fiz na minha vida não foi de má vontade. Tinha orgulho e se hoje eu lhe dizer, não levem isto como uma presunção, não levem isto como uma vaidade, não levem isto como uma vitória, não! Eu para aquilo que fui criada e para aquilo que sofri, Para aquilo

que eu passei de mal, eu sou muito melhor de ter sido capaz de vencer esta vida.”

Note-se, que após a Revolução do 25 de Abril de 1974, foram impostas uma nova ordem com a mudança da mentalidade do povo português, portanto os valores e os costumes mudaram e para tal foi necessário a elaboração de uma nova carta em que permitiu a igualdade para todas as pessoas perante à lei, como podemos confirmar no seguinte Artigo (Fermino, 2012:17):

“Art. 13.º:

- 1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.*
- 2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, 18 convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social. (Portugal, 1976, cit por Fermino, 2012:19).”*

A mesma autora (Fermino, 2012:19) refere que foi uma vitória para as mulheres portuguesas a elaboração da Constituição de 1976, pois foi-lhes cedido o direito de construir família, contrair casamento em condições de igualdade e a igual capacidade civil dos cônjuges no que toca a manutenção e a educação dos filhos.

“Art. 36.º:

- 1. Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade.*
- 2. A lei regula os requisitos e os efeitos do casamento e da sua dissolução, por morte ou divórcio, independentemente da forma de celebração.*
- 3. Os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e à manutenção e educação dos filhos.*
- 4. Os filhos nascidos fora do casamento não podem, por esse motivo, ser objeto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação.*
- 5. Os pais têm o direito e o dever de educação dos filhos.*
- 6. Os filhos não podem ser separados dos pais, salvo quando estes não cumpram os seus deveres fundamentais para com eles e sempre mediante decisão judicial. (Portugal, 1976, cit por Fermino, 2012:19).”*

3. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS SESSÕES

A maior parte das sessões foram realizadas em grupo, quando não era possível, a sessão era realizada individualmente.

Na primeira atividade dividi os utentes em dois grupos, mas concluí que devido ao elevado número de participantes no diálogo os utentes ficaram impacientes por permanecerem demasiado tempo a ouvir as histórias uns dos outros. Contudo, criei grupos mais pequenos para obter resultados positivos.

Na implementação das atividades verifiquei o plano das atividades anuais e dialoguei com a Técnica Auxiliar de Serviço Social quais seriam os dias e as horas adequadas para a realização das atividades. Por último, verifiquei as horas que os serviços eram prestados. No entanto, ocorreram interrupções ao longo das atividades devido à hora do chá, do almoço e do lanche da tarde, ou até mesmo para alguma atividade ou serviço prestado.

A atividade n.º1, a infância e a vida familiar, de uma forma geral obtive um balanço positivo, pois os utentes sentiram-se à vontade para partilhar a sua história de vida e as experiências do passado. Na elaboração das árvores, eles gostaram da ideia e da exposição das mesmas ao longo do corredor do Centro de Dia. Muitos deles pediram para ficar com as árvores genealógicas após a exposição.

Em relação à atividade n.º2, o percurso escolar, obtive resultados positivos. Todos os utentes ficaram surpreendidos em falarmos em vários assuntos do “passado vivido”, em poucos papéis. A utilização das fotografias foi a estratégia mais indicada, pois não permitiu que os utentes se desapressassem do assunto principal.

Na atividade n.º3, a carreira profissional, não esperava que fosse uma atividade difícil de concretizar, pois as utentes ficavam confusas ou se esqueciam da profissão que estava escrita no papel. Através desta atividade pude alertar a Diretora Técnica para alguns casos que me preocuparam devido à confusão.

Na atividade n.º4, nascimento dos filhos, não tive a atenção se os utentes tinham ou não filhos, como o Utente G, pois não participou no diálogo por não ter filhos. Porém, foi uma atividade muito divertida e os utentes queriam pegar o boneco ao colo.

No projeto de estágio propôs-me a concretizar uma avaliação através de um questionário de avaliação para saber o feedback sobre as atividades realizadas. No entanto não consegui aplicar o questionário de avaliação. Contudo as atividades correram bem e do que pude observar os utentes também ficaram satisfeitos, pois alguns deles referiram que “é pena esta recolha que a Jéssica escolheu não estão datados por de trás...”, “É muito agradável voltar no tempo...”.

CONCLUSÃO

O projeto de estágio a que se refere este relatório consistiu numa proposta de intervenção, com o intuito de compreender as potencialidades da utilização da reminiscência no trabalho com idosos.

A concretização do estágio curricular permitiu-me conhecer os idosos enquanto pessoas e não somente como utentes que frequentam o Centro de Dia.

Através das atividades e dos diálogos com os idosos, tive a oportunidade de conhecer histórias de vida, distintas e enriquecedoras. A análise dos diálogos permitiu compreender os valores, as crenças e as influências sociais que marcaram os idosos nos diferentes episódios de vida.

Quando um idoso conta a sua própria história de vida, ele está a relembrar de certos momentos do passado, acabando por reexperimentar sentimentos e emoções que estão associadas a essas memórias.

A reminiscência é um fenómeno espontâneo que surge em diversos contextos, baseia-se em relatos de um indivíduo acerca de episódios autobiográficos ou de histórias de vida (Afonso, 2011 cit por Lopes, 2015). É também um processo espontâneo, surge através de sons, cheiros, imagens ou outros estímulos (Pinquart & Forstmeir, 2012 cit por Santos, 2012).

Ao longo do estágio curricular, realizei um conjunto de atividades relacionadas com a história de vida e reminiscência com os idosos que frequentam o Centro de Dia da Santa Casa de Misericórdia de Santarém. Em função dos objetivos, centrei a minha análise nos relatos feitos pelos utentes, para tal realizei várias atividades que foram divididas em quatro sessões, designadamente: infância e a vida familiar (“árvore genealógica”), o percurso escolar (“imagem surpresa”), carreira profissional (“quem sou eu?”) e o nascimento dos filhos (“mudar a fralda”).

Através dos relatos das sessões realizadas, é visível o percurso de vida e as aprendizagens que realizaram ao longo da vida e as competências que delas adquiriram (Calha, 2014).

Na metodologia usada é evidenciada a valorização das experiências positivas, devido à forma como os utentes se apresentam nos relatos, construindo uma imagem de si semelhante à identifica em outros contextos (Calha, 2014). É importante abordar as histórias de vida e da reminiscência no trabalho com os idosos, pois é a partir das histórias de vida e das experiências que vivenciamos no passado que vamos construindo o nosso Self e identidade. Não podemos esquecer que o Self inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos

outros, o que envolve a representação mental de experiências pessoais (Gazzaniga & Heatherton, 2003 cit por Macedo e Silveira, 2012). Ou seja, os idosos possuem os seus próprios pensamentos, as suas próprias representações mentais e experiências pessoais.

Duas pessoas podem encarar, viver e atravessar de forma completamente diferente a mesma experiência, mas cabe a cada uma atribuir um significado às experiências vividas. Além de ser importante valorizar as nossas experiências positivas é fulcral relativizar as experiências negativas, pois temos que aprender com elas e retirar-lhes o que essa experiência teve de bom.

Através da autobiografia, os utentes atribuem sentido às suas experiências de vida, além de construir a imagem de si que, muitas das situações, escapa ao propósito do processo de reconhecimento de competências. Cada utente possui uma experiência individual, assinalada pelas contingências da vida, pelas ruturas e descontinuidades (Calha, 2014). Contudo, coube aos utentes serem, ou não, mais pormenorizados e detalhados nos relatos.

As experiências positivas e negativas podem influenciar o nosso autoconceito e a autoestima. Atente-se que tanto o autoconceito como a autoestima são duas componentes do Self. O autoconceito a nível cognitivo, baseado num conjunto de apreciações que o indivíduo faz sobre si próprio, avaliando-se em diferentes competências (Peixoto & Almeida, 1999, cit por Almeida, 2008). Em relação a autoestima, está relacionado com a afetividade, pois é construída por base numa avaliação global que o indivíduo faz de si, revelando até que ponto está satisfeito consigo mesmo (Peixoto, 2003, cit por Almeida, 2008). Ao longo dos relatos é perceptível a valorização do “eu” e a construção de uma imagem de si. A imagem que os utentes têm a cerca de si próprios afeta o seu autoconceito e a autoestima.

Para trabalharmos a valorização do “eu”, é necessário trabalhar a identidade. No entanto, cada indivíduo tem a sua própria identidade, logo possui o seu “eu” e os seus antepassados, a sua própria história de vida e a sua experiência de vida, tal como os utentes que participaram nas sessões.

Logo, é importante que o cliente/utente aceite o seu próprio “eu” e a sua própria identidade, quer do passado, quer do presente.

Erikson (1987 cit por Oliveira, 2014) refere que a identidade é um processo que integra um conjunto de experiências do indivíduo ao longo de toda a sua vida. O mesmo autor fundou a teoria do desenvolvimento psicossocial, no qual o estágio VIII- Integridade VS Desespero corresponde à velhice. Neste estágio, o idoso deve ter a capacidade de integrar e aceitar tudo o que fez até a velhice, ou seja, aceitar tudo o que fez nos estádios anteriores. Caso isto não aconteça, o idoso pode desenvolver o sentimento de inutilidade, de

isolamento e de desespero. Segundo Erikson, o sentimento de desespero está relacionado à consciência da proximidade da morte, pois sentimos que não há forma de voltar atrás para corrigir os nossos erros e refazer as nossas opções fundamentais de vida. No entanto, “o idoso pode nesta altura fazer uma espécie de fuga para a frente convencendo-se que se tem todas as respostas (uma espécie de retorno à adolescência) num forte dogmatismo em que apenas admite sua opinião como a correta” (Farinha, 2015:22). Ou seja, independentemente de todas as experiências positivas ou negativas que os utentes vivenciaram desde a sua infância até a velhice, eles devem aceitar tudo o que vivenciaram no passado.

As sessões sobre a história de vida e a reminiscência, foram fulcrais para a desinibição de emoções e de sentimentos, para promover momentos abertura através dos diálogos realizados entre os utentes, explorar a valorização do “eu” nas histórias de vida dos idosos, promover momentos de aprendizagem através das partilhas e ainda promover a estimulação cognitiva dos utentes.

Nos relatos é visível a singularidade de cada percurso de vida, embora que os relatos assemelham-se geracionalmente, como por exemplo, os quadros ideológicos pelos quais o regime vigente se regia e pela prática política e social do mesmo regime. Verificamos isto principalmente na sessão da “infância e a vida familiar” e no “percurso escolar”.

A primeira atividade abordou a “infância e a vida familiar”. Na sessão foi perceptível através dos relatos uma infância semelhante entre os vários utentes. Pois, os utentes detinham uma educação muito rígida por parte da sua família, baseada num conjunto de deveres e de regras. Essa educação, muitas das vezes suprimiu a sua infância, visto que as crianças entravam para o mercado de trabalho precocemente, abandonando assim o seu percurso escolar. Nos relatos são ainda visíveis as relações familiares entre os vários membros da família.

Apesar da semelhança geracional verificada, o percurso escolar surge menos detalhada nos relatos. Dado que os jovens abandonavam precocemente a escola, com o intuito de começar a trabalhar e ajudar nas despesas familiares. É retratada ainda as punições concedidas pelos professores, (reguadas, orelhas de burro e as canas da Índia) devido às linhas orientadoras (princípios de ação e de justiça) determinadas pelo programa institucional da escola republicana. Porém, os utentes valorizam o seu percurso escolar, caracterizando-se como inteligentes e bons alunos.

No que toca a “Carreira Profissional”, os relatos apresentam-se mais pormenorizados e detalhados. Note-se que o abandono precoce escolar resulta numa baixa qualificação e a uma baixa remuneração, tal como verificamos através dos relatos. É perceptível ainda nos

relatos a valorização de si mesma na execução das tarefas do seu trabalho e o gosto que têm para relatar o seu percurso profissional. A carreira profissional está associada à autonomia e a uma vida ativa. Mas com a entrada dos idosos na reforma resultou na desocupação, pauperização e perda de redes de suporte (Carvalho, 2013), ou seja, a reforma origina a perda de autonomia. Este tema despertou nostalgia e desencadeou emoções e sentimentos.

Na última sessão “nascimento dos filhos”, é visível ao longo dos relatos especificidades dos contextos de vida destes idosos. Algumas das utentes efetuaram o parto em casa com o apoio de uma parteira. Outras referem as dificuldades sentidas durante o parto realizado no hospital. Os utentes mencionaram que não mudavam a fralda a um bebé há muito tempo, daí a atividade resultar em momentos de nostalgia. É de referir, o orgulho que os utentes têm dos seus filhos, pois conseguiram satisfazer-lhes todas as necessidades básicas e ainda transmitir uma boa educação.

Em relação aos objetivos específicos delineados no presente projeto de investigação-ação foram: 1) Identificar as potencialidades e limitações da utilização destas metodologias na estimulação cognitiva dos idosos e 2) identificar as potencialidades e limitações da utilização destas metodologias no conhecimento das histórias de vida dos idosos. Estes objetivos foram estruturados através da implementação das 4 sessões, cada uma voltada para a estimulação da memória e para as histórias de vida e a reminiscência.

O primeiro objetivo específico do projeto de investigação-ação demonstrou que o uso da história de vida e da reminiscência possui potencialidades e limitações na estimulação cognitiva dos idosos. As potencialidades detetadas ao longo das sessões foram a conservação, recuperação e a melhoria das capacidades cognitivas dos utentes através a recuperação de memórias do passado. As limitações verificadas foram as dificuldades de memória e de estados confusionais de alguns utentes, dificultando assim a partilhas das histórias de vida.

O segundo objetivo apontou que a metodologia usada no projeto de investigação-ação revela uma variedade de potencialidades e limitações no conhecimento das histórias de vida dos utentes. Em relação às potencialidades apuradas, foram: a recuperação de memórias do passado; a desinibição de emoções e de sentimentos; o fortalecimento do espírito de grupo; a partilha de histórias de vida; a valorização das experiências positivas; a relativização das experiências negativas; a cooperação de grupo no processo de recordar; o surgimento de novas aprendizagens entre os utentes; a valorização do eu e o reconhecimento da sua identidade. A principal limitação averiguada diz respeito ao dispersar do tema principal da sessão ao longo do relato.

O estágio foi relevante para desenvolver as minhas competências que serão muito importantes para o desenvolvimento da minha profissão no futuro na área de serviço social, como Técnica Superior de Serviço Social e como Mestre em Gerontologia Social.

Durante as 750 horas de estágio foi possível construir uma visão mais ampla acerca do funcionamento da resposta social do Centro de Dia. Tive a possibilidade de observar o trabalho de vários profissionais, nomeadamente o trabalho da equipa técnica do Centro de Dia da Santa Casa de Misericórdia de Santarém e também compreender o trabalho das técnicas auxiliares de serviço social, da psicomotricista, da encarregada de sector, das ajudantes de lar e das trabalhadoras de serviços gerais.

Tive a possibilidade de aprofundar o meu conhecimento sobre o papel do Assistente Social no Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém. A Assistente Social está encarregue de aplicar os Planos Individuais (PI'S) e as respetivas Escalas de Fumat, a escala de avaliação funcional de Lawton & Brody.

Tive a oportunidade de conhecer o papel da Diretora Técnica do Centro de Dia, pois esta era responsável pela prestação do apoio psicossocial aos clientes e às suas famílias; organização dos processos dos utentes, impressos associados; na participação nas reuniões de equipa; na aplicação dos Questionários da Satisfação dos Clientes/Utentes e o tratamento dos respetivos questionários; apoio no preenchimento dos Planos Semanais e Anuais e também nos Planos de Atividades do Desenvolvimento Pessoal (PADP). Também prestei apoio nas atividades de animação – arte como terapia, nas atividades comemorativas, atividades intergeracionais, atividades interinstitucionais, inter-respostas sociais atividades religiosas, ginástica, jogos, literatura, música, saídas ao exterior, têxteis, entre outros (exemplos: Caminhada do Dia Internacional da Irradicação da Pobreza, Lançamento do Livro “Melodias na Manta”, Passeio ao Parque Ambiental de Santa Margarida – Borboletário, Feira de Outono, Feira Gastronómica de Santarém, Feira da Castanha, Festa do Chouriço, entres outros...). Ainda tive a oportunidade de acompanhar o cliente/utente a entidades de saúde, isto sucede-se quando o acompanhamento não pode ser assegurado pela família.

Tive a experiência de ajudar a realizar atividades junto dos utentes e foi gratificante e interessante porque possibilitou-me que houvesse uma aproximação e um convívio entre mim e os idosos. Permitiu-me conhecê-los, falar com eles, conhecer as histórias deles e principalmente ouvi-los, pois é o que muitos daqueles idosos precisam.

Em relação às famílias, pude conhecer alguns familiares de alguns utentes que frequentam o Centro de Dia e senti que fui muito bem recebida. Constatei ao longo do estágio que muitas famílias vinham à procura de apoio para o idoso. A lista de espera é

longa e as vagas são poucas, acabando pela instituição incentivar os familiares a procurarem ajuda em outras valências ou até mesmo em outras instituições.

A maior parte dos utentes que foram admitidos no Centro de Dia e que depois anularam o contrato de prestações de serviço (saídas) foram transferidos para outras respostas sociais ou foram admitidos em outras instituições.

A nível geral, considero que consegui alcançar os objetivos a que me propôs concretizar, tive dificuldade em algumas atividades, mas, os obstáculos que encontrei ao longo deste estágio foram ultrapassados.

Em suma, o estágio curricular foi muito gratificante, pois permitiu-me um enriquecimento pessoal e profissional da problemática escolhida, bem como na formulação do relatório de estágio. Além disso possibilitou-me aperfeiçoar competências, ganhar experiências e conhecer várias realidades.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Andreia (2008). *Identidade Étnica, Auto-Estima e Autoconceito em Adolescentes*. Tese, Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Mestrado em Psicologia, com especialidade em Psicologia Educacional).
- ALONSO, Miguel, SÁNCHEZ, Laura, MARTÍNEZ, Benito (2009). Evaluación de la calidad de vida en personas mayores: *La Escala Fumat*. Salamanca: Publicaciones del INICO.
- AMARO, Maria (2013). *A transformação da Identidade em Idosos Institucionalizados – Um estudo de casos múltiplos*. Dissertação, Instituto Politécnico de Bragança (Mestrado em Educação Social), Escola Superior de Educação de Bragança: Bragança.
- ANDRADE, Lúcia (2009). *A flecha do tempo...as práticas de serviço social nas IPSS no concelho de Coimbra*. Dissertação, Escola Superior de Altos Estudos (Mestrado em Serviço Social: Coimbra).
- APAV. *Bullying*. Consultado em 9 outubro, 2017, em : <http://apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e2>
- APAV (2012). *Violência Doméstica*. Consultado em 9 outubro, 2017, em <https://apav.pt/vd/index.php/features2>
- BARBOSA, Jorge (2011, Fevereiro, 17). *Enfrentar “novos riscos” e resgatar a cidadania perdida: práticas de serviço social no seio das políticas de redução de danos*. Revista Toxicodependências (Volume 17). 71-74.
- BARROS, Zilaine (2006). *Brincar e Saber...E Continuar a Crescer...*Relatório Final de Licenciatura, Universidade Estadual de Campinas (Curso de Pedagogia), Faculdade de Educação: Campinas.
- BASSALO, Lucélia, WELLER, Wivian (2011, junho, 6 a 29). *Imagem Fotográfica: Registos de Visões de Mundo*. XV Congresso Brasileiro de Sociologia.
- BELEZA, Teresa (2013). *Estado Novo, Legislação, Democratização, Mudanças Sociais – Um Campo de Investigação Ainda por Explorar?*. Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/Anexos/7834.pdf>, acedido a 7 de Outubro de 2017
- BRANDÃO, Ana (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Configurações (nº3). 83-106.
- CABRAL, Patrícia (2000, Junho, 08). *História de Vida – Experiência em Elaborar relato Escrito Junto a um Idoso*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CALHA, António (2006). "O Perfil dos Voluntários de Direção das Instituições Particulares de Solidariedade Social do Distrito de Portalegre". Mestrado, Universidade de Évora, Évora.

- CALHA, António (2014a). *Entre Brobdingnas e Lilliput: A apresentação de si na narrativa autobiográfica produzida nos processos de reconhecimento, validação e certificação de competências*. Tese, Universidade de Lisboa (Doutoramento de Sociologia), Instituto de Ciências Sociais: Lisboa.
- CALHA, António (2014b). Saúde, bem-estar e convivialidade dos idosos-Portugal e Espanha, diferenças e semelhanças, no contexto europeu. In A. Anica, A. Fragoso, C. Ribeiro, & C. Souza (Coords.). *Envelhecimento ativo e educação*. Universidade do Algarve, pp. 30-40, Consultado em 6 outubro, 2017, em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/8377/1/Sa%C3%BAdade%20bemestar%20e%20convivialidade%20dos%20idosos.pdf>
- CALHA, António (2016). *Relatos Autobiográficos da experiência escolar- marcam das influências contextuais no envolvimento dos alunos na escola*. Atas do II Congresso Internacional Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas da Psicologia e Educação, Motivação para o Desempenho Académico, 174-187.
- CARVALHO, Maria (2011). *Serviço Social e Envelhecimento Ativo: Teorias, Práticas e Dilemas Profissionais*. Intervenção Social, nº38. Lisboa: Lusíadas. 45-60.
- CARVALHO, Maria de (ed) (2013). *Serviço Social no Envelhecimento*. Lisboa: PACTOR.
- CARVALHO, Maria, PINTO, Carla (ed) (2014). *Serviço Social, Teorias e Práticas*. Lisboa: PACTOR.
- COSTA, Patrícia (2002). *Escala de Autoconceito no Trabalho: Construção e Validação*. Psicologia: Teoria e Pesquisa (Volume 18 n 1). 075-081.
- DIAS, Cristina (2013). *Jogos Pedagógicos e Histórias de Vida: Promovendo a resiliência*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas.
- DUARTE, Paula (2013). *Bem-estar Subjetivo, Locus de Controlo e Autoestima em Adultos*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (Mestrado em Psicologia Aconselhamento e Psicoterapia), Escola de Psicologia e Ciências da Vida: Lisboa.
- FARINHA, José (2015). *Psicologia do Adulto e do Idoso: Manual Pedagógico*.
- FERMINO, Chrytiane (2012). *A situação jurídica das mulheres em Portugal no Pré e pós 25 de Abril, em especial no âmbito das relações familiares*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- FERREIRA, Alexandre (2013). *Processos de (re)construção identitária em contexto prisional*. Dissertação, Faculdade de Letras (Mestrado em Sociologia), Universidade do Porto: Porto.

- FONSECA, Maria (2009). *Carls Rogers: Uma Conceção Holística do Homem: Da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno*. Consultado em 2 outubro, 2017, em: https://www.researchgate.net/publication/271586954_Carl_Rogers_Uma_concepc_ao_holistica_do_homem
- GUEDES, Joana (2008, junho, 25 a 28). Desafios Identitários Associados ao Internamento em Lar. *VI Congresso Português de Sociologia (Série 339)*, 2-12.
- GUEDES, Joana (2012). *Viver num Lar de Idosos*. Lisboa: Coisas de Ler.
- GUERREIRO, Dina (2011). *Necessidades Psicológica de Auto-Estima/ Auto-Crítica: Relação com Bem-Estar e Distress Psicológico*. Dissertação, Universidade de Lisboa (Mestrado Integrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia: Lisboa.
- GUIMARÃES, João (2012). *Autoconceito, Autiestima e Comportamentos Desviantes em Adolescentes*. Dissertação, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (Mestrado em Psicocriminologia).
- LAROVERE, Andrea (2014). *Experiência de Leitura de Crianças em Diferentes Contextos*. Dissertação, Universidade Federal de Goiás (Pós-Graduação em Educação), Câmpus Catalão: Catalão.
- LIMA, Margarida (2010). *Envelhecimentos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- LOPES, Teresa, AFONSO, Rosa, RIBEIRO, Óscar (2014). *Impacto de Intervenção de Reminiscência em Idosos com Demência: Revisão da Literatura*. Psicologia, Saúde & Doenças (Volume 15 (3)). 597-611.
- LOPES, Teresa (2015). *Avaliação de um Programa de Reminiscência em Pessoas Idosas com Demência Leve*. Tese, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (Doutoramento em Gerontologia e Geriatria), Universidade do Porto: Porto.
- LOURENÇO, Paulo (2014). *Institucionalização do Idoso e a Identidade*. Dissertação, Instituto Politécnico de Portalegre (Mestrado em Gerontologia): Portalegre.
- MAMEDE, Anabela (2011). *Recursos e serviços dos idosos: que relação com a satisfação com a vida*. Dissertação, Instituto Superior de Miguel Torga (Mestrado em Psicologia Clínica):Lisboa.
- MARQUES, Adriana (2012). *Terapia de reminiscência, Projeto de intervenção*. Relatório Final, Escola Superior de Saúde de Viseu (Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria), Instituto Politécnico de Viseu: Viseu.
- MACEDO, Lídia, SILVEIRA, Amanda (2012). *Self, Um Conceito em Desenvolvimento: Revisão Sistemática da Literatura*. Paidéia (Volume 22). 281-289.

- MENDONÇA, José, MELO, Rita, PADILHA, Maria (2011, novembro, 7 a 11). *O ATLAS.TI para a análise de Fotos na Pesquisa Qualitativa: Uma Discussão Ilustrada sobre os métodos visuais na educação*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.
- OLIVEIRA, Cristiana (2014). *A identidade do idoso no processo de institucionalização: estudo exploratório*. Dissertação, Instituto Superior de Serviço Social do Porto (Mestrado em Gerontologia Social): Porto.
- PENA, Maria (2012). *Da Construção do Conhecimento ao Processo Metodológico em Serviço Social*. Intervenção Social, nº40. Lisboa: Lusíada. 77-94.
- PINHEIRO, Gilmara (2009). *Memórias e Fotografias: entre lembranças e reminiscências do passado vivido*: XXV Simpósio Nacional de História: Fortaleza.
- PORTELA, Sofia (2011). *Das Histórias de Vida às Vidas com História. O impacto do Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências*. Dissertação, Universidade de Faro (Mestrado em Ciências da Educação e da Formação, especialização em Educação e Formação de Adultos), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais: Faro.
- RAMALHO, Catarina. *Da biografia à história de vida – percurso de uma jovem*. Consultado em 27 agosto, 2016, em http://www.fpce.up.pt/iiijornadashistoriasvida/pdf/2_Da%20biografia%20%E0%20historia%20de%20vidaPDF.pdf
- RAMOS, Cláudia. (2012). *Dificuldades e Necessidades de Cuidadores Informais de Idosos Dependentes da Beira Interior*. Dissertação, Faculdade Ciências da saúde (Mestrado de grau de Gerontologia), Universidade da Beira Interior.
- RIBEIRO, Marta (2016). *Eu sou o meu maior projeto*. Barcarena: Editorial Presença.
- RIBEIRO, Óscar, PAÚL, Maria (2012). *Manual de Gerontologia, aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- ROBERTIS, Cristina de (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*. Porto: Porto Editora.
- SANCHES, Edna (2014). *Intervenção do Serviço Social nas CPCJ'S: Contributos para a Análise Metodológica da Intervenção*. Dissertação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Mestrado em Serviço Social e Política Social): Lisboa.
- SANTOS, Ana (2012). *Reminiscência Individual e Reminiscência Conjunta de Pais de Crianças em Idade Pré-escolar e Escolar*. Dissertação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Mestrado em Psicologia), Universidade da Beira Interior: Covilhã.
- SCMS (2015). *Plano de Atividades 2016*. Santarém: Santa Casa da Misericórdia de Santarém.

- SERRA, Adriano (1988). *O Auto-conceito*. *Análise Psicológica* (2 (VI)). 101-110.
- SERRANO, Gloria (2008). *Elaboração de Projetos Sociais, Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- SOUSA, Isabel (2013). *Serviço Social em Debate: Que referências genéricas?*. *Intervenção Social*, nº42/45. Lisboa: Lusíadas.
- SOUSA, José (2012). *Autoconceito e Perceção sobre o Envelhecimento dos Profissionais que Lidam Diariamente com o Idoso*. Dissertação, Universidade da Madeira (Mestrado em Psicologia da Educação): Região Autónoma da Madeira.
- SCHWEITZER, P. & BRUCE, E. (2008). *Remembering Yesterday, Caring Today: Reminiscence in Dementia Care A Guide to Good Practice*. London on Philadelphia: Jéssica Kingsley Publishers.
- TÁTÁ, Sandra (2014). *Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade*. Dissertação, Universidade de Coimbra (Mestrado em Psicologia da Educação), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Coimbra.
- TEIXEIRA, Liliana (2010). *Solidão, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos: Um Estudo avaliativo Exploratório e Implementação-Piloto de um Programa de Intervenção*. Dissertação, Universidade de Lisboa (Mestrado Integrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia: Lisboa.
- TEIXEIRA, Maria (2014). *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspetiva do Professor PDE: Produções Didático- Pedagógicas*. (Volume II): Londrina.
- TELES, Luísa (2008). *Adaptação do Questionário de Reminiscência*. Dissertação, Faculdade de Medicina de Lisboa (Mestrado em Psicogerontologia), Universidade de Lisboa: Lisboa.
- TEÓFILO, Elisabete (2015). *Vivências de Pessoas Idosas em Meio Institucional – Trajectórias Sócio-Identitárias*. Dissertação, Escola Superior de Alto Estudos (Mestrado em Serviço Social), Instituto Superior Miguel Torga.

ANEXOS

**ANEXO I – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE FOTOGRAFIAS E
GRAVAÇÕES DE ÁUDIO**



PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE FOTOGRAFIAS E GRAVAÇÕES DE ÁUDIO

O cliente/utente _____ autoriza a estagiária Jéssica Catarina Fernandes Jardim, aluna do Mestrado em Gerontologia Social pelo Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, em estágio no Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, a tirar fotografias e gravações de áudio, reproduzi-las e expô-las em projectos e na resposta social de centro de dia.

O cliente/utente pode recusar no ato em concreto a tiragem de fotografias e gravações de áudio ou a exposição das mesmas, o que deve ser respeitado, sem que esse ato ponha em causa a presente autorização em situações futuras.

O cliente/utente pode retirar esta autorização, a todo o tempo, mediante declaração escrita que demonstre essa vontade.

☐ Autorizo a recolha de imagem e de áudio.

Santarém, ____ de _____ de _____

Assinatura: _____

ANEXO II – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º1

TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.1 – INFÂNCIA E A VIDA FAMILIAR

UTENTE A

A - Eu praticamente não sei o que foi viver com os meus pais e com os meus irmãos que não tive. Carinho nem de pais, nem de irmão. O meu pai era um homem viúvo, com cinco filhos, a minha irmã é que me acabou de criar, mas como tenho dito muita vez o meu pai era um homem, tenho impressão, que não tinha amizade a ninguém. Não me lembro de um beijo do meu pai, não me lembro de um beijo da minha mãe, não me lembro de um carinho do meu pai, nem me lembro de um carinho da minha mãe. Mas também ao mesmo tempo, hoje por mim vejo que talvez não fossem eles que tivessem educação, ou talvez fossem eles que não tivessem tempo para isso, talvez fosse o próprio feitio deles.

Se a minha mãe nos deixava passar fome, eu digo que não. Se deixava a gente andar sujos, não. Deixar a gente a pedir de porta em porta para comer como muitas pessoas, não. Deixar a gente ir à sopa dos pobres ir buscar comer, não. Tivemos sempre muita farturazinha, andamos sempre muitos limpos e cuidados.

Eu fui a mais vítima do meu pai, porque eu era a mais nova das raparigas naquele tempo e depois eu era pequenita. A minha mãe assim que casou, a minha irmã filha do meu pai e dela. A minha mãe separou-se do meu pai a cabo dos 19 anos, então só trouxe a mais nova, que foi criada com a minha mãe e com outras senhoras e eu fui criada com o meu pai, mais uma irmã que já morreu e mais um irmão que já morreu, mas esses eram todos mais velhos. Quando eles se viram sozinho mais o meu pai e comigo e sem a minha mãe, eles começaram a procurar vida.

O rapaz naquele tempo ia procurar servir para o campo, o meu irmão foi servir, a minha irmã foi servir para a casa de uma senhora e eu fiquei dois anos sozinho com o meu pai. Então passei a vida com o meu pai a guardar gado. Eu andava sempre atrás do meu pai, eu era a guarda gado e o meu pai era muito bêbado. Como ficava na primeira taberna da ribeira, ficava lá até fazer horas e ir-me buscar, já bêbado quando vinha com o gado todo. É que ali aparecia, não se fazia comer em casa porque ele tinha medo, então comprávamos o comer a uma senhora que tinha ali uma loja, a Mercearia da Viúva do José Hilário que ficava num prédio ao lado da escola. E assim andava toda partida, toda escavacada, ele caía e eu caía e íamos a rolar pelas barreiras abaixo. Eu tinha que ordenhar as vacas, as cabras, pronto, eu levei uma vida de escravatura.

Depois pensei em sair de casa, depois aí é que iria ter casa própria. Mas só quero falar na vida dos meus pais. Eu gosto dos meus pais, tenho muitas saudades dos meus pais, mais não posso dizer. Tenho muitas saudades de não ter lembrado de um beijo do meu pai, de um carinho do meu pai, nem da minha mãe. A minha mãe mesmo assim talvez fosse, até

viver com a gente, fosse um bocadinho melhor que o meu pai, porque antes os colchões eram de camisas, abria-se uma abertura e para agente mexer as camisas para se fazer a cama e a minha mãe cortava uma fatia de queijo, porque sempre tivemos muita fartura de queijo e a minha mãe ia lá à prateleira e tirava queijo, mas tinha-mos que engravatar outros para dizer ao meu pai que eram ratos. Metia-mos no pãozinho, eramos tantos filhos que os pão ficavam embrulhados numa rodilha, agora é um pano, mas antigamente rasgávamos uma camisola e embrulhávamos. Então tínhamos o pãozinho aí escondido para quando tivéssemos fome, sem o meu pai saber. Na casa do meu pai agente tinha um alguidar de barro, no meio do chão em cima de uma manta e tudo ali sentado, grandes, pequenos, ali sentavam com uma colher de lata, era as colheres que havia antes e tudo comia. Comíamos sim senhora e nada nos faltava, mas o melhor bocado de carne tinha de ser para o meu pai, matávamos o gado, vacas, cabritos, de tudo o que a gente comia o melhor que havia primeiro tirava a parte para o meu pai.

Eu já em pequenina, eu reparava nisso, sentia-me escrava. Sentia-me porque não sabia o que era o pai dos outros, mas o meu cérebro é que notava “mas porquê que ele tem de comer o melhor?”. Para mim, hoje, o meu pai era egoísta, porque já sou mãe e já sei como criei os meus filhos e o melhor os pais têm que dar aos filhos e o meu pai era ao contrário, o melhor era para ele.

Depois também tive uma vida muito dura depois de casada, casei com um homem 10 anos mais velho do que eu, mas um homem muito bonito, um homem de respeito, com uma profissão ...mas tinha uma profissão escondida. Tinha uma amante quem vim a saber. A amante dava-se muito bem com ele, o marido da amante dava-se muito bem com ele. Era um mundo que eu desconheci e fiquei sabendo depois. Mas eu o comparava com o meu pai, porque quando ele começou logo a ter filhos o melhor tinha que ser para o meu pai e lá em casa era igual...o melhor tinha que ser para ele, depois eu comecei, talvez para dizer a verdade, o amor que tinha aquele homem, tinha um amor muito grande, era nova se calhar e tornou-se em ódio, vivi com ele muitos anos com ódio. Via nele o meu pai. Se ele tivesse um filho muito doente, ele já não o queria. A melhor parte do comer tinha que ser para ele, aí dele se soubesse que eu tivesse dado a melhor coisa aos filhos.

Gostei muito dos meus pais, mas depois comecei a pensar pela cabeça que eu estava a viver a outra vida de novo e que não tinha necessidade de estar a viver aquela vida de novo, mas o que estava a fazer de igual ou parecido com a minha mãe. Mas mesmo assim, ainda hoje sinto saudades dos meus pais. Senti alguma coisa que cá dentro do meu cérebro quando morreu o meu filhinho, tinha vindo do Algarve enterrar o meu filhinho, deitei-me dentro do meu quarto e deitei-me na minha caminha sozinha e não digo que estava sozinha

porque tinha ali a Nossa Senhora e acordei, vejo a minha mãe à entrada da minha porta tal e qual e com um lacinho atado e toda de preto e vi lá a minha mãe. Quando vi a minha mãe eu chamei pelo nome dela e a minha mãe desapareceu e a saudade que eu tenho...eu sei falar com pessoas que me sabem compreender e que compreendem a minha angústia tão grande e que a minha mãe onde estava veio em meu auxílio. E quando dei por ela a minha mãe foi-se embora. E eu tanta vez lhe dizia assim “ gostava de ver o meu pai”, se os pais gostam dos filhos eles vêm ao auxílio deles, porquê que eu nunca vi o meu pai, mas se há uma pessoa que eu gostava de ver e de ver as feições do meu pai, porque já se passaram muito tempo e que tenho feições é do meu pai, mas dizer que o meu pai era boa...não, nem sei o que é o amor de pai, nem soube o que era amor de mãe.

Éramos irmãos de duas classes, eramos de duas ninhadas, eram irmãos da parte do meu pai, 5, e eram 6 da minha parte. Tivemos altos e baixos porque havia filhos da parte do meu pai mais velhos que os filhos da minha mãe, porque a minha mãe quando casou com o meu pai, ele era viúvo e vivia ao lado da minha mãe e a mulher deixou-lhe um bebé com 18 meses e a minha mãe casou com o meu pai por cauda daquela menina de 18 meses. A minha mãe até dizia-me que chamavam-na Ana, por aquela ser tipo homem, uma mulher de trabalho e nunca tinha namorado e ninguém a queria. Enfim, demo-nos sempre muito bem, umas vezes com altos e outras vezes com baixos, mas sim, muita vez ia para casa dos meus irmãos, demo-nos todos sempre muito bem uns com os outros, umas vezes mais, outras vezes menos...mas se havia anos, se havia festas e porque também começaram a casar e começaram a sair de casa e iam para longe e estávamos muito tempo sem as ver. Até agora só temos uma e até eles irem morrendo, acompanhamos sempre, uns dias mais, outros dias menos.

Não se podia brincar...O meu saia de manhã e levava um rebanho de cabras e eu era a primeira a sair do que ele...A menina já viu onde era as Clarissas? Vivi aí, cresci aí e dava aquela curva toda sem luz, às 5h da manha e uma menina de 7 anos, para vir dar aqui à rua de D. Afonso para vir buscar o leite. Não era uma menina feliz, nunca fui feliz e se eu disser à menina que senti-me feliz e senti-me como uma mulher foi ao fim dos médicos separarem-me do meu primeiro marido e de eu ter a sorte de encontrar o segundo marido, enquanto foi vivo fui 25 anos muito feliz pelos meus filhos, pelo meu marido. Até lhe digo uma coisa, tinha mimo demais, fui muito mimada. Ai sim, fui muito feliz.

Todo este tempo passado, até e casar, fui feliz quando comecei a ter os meus filhos. Era feliz ser mãe, era feliz ter os meus filhos, mas era triste para criar os meus filhos tive que levar muita tarefa, ter que esconder o dinheiro sempre no peito para poder ir comer e tratar de dar comer aos meus filhos, ter eu encher a barriga aos meus filhos antes de ele

chegar e de irem para a capoeira das galinhas ou no meio da rua em casa da minha vizinha com medo de ele vir e fazer o meu corpo negro, se fui feliz? Não. Só fui feliz a partir do segundo de maridos. Porque com os meus filhos ao pé fui sempre muito feliz. Trataram-me sempre bem, foram sempre muitos amigos como continuam a ser, mas o carinho suficiente para eu ser feliz. Já viu eu com um filho de 10 anos que foi alérgico a umas feridas que teve, pois era alérgico a mercúrio e nós não sabemos, nem os médicos sabiam e depois era uma pomada e eu ia levar aquele filho para o hospital para Lisboa, um irmão meu é que me levou, ele era chofer dos Vinagres dentro da carreira e ele foi comigo...a preocupação do pai foi arranjar uma pensão para eu ir dormir de noite e eu no Hospital de S. José, no hospital do desterro sem saber para onde eu ia i, a chorar à porta, não sabia do meu filho e não sabia dele porque primeiro tinha ido arranjar um quarto para ele dormir. O senhor que levou o meu filho, e depois viu que eu ainda lá estava “a senhora ainda aí está?”, “Tou, mas queria saber do meu filho”, “anda cá”. Ele levou-me a pé a ver o meu filhinho e já eram 23h à enfermeira onde estava o meu filhinho. Viu-o vestido, sentadinho...depois me disseram “amanhã de manhã a senhora vem cá ter às tantas horas e vai ver que está aqui o se filho. E ele quando chegou ao pé de mim, nunca mais me viu porque nunca mais saí dali porque ele foi para a pensão que arranjou sozinho. No outro dia, dirigiu-se ao Hospital de S. José e lá lhe indicaram e só me encontrou na camionete com o meu irmão que nos levou...eu nunca sai dali sem o meu filho e ele andou por lá onde quis até apanhar a camioneta.

UTENTE B

B - O meu pai era tão religioso que até era conhecido lá na minha terra como o Zé Padre porque ele ia todos os dias à missa, além disso fazia as novenas à noite, quando era na quaresma ele fazia as ladainhas e os passos na rua que naquela altura vestiam-se três pessoas com os lençóis brancos, o que nesta altura são os acólitos, um levava a cruz e dois levavam as velas e iam pela rua fora. Então havia os locais onde faziam as paragem e liam o que estava no livro e cantavam, e o meu pai é que fazia essas coisas e então sempre muito religioso. Tanto que era religioso e sempre que chegava à quaresma comia apenas uma vez ao dia e não bebia vinho durante a quaresma porque era para evitar e fazer um sacrifício porque bebiam muito e ele não bebia, apesar de haver sempre vinho em casa...ele chamava os amigos e dava de beber.

Além disso era tão religioso e pegava um saquinho, que naquele tempo era pão de milho e fazia uma broa e colocava-a no saco, ia à Fátima com aquele bocado de broa e era só o que comia. Ia e vinha a pé...e assim sucessivamente. O meu pai trabalhou no crematório da Covilhã e vinha todos os dias à missa e um dia o Sr. Engenheiro que

trabalhava lá nas obras viu que ele iria chegar tarde e disse-lhe assim “oh Zé, só agora é que chegaste ao trabalho?”, “Fui à missa. Desculpe lá...”, “Você vai à missa? Então podes ir todos os dias, porque tens autorização”. O Sr. Engenheiro também era religioso e deu-lhe essa autorização...

Muitas das vezes o meu pai dava uma volta pela povoação com um saco para pedir esmola, mas não era para ele. Ele junta essa esmola, quer seja dinheiro, milho ou feijão que davam, ele juntava e mandava dizer missa pelas almas.... E fui assim que colocaram o nome do Zé Padre.

O meu pai era um artista que havia por ali, era conhecido por todo o lado...ele tanto era canteiro, como era pintor, como era carpinteiro...ele fazia de tudo. Tanto assim que ele fazia cruzeiros feitos e coisas que se pode ver e está lá feito por ele na nossa casa, precisamente onde vivem agora as nossas irmãs. Um oratório onde está num lado o Sr.José e no outro lado a Sagrada Família e no centro do púlpito deixou um pilar de pedra...uma coisa bem-feita.

Naquele tempo lá havia o Vale da Torre, mas não havia torre e então ele como era tão religioso e dizia então para o padre: “Isto é o Vale da Torre, mas não é o Vale da Torre, é o Vale sem torre.”, “Pois, mas é o nome que tem desde o princípio, mas nós havemos de colocar no Vale da Torre uma torre.”, “Uma torre, Sr. José Mendes?”, “Pois, não há dinheiro para fazer uma torre, mas isso é mais fácil do que a faze.”. Tanto assim que pensou nem fazê-la, que ele mais o meu irmão e um sobrinho dele também se juntaram para fazer aquilo. Abriram u cabouco para fazer um alicerce. Ele fez o desenho da torre e instala uma torre com 17 metro. Qualquer torre não era igual aquela. Ele fez nos cantos à saída de água lá em cima, onde se chamava o “Zanbor”, a partir do escapulário do sino, com umas coisas salientes que parecem uns cavalinhos, onde sai a água toda junta daqueles quatro cantos, num burquinho feito no lábio ou no queixo do cavalo, o que lhe chamam os boliões outros lhe chamam os cavalindios, eu não sei o que é. Sei que pelo meu pai, tudo admira aquela obra...o meu pai era uma artista.

A minha mãe era espanhola. O meu pai foi para a Espanha e lá se enamorou dela e se casaram. O meu pai foi para a Espanha porque gostava enamorou uma senhora ao qual ela gostava muito do meu pai e o meu o pai e então num dia ele deixou-lhe uma carta no quarto e saltou pelo janela do quarto. A janela tinha uma varanda e era baixinha. Ele enamorou-se a minha mãe e veio para Portugal. Todos os filhos nasceram em Portugal. A minha mãe era uma cantora e tinha uma voz que era uma maravilha. Ela também era muito religiosa. Era ela que instruía as pessoas para cantar nas igrejas, tanto que assim que iam ter com ela à casa para ela ensaiar grupos para poderem cantar e as minhas irmãs algumas delas saíram

à minha mãe e também cantam bem. Há uma que está no lar de São Domingos que tem uma voz que é uma maravilha e a mais velha igual. Só uma delas é que é um bocadinho má voz, mas de resto canta tudo muito bem. E assim fui a minha família.

Eu fui sacristão 25 anos. Tinha 10 anos e já andava a ajudar na missa, descalço, pois naquela altura não havia dinheiro para comprar uns sapatos.

Ainda me lembro que foi uma senhora que me ofereceu umas botas... “Oh rapaz, então vens ajudar a dar a missa descalço e o teu pai não te compra umas bostas?”, “Olhe, não compra e eu venho descalço.”, naquela altura ela ofereceu-me umas botas para eu ir ajudar a dar a missa. Naquele tempo ajudava a dar a missa em Latim, só depois é que apareceu o português na igreja.

Estagiária - Independentemente do tempo havia tempo para uma relação familiar?

B - Sim, todos os havia aquela reação, pois dávamos todos muito bem e o meu pai era daqueles que nos dava a autorização a ir brincar um pouco no domingo, pois nos outros dias não havia vagar porque saíamos logo de manhã com ele para o trabalho e vínhamos à noite, portanto só nos domingos é que tínhamos um bocadinho. À noite reuníamos e rezávamos o terço, enfim, dávamos sempre bem.

Estagiária - E a sua relação com as suas irmãs?

B - Sempre bem...havia às vezes uma rixa e que até o meu pai não gostava nada...eu era o que deixava passar, o meu irmão era o mais rijo...

Com as minhas irmãs nunca se passou nada, sempre estivemos bem.

UTENTE C

C - Os meus pais, eram muito bons, o meu marido, a minha mãe também, nunca me bateu. A minha mãe numa ocasião quase me bateu porque os meus padrinhos tinham-me dado um boneco muito grande, mas como a minha mãe tinha bocado de tecidos de coisas e como a minha mãe fazia os nossos vestidinhos e erámos três filhas e de vez enquanto ia a modista à casa para fazer coisas, quando a gente era bem grande e tudo...eu cortei um bocado de tecido para fazer um vestido para um e fui vestir um boneco e não disse à minha mãe e quando ela viu o boneco vestido e ela “Ai quem fez isto?”, “eu não fui”, “eu não fui”, mas eu é que era a mais amiga de bonecos. A minha irmã mais velha era toda de se embonecar, pois vinha a moda dos brincos ou do alfinete, era vaidosa. Eu não era vaidosa, eu usei peúgas até aos 18, eram peúgas ao xadrez e de lã....

Andei a estudar. Tenho o 5º ano. Quando era para tirar enfermagem, eu não fui....olhe, era tanta coisa, tanta coisa que a minha mãe dizia “ai estas minhas filhas dão cabo de mim”. A mais nova era muito “cabrita”, muito brincalhona, foi a primeira a morrer, já casada.

Éramos felizes, tivemos tudo quando queríamos, não sei o que dizer mais...

Éramos três raparigas e a minha mãe mandava a costureira lá em casa, apesar de ele fazer muita coisa...depois fui para a escola. Andei numa escola particular, onde pagava 30 escudos, gostava de estar na escola e de ver as minhas irmãs...tantas coisas que já não me lembro...eram coisas boas.

Estagiária - Gosta muito de brincar?

C - Gostava, de bonecos...as minhas irmãs não, a mais velha se aparecia um pisbeque qualquer e ela ia logo comprar, pedia dinheiro à minha mãe e a minha mãe dizia assim “ai esta rapariga não é como as outras, gosta de sempre a andar com coisas a enfeitar”, a do meio também era e eu era a mais simples, não ligava a essas coisas.

Estagiária - Os seus pais trabalhavam em quê?

C - A minha mãe não trabalhava em nada e o meu pai estava reformado da Casa Real. A Rainha D. Amélia a última vez que veio a Portugal queria o ver, até saiu no Diário do Governo e eu até apanhei um grande susto, depois com estas coisas do Governo e os senhores que tratam destes assuntos que nós sabemos tratar, com um senhor à porta e um policia e quem fui abrir a porta fui eu....e depois pensei “porquê que eu abri a porta!? Logo a pessoas que não conheço”, mas o senhor disse-me assim “a Senhora que não se assuste. Está aqui um polícia”, para que eu não tivesse medo, nem se fosse alguma aldrabice que fosse dizer... depois falou comigo e depois trataram da reforma porque a D. Amélia na última vez que veio a Portugal quis ver os mordomos e já tinha saído no Diário do Governo o nome do meu pai. E ela depois fez uma grande festa para esses mordomos e lembro-me que a minha mãe também foi. E a minha mãe então foi muito bonita, convidaram a minha mãe também e lembro-me que a minha mãe também metia lá a costureira em casa e a modista que fez o vestido de casamento e de batizado...E na última vez que ela veio a Portugal ela quis ver, e a minha mãe foi com o meu pai também. Depois houve lá uma grande festa e houve muitas coisas...já não me lembro...

O meu pai foi uma pessoa muito importante...

O meu filho tem lá o retrato do meu pai, dele fartado com uma farda muito bonita. Quando morreu o rei, o meu pai vinha no coche com o rei e com a rainha e passou-lhe uma bala e ele não sofreu nada, mas morreu o rei. O rei tinha um filho, esse lembro me muito bem dele...era o Manuel II, ou o que era... O meu pai tinha a foto dele lá vestido em casa e está num museu a fotografia, se bem me lembra no Museu das Janelas Verdes, ali em Lisboa...

Eu já era casada quando fui ver esse museu e quando chego encaro com a fotografia do filho do rei. Ele morreu com uma Angina de Peito...ou differia ... Eu ainda me lembro de

ele morrer e lembro-me do meu pai ir ao funeral de fato preto e na altura que estava lá com eles, sei que ele cortou o bigode...depois e passar um tempo ele morreu e tem um museu que fica lá para Lisboa, em cascais, lá para baixo... e quando entro no museu e encaro com o homem que conheci, tive um ataque de choro que não queira saber... “porque chora a senhora?”, e eu não dizia nada...não sei se já ia com o meu marido e tínhamos as fotografias deles ...

O meu pai não sabia ler. O meu pai nasceu numa aldeia, ali ao pé de Coimbra e ainda não havia escola no tempo do meu pai na terra dele. Sei que ele tinha uma pessoa para fazer as contas dele, depois eu cresci e disse assim “se o pai quiser eu também posso fazer isso”. E eu comecei a fazer os serviços que os outros faziam. O meu pai num ataque de loucura e como na terra dele não havia escola, porque ficava assim longe e a minha avó tinha muito medo que fizessem mal ao menino e que pudessem desloca-lo para outro lado. Mas fazia as contas, fazia outras coisas...e muitas coisas mais a respeito deles...

Estagiária - Independentemente de o seu pai ser mordomo, ele tinha tempo para a família?

C - Sim.

Estagiária - Tem boas lembranças de Almada?

C - Sim...muitas já morreram, mas muitas....

UTENTE D

D - Antigamente tudo trabalhava no campo. Os meus pais tinham as suas fazendas. Trabalhavam nas fazendas, cultivávamos as coisas.

O meu pai era muito habilidoso, sabia fazer de tudo e de maneira que trabalhava para os senhores lá da terra...nascemos aqui perto, mas não em Santarém. Pronto, o meu pai trabalhava no campo, trabalhava para aqueles senhores, fazia a horta, fazia podas, muito ele trabalhava.

A minha mãe era muito boa. Toda a gente gostava da “prima Anicas”, toda a gente a chamava de Anicas e toda a gente queria a Prima Anicas lá em casa a trabalhar. Foi muito boa mãe. Criou 8 filhos, trabalhou muito para os filhos e criou os outros 8 filhos muito bem e tudo muito bem educados. Pronto, fomos todos amigos uns dos outros e tudo muito bem criadinhos. A nossa mãe não queria que os filhos andassem a trabalhar no campo, depois ela lá dizia “os meus filhos agora passam a vida toda aqui a trabalhar”, quando temos coisas para fazer naquilo que era nosso a gente fazia, quando não tínhamos íamos trabalhar para as outras pessoas para fora e a minha mãe dizia “meus filhos a trabalhar sempre no campo? Não pode ser...”. Depois resolveu vir para Santarém. Os que já estavam casados ficavam já

nos seus lugares e os que estavam solteiros trouxe tudo...Olhe e ela foi uma grande mulher, de trabalho, sabia fazer de tudo e tudo bem feito e pronto, foi muito boa para os filhos. Foi uma mãe maravilhosa.

O meu pai não foi assim tão bom porque era um bocado ruim para nós e depois começou a beber a sua pinguita e começou assim. Depois viemos para cá graças a Deus...eu casei lá na minha terra, mas como a minha mãe veio para cá eu vim logo atrás dela. O meu marido começou a trabalhar com o pai dela nos celeiros do trigo. O meu marido trabalhou com o teu pai...

I - E ainda trabalhou no leite também...

D - Pois. E depois foi para a Ribacal do leite. Até morrer. Foi muito novinho, com 65 anos.

Os meus irmãos depois empregaram-se uns num local, outros noutros...as minhas irmãs a mesma coisa. Cá fizemos a nossa vida.

Estagiária - Como era a vossa educação?

D - A educação não era como hoje. O meu pai tinha que ser com muito respeito. Depois todos foram casando e foram para os seus lados, cada um foi para a sua casa. E claro que a nossa educação não era como agora, nem como dei às minhas filhas. Mas graças a Deus a minha mãe, mãe de 8 filhos, mas nenhum foi “gatono”, nenhum fez isto, tudo se comportou muito bem, tudo foi para as suas casas.

Estagiária - Como foi a sua infância? Brincavam muito?

D - Brincar? Não. Trabalhávamos!

I – Nós começamos a trabalhar cedo. Tínhamos pouco vagar para brincar.

Trabalhávamos muito. Mas era assim, o meu pai tinha fazendas, durante a semana às vezes íamos trabalhar para fora e ganhar dinheiro e aos fins de semana íamos trabalhar para as nossas fazendas. Trabalhávamos muito, não é como agora...era assim uma vida dura. Íamos ceifar trigo, achar milho, todas essas coisas do campo que nós sabíamos fazer tudo.

Então não havia tempo para nenhuma brincadeira...

Sim, agente brincava pouco. Mas o meu pai também era assim um pouco áspero e depois não deixava agente ir aos bailes divertir-se um bocadinho. Era vida de campo querida.

Sabe, eu sei-lhe dizer uma coisa, antigamente os ricos ou porque tinham mil contos eram os ricalhaços, os pobres eram pobres. Os pobres eram rebaixados...agora os pobres é que rebaixam os ricos. São uns desgraçados.

Na minha terra e nas outras terras, as vezes me perguntam-me o nome do meu irmão na aldeia. E às vezes eu lhe pergunto, “Olha lá Reinaldo, sabes alguma coisa?”, “Olha, o Germinaldo está numa miséria, ele está num lar, olha não tem dinheiro...”, “tu não me dias?”, “Olha, agora são eles os pobrezinhos e a gente graças a Deus governa-se muito bem e não devemos nada a ninguém e eles é que são os desgraçados e não têm nada”.

Estagiária - Acha que a educação que lhe foi dada se reflete agora?

Claro, o meu pai não sabia ler, a minha mãe também não. O meu pai não sabia ler, mas era tão inteligente e sabia de tudo e se lhe perguntassem ele respondia a tudo. Ele era muito inteligente para tudo, tanto para o trabalho, para fazer de tudo do trabalho, o Alexandre era chamado para todo o lado porque ele sabia fazer de tudo. Era como a minha mãe, ela sabia fazer de tudo. A prima Anica era chamada para todos os lados, para festas que havia para matar porcos, a prima Anica era boa para temperar as carnes.

Lembrasse de algum momento que passou com os seus pais ou com os seus irmãos?

Olhe, o meu pai não era de brincadeiras. Só me lembra de uma vez em que nós estávamos no quintal e nós tínhamos um gato. O gato foi tirar não sei o quê e diz o meu irmão “está quieto que o meu pai bate-te!”. Era pai dele e era como e fosse também pai do gato. Agente não tinha brincadeiras para brincar. As nossas brincadeiras eram engraçadas porque haviam aquelas giestas e havia outras ervas que deitava, flores e tudo e agente brincava a fazer de conta que iríamos apanhar frutos das árvores. Frutos nós tínhamos, graças a Deus tínhamos cerejas, maçãs, figos. Fazíamos rocas de cerejas, era uma coisa linda. Sabe o que é uma roca? Era uma cana grossa e depois nós rajamos a cana e depois apanhamos as cerejas e depois ponhamos as cerejas...ficavam muito lindas. Pronto, entremetia-mos assim com essas coisas e era assim a nossa vida. O meu pai impedia que fossemos a um baile e o meu pai nos deixava-nos vestir e chegávamos ao baile e sentávamos e já estava o meu pai a dizer “vá, vamos embora!”, “mas a gente ainda agora chegou”, “vá, vamos embora”.

Era esta vida assim, claro que viemos para Santarém, as nossas filhas cá nasceram e cá se criaram graças a Deus. Está aqui ela e pode dizer que conhece as minhas filhas, assim como conheço as dela. Graças a Deus, o meu nosso Senhor que nunca me deram desgosto, foram sempre umas filhas boas para estudar, sempre muito obedientes...

UTENTE E

E - O meus pais eram comerciantes. Tinham um comércio e um escritório. Eram umas pessoas que viviam muito bem.

Do lado do meu pai, era só o meu pai era filho único. Do lado da minha mãe eram 16 filhos. Viviam na Portela.

Os meus pais andavam sempre à briga, porque a amante era superior à mulher... e a minha avó de noite acordava e olhava para o lado e não via o marido, levantava-se e vestia-se às tantas da noite e ia ter com o meu avô porque sabia que ele estava com a amante.

Elas punha-se a olhar pelos buracos das portas e via-o lá deitado ao lado dela...a minha avó zangava-se logo com ela e apanhava-a na valeta. Ela não tinha assim tanta força como a minha avó.

Tive uma relação muito próxima com a minha avó especialmente...

Depois eram abastados...eram 16 filhos, mas era só uma menina...era o luxo lá da Portela...

Entretanto ela cresceu, estudou e começou a namorar o meu pai...o meu pai era alcoólico. Namoram uns poucos anos, mas como o meu avô queria que ele se emendasse, esconderam sempre que ele era alcoólico. A minha mãe era a menina bonita lá na Portela e como tinha dinheiro...entretanto casaram e começou logo a tratar mal a minha mãe...ele batia na minha mãe e ficava logo negra. Ele batia-lhe e ela fugia de casa e nós ficávamos ali. O meu pai só tinha uma coisa boa, não batia nos filhos... Os filhos eram sagrados para eles...ponham-nos todos em ordem e colocava a minha mãe no quarto e fazia trinta por uma linha...ela andava sempre com os olhos negros.

O meu pai era um alcoólico e a minha mãe trabalhava para sustentar cinco filhos.

A relação dos filhos com o pai era boa porque ele nunca nos batia...só nos fazia passar fome, mas bater e maltratar os filhos não.

Acho que ele tinha ciúmes da minha mãe, por ela ser a menina bonita lá na Portela...quando ela casou, as vizinhas diziam que ela levou aquilo e aquilo...

Depois o talho foi-se abaixo, o meu pai matou-se porque se viu cheio de dívidas e era uma pessoa seria e era uma pessoa com uma capacidade extraordinária....ele matou-se e a mulher ficou com os filhos e criou-os todos.

A minha irmã era um bocadinho arisca, e eu era muito franzina...deitei este corpo, mas era uma tripeira. Os meus irmãos eram muito unidos.

Brincávamos....Lembro-me de um café, em que ainda está lá a casa, está a cair, mas ainda está lá...antigamente faziam baile e deitavam o resto dos pacotes de açúcar...pacotes não havia...antigamente era tudo ao peso, então deitavam para o chão e no dia a seguir íamos lá apanhar o açúcar.

UTENTE F

F - Os meus pais eram muito pobres, mas davam sempre aquilo que puderam. O meu pai gostava um pouco de pinguinha de vinho, mas não era ruim para a família, nem estragava o dinheiro que era para dar de comer aos filhos. Eu adorava o meu pai e a minha mãe também gostava muito dela, apesar de ela ser um bocadinho mais áspera.

A minha mãe era rigorosa e eu então gostava de a ver a correr atrás de mim para ela me bater, fazia-lhe caretas...quando era para fazer algumas injúrias...a minha mãe ralhava comigo ou ela mandava eu fazer qualquer coisa e eu “não faço, não faço! Não vou, não vou”, até ela me bater. Ela tinha razão...

Quando ela era velha eu dizia-lhe “oh mãe, quer me bater?” e ela “ainda te lembras disso!?”...bem que eu gostava de a ver a correr atrás de mim. Agora o meu pai não....

O meu pai só me bateu uma vez e só me deu um estalo uma vez por causa desta minha irmã. Eu era a mais nova delas todas, esta minha irmã estava a mandar-me ir ao sapateiro para buscar o sapato dela e eu “vai lá tu! O sapato é teu!”, “Vai lá!”, “Não vou!”...o meu pai veio atrás de mim e deu-me um estralo e nem reparei se tinha sido ele ou outro...só olhei para trás quando ia muito longe.

O meu pai adorava-me e eu adorava ele e adorava a minha mãe. Mas no fim de já ser mulher, se tivesse uma coisa não era com ela que iria desabafar, era com uma tia minha, a irmã do meu pai.

Os meus pais trabalhavam na agricultura.

Fui trabalhar para a agricultura aos 11 anos. Antes disso ficava em casa ou ia para a casa de uma senhora, pois nunca andei na escola, mas sabia e sei muito...contas, problemas. Eu só era pior para os ditados...sabia ver que os outros estavam mal, mas eu, cada palavra, era um erro...

Eu leio bem à mesma, mas nada escrito à mão. Nunca andei à escola, mas como ia para a casa dessa tal senhora. Essa senhora recebia mais cachopos, já era uma senhora com idade. Bordar, fazer rendas, essas coisas nós aprendia-mos.

Estagiária - Havia tempo para brincar?

F - A gente a brincar só se for para fazer mal.

Estagiária -Dava-se bem com os seus irmãos?

F - Com esta, com a mais velha, o meu irmão, agora tenho uma que sempre nos demos mal desde o princípio....

O meu pai nunca bateu em nenhuma da gente, só um estalito...agora essa minha irmã apanhou tareia. Ela era tão ruim, tão ruim e tão velhaca. Ela uma vez deu uma dentada num braço nesta minha irmã. Estavam a trabalhar, e era ali perto na Escola Agrícola e nós

vivíamos lá ao pé e quando era hora de almoço nós íamos almoçar a casa e esta minha irmã, não sei o que aconteceu, mas aquilo foi lá no trabalho e se tiveram alguma coisa já não me lembro. Eu estava sentada à porta e o meu pai é que fazia as casitas de terra e fazia à porta um género de bacos tudo em pedra e era cal, agora é cimentos, mas antes era cal...esta estava lá sentada e a outra vem de lá de dentro e dá uma dentada que lhe arrancou um bocado da pele e foi embora como se não fosse nada com ela...quando ela veio à noite é que levou uma tareia....Já tem 36 anos e ainda não se falam uma com a outra. Eu não tenho raiva nenhuma e encontro ela em qualquer lado, mas eu não me dou com o feitio dela então para a gente não discutir, isto antes da morte da minha mãe...eu andava a trabalhar na Dr.^a Graça Marona, que era minha prima...esta minha irmã estava em casa e ela foi sempre muito medrosa e a gente calhava um dia e uma noite a cada uma...eu fico com as duas noites, a minha e a da minha irmã e tu fazes a tua. Mas eu ia lá todos os dias...se eu ia lá, “mas o que é que tu vais lá fazer? Não vens para aqui fazer nada.”. Às vezes havia dias em que eu estava mais cansada e ia para casa e no outro dia aparecia lá “Pois, não queres saber da mãe, não queres saber nada!” , eu disse “eu já não sei como é que hei de aturar!”. Naquele dia virei as costas...quando cheguei à casa da Dr.^a Graça despedi-me. Num dia para o outro despedi-me.

Ela estava a morar na casa dos meus pais, ela é que mandava e a casa é que era dela...ela brigava por isso, mas eu tinha uma casa, eu pago renda...

Uma vez, a minha mãe tinha dias que ela passava um dia e uma noite sempre a gritar e houve um dia, num sábado de manhã antes de começar a fazer as minhas coisas, eu fui lá para saber como é que ela estava...e eu estava ao pé da minha mãe, ela sabia quem eu era, mas todas as filhas lá iam menos aquela que morava ao pé da cunhada dela é que nunca mais tinha ido, mas era eu... então eu dizia “oh mãe, como é que se chama aquela filha?”, e ela “é a...” e eu “então como é que eu me chamo?”, “Então mãe, eu estou todos os dias ao pé de si, todos os dias venho aqui.”, mas ela me conhecia, mas ela tinha aquela filha que nunca mais tinha ido vê-la...era a cabeça.

Nisto eu oiço-as a ralar cá fora, mas estava muita gente, estávamos todos. Esta minha irmã tinha ido de manhã à praça, porque antes a praça estava aberta ao domingo e ela passou por mim, eu ouvi-as a brigar e vejo-a a vir direto à casa e a entrar pela porta da minha mãe e a ralar muito e eu fui direto à outra e eu disse “não venhas para aqui gritar, sabes como a mãe esteve ontem”, ela deu-me uma bofetada tão grande na cara que nesse dia foi um grito. Ela fez-me isso porque sabia que estava lá tudo, também foi a minha sorte. Nós eramos todas raparigas, podíamos ter dado todas bem, mas estragou-se tudo, eu nunca mais fui tratar da minha mãe lá, vim para casa. Noutro dia calhava a mim, arranjei

uma casinha pequenina que eu tinha, tinha uma cama que pedi ao meu senhorio para cortar por baixo, depois daí umas duas horas apareceu a minha irmã Deolinda, ela também esteve aqui, hoje calha-te a ti e nunca mais apareceste...”nunca mais ponho os pés na casa da mãe”, mas naquele dia a minha irmã estava exaltada, já não era minha irmã...a minha irmã já lá está (morreu).

Estagiária - Quantos anos tinha na altura?

Eu já era casada e tinha dois filhos. Deveria ter uns 42 anos. Mas o meu marido, coitado, “vamos à Isenta falar com o meu irmão”, fui dizer ao meu irmão “olha vocês façam o que quiserem, hoje calhava-me o dia e eu vou buscar a mãe à casa e durante um mês tenho-a na minha casa, ao fim de um mês eu vou pô-la na casa dela outra vez e depois vocês dividem, depois quando calhar o outro mês a mim eu vou busca-la outra vez. E assim foi....Eu fui busca-la com o meu filho mais velho. Essa tal minha mãe com o marido, quer dizer aquilo era dos meus pais e eles não queriam-me deixar passar á porta para buscar a minha mãe...mas como aquilo era só carros o meu filho deixou o carro atrás das casas em que era só mato...ele agarrou a minha mãe ao colo e levou-a. Ela nunca gostou do meu parido por ele ser mais velho 8 anos do que eu...mas o meu marido disse que ela tratava dela, mas eu posso não ter dinheiro para comer, mas um dia que tiver comer eu posso dá-la a ela. Ela fixou aquilo na cabeça e toda a gente que ia para o pé dela, ela dizia “eu estou bem aqui, aqui não passo fome”. Mas o dia em que passaram a brigar e eu disse que ficava por aqui...tu fazes a tua vida e eu faço a minha e nunca mais falamos sobre o assunto.

Mesmo assim o marido dela morreu, eu estava mal com ela e eu andava a trabalhar, tinha 3 homens em casa e todos os dias de madrugada eu me levantava para fazer o almoço para eles todos os três levarem e fui passar a noite na igreja do milagre.

Mas há coisas que o estômago não aguenta. Custa-me lhe dizer isto. Eu adoro aquela minha irmã, é do meu sangue, mas o que fiz no fim de eu estar mal com ela, quando o meu marido morreu ela não foi....

Eu sou madrinha de batismo do filho e de casamento da filha dela. E a filha também me deixou de falar.

Tudo o que tenho dos meus irmãos, é só daquela...mas com as outras eu posso-me amuar com ela, daqui a umas horas eu estou bem....mas ela também tem um feitiozinho, parece uma santa, mas depois. Até porque aqui ela já me fez a chorar por umas poucas coisas...ela diz coisas que não deve dizer e eu vou à mão mais à baila e ela zanga-se logo comigo...

Agora com os outros eu era a menina deles todos, eu era a mais novinha... Eu tenho diferença da minha irmã, dessa que estou a dizer de 8 anos, esta tem 10, a outra tinha 13, e o meu irmão tinha 17 anos.

Esta minha irmã desde que ela casou, até eu casar eu noite sim, noite não eu ia dormir com ela, porque o marido dela trabalhava na escola agrícola, era vaqueiro. Eles eram dois e antes ficavam um em cada noite...ela teve sempre muito medo e eu fui sempre ficar com ela, até à véspera do meu casamento fiquei lá.

Eu estou pior que a outra, não sou santa, mas tenho um feitio...nasci mais que os outros. Às vezes faço o bem e levo muitos “coices” e corrijo. Tenho dito uma vida muito pobre, mas tenho sido sempre muito feliz.

Utente G

G- O meu pai foi diretor da caixa e a minha mãe trabalhava em casa e cuidava dos filhos. O meu pai nunca nos bateu. Se estivéssemos sentados na mesa bastava ele levantar o dedo e ponha-nos logo no sítio. Mas nunca bateu num filho. O meu pai foi muito trabalhador e toda a gente que trabalhava com ele gostava muito dele.

H - Não foi o seu pai que foi Doutor?

G - Sim, foi.

K - Era tratado como o Sr. Rufino. E era gente de respeito. Quando ele saiu as pessoas começaram a ir para os corredores fumar. E assim é que era.

G - Dava-me bem, mas agora é muito difícil.

Ele gostava muito de mim e também do resto dos meus irmãos.

O meu pai pôs-me lá na Caixa e comecei a trabalhar aos 18 anos. Eu tinha a 4º Classe e tinha vários problemas. Como o meu pai viu que eu não estava a fazer nada, ele foi a Lisboa falar com um senhor muito amigo, e o amigo disse “Oh homem, já podia ter tido”. O meu pai como gostou da conversa dele, mais tarde foi tratar de papéis. Depois o chefe de seção, o Zé Pedro.

K - José Pedro que mais tarde se tornou Doutor, aumentado assim o seu cargo.

G - Depois ele chamou-me e disse “Vem cá falar com o teu pai”. Eu fui lá e bati à porta, o meu pai levantou-se e disse “Agora passas a ser funcionário cá da casa e mais tarde tu recebes o primeiro ordenado”.

Eu tive na escola de surdos-mudos, e com um professor muito esperto, que estudou na Casa Pia e eu fui educado lá. Tive um professor que era muito mau, o meu pai quando soube foi lá falar com o professor, então eu saí de lá.

Primeiro eu ia com o meu avô. Depois eu ia com o meu pai, pois ele era irmão da Santa Casa da Misericórdia e arranjava bilhetes, e nós íamos lá.

A minha mãe percebia de toiros. Quando era miúda ia com o pai. Mas um dia houve uma pega e o touro rasgou os calções do forçado e como o meu avô era muito brincalhão e viu as calças rotas ele começou a rir. Naquela altura os touros saltavam para as trincheiras e as pessoas saltavam para a praça.

Estagiária - Dava-se muito bem com o seu avô?

G - Sim, dava-me.

K – O seu pai era proprietário do Campo da Feira e da Avenida Laurentino?

G - Sim, era. O meu avô tinha a Quinta de S. Roque. Ele também tinha gado, galinhas, e outros animais. Ele tinha um casaco e guardava os ovos no bolso.

H – E ele não partia os ovos?

G - Não, ele nunca partia um ovo.

H – Se fosse eu, eu esborrachava os ovos todos!

G - Quando as horas mudavam, ele nunca mudava o relógio. E quando chegava à casa o meu avô dizia “Porque chegaste tão tarde?”. Mas o relógio de bolso dele é que estava atrasado, nós é que não.

H – O meu pai ensinou-me a ver as horas num relógio do chão. Fazia uma roda e depois colocava um pau e escrevia as 12h, 6h e conforme a sombra nós sabíamos as horas. Era um relógio solar.

A minha avó chegava a altura do carnaval, ela uma paciência de mascarar os netos.

Estagiária - Então a maior parte da sua infância foi passada com os seus avós?

G - Sim, foi. Toda a gente respeitava o meu avô, ele era muito conhecido e o meu Bisavó era o Manuel Ramos. Ele tinha uma pastelaria.

K – era uma pastelaria ao cimo da rua?

G - Sim, era.

K – Sabe do que eu mais gostava? Era das amêndoas. Ouvi dizer que o Campo da Feira foi doado...

G - Sim, foi doado.

UTENTE H

H - Do meu pai tinha muito boas recordações, a minha mãe depois tornou-se madrastra. O meu pai não era boa pessoa, era despachante oficial e era monarca....

Principalmente quando ele ia à caça ele levava-me. Eu ia ver como se matava os bichos que ficavam presos nas ratoeiras...depois quando se soltava atacava tudo e todos. Um

elefante quando solta-se pisa tudo. Também fui à pesca muitas vezes com ele, apesar de ter medo. Ia à pesca do tubarão branco.

O meu pai deixava assim a âncora, depois atava uma corda forte....

O meu pai fez-se de mulher, fez-se de homem, fez-se de marido, de tudo...

Estagiária - Tem saudades de Moçambique?

Sim, tenho muitas saudades...gostava e voltar lá, mas agora já não...

K - Agora é um país estrangeiro, naquela altura não.

H - Mas se tirar o passaporte eu posso lá ir...mas sozinha já não vou.

Tem de convencer o seu filho...

Ai o meu filho...O meu filho nasceu em Lourenço Marques e a minha filha nasceu na Beira.

Estagiária - Teve boas relações com os seus irmãos?

H - Sim, mas o meu irmão, quando a minha mãe morreu, o meu pai feito de parvo dá-lhe o alvará e ele gastou o dinheiro todo.

Tinha dois irmos, o Rafael e o João e quando a minha mãe morreu, eu estava grávida do meu quarto filho e tomei conta deles em Portugal. A minha mãe morre e eles começaram a pôr a música alta e eles usavam uma batina preta e eu lhes disse que deveriam usar um fundo preto que ficam mais bonito...um quando estava na Legião Estrangeira não sei se morreu e o outro está em Sines.

Já perdi o contacto com alguns...o João não faço ideia de onde ele esteja. Sei que ele estava na legião estrangeira. Ao fim de 15 anos de ele ir para França, ainda veio uma vez...já vai à mais de 15 anos que já não sei dele...Acho que ele já morreu.

Como eu disse à dias, eu não sou militar e não posso ver se está lá o nome dele, se está como morto, ou como vivo...nunca mais escreveu, não sei mais dele... Só sei deste que está em Sines em que telefone para ele “estou bem”, “então vais ser operado a alguma coisa?”, “Não. Está calma. Isto é genético, mas não vou. Só fiz aquelas coisas que tinha de fazer, mas não vou ainda.”

Estagiária - Há quanto tempo não vê o seu irmão?

H - Há muito tempo...mais de cinco anos. Não sei onde ele está. Telefonei para a antiga morada e dizem que não o conhecem, já não se lembram dele. Não sei...

Tenho uma fotografia dele em que ele tem uma cadela que salvou uma cadela naquele tempo no lixo e tratou-a...era ma menina muito educada. Apesar de ser uma cadela era uma menina muito educada.

A minha educação era muito rigorosa, porque antigamente não se falava à mesa, “dá-me um pão se faz o favor”, “dá-me um copo de água se faz o favor”, rezávamos antes de

sentar à mesa. Andávamos sempre na linha. Se fosse preciso alguma coisa deitavam-lhe a mão...estou até ver com a mão na boca...

Acho que em relação aos meus irmãos, nenhum teve razão de queixa.

Estagiária - Acha que teve uma infância normal?

H - Não. Não havia tempo para brincar e depois os meus irmãos estavam a crescer e depois tiravam-me a boneca, escondiam-me as bonecas e depois eu chorava. A minha infância não foi boa a esse respeito. Quem manda, manda e os meus irmãos eram mais velhos que eu e eu tinha que os respeitar. Mas mesmo assim não dou por perdida a educação que o meu pai me deu. Porque ele me ensinou o que uma mulher devia-me ensinar e ensinou ele.

Não tenho rancor. Os meus irmãos, muitos deles já morreram e nunca desejei mal a eles e mesmo ao meu irmão lá debaixo, não desejo mal.

UTENTE I

I - Quando eu nasci eles tinham 33 anos, de maneira que eu fui a segunda filha, já havia uma com 7 anos mais velha que eu, a M^a Luísa. Essa ainda foi mais sacrificada que eu porque até chegou a andar a servir, mas depois casou-se logo com 21 anos, depois o marido tirou a carta de chofer, trabalhava no campo porque o pai dele tinha campo, tinha coisas, tinha fazenda, mas depois tirou a carta de chofer. Ainda esteve a trabalhar num advogado como motorista, mas foi por muito pouco tempo, depois comprou um carro e foi para taxista e depois de casada viviam um pouco melhor. Depois ele também lhe deu muitos desgostos...

Eu nesse sentido fui um bocadinho melhor. Também não vivi rica, nem coisa parecida. O meu marido já faleceu há 28 anos, então fui criada de nova.

Andei dois anos na escola, mas depois tiraram-me da escola e comecei a trabalhar daí a pouco tempo, primeiro colocaram-me no alfaiate

D - O meu pai não queria que as raparigas aprendessem a ler e a escrever porque era para mandar cartas aos rapazes. Não deixava agente ir para a escola...tudo o que eu sei foi tirado por fora.

I - Mais tarde tirei a 4^o classe mas já estava ali no centro...

D - Pois, também me deram a 4^o classe no centro, porque eu disse que queria a 4^o classe, mas como fazia as redações e aquelas coisas muito bem e a professora então "Agora tem a 4^o Classe".

I - Até a gente foi fazer a 4^o classe fora de Santarém, não se onde...

D - Também já não me lembra. Escrevia pouco e depois comecei a dar erros... Eu gosto muito de ler e escrever.

I - Pois, tu gostas muito de escrever, mas eu não. Eu começava a dar erros... Eu lia muito bem, mas tinha um grande desgosto quando eu não soubesse ler.

O meu pai primeiro chegou a trabalhar no campo e depois o meu pai esteve uma data de anos que trabalhou para um patrão que tinha um armazém de mercearias, depois ele le emprestou dinheiro para comprar uma casa e um bocado de terreno e então ele pagava todas as semanas, ganhava 120 escudos todas as semanas, mas depois um dia resolveu vender um bocado porque aquilo era grande, não era muito grande, mas pronto...ele vendeu uma ponta do terreno lá em cima para pagar o resto porque nunca mais se via livre daquilo e então vendeu um bocado e pagou o resto. A minha mãe trabalhava no campo por vezes e noutras vezes ia para fora, o meu pai quando era fim de semana no quintal ele fazia sempre lá a horta e depois eu o tinha de ajudar.

Estagiária - Começou a ajudar a sua mãe desde nova?

I - Sim e comecei no alfaiate quando tinha 11/12 anos e ainda aprendi, mas não aprendi mais porque era assim: quando era no alfaiate, a primeira coisa que fui lá fazer fui assoprar o ferro porque eram ferros muito grandes e a carvão e depois no fim fui aprender a fazer calças e essas coisas assim. Depois a minha mãe quando chegava na altura da azeitona, naquele tempo iam no resto para as azeitonas, até vinha gente de fora para ir de outras terras porque havia muitas azeitonas aqui no Ribatejo. Então, quando chegava à altura da azeitona, como eu só ganhava 5 tostões no alfaiate e na azeitona pagavam 10 escudos por dia, quando chegava a altura da azeitona ela tirava-me. Depois ela tirava-me e eu ia apanhar azeitonas para ganhar mais dinheiro e depois no fim quando acabava a azeitona ela ia lá pedir, mas eles já não aceitavam porque na altura que fazia mais falta, no Natal que era quando eles tinham mais trabalho e quando andávamos na azeitona chegávamos a estar na azeitona até meados de Fevereiro e andávamos até muito tarde na azeitona...e era assim, os alfaiastes já não me aceitavam porque não estava lá quando era precisa.

Mas depois fui aprender e tinha assim muito jeito e aprendia a fazer calças e a fazer fatos de macaco. Hoje já não me governava porque já se compra isso tudo quase feito, mas naquele tempo não. Até aprendi a fazer os fatos dos estudantes da escola Agrícola...morava atrás da escola Agrícola e eles usavam umas fartas em que era umas calças e camisa tudo igual. Nesse tempo era assim os estudantes da escola Agrícola e eu aprendi a fazer essas fardas. E havia lá um alfaiate ao pé que era o Almeirinho que por acaso já morreu, ele e a mulher, mas ele era mais ou menos da minha idade. E como ele não gostava de fazer macacos ela mandava para mim. E quando ele já tinha muitas fardas

da escola Agrícola, aquilo era uma chatice porque aquilo tinha de ser feito em pouco tempo e havia noites que nem sequer ia à cama.

E depois fez-se o início da minha vida. Depois casei-me, o meu marido era canalizador na Câmara, comecei a ter uma vida um bocadinho melhor, vim para a cidade e nessa altura na minha casa o candeeiro era a petróleo e uma candeia de azeite, não tínhamos eletricidade lá nos meus pais, na minha casa já tinha eletricidade. Mas eu aprendi isso no alfaiate, mas entretanto empreguei-me numa fábrica de louça que trabalhei lá durante 7 anos. Até tinha caixa e essas coisas...então empreguei-me numa loja de cerâmica....

D - Era uma fábrica bem bonita. A minha irmã também lá trabalhou...

I - Trabalhou uma irmã desta que era a mais nova, não era?

D - A M^a Cecília, a mais nova.

I - Eu fiz de tudo, só o que não fiz foi pintar. O resto eu me ajeitava com tudo....Às vezes faltava uma nisto ou naquilo e lá ia eu, porque até eu era capaz de desenrascar a falta da outra. E trabalhei muito. Tinha uma coisa que tínhamos que estar em pé e agente fazia partos e tigelas, tudo o que era a roda e carregava com o pé e aquilo andava à roda.

Há umas máquinas de costura que há hoje em que se carrega com o pé? É com aquilo que trabalhava...trabalhava muito nisso, eu sabia trabalhar, sabia vidrar...aprendi a fazer essas coisas todas. Trabalhei lá 7 anos, mas depois eles mudaram a fábrica porque eles eram de Tremês e portanto mudaram a fábrica lá para Tremês. Tiveram-na ali perto de Minde onde eu morava, mas depois mudaram para Tremês. Depois quando eu saí de lá, dessa fábrica...agente naquele tempo não se podia estar tempo sem emprego, isto eu ainda era solteira...depois arranjaram-me para uma fábrica de baterias em que era para carregar as baterias já usadas e depois tornava-se a fazer umas máscaras numas coisas de rede e com uma espátula e com aquela massa tapava-se os buracos daquilo e lá durante um ano.

Estagiária - Quantos anos tinha?

I - Então isso foi antes de me casar, trabalhei lá durante um ano e tal, tinha uns 22. Casei-me com 24.

Estagiária - E era normal as mulheres trabalharem nas baterias?

I - Não trabalhava só eu. Trabalhava mulheres e homens. Mas não éramos muitos....Eramos quatro mulheres, com a espanhola eu era irmã da D. Asira. De homens era o Joaquim de Alcanhões, um chamado Alberto, o Zé Maria. Era três homens e quatro mulheres. E era o encarregado que morava em cima de ti...

D - Pois...As minhas filhas eram estudantes muito boas. Tinham notas muito boas.

I - Depois me disseram assim “olha lá, porquê que não escrevem”, já não me lembro quem é que foi, mas foi uma pessoa que me disse “para a Gulbenkian, para a sua filha ter

bolsa de estudo”, “ai, eu não sei”. Depois lá me ensinaram isso tudo e mandei. Naquela altura as notas eram tudo 18 e 19 e era isso que as minhas filhas tinham. Mande para lá, a Lurdes era a mais velha e veio logo uma coisa que foi uma maravilha...sei que naquela altura havia correio ao domingo e a primeira coisa que me veio foi no domingo de páscoa. Nunca mais me esqueço... Depois a Manuela também tinha notas muito boas, como as outras que tinha notas muito boas e concorri também e ela também teve bolsa de estudo. Depois a minha filha, a Lurdes, por isso é sempre teve assim uma vidinha...A Lurdes antes de se empregar dava explicação. Ela chegou a ter 11 alunos em casa...Foi a que deu explicação à Dr.^a. Odete. O pai dela foi a que trabalhou com o meu marido, até me trata por tu e tudo....andou lá na minha casa na explicação e as minhas filhas foram muito boas alunas, não pagavam o liceu e ganharam da Gulbenkian muito dinheiro e a bolsa dava para muita coisa e por isso tive uma vida mais desafogada...

Estagiária - Acha que havia tempo para brincar? Como é que era a sua família depois dos seus pais chegarem do trabalho?

I - Só cheguei a ir a dois bailes. Mas quando ia para o baile usava os sapatos melhores e quando lá chegava passado um bocado calçava os velhos...uma noite para ir ao baile e caiu um salto sapato e o meu pai pagou e dantes havia uns carrinhos de linha que eram de pau, ele tirou o salto ao outro sapato e pregou com pregos os saltos dos dois sapatos com os carros de linhas...

Eu andei na escola e muitas vezes eu ia descalça e tinha uns sapatos que era só para o domingo e hoje o meu filho anda melhor vestido durante a semana do que anda ao domingo. Quando ele vai comigo a qualquer lado ou dar uma volta às vezes vai vestir-se...

Ainda me lembro de andar às vezes descalça na escola e depois quando chegava a uma certa altura tinha sempre uns sapatos para usar aos domingos, não era ao sábado. Então chegava a uma certa altura que os sapatos me ficavam bons e já não me serviam e eu andava descalça...

D - A gente tinha um fato para vestir aos domingos...

I - Usávamos o fato melhor. A gente juntava-se a um sítio as raparigas e os rapazes e no domingo juntávamos uma maltazita lá.

D - Lá na aldeia tinha uma amiga que adoçava tremoços e depois lá em casa a gente ia lá para casa, os rapazes e as raparigas, comprávamos os tremoços e comíamos lá e estávamos todos ali na conversa, comprávamos uns tremoços...

Depois a gente tinha aqueles fatinhos do domingo e depois pronto, a gente íamos dar aquela voltinha e quando chegávamos à casa era logo a minha mãe “filhas, vão tirar os fatinhos e arrumá-los! Olha que ao fim de semana és senhora e durante a semana és

vassoura. Já saíram com eles e agora vão arrumá-los”. Era assim filha, agora são fatos, fatos e fatos...

Estagiária - Como era a educação dada pelos seus pais? Era muito rígida?

I - Os meus pais mesmo assim não eram muito rígidos para as filhas. Mas está claro que também não lhe podiam mais porque também não tinham. A minha mãe trabalhava no campo e lavava roupa para uma casa, que era um hotel. Pronto, viveu-se assim e depois de casada é que tive uma vida melhor. E os meus filhos, graças a deus que nunca me deram muitos desgostos. Tive um pouco de falta de saúde, mais ou menos sempre, fiz duas operações. Uma vez parti uma perna...olhe uns problemas de saúde. Mas os meus filhos, a minha filha também foi muito inteligente, também chegou a ganhar bolsas de estudo, não era uma bolsa da Gulbenkian, mas já não sei como aquilo era, só sei que recebia todos os meses. A minha filha é técnica oficial de contas e o meu filho trabalha com ela. Ele é técnico de contabilidade.

D - A minha mais velha doutorou-se. Ela sempre disse que não queria ficar com o 7 ano. Ela foi para o liceu, doutorou-se. Andou 5 anos e nunca chumbou.

I - A minha também não. Mas o meu filho já não foi tão bom.

D - Eu não estou a falar do liceu. Estou a falar de Lisboa. Ela queria era matemática, mas estava fechado naquela altura e só estava aberto o curso de filosofia e foi para aí que ela tirou. E foi empregada do centro de emprego muito bom e pagavam-lhe muito bem e como era doutora e tinha um emprego muito bom no centro de emprego. A mais nova não, ela disse que queria ficar com o 7 ano e queria se empregar. Assim foi e foi para a segurança social e era chefe de seção lá na Segurança Social.

Estagiária - Como é que se dava com a sua irmã?

I - Bem...

Estagiária - E não faziam brincadeira ou partidas uma à outra?

I - Ela já era muito mais velha que eu. Tinha eu 14 anos quando ela casou-se com 21 anos. E eu sempre me dei bem com ela.

Estagiária - Não se lembra assim de alguma história engraçada que passasse com os seus pais e com a sua irmã?

I - Não.

Estagiária - Como era passada o seu natal?

I - Não tínhamos lá o menino Jesus. Quando tínhamos o menino Jesus era quando a gente precisasse ou algumas meias, ou um casaquito, ou de algum bocado de tecido ou alguma coisa qualquer. O menino Jesus era o que era necessário.

D - Nós nem sabíamos o que era o menino Jesus. Só quando viemos para Santarém é começamos com o Jesus e Pai Natal...há quase a 70 anos. Vim para cá com os meus 20 e poucos e já era casada...

Estagiária - Teve vários irmãos, acha que a educação foi igual para todos?

D - Sim, era. O meu pai era muito regido e tínhamos que respeitar uns aos outros. Se viesse o meu pai “já vem aí o pai, já vem aí o pai”, agente ficava em sentido. Depois vimos para Santarém e quem estava casada. Era o meu irmão mais velho e a minha irmã mais velha que já morreu a pouco tempo, era só quem estava casado.

Estagiária - Viviam todos na mesma casa?

D - Sim, vivíamos todos quando éramos solteiros, depois é que o meu irmão foi para o S. João da Ribeira e outro ficou na Várzea e depois os outros vieram todos para Santarém e era eu casada. Vieram 5 solteiros, e casaram 3, eu a minha irmã Adelaide e o meu irmão Manel. E de resto foi cá que casou tudo.

Estagiária - Gostaram da vossa infância?

I - Sim, nós não tínhamos outra. No tempo da minha infância não existia televisão, não existia rádio, nem esquentador, nem nada. Agente não tem falta dessas coisas porque agente não tinha.

D - No nosso tempo não havia nada disso. Há um senhor na minha terra que era daqueles senhores ricos e pensou um dia a mandar cor lá, que agora não sei como é, mas havia cá umas coisas de eletricidade para comprar uma telefonia e para tocar...assim foi, olhe toda a gente se juntava lá à noite em casa da Emília e do Joaquim. Todo ia para a casa deles ouvir música. E depois pôs uma lâmpada lá no coiso...depois era casinhas aqui, casinhas ali e casinhas acolá. A água tudo ia buscar à fonte e ao poço. Não havia água...

I - Ao princípio da minha vida íamos buscar água à escola Agrícola e andávamos muito para a ir buscar. Tínhamos que ir buscar baldes. Havia pessoas que ia buscar bilhas à cabeça, mas eu nunca me ajeitei.

D - O meu pai fez um poço no fim da fazenda, porque tínhamos que ir buscar água á fonte, chamavam-na a Fonte do Baixinho. A terra onde eu vivia era o Baixinho e aquela fonte se chamava a fonte do baixinho e toda a gente ia lá buscar água aquela fonte. O meu pai fez um poço ao fim da fazenda e ainda lá está o poço, depois o meu pai lá fez ...

Estagiária - Como passavam as noites?

I - Olhe, eu fiz muitas rendas à luz do petróleo, fazia rendas, fiz o enxoval, isto de noite. De dia ia trabalhar para a fábrica e de noite fazia serão com as rendas.

D - E quando a gente ia se deitar era com a candeiazinha na mão para iluminar.

Estagiária - Não passavam as noites em família?

I - Sim.

D - Sim, a família já era tanta. Eram tantos filhos.

I - A família estava lá. Eram 3 ou 4. A minha irmã andava a servir e naquele tempo as jovens andavam a servir, então se ela também estava, nós estávamos os 4, se ela não estava eramos só 3. Eu é que nunca andei a servir. Nunca andei a servir porque sempre arranjei trabalhos por fora, senão também tinha ido lá parar. Ela me dizia assim “ai filha vê lá se arranjas alguma coisa e não vás servir”.

D - Nós éramos 11, com a minha avó. Só quando é que casei é que saí de casa. Mas fiquei ali pertinho.

I - Nesse tempo havia poucas casas. O meu pai teve sempre muito jeito para fazer casas e fez uma chaminé e agente se sentava lá para aquecer. Era baixinho e comprido. Todos os anos criávamos porcos e ponhamos dentro da salgadeira de casa que era feita de madeira e com sal. Não havia frigoríficos. Mas não era sempre.

D - O meu pai também matava. Havia anos que ele matava dois. E a minha mãe havia semanas que ela fazia duas amassadoras por dias.

I - A minha mãe também chegou a fazer pães para a gente.

D - A minha mãe também fazia de tudo. A minha mãe fazia pães com aquelas mamãs. A minha mãe sabia fazer de tudo. Aí tão bom aquele pão caseiro. Ai, ainda me lembro disto, a minha mãe amassava pão e depois tirava um grande bocado de massa e fazia uma coisa cheia de coscorões. A minha mãe era tão habilidosa. Só queria que visse coscorões assim grandes.

I - Como era o nome daquela festa quando acabava a azeitona?

D - A Fiava!

I - Ainda me lembro que faziam aqueles coscorões muito grossos!

D - A minha mãe era chamada para todas as festas, ia à festa da azeitona...a minha mãe sabia fazer muito bem comer.

I - Eram tão bom esses Coscorões...olhe nunca mais os vi.

D - A minha mãe amassava uma grande travessa de Coscorões para a gente comer. E era assim a nossa vida. O tempo era diferente de noite e de dia...

I - Olhe, era diferente, mas agora vejo os meus filhos bem e o meu neto, o mais velho na altura em que se casou...mas ele já tem 38.

D - O meu neto tem 40 ou 41 e o teu faz quantos?

I - Nem sei.

D - O meu está longe. O meu João é que é da idade do teu.

I - O Miguel é que é mais velho que o teu 2 ou 3 anos.

D - que idade tem o teu?

I - Não sei se ele tem 37 ou 38 anos.

D - Se o teu tem 38 o meu tem 41.

I - Sei que uma vez agente falou disso e tenho impressão que o teu tem mais três anos que o meu. O meu neto tem pouca diferença do meu filho.

Já tinha 40 anos quando ele veio e ainda bem que veio porque tem sido um bom rapaz.

Tenho uns filhos tão bom, que isso...

D - Graças a Deus que hoje não me faltam nada.

I - Os meus filhos são o melhor que eu tenho. O meu pai morreu com aquela doença e tenho medo que me aconteça o mesmo. Há certas coisas que podem ser evitadas e eu tenho tanto medo.

D – O meu marido morreu nos anos dele. Ele fazia 65 anos, sem estar doente. Ele levantasse e foi para o trabalho, despediu-se. Eu fiquei a fazer um bolo para as minhas filhas que iam lá jantar, quando recebi uma chamada às 10h da manhã.

UTENTE J

J - A minha mãe trabalhava na fazenda, em casa, era doméstica. O meu pai trabalhou muitos anos no Hotel Central e no fim dedicou-se à fazenda. A fazenda era muito grande e eles dois é que a amanhavam. A vida deles foi isto.

Eu andei até à quarta classe. Não me deram mais. A minha professora teve muita pena porque eu era muito inteligente, tive muita pena.

Mas a minha mãe nem foi à escola, andava na estrada e nas fazendas, ela nunca foi à escola.

Eu depois fui para o alfaiate, fui para a costura. Foi a minha vida e depois casei, pronto...

A minha vida foi sempre andar no alfaiate, na costura de senhora ainda andei.

Estagiária - Casou com quantos anos?

J - Casei ia fazer 21.

Estagiária - Quando começou a exercer alfaiate?

J - Aos 11 anos, foi quando saí da escola. Eu entrei para a escola e ia fazer anos em Fevereiro e agente entra para a escola em Outubro. Não sei se tinha 11, como foi 4 anos e não perdi nenhum. E foi assim...Depois casei...

Estagiária - Como é que passou a sua infância? Visto que era filha única?

J - Era filha única, mas nunca tive regalias. A minha mãe nunca me deixava ir para lado nenhum nem a bailes. Os bailes, ia só no dia da Nossa Senhora da Saúde e era só a

matiné. Nunca me deixava ir para lado nenhum. São dessas pessoas antigas e não deixavam...

E quando foi o namoro também foi a mesma coisa. Tinha que estar longe dele, não podia estar ao pé dele, tinha eu estar longe, ele tava numa cadeira e eu noutra e sempre com conhecidos, tinha que está resguardada...A minha mãe tinha uma pocilga lá em casa e enquanto o meu pai não viesse para o é da agente à noite a minha mãe não ia levar comer aos porcos. E graças a deus que a minha mãe me pariu...

Estagiária - Costumava brincar com os seu amigos?

J - Tinha lá uma amiga que era filha de uma rendeira. Era a única que eu tinha para andar lá todo o dia a comer pevides e a comer amendoins. Às vezes eu ia ao cinema que o meu tio levava-nos para ver um filme em Português e antes disso não ia aos cinemas e a lado nenhum...

Fui uma vez à feira, a minha mãe comprava-me uma bonecazinha de trapo, era o que comprava, não havia regalias. Agora o meu bisneto tem uma fortuna, tantas bicicletas, tantas coisas. A minha mãe sabia de como vivíamos, tínhamos gado, tínhamos galinhas, tínhamos coelhos, tínhamos porcos e então agente graças a Deus...

Estagiária - Ajudava a sua mãe com o gado?

J - Não. Tinha que fazer as minhas coisas. Nunca tivemos luz, porque naquela altura não havia, era só de figueiredos ou a petróleo, então ali é que arranjei o meu enxoval à noite. Andei também na Singer, andei a tirar o curso de bordados e o curso de costura, andei também na outra senhora a tirar o curso de bordados à mão e então é que fiz o meu enxoval todo. E foi assim a minha infância, nunca a gozei...

Foi daqui de Santarém com 6 anos e os meus pais trabalhavam ali no largo ao pé do Ruy Puga, não sei se sabe onde é? Depois o Estado houve aquele tormento e deu não sei quantos contos ao meu pai para o meu pai sair e o meu pai teve que sair e pagar a renda noutro sítio. Aí tinha 5 anos e já não me lembra nada disso. Depois o meu pai comprou aquela fazenda que custou 25 contos naquela altura e então a minha mãe até vendeu um cordão para o dinheiro chega, o cordão era para aí uma 20 contos...depois a gente foi para lá morar no ano do ciclone...só me lembro disso, por isso até aos 6 anos não me lembra nada, pois foi passada em Santarém, ali no largo do Varão. Mas não me lembra de nada....

Só me lembra de quando eu fui para o jardim. Então ali tivemos, a minha mãe tinha muitas árvores, muitas laranjeiras e a minha mãe ia toda as semanas à praça vender laranjas. E pessoas que iam lá comprar porque tinham laranjas muito boas. A minha mãe ia uma vez por semana mais ou menos, porque ela tinha burro, mas ela andava a pé para Santarém e aquilo não são poucos, 1 hora a pé de onde morava até Santarém e levava-me

à escola. Ela coitada ia com aquele tal meu irmão, que eu nem gosto de falar nele, levava um saco e outros um quarteirão 25 tostões e mesmo assim fez-lhe um que ela assentou e ela fez 8 contos em laranjas. Agente às vezes vendia tudo junto, porque coitada ela já não podia e aquilo já não dava mais que 200 ou 250 escudos para aquelas laranjas todas...uma vez o meu irmão disse assim à minha irmã “agente agora vamos assentar o que a gente faz...fez 7 contos e tal naquela altura em laranjas. Tínhamos muita laranjeira e eram árvores muito grandes e então a minha mãe uma vez por semana ponha aquele dinheiro um bocado de lado e comprava um bocado de carne de vaca e ao domingo fazia....aquela sopa de grão com aquela carne depois deixava a carne um pouco separada e guisava depois para se levar na segunda feira para eles e eu que levava para a costura e eles levavam para uma senhora onde agente ia à mercearia. Porque a gente de antes tínhamos que ir aquelas casas, a padaria, a mercearia....havia umas cadernetas, lembra-se disso?

Estagiária - Já ouvi falar, mas eu não...

J - Tínhamos umas cadernetas e éramos obrigados a aviar...na padaria ele era o Gonçalves, na mercearia era uma dona e dois senhores e era onde eles iam comer. O meu pai ia lá comer e pedia para ir a um armazém lá para atrás para irem todos comer... e eu comia na costureira, onde eu andasse eu comia. Mas sempre foi muito cabra para comer, comer era um castigo, às vezes eu o deitava fora e depois apanhei uma doença por causa disso...a modista disse a minha mãe “olhe que a sua filha maior parte das vezes não come...”.Comer era um castigo e quando era para comer “oh mãe dói-me a barriga”, assim é o meu neto “oh avó dói-me a barriga!”. Depois a minha mãe levava-me ao médico e ele não me via nada...era a mania dos cachopos. Depois apanhei uma doença ainda, uma fraqueza e ainda andei uns anos a tratar, até casar. Depois ia para a costura. Depois comecei a ter uma vida de trabalho e comecei com um comércio...era muito trabalho, era café, bebidas e noites mal dormidas e não tínhamos criada. Por isso tivemos uma vida cheia de trabalho.

Estagiária - Como era a educação dada pelos seus pais? Era uma educação muito rígida?

J - Eu nem sei como era. Nunca me bateram...O meu pai era com o cinto. Quando fazíamos alguma coisa ele nos batia. A minha mãe também não me lembra. Às vezes batia, mas a gente também estava pouco tempo em casa. A gente saía de manhã e só vínhamos à noite.

Estagiária - E não tinham regras?

J - Por exemplo, ao domingo a minha mãe ia para a praça e um fazia uma coisa e outro fazia a outra...eu tinha muito jeito naquelas cozinhas em cimento, tínhamos assim um

rodapé e em volta da cozinha tínhamos uma largueza e um pincel que gostava de cair naquele teto quando era ao domingo e um fazia uma coisa e outro, outra. Quando a minha mãe vinha nós tínhamos tudo arrumado. O meu irmão era homem, iam para outro lado....

Estagiária - Se não tivessem nada feito?

J - Pois, a minha mãe podia não malhar, mas não gostava. Ficava a hora carregada e a subir a Calçada do Monte...aquela coitada ainda passou muito. Das laranjas para vender, porque era muita laranja e a gente não podia consumir aquilo... A gente naquele tempo ainda fez 7 contos em laranjas, a 25 tostões o quarteirão, já pode ver o tamanho que laranjeiras que agente tinha. Tínhamos todas as qualidades de árvores. Porque naquele ano do ciclone ainda se partiram parte das árvores, ainda me lembro, em que o meu tio e o meu pai andaram a amarrar cordas de umas árvores para outras para não se arrancarem...o vento abala, aquilo foi...a menina não se lembra e eu tinha 6 anos, já pode ver, e tenho 82. Aos anos que isso foi...

Só quando vim para cá com o meu padrinho de Almeirim é que eu fui com a neta dele é que às vezes agente ali é que gozávamos e depois íamos lá para a matiné. O meu padrinho gostava muito de mim e eu também gostava muito de lá ir a Almeirim muitas vezes e depois nas férias é que ia para a casa dele. Ele tinha muitas vinhas, fazendas, pinhais, melancias, melões. Ele vinha com a carroça e todos os anos ele ia...o meu padrinho tinha muito e ele gostava muito de mim. Então só abusava nessa altura em que ia lá para casa dele e depois estava lá a neta dele e que esta casada com um cavaleiro em Almeirim, nem sei o nome dele. Então a gente as duas é que a gente se entredia, olha às vezes a comer pevides...elas quando coziavam o pão, como elas tinham muitas abóboras e criavam porcos que pareciam muita grandes, matavam 2 ou 3 porcos por ano. Eram dois filhos e uma filha, eram 3. Então quando cozinham e a minha madrinha coitada teve uma trombose e teve muitos anos sem comer, tanta criação que eles tinham, pombos e tudo e não podiam comer nada, coitadinha...quando lhe deu ela estava a trabalhar no campo, nas fazendas e aquilo era tudo gente de trabalho. E então nunca mais estava na cama, ele pôs aquela rega de semana a semana, ele podia escolher...se casa semana fica a uma, não iam à casa, tinha filhos e tinha marido e cada semana era um...esta semana entra a filha, vamos supor que para a semana entra a nora, outra semana entrava outra nora e assim é que se fizeram os anos....mas foi muitos anos, não me lembra já, mas foi muitos anos, coitados que eles tiveram muito trabalho com ela. Então ali estava e já tinha umas bichas e sangue aqui na cabeça, parece que eram lombrigas ou não sei, coisas que comiam o sangue...aquilo também era gente forte e então ela coitada nunca mais pode comer nada, nem se levantar na cama, ela ficou ali travada até ao resto da vida. E foi assim...

Estagiária - Acha que de certa forma a educação dada pelos pais influenciou na pessoa que é hoje?

J - Eu já tive outra vida depois de viúva...depois tinha carro, já gozei com o meu marido...corremos o pais quase todo. Então só gozei depois de ter um carro.

Estagiária - Por exemplo, há pessoas em que o pai delineava um horário e hoje em dia tornou que essa pessoa fosse mais organizada...

J - A gente não. De semana passávamos a trabalhar e tínhamos aquele tempo ao domingo para arrumar a casa, tínhamos que pôr o almoço feito, para quando a minha mãe viesse e depois a filha da rendeira não podia sair da fazenda, então ficávamos o dia a comer pevides. A filha da minha madrinha cozia pão todas as semanas e então como tínhamos muitas abóboras, em vez de comer aquelas pevides elas lavavam-nas e ponham-nas a secar e a gente olhe, ficávamos felizes. Às vezes a filha da minha madrinha “não há tabernas que tem tanta casca como tenho!”. A gente no dia que lá passava, às vezes ao dar uma volta ali em Almeirim, conhece?

Estagiária - Não.

J - Almeirim é bonito e tinha lá uma casa de baile em que tinha música e tinha lá restaurantes, mas a gente não ia lá a restaurantes. Depois de casada é que fui andar nos restaurantes a comer e a beber.

Estagiária - Uma curiosidade, o dinheiro que vocês ganhavam eram obrigados a dar aos pais?

J - Então eu ganhava 5 tostões por dia. O mais que ganhei foi no alfaiate, 6 escudos. Eu dava a minha mãe e ela dava-me 5 tostões para eu comprar pevides. Agora o meu irmão, eu nem gosto falar dele...esse já estava empregado ali Ruy. Ele ficou logo empregado assim que saiu da escola e esse então é que ganhava um ordenado bom e entregava a minha mãe. Agora, depois o que a minha mãe lhe dava porque ele saia, namorava...ele andou a namorar uma rapariga de Lamego, arranjou uma namorada. Teve ali outra em Vila Franca. Arranjava assim com aqueles rapazes assim... mas era respeitador para elas. Para mim é que não foi, lixou 80 e tal contos e então a herança da fazenda em que o meu pai vendeu a fazenda e depois o meu pai morreu e ficou a minha mãe. E depois eles tiveram que arranjar quem comprasse aquilo, porque aquilo era muito grande... a gente não percebia e ele também não percebia e a minha mãe também não podia fazer tudo. Então vendeu-se a fazenda. Gastei 200 contos naquela altura. Vendeu-se 300 contos e essa metade depois a metade do meu pai foi dividida pelos dois filhos que estavam embarcados no Canadá, eram meios-irmãos. O meu pai enviuvou e depois casou com a minha mãe.

Então da minha mãe era só aquele. Os outros dois tivemos que levar à parte herdada para a gente. A parte dele depois a minha mãe foi lá...

A minha mãe para mim foi do pior e já lhe perdoei porque ela gostava mais do meu irmão, ela só gostava muito era dele, pois ela lhe dava a fezinha toda e ela não sei, era o feitio dela. O meu pai era por mim e agora ela era só por ele. Sei que depois do meu pai morrer ele arrendou-lhe uma casa e até arrendei uma casa, até arrendei umas casas minhas que tinha lá 5 rendeiros e arrendei uma casa para ela estar e disse a ele que pagava renda para ele e não era só eu a herdeira e o meu marido...era só 70 escudos por mês, mas ela por embirração foi e foi ele arrendar uma casa na calçada do monte. Se eu lhe dizer o que foi feito desse dinheiro, por exemplo 100 contos, eram 50 para mim e 50 para ele. Esse dinheiro ele levou a minha mãe ao banco primeiro ao banco e o culpado foi ele...ele levou a minha mãe ao banco e pôs o dinheiro todo no nome dele. Quando a minha mãe chegou a uma idade muito grande e ele nunca a levava para casa, nem ela, nem o meu pai. E eu tive a minha mãe até aos 92 anos na minha casa, o meu marido disse não porque ele também não gostava que a minha mãe fosse para um lar e a gente ia lá para casa. Ele levava-a a Lisboa de 6 em 6 meses e ia com o meu carro a Lisboa porque ela tinha o pacemaker. Ela tinha o pacemaker e tinha que ir de 6 em 6 meses a Lisboa ao Hospital de Santa Maria. Eu ia com ela e com a minha filha todos os 6 meses e ainda gastei muito dinheiro...deslocações e gasolina e naquela altura o carro era a gasolina. E ainda gastei muito dinheiro e nunca me perguntou quanto é que eu gastei. Ela não me dava dinheiro, eu é que gastava e ele nunca levou a minha mãe lá para casa e eu levei-a para lá. O meu marido disse-me para mim "vais com a tua mãe e vai lá ter com o teu irmão e diz-lhe a ele que o dinheiro está no banco e que ponham também o teu nome porque também és herdeira". A gente fomos lá a loja de ferragens e eu disse-lhe oh Zé, nem gosto de falar nele porque ele lixou-me, "então o meu marido diz que tu puseste o dinheiro no teu nome?", porque depois foi ela que lhe disse que ele tinha posto o dinheiro dela no nome dele e ele também se calou e não me disse nada e eu ia lá sempre à Calçada do Monte levar-lhe sempre coisas que levava frutas e outras coisas e o meu irmão levou uma vez a uma quinta pequena que tinha ali no Vale, andava lá a apanhar uns moranguitos que um caseiro que lá estava e depois disse-lhe a ele, ele apanhou morangos e ia dar a minha mãe, mas quando viu a bruxa da mulher, porque ela também era uma cabra, ele deitou os morangos para o chão. Depois eu disse para a minha mãe vai lá a casa e traga lá laranjas...então se ele tinha lá laranjeiras o dever dele era apanhar laranjas e dar a sogra fazer a vontade à sogra. O que a minha filha fez , "ir lá à casa? Não!", comprou-se laranjas na praça porque lá tinha fruta. Calhou assim...ele disse logo "oh mãe, agora o dinheiro já está no estado". Mas mais parva

fui de não ir logo depois de passar o tempo da minha mãe morrer em não lá ir ter com ele, mas como eu tinha assim muito respeito porque ele era muito mais velho que eu, 4 anos. Assim nunca fui ter com ele. Passado pouco tempo sei que a loja faliu. Pronto, até hoje nunca mais.

Olhe que até o cemitério tenho pago a campa do meu pai que ele comprou com o nosso dinheiro, porque a minha mãe tinha dinheiro da fazenda e juros a 27% e naquela altura era um juro caro que a gente era para ter ali uma porrada de euros no banco. O que ele fez, eu deixava-lhe comer porque ele era o maior, sabia melhor falar que eu e ele é que mandou o funeral e ele é que pagou tudo com o dinheiro da minha mãe...porque a minha mãe vendeu a fazenda e tinha dinheiro para pagar a campa e pagar tudo. O que ele faz, agora que mais tarde fiquei a saber , olhe que té a campa pôs aquilo todo em nome dele e ele nunca me deu papel para amostrar e eu não tinha muito vagar e tinha a vida um pouco presa e nunca tive coiso de pedir. O dever dele era por em nome de a gente os dois e da minha mãe. Agora a desgraçada da campa, mas parece que a minha filha andou lá agora, mas até a campa o desgraçado pôs no nome dele. Mas agora eles me disseram se tirasse uma certidão de óbito e que fosse tratar disso eu tinha direito tanto à campa como ele, porque éramos os dois herdeiros. Mas a minha filha disse, oh mãe deixe estar. Também tenho a campa o meu marido também. Vou para a terra e ali também vou para a terra, mas ia para o pé dos meus pais. Assim tenho que ir para outro lado, assim vou para o lado do meu marido... agora não posso mais com uma coisa desta. Ele tinha a campa e os papeis, sim senhor, mas ele que ponha em nome dele e no meu. Eu graças a Deus que nunca precisei desse dinheiro, graças a deus que tenho dinheiro. Ele nunca tinha nada e nunca me disse e ele é que tratou do funeral ...ele é que tratou com os homens o caixão. Agente é que entregou todas as coisas a ele. Agora à pouco tempo é que soube que aquilo estava em nome dele. E esta semana onde fui aos anos, a senhora, a Céu, disse-me “a senhora se quiser vai fazer uma coisa de partilhas e a senhora tem direito à campa. Mas a minha filha não quer...

Ele lixou-me em tanto dinheiro e ainda me lixou na campa dos meus pais. Eu nem posso ver um desgraçado daqueles. Ele também faliu...depois ele ficou sem nada, ele passou sem essa envergonhação. Eles ficam apegados quando é assim, depois não falam pela espinha. Ele lixou os outros numa casa daquelas do patrão que tinha uma loja grande, daqueles armazéns que tinha tudo, foi a casa da mulher, ninguém gostava dela lá, ela é que estava lá escrita...ninguém dos empregados gostava dela, os que iam lá se aviar é que gostavam dela. Depois veio o noivo, veio para a casa de outro senhor e tinha outra loja de ferragens que era o Camilo que tinham uma loja de ferragens e ficaram lá até falir. Com

tantos armazéns e era uma loja daquelas e um desgraçado daqueles dos infernos e graças a deus que nunca precisei e ainda hoje tenho o meu dinheiro, mas fui eu que o ganhei e agora ele fazer uma coisa daquelas e ainda me foi lixar com coisa da campa...

Nunca passei por uma coisa dessas...afinal eramos tão amigos desde pequeninos e ele é que ia a todo o lado. Se fosse preciso ir a Lisboa ou ia a qualquer lado, ao médico. Se a minha mãe lhe dissesse “levas a menina ao médico?”, ele era muito coiso por mim e depois que casou fez-se assim por causa da mulher. Por causa da cabra da mulher.

UTENTE K

K - A minha família é pequenina em comparação dos meus pais para os filhos, mas em compensação, a parte da minha avó paterna era grande...eram 13 filhos.

Tenho boas recordações da minha mãe, muito boas recordações.

Não é dizer mal do meu pai, mas ele foi um bocado mau para a minha mãe. O ambiente familiar podia ter sido um pouco melhor, mas pronto, já passou.

Estagiária - Em relação aos seus irmãos, teve mais dois irmãos, certo?

K - O mais velho é o meu irmão, depois eu sou a do meio e a minha irmã é a mais nova.

Estagiária - Dava-se muito bem com eles?

K - Sim, mas tínhamos aquelas coisas de criança, andávamos às turras uns com os outros....Uma vez o meu pai chegou e estava eu mais o meu irmão em palavras, não era a bater, “ou se calam!” mas ele não evitou, foi uma chapada a cada um... foi a única que o meu pai me deu.

A minha mãe foi mais de bater, mas não foi por isso que achei uma má mãe. Era a educação daquele tempo. A comparar com a educação dos meus filhos e dos meus netos não tem nada haver.

O meu pai trabalhava na agricultura e a minha mãe chegou a lavar a roupa dos seminaristas, ali do Seminário. Antigamente estavam ali os Seminaristas.

O meu pai de manhã saía muito cedo para o trabalho. Naquele tempo não havia máquinas, para cavar era a enxada.

H – As máquinas vieram dar muito jeito...

K - Pois é. Não se compara o lavrar daquele tempo, em que os bois puxavam a charrua. Até as uvas para o lagar era um carro de bois.

Estagiária - Nunca chegou a ajudar o seu pai?

K - Não. Empreguei-me logo desde que saí da escola.

Estagiária - Quantos anos tinha?

K - 12 anos. Fiz ali um intervalo e depois consegui logo um trabalho.

É o que digo, as meninas de agora não sofrer....Nós sofríamos noutro tempo. Nós só acabávamos a escola e íamos logo e tínhamos emprego naquele tempo e não havia dificuldade nenhuma em arranjar emprego.

Estagiária - Tem alguma recordação com os seus pais?

K - Essa parte toca-me um bocadinho.

Estagiária - E entre irmãos? Não tinha algumas brincadeiras, ou não faziam partidas uns aos outros, ou nem por isso?

K - Nem por isso. Era mais fácil brincar com os vizinhos e todos em conjunto. Era um casal onde moravam pessoas ...aquilo não eram vizinhos, era como se fosse família. Ai tenho umas boas recordações.

Se fosse rapazes com raparigas naquele tempo não havia maldades nenhuma...era como se fossem irmãos.

Estagiária - Vocês já se conheciam, onde?

K - Tivemos empregados na Caixa de Previdência. Eu reformei-me em 2002 e você? Ficou mais algum tempo?

G – Foi.

Estagiária - Começou a trabalhar na mesma área?

K – No princípio, comecei a trabalhar na costura. Depois vi que estava um anúncio no Correio do Ribatejo a precisarem de pessoal para a Caixa de Previdência, depois foi para lá trabalhar durante os 35 anos, senão tinha mais descontos com os anos eu andei na costura.

UTENTE M

M - Desde que eu me lembro, eles gostavam muito um do outro. O meu pai nunca disse um palavrão em casa, nem nunca bateu nem na minha mãe, nem nos seus filhos...Só à minha irmã porque de vez enquanto ela dava tarefa aos outros e portando ao dar tarefa aos outros também tinha que comer...também bateu no meu irmão, o Zé Carlos, porque ele fugia à escola, porque ele tinha a mania da água, pois quando chegava a verão ele largava tudo para ir aos açores, com os outros que fugiam à escola com ele. Chegou a vir desde Pinhão até à Chamusca de bicicleta. Ele tirava a bicicleta do local onde o meu pai a tinha para vir com o Fernando Alves e o Tony Alves...depois já se sabe, quando o meu pai precisava da bicicleta e a ia para buscá-la e ela não estava lá e o meu pai aparecia às tantas e como já tinha vindo recado da professora em que o Zé Carlos não tinha aparecido na escola e às vezes ele até levava com o cinto...Eu cheguei a chorar de ver o meu irmão a apanhá-las. Eu gostava muito do meu irmão.

Gostávamos todos uns dos outros...mas como a M^a do Carmo era a mais velha, ela tinha a mania que tinha que disciplinar todos e mandava nos outros...Foi mandada até me casar...ela quis...Até mesmo quando me casei para escolher as mobílias ela é que escolheu.

Eu fui sempre muito independente, mas ela mandava em todos. Ela fazia uma coisa. Havia lá um sobreiro atrás da casa, isto que me lembro é só quando eu morava no Pinhão...eu fui com dois anos para o Pinhão e aí vive até aos 15 anos...Quando ela queria bater em alguém, eu já estava a ver que ela estava a ficar de amou e eu fugia logo, subia ao sobreiro que estava numa encosta grande e eu subia aquilo a correr e lá tinha a minha casinha. Eu vivi uma infância muito isolada, apesar de ter tanta gente.

Depois a minha irmã saiu da escola e foi para a costura. Eu andei na escola, mas como eu era doente e eu tinha a mania de fazer coisas que não devia...eu sempre tive sapatos e saia de casa calçada e depois quando chegava a um sítio eu tirava os sapatos e escondia-os lá debaixo de um coxo, porque as outras meninas iam descalças e com a geada, porque naqueles tempos haviam umas valetas e ia a água...mas agora isso tudo acabou e já não há valetas. Eu perguntava a elas se não doía e elas diziam que não, porque depois de estar dormente não se sente e eu passei a fazer o mesmo... Mas houve um dia em que a minha mãe foi a Ulme e acho que foi nesse dia que ela descobriu, pois eu vinha descalça e já tinham avisado à minha mãe e tinham-na criticado, porque a minha mãe tinha aquela posição e o meu pai era empreiteiro e eu ia descalça para a escola...

O meu pai quando saiu da escola foi para Ulme trabalhar para a casa dos meus avôs. O pai dele trabalhava na cerâmica e era encarregado, mas como eu não gostava de fazer cerâmica foi trabalhar para o campo. A minha mãe era filha única e a mãe colocou-a na costura, mas as primas não andavam na costura, andavam no campo e ela foi para o campo.

Estive lá até aos 15 anos, em que vive nesse casal...mas como o dono morreu e aquilo foi dividido, o meu pai ficou a trabalhar para uma das filhas que estava na Chamusca e nós fomos para a Chamusca. Eu fui para a costura, conheci o meu marido em que foi amor à primeira vista e casei-me aos 20 anos.

Fui feliz ao mais que possível, tinha coisas mais ou menos boas, tinha sapatos, mas andava descalça.

Quando foi viver no casal, nessa altura não andava descalça.

Era uma família muito grande, mas era assim... a minha irmã felizmente tinha muita saúde. Eu nunca vi a minha irmã doente, era a M^a do Carmo. Depois vim eu que já nasci

doentinha...o médico disse à minha mãe que ela não me criava, mas enganou-se e eu criei-me e ainda estou para ir até aos 100.

Éramos felizes...matávamos um porco uma ou duas vezes por ano...tínhamos galinhas, coelhos, hortas...

E eu só fiz a 3ª Classe, porque foi o castigo de eu ir descalça para a escola. A professora foi lá ao Casal pedir para a minha mãe me deixar ir à escola e a minha mãe não me deixou...mas eu comecei logo a trabalhar, porque ela ia para a horta....Enquanto eu ia fazer bonecos na época da espiga às bonecas, ia decalcar as cebolas, regar...Eu gostava de ir abria o tanque para regar...

UTENTE N

N - O meu pai, como costumava dizer que era o homem dos sete ofícios. O meu pai primeiro trabalhou nas pedreiras fazer lancil para a beira das estradas...aquelas pedras que estão à bordas da estrada para segurar a calçada do passeio. A seguir foi fazer tapadões, não sei se vocês sabem o que são tapadões, quando vêm as cheias para não calgar para o outro lado...

Q – O que é um tapadão? Nunca ouvi falar nisso...

N – é um dique.

Q – é a primeira vez que ouvi dizer tapadão.

B - Em Alpiarça naquela altura, em 1945 faziam os diques, mas quando eu cá cheguei os pedreiros que eram do meu “conhão” já tinham feito e fui encontra-los já dentro da ponte.

N – Continuando, o meu pai foi trabalhar para este e para aquele na agricultura, um dia para um, outro dia para outro...assim trabalhou até quando pôde. Até quando ele não podia andou a guardar um rebanho de cabras.

Q - Ainda hoje à muita gente lá para o norte que trabalha com cabras...

N – Depois andou na lenha. Ele ia cortar lanha para cozer a cale nos fornos...havia aqueles fornos de cale para cozer a pedra.

Q – Naquele tempo as casas eram caídas, não era nada pintado.

N – A minha mãe, coitadinha, ela cuidada dos 11 filhos. Eram 11, mas a minha mãe teve 21 filhos.

B – E os 21 nasceram na mesma casa? Dos 21 só sobreviveram 11, o resto foram falecendo então...

N – Sim. Pois, antigamente não havia médico de família e agora há tudo. Agora uma mulher está grávida e sabem logo se é um rapaz ou se é rapariga. Naquele tempo não havia nada destas coisas.

B – Também no nosso caso era 16 e também digo que morreram 8 e ficaram 7.

N – A minha mãe era muito boa pessoa. A gente antes de jantar havia a reza e tínhamos que rezar ali à mesa. Depois de acabarmos de jantar íamos todos para a lareira e a minha mãe ia ensinar a gente a rezar e aquele que se risse ou se dizia uma palavra maldita levava com o canudo de assoprar o lume na cabeça.

M – Desculpe lá pela pergunta, mas o Senhor é Ribatejano?

N – Sou. Eu sou da freguesia de Alcanede. Sou do pé da Pedreira. Bom, o meu pai também era como aquele senhor que estava a falar, que de véspera deixava o que tínhamos destinado...flano vai fazer isto, flano vai fazer aquilo. Se a noite não tivesse aquilo era capaz ainda de levar umas chapadas. O meu pai não era amigo de bater nos filhos, era mais de ralhar do que bater. A minha mãe, coitada, com tanto filho à sua volta, ela tinha que se desenrascar de alguma maneira.

Havia um homem que conhecia e que dizia assim, “a gente nunca deve bater na companhia da cama”.

Vivíamos todos juntos, mas depois só nos juntávamos pela altura da festa, porque todas as minhas irmãs andaram a servir em casa de senhoras. Andavam a servir para ganhar alguma coisa para ajudar a criar os irmãos. E eu ia para a casa das senhoras receber o ordenado delas para comprar algumas coisas. Antigamente tínhamos que tirar as senhas, senhas para o pão, para a mercearia, para o açúcar. O açúcar tinha com fatura, pois eu ia ao açúcar à casa de um senhor que é o Luís Esteves. Ele tinha uma loja e às vezes eu abria um pacote do açúcar escuro...eu comia um torrão de açúcar. Depois vinha para casa...havia aqueles ribeiros onde passava a água, eu agachava-me e bebia água daqueles ribeiros. E era assim a nossa vida.

Antigamente até a porcaria das vacas e dos bois, dos burros nós tínhamos que apanhar isso porque era estrume para as terras. Eu apanhei muito disso. Eu ia com o meu pai. Um levava um balde e outro levava outro. A minha irmã vinha e não encontrava nada, então ela colocou umas pedras no fundo do balde e tapou aquilo com a porcaria do balde. O meu pai estava na estrada do portão para colocarmos aquilo num monte...também juntávamos o esterno do pátio, do curral das ovelhas e dos porcos, juntávamos e misturávamos e fazíamos o estrume para as terras. Ele chamou a minha irmã e a minha irmã viu aquele peso e reparou que era metade pedras e metade estrume...então aí é que ele lhe bateu, deu-lhe uns pontapés no rabo e umas estaladas na cabeça. Também criávamos porcos, o bagaço da azeitona, e tínhamos dois potes grandes de varas... antigamente faziam nas olarias ...tínhamos lá dentro de um palheiro esses dois potes. A minha mãe para não ir ao bagaço porque havia lá um buraco fundo, em que tapavam com água para ficarem

conservados e ficava encarnado e o meu pai disse a mim e à minha irmã para acartar dois potes que estão aqui de barro...depois ela na brincadeiras com os primos, acabei eu por acartá-los sozinho, então o meu pai perguntou se tínhamos acartado o bagaço e eu disse que acartei eu, porque a Leontina foi para a brincadeira.

O meu pai não era de bater nos filhos, era mais barulho...a minha mãe dava cinturadas nos filhos de volta dela e muitas vezes sem comer para lhes dar...naquele tempo também mandavam fazer farinha ao moinho que havia antigamente. Havia o trigo, a farinha de milho para fazer a broa, e muitas das vezes ela ia buscar ao saco a farinha para fazer papas. Ponhamos um bocado de açúcar por cima.

Enfim, o meu pai enquanto pode, andou a trabalhar...quando não podia, estava ele muito velhote, um senhor falou-lhe se ele queria guardar as cabras, eram cabras a meias. No final do ano metade das crias ia para o dono das cabras e a outra metade era para o meu pai. E assim ele arranjou um rebanho de cabras nessa posição nas serras do Alecrim, lá em cima ao pé da pedreira. Ao pé da pedreira, porque era lá que se apanhava as pedras para os passeios.

Eu fui servir para a casa de um tio, ele tinha bois, tinha fazenda. Uma vez um senhor passou lá à porta do meu pai com uma carrada de lenha em cima de um carro de bois. Passou pelo um palheiro e tinha monte de pedra...era pedra em cima de pedra e lá levaram aquilo. Depois foram lá a um pedreiro que havia lá na terra mexer, era o pai e os dois filhos que eram pedreiros. Foi para lá um filho e disse para o meu pai, “quem está de serventia?”, o meu filho aqui. Lá em casa tinha um andaime para fazer a parede lá do palheiro, depois fomos armando as pedras, um do lado de fora, outro do lado de dentro. A mim ele pôs-me no lado de fora, porque era o que tinha de estar perfeito, mas eu lhe disse “tu é que és o pedreiro, agora tenho que lhe dar a serventia e tenho que te ajudar na parte de fora!?”, mas aquilo passou...depois ele disse para eu pedir ao meu pai para aprender a ser pedreiro. E assim disse ao meu pai. Antigamente andávamos a aprender e não ganhávamos nada para a aprender o ofício. Para a aprender a ser pedreiro tinha que dar a serventia e ainda ensinavam e não ganhávamos nada.

Comecei com os meus 13 ou 14 anos. Antes disso guardava ovelhas para uma senhora que tinha ovelhas. E aí ganhava.

Não havia tempo para brincar para as ovelhas não galgarem o milho, o trigo, o feijão, tudo o que estava plantado naquelas terras, senão elas galgavam...depois eles sabiam sempre quem andavam com as ovelhas e iam ter com a patroa diziam que “tens de pagar X por elas terem lá ido à minha fazenda”. Eu tinha que as guardar. Aquilo era comer, vestir e

calçar. Os primeiros sapatos que tive eram feitos em casa...era de cabedal e tinha a sola. Lá na minha terra também não tinha grandes sapateiros.

O meu quando matava um burrego ou um cabrito, ele aproveitava o sossego cebo do animal para amaciar a bota. Colocávamos azeite e martelávamos em cima de uma pedra e no fim fazíamos aquelas bolas redondas, aquecíamos a bola e ponhamos nas botas. Era nas minhas botas, na da patroa e na da filha que casou e que foi para o Brasil. Todos os dias aquilo levava cedo...era como se fosse uma camada de verniz.

Q - A mim o que me faz uma raiva terrível é ouvir pessoas da minha idade de dizer mal de uma coisa que não têm o direito de dizer mal. Mal foi quando eles tinham idade de ser gente, de poder estudar...

N - Mas como eu estava a contar, eu tinha um primo que também se chama Joaquim que também tinha um rebanho de cabras, então quando passávamos à porta a minha patroa, ele dizia "Vamos embora? Vai soltar as ovelhas para a gente ir guardá-las". Eu soltava as ovelhas e ia com ele...quando saía de casa eu tinha os sapatos calçados, pois a patroa não me deixava ir descalço, mas como tão rijo que era o cabedal roía-me os pés, andava sempre com os pés e os sapatos sempre cheios de sangue. Depois quando chegávamos à um lado e ele dizia "descalça os sapatos, ata os sapatos um ao outro pela correia e põe no ombro, porque eu levo-te às cavalitas". Ele já morreu, coitado. Ele agachava-se e eu subia aos ombros dele até ao local de guardarmos o gado.

Gostava muito tempo de voltar atrás...oh tempo, volta para trás, dá-me tudo o que eu perdi, tenho pena e dá-me a vida de tudo aquilo que já vivi.

UTENTE O

Estagiária – Quem eram os seus pais?

O- Os meus pais eram os meus pais. Eram trabalhadores agrícolas, tanto faz ser um, tanto faz ser o outro... Eram muito meus amigos e além de serem muito meus amigos, até a uma certa idade eles me valeram de muito, que é a idade da escola, depois a idade de ir para a oficina eles me valeram de muito.

Eu se não tive mais dele é porque não quis porque os meus pais era do melhor para mim. Também era filho único.

Comecei a trabalhar com 8 anos, mas não obrigado. Porque eles nunca me obrigaram a trabalhar com essa idade. O meu pai teve umas vacas de leite, umas vacas de dar leite e eu ia guardá-las. Ia guardar as vacas à tarde quando vinha da escola.

Eu guardava as vacas e depois o meu pai vinha do trabalho e ia ter comigo, já se estava a fazer de noite e eu ia embora e ele ficava lá, e eu vinha para casa. Quando

chegou-se a idade dos 12 anos eu empreguei-me numa quinta do estado, que é a Quinta da Fonte boa, ainda hoje existe a Quinta da Fonte Boa. Fui para lá montar cavalos e lá o senhor que ensinava a gente a montar cavalos queria que eu desse um pô-lo e montar-me para cima do cavalo. Bem lá andei até aos 14 anos a montar cavalos. Depois já trazia as costelas bem amassadas de quedas que dei e o meu pai tirou-me de lá. Vim-me embora de lá, mas não me sentia bem porque o meu pai estava a trabalhar, a minha mãe a trabalhar e eu com 14 anos sem fazer nada era complicada. Então o que eu fiz, fui dar serventia a pedreiros, mas o meu pai achou por bem por eu ser muito franzino e não podia a andar a dar serventia a pedreiros a acartar baldes de massa. O que ele fez? Arranjou-me trabalho numa oficina, fui para uma oficina de mecânica, aprender a mecânica e lá andei a aprender a mecânica, mas eu a dar serventia ganhava mais do que andar lá a aprender a mecânica. O patrão não me queria pagar nada porque não sabia, a mim e aos outros. Íamos para lá e não sabíamos, só dávamos prejuízo e eu digo assim, bem está a mandar-me embora outra vez...não posso estar aqui. Mas a minha mãe dizia-me “Abre os olhos, aprende e depois no fim quando souberes fazer alguma coisa exige ordenado”. Eu lá andei até a idade de ir para a tropa. Quando vim da tropa cheguei-me ao pé do patrão e exigi ordenado.

Estagiária - Quantos anos tinham quando saiu da tropa?

O - Eu fui para a tropa com 19 anos e tive lá 36 meses e meio. Veja lá quantos anos eu tinha...

Depois no fim já não fui para esse patrão, fui com outro. Fui para o Cartaxo, para uma oficina até 2 anos ou 3 anos. Depois eles eram dois sócios, um era de Santarém e outro era do Vale da Pinta. Eu andava lá e estive lá a fazer serão até às tantas da noite, até a 1h da noite e o que era daqui a Santarém foi me lá, por acaso eu não tinha carta e eu fui lá saber se o carro já estava pronto. Eu já estava a me lavar para me vir embora e eu disse “já está pronto”, “então vamos lá experimentá-lo”. Fomos experimentar o carro e ele “está bom”. O carro era de um senhor chamado Nelson que vendia azeite. “Arranje-se lá que eu vou pô-lo à casa. Eu aquela hora da noite tinha que vir de bicicleta a pedais uma data de quilómetros no meio dos apremais. Eu arranjei-me e ele foi-me por a casa. Ele me pôs em casa e disse-me “você amanhã mesmo que apareça tarde a 1h da tarde não faz mal”. Mas eu não apareci lá a 13h da tarde, fui mais cedo, eram 11h. Mas o sócio dele quando me viu lá entrar no pátio ele disse-me “Epá, agora é que vens!”, começou a mandar vir comigo, eu não fiz mais nada, nem mudei de roupa, fui buscar o fato de macaco, enrolei-o e atei-o à bicicleta e vim embora...

E o outro patrão quando perguntou por mim, “ah ele se foi embora, buscou o macacão e foi embora”. E ele disse-lhe, “o rapaz teve aqui até às tantas da noite, até a 1h da noite e

mandei-o estar aqui aquelas horas”, e o outro “Ah, mas eu não sabia”, a mandar vir um com o outro. E esse que era de Santarém que tinha mandado foi à minha procura. Chegou à minha casa e perguntou por mim à minha mãe. Olha ele foi-se embora e diz que ia arranjar trabalho, não sei para onde ele foi. Eu arranjei trabalho e arranjei e já não fui lá para eles. Não fui trabalhar para eles. Arranjei trabalho e foi ganhar mais. Então vim-me embora do Cartaxo. E eles ficaram lá com um trabalho que tinha e meio. Esse trabalho que eu tinha era de um senhor chamado Zé Parente que o carro era um Mercedes que ele tinha e já tinha sido arranjado lá na oficina, mas não tinha ficado bom. Depois já não sei se ficou bom.

Ele veio a Santarém novamente, fui trabalhar para o outro senhor e esse senhor trabalhava em tratores e nisso tudo. E fui a uma oficina que aí havia e fui comprar peças para “ trator que eles lá tinham e o patrão disse-me “você alguma vês trabalhou em tratores?” e eu disse-lhe “nunca trabalhei com tratores, mas com camionetes, automóveis já”, e ele “então você não há de se atrapalhar, se houver alguma coisa você chega-se ao pé de mim”...eu fui. Mandou-me lá ir comprar umas peças para um trator e o senhor onde eu fui comprar as peças disse-me “oiça lá, você está a trabalhar a onde?”, “olhe eu estou a trabalhar para o Francisco Vinagre”. E diz-me ele assim “Então olhe você se quiser vir para aqui a gente tem aqui um stand de tratores e você vem para aqui trabalhar para a gente”, e eu disse “está bem”, e ele “aqui você ganha ao mês e lá recebe à semana e ainda lhe demos mais dinheiro do que está lá a ganhar, quanto é que ganha?”, “ganho X”, “Então o senhor vem para aqui e a gente paga mais. Eu vou comunicar para Lisboa e você vem para aqui”. Ele comunicou para Lisboa e depois veio um tipo de Lisboa que mandava naquilo tudo para falar comigo e diz-me pra mim “olhe, você vem para aqui e ganha ao mês, mas para o mês que vem à experiência, mas se agente ver que o senhor desenrasca”, eles tinham lá a trabalhar um tipo que nunca tinha trabalhado em mecânica e ele disse que eu estava lá a trabalhar um mês a experiência, mas depois ao fim de um mês ele não me disse mais nada e estive a trabalhar à mesma. Eu cheguei-me ao é dele, ele chamava-se Luís Ferreira, “oh senhor Ferreira, o senhor disse que vinha para ali trabalhar à experiência e nunca mais me aumentou o ordenado e nunca mais me disse se fico”, “o senhor que não se preocupe, porque ao fim de um mês que trabalhou você agora é aumentado e fica a trabalhar para a gente”, então fiquei lá. Esse tipo que lá estava que não era mecânico, mas sabia trabalhar nas máquinas ceifeiras debulhadoras e enfardadeiras, mas nos tratores ele não sabia nada. Eu fiquei lá e fiquei a ganhar mais que ele, fiquei eu a dirigir o serviço, comecei a ir com ele a ver a reparações das ceifeiras debulhadoras e enfardadeiras, aquela coisa toda. Aquilo era uma coisa que era muito diferente dos tratores e não custava tanto como os tratores e andei ali assim durante 15 anos.

Estagiária - Como a educação dos seus pais?

O - Os meus pais não eram rígidos. Eu até lhe vou dizer uma coisa, eu comecei a namorar muito novo. Tinha 14 e a minha mulher tinha 13. Os meus pais gostavam muito da minha mulher e ela dizia então que os meus pais gostavam mais dela do que os pais dela. Eu às vezes zangava-me com ela e largava-a e dizia que já não gostava dela. E ela ia ter com os meus pais e ia fazer queixas, lá vinha os meus pais a moer-me a cabeça porque eu não tinha razão para fazer isto e fazer aquilo. Então namorei 10 anos.

Estagiária - Costumava brincar?

O - Brincar era comigo, assim como é para todas as crianças. Brincava com outras crianças, com primos meus, com vizinhos.

Ali a minha volta tinha muitas crianças para se brincar, mas às vezes não se brincava todos os dias porque eu as vezes ia guardar o gado e não havia tempo.

Aos 7 anos, mas depois apanhei uma broncopulmonia só voltei à escola outra vez aos 8 anos.

Oiça, eu era danado por partidas e às vezes os meus pais...uma vez a minha mãe machucou-me e não fiz mais nada...abalei e meti-me dentro de um rego e apanhei umas ervas e tapei-me com aquelas regras e os meus pais andaram aflitos para me encontrarem. Então foi a maneira da minha mãe machucar-me menos, porque ela qualquer coisa machucava-me.

Estagiária - O seu pai já não?

O - Não.

Estagiário - Quando era mais pequenino, antes dos 7 anos tem memórias?

O - As memórias que eu tenho antes dos 7 anos o seguinte, eu era endiabrado e às vezes o meu pai chamava-me à atenção “não podes fazer isto, não podes fazer aquilo”, mas aquilo entrava num ouvido e saía no outro.

Estagiária - Acha que a educação que os seus pais lhe deram influência na pessoa que é hoje?

O - Influencia e muito, porque os meus pais deram-me uma educação que quando era maior e comecei a trabalhar os meus pais não queriam que eu fizesse mal a ninguém, nem que namorasse hoje uma rapariga e que amanhã a deixasse e porque depois quando casasse poderia ter filhos e eles podiam fazer o mesmo às minhas filhas ou aos meus filhos. Portanto isso influenciou-me em muito. Portanto eu em certas coisas não gosto de ver, ou de fazer aquilo ou o outro à filha de outro ou outra pessoa. Assim como por exemplo, eu não sou uma pessoa de dinheiro, mas se tivesse dinheiro, ao pé de mim ninguém era pobre, eu dava dinheiro à toda a gente.

Os meus pais também emprestavam dinheiro à toda a gente. Eu houve uma vez em que comecei a namorar uma rapariga e namorava a minha mulher e o meu pai chamou-me a atenção por isso e eu larguei a rapariga “houve lá, tu andas com uma rapariga e tu gostas de hoje para amanhã teres uma filha e fazerem o mesmo?”, “Não”, “Então porque estás a fazer?” Vi que de facto não estava a fazer as coisas certas.

UTENTE P

P- O meu pai era sapateiro, com muito boas mãos, mas muita pevide...tinha um tempo que ele não bebia, era uma maravilha...depois começava a beber, partia tudo, estragava tudo e eu tinha muito medo dele...até ao ponto que a minha mãe teve que se separar e criou-nos sozinha. Só havia um, a seguir a mim, que ia visitar o pai, ele era muito apegada ao pai...depois de tanto que fez que acabou por morrer... não havia quem fizesse melhores sapatos, de maneira que ele acabou por morrer e eu foi criada pelos meus tios que eram cabeleireiros na cidade em Vale de Casal. A minha mãe, coitadinha, trabalhava muito doente...trabalhava a dias para poder sustentar-nos...depois ela ficou com os outros dois filhos.

Depois fu viver com os meus tios, vivia bem, comia bem, dentro dos possíveis e assim casei e de lá veio a família.

A relação com a minha mãe era muito boa...ela amparava-me muito. Os meus irmão eram muito despegados...um era cabeleireiro na cidade e muito conhecido, o outro trabalhava com automóveis, chegou a ser gerente da empresa Audson dos automóveis.

A relação com os meus irmãos são muito bons...até hoje tenho um irmão em Lisboa que telefona-me.

O meu pai era muito bom, mas fazia aquele assunto, partia tudo, deitava a sopa fora e não nos deixava comer...de maneira que na parte dela foi uma mulher de armas e muito boa e ele coitadinho ficava desorientado.

Tenho saudades daquele tempo, apesar de ter muito medo dele. Quando ele abria o portão e tremia de medo e já não sabia onde me enfiar...mas de resto tenho muitas saudades.

O nosso tempo de família era ao domingo...ficávamos ali em casa.

Brincava dentro de casa...não podia sair, até quando era para namorar era de janela do primeiro andar. Até um dia o meu marido desmaiou e ele caiu para o chão, aí foi quando eu pude sair para acudi-lo. Ele não tinha feito a digestão e foi para o frio... era num sítio que ainda existe aqui na cidade, que era o pátio das pardoneas e ainda existe um restaurante da

perdoneas. Era aí que ele se encostava na árvore para namorar e de maneira que estava na janela do primeiro andar. Só entrou lá em casa no dia de cair... A educação era muito rígida

Depois fui para a costura aos 12 anos, na casa dos tios... trabalhei na costura e comecei a aprender, depois de casar comecei a trabalhar para toda a gente, para fora.

Naquela altura nunca houve união, agora há mais.

UTENTE Q

Q - A minha família foi um bocado triste. Não foi uma família alegre, não podia ser... não posso contar nada em relação às duas irmãs que eu tive, pois elas já morreram...

O meu pai naquela altura em que Portugal, quando adoeciam de tuberculose era para morrer porque não havia nada para curar.

A minha mãe pariu-me com o meu pai a deitar pela boca os pulmões. Quando ela ficou viúva, eu tinha dois meses e a minha irmã tinha dois anos. Depois disso houve um homem... quando passávamos em Gazelas, que era lavrador, que era o Guilherme das vacas... sem álcool ele era tratável, mas com álcool ele era terrível. A minha mãe levou muitas tarefas, ele partiu muita loiça, comprava e voltava a comprar... por isso é que eu digo que não foi uma vida feliz... nem na primeira união, ou seja o casamento da minha mãe com o meu pai, nem com o segundo que ainda foi muito pior que o meu pai... ele era amigo da minha mãe, ele gostava da minha mãe e tratava-a bem, mas o meu padrasto foi um terror...

Tantas vezes, às tantas horas da noite saía tudo de casa, a minha mãe com os cinco filhos atrás dela para ir tudo para a casa da mãe dela, depois de ter levado uma tarefa... por isso é que digo que não foi uma vida brilhante. Ou seja, não é uma história para contar que seja alegre, ou seja positiva... é negativa em todos os aspetos e em todo o tamanho. De maneira que só tenho mal para dizer da minha infância, embora que depois haja algumas coisas que agente fica a pensar, como é que foi que chegamos até aqui.

Aos catorze eu trabalhei num laboratório Leti, na rua Luís Garcia, na Amadora e ainda existe. Fui para esse laboratório encher frascos com 60 comprimidos. Era um laboratório italiano... o senhor tinha perto de 60 anos e queria casar comigo e eu tinha 14... entretanto num laboratório em Benfica que é o Ateral, que também ainda existe e tenho uma fotografia com as minhas colegas vestida de bata branca e fui para esse laboratório para ganhar mais... tinha 17 anos. O meu primeiro namorado... na Amadora abriu a escola dos cadetes do exército... o meu primeiro namorado andava nessa escola e era sobrinho do Carvoeiro Lopes, presidente da República... então a minha mãe começou a ficar assustada, pois estávamos em baixo e depois veio uma bomba daquelas... então a minha prima Lídia morava em Parede e a minha mãe foi falar com ela a contar o que se estava a passar porque estava

com medo do que lhe iria acontecer...pois ela não estava a prever daqui um casamento...então foi para a casa da minha tia Lídia para Parede, sem deixarem morada, nem qualquer coisa alguma ao rapaz, o nome dele era Vicente Manuel Carvoeiro Lopes.

Aos 19 anos conheci um homem da família Candicastro, em Santana e foi ali que eu casei na igreja. Os meus tios apresentaram um rapaz solteiro e casamos na igreja da Estrela e a partir daí vieram os filhos...é para ver que de repente que a vida pode mudar. A minha mudou de pior para muito melhor.

Os meus irmão não eram muito unidos porque havia muita carência, batiam-se às vezes uns aos outros. Não foi bom em espeto nenhum...nunca houve fome, aliás havia fartura...a salgadeira estava sempre cheia de carne, o pão fazia-se em casa para a semana, os legumes vinham das hortas que nós tínhamos. Nesse aspeto foi grandioso.

Nós brincávamos ao arco, ao avião, às escondidas. Brincava com os meus irmãos e os meus amigos.

Brincava na rua, dentro de casa não, pois se fizéssemos asneiras levávamos na cara antes de falarmos...os pais antes eram severos sem sabermos o porquê.

UTENTE R

R - Entre nós, há aqui algumas pessoas muito próximas na idade e todos nós temos uma história...

Eu e mais quatro rapazes e uma rapariga, todos irmãos...nós já andávamos na escola e o meu pai à noite, depois de jantar, deixava já destinado o que é que no outro dia nós tínhamos que fazer e tinha que está feito quando ele chegava do trabalho. Portanto, íamos à escola, mas depois a seguir da escola tínhamos que cumprir todo aquilo que ele disse.

Naquele tempo os pais só diziam as coisas uma vez ...naquele tempo não podíamos dizer que não e os nossos pais só diziam uma vez “não” e chegava. E hoje é ver qual é que diz mais vezes “não”, se é o pai, o filho ou é a mãe...portanto é diferente.

O meu pai era um homem trabalhador, não se pode dizer que não fosse ver dos filhos, normalmente ele andava mais acompanhado e o que mais admiro é que ele estava mais acompanhado com Deus. De maneira que isto diz tudo, não é!?

Diz tudo, porque a minha mãe e até os filhos passamos muito com o meu pai por causa do temperamento dele e da sua maneira de ser rígido e quando as coisas não corriam no tal jeito dele, que quem estivesse à frente apanhava primeiro.

Entre irmão sempre tivemos uma relação próxima...uma vez houve um desentendimento, mais nada...e ainda hoje...

Nunca me lembra de ser menino, nem sei se alguma vez eu cheguei a ser menino, porque, como já disse, quando saí da escola o nosso trabalho já estava desde a véspera à noite destinado e à noite já tinha que estar feito... não havia tempo para brincar, como já lhe disse os pais só diziam uma vez não e os pais têm que dizer muitas vezes não e os filhos retribuem...

É totalmente diferente do que se vê hoje...hoje a educação é diferente, é levada diferente, a maneira de ser das pessoas é diferente, etc...

Q - Hoje falam para os pais como se fossem colegas de escola, tratam por tu e isso estragou tudo.

R - Os pais e os avós! Não é só os pais, os avós, os netos.

Daí que eu acho que terá a influencia da maneira de como se tratam uns aos outros com respeito. A vida que nós passamos, uma crise muito grande que foi o tempo da 2ª Guerra Mundial.

Q – Andava descalça.

R - Eu calcei os primeiros sapatos com 13 anos e meio, quando fui trabalhar para Lisboa. Foi a minha mãe à loja comprar, o que eu chamo os ténis, nesse tempo chamava-se as sapatilhas... e foi isso que levei calçado para trabalhar em Lisboa.

Q – Sabe qual era o calçado que o meu pai comprava para nós, para as raparigas e para os rapazes? Sapato de Atanado, comprados na Malveira em que tínhamos que comprar cera para os amaciarmos e ficavam todos mergulhados...tinha que ser quente...O Salazar levou tanta tarefa do resto da Europa pelo povo Português andar descalço e mandou fazer as alpergatas, que ainda existe em Santa Clara, só que não faz alpergatas, faz outro tipo de sapatos...

R - A propósito do calçado, eu fui para Lisboa, como disse foi a minha mãe comprar à mercearia umas sapatilhas para eu não ir descalço. Andava eu a trabalhar numa fábrica de curtumes. O meu pai tirou-me da escola, estava eu a fazer a 3ª classe, enfim havia dificuldades e o meu pai arranjou aquela oportunidade e lá vou eu trabalhar descalço.

No meu trabalho, antigamente as peles eram curtidas com a casca dos sobreiros, que é uma casca encarnada. E era com isso que curtiavam as peles e então aquela casca que eles punham para curtir as peles depois punham lá a secar e servia para as pessoas naquela altura fazerem lume na lareira e até para cozer o feijão, o grão, etc... e eu andava descalço e vinha à noite para casa com os pés vermelhos, da cor da casca...e lá havia muitas ortigas e havia uma vizinha minha criava perus e ela cozia as ortigas. Eu todos os dias eu lhe trazia um molho de ortigas para ela cozer para os perus. Depois o que me aconteceu? Ela me

ofereceu uns sapatos...os primeiros sapatos que eu calcei, foi os dessa senhora porque lhe trazia as ortigas para os perus e ela deu-me uns sapatos...

Era assim a vida...era difícil porque nós, ainda algumas pessoas que estão aqui lembram-se perfeitamente, com o pouco dinheiro que havia, queríamos ir à mercearia, queríamos ir ao padeiro...não podíamos comprar mesmo com o pouco dinheiro que havia...tinha que ser com senhas...depois as pessoas falam da crise...crise foi no tempo da segunda guerra mundial.

ANEXO III – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º2

ATIVIDADE N.º2 – O PERCURSO ESCOLAR

GRUPO 1

Estagiária - Nesta vez o tema é a escolaridade...

D – A escola? Mas eu estive lá pouco tempo na escola.

I – A gente naquele tempo não tínhamos vagar para andar na escola.

D – O meu pai não deixava a gente a andar na escola. O meu pai dizia-me que as raparigas não eram para andar na escola, era só os rapazes só queriam andar na escola para prender a ler e a escrever cartas aos rapazes.

J – Eu estudei até à 4ª classe.

D – E de maneira que estudei pouco tempo e o que sei aprendi por fora.

J – Mas vocês não tinham lá a escola?

D – Tinha na Moçarria. Porque a professora queria o livro da 1ª classe.

C – Era o João Medeiros não era?

D – Era o livro da 1ª classe, mas não me lembra. Depois claro que a minha mãe não comprou o livro porque o meu pai não queria e a professora perguntou-me pelo livro logo no dia e eu disse que não levava porque o meu pai não deixava comprar e sabe o que ela me fez? Pôs-me à janela com umas orelhas de burro.

C – Com a minha professora nunca fui á janela

I – A minha professora tinha muitas burras.

D – E depois quando passava na rua e agora quando passo pelas Abitureiras, “olha a minha escola que andava com as orelhas de burro!”, porque fica à beirinha da estrada. E quando passavam “Olha aquela não sabe! Ela é burra e tem as orelhas de burro!”. Eu sabia e era inteligente. Aprendia tudo o que me ensinava. Eu aprendia tudo

C – Também eu era muito inteligente. Ouvia a primeira vez e decorava tudo.

D – Depois cá por fora e a gente cá na Santa Casa.

I – Eu não aprendia nada por isso é que dei até a 2ª classe.

D – Olhe eu também. E só dei a 1º Classe. Olhe a gente de princípio aqui tinha coisas muito boas, tinham cá três professoras, não era? Três professoras uns poucos anos seguidos. A gente íamos e ensinava-nos de tudo.

I – Eu também soube trabalhar no computador. Quando mudaram para aqui a Manuela nunca mais me mandou para o computador porque trouxeram um computador aqui. Lá tinham meninos e tudo na mesma sala e depois tínhamos uma sala grande de computadores que não mandaram para cá e eu esqueci-me. Agora já me esquece das coisas.

D – A gente fazíamos tudo o que era de leitura, a gente fazia de tudo o que as professoras mandavam. Elas eram muito boas. Elas disseram-me assim “então a senhora lê dessa maneira, faz problemas dessa maneira, faz contas dessa maneira, faz tudo e a senhora e deram-me a 4ª classe. Olhe já nem sei da carta, devo ter lá para casa. Deram-me a 4ª classe. Depois olhe, ler eu fui sempre lendo, escrever eu não escrevia para ninguém. As minhas filhas sabem ler e eu não tinha ninguém e tinha telefone.

I – Olhe, mas eu gosto muito de ler e de escrever.

D – Mas depois eu esqueci, olhe eu escrevo qualquer coisa, mas dou erros por isso escrever eu não escrevo. Ler, eu leio tudo, escrever olha.

Estagiária – Vamos lá tirar um papelinho...

D – Ai valha-me Deus...O que é isto? Não trouxe os meus óculos.

Estagiária – É uma professora a dar reguadas a um aluno.

D – Ai Jesus!

I – Uma vez levei uma meia dúzia.

D – Eu nunca apanhei...

I – Eu já nem me lembra de quê que foi.

D – Posso ir lá a correr num instantinho para ir buscar os meus óculos?

Estagiária – Sim, pode.

I –Esta pensa que está a bater no quê? Num cavalo!?

J – É no aluno.

I – Mas a minha foi na mão.

J – As reguadas eram nas mãos.

I – Esta aqui o aluno está com o rabo para o ar.

J – olha lá que também estou a perceber isso.

Estagiária – Levavam reguadas vocês?

I - eu levei só uma vez, ainda me lembro.

J – Eu nunca levei. Eu era muito inteligente na escola e a professora que eu vim embora até a minha professora chorou.

I – Então a mim ela fartou-se de mandar cartas por um rapaz que morava lá perto para o meu pai, por causa de eu ser inteligente.

J – Para não me comprarem a história, que custava 9 escudos, o meu pai não queria comprar e eu tive que pedir emprestado. Você lembra-se daquele ao pé da Igreja da Piedade, aquele quiosque ali estava? Estava ali um senhor que era nosso amigo e o rapaz dela tinha a História então emprestou-me para o exame. Mas eu não precisava de história,

eu respondia a tudo. Ainda hoje quando está aí a professora de ginástica e pergunta por matemática eu respondo a todas as perguntas.

Estagiária - A D. Lurdes estudou até que ano?

J – Eu estudei até à 4ª classe.

Estagiária – E fez até a 4ª classe tudo na escola?

J – Fiz tudo na escola do Salvador, onde eu pertenço. É ali no lado do Varão.

Estagiária – Entrou com quantos anos?

J – Olhe a gente não entrava naquela altura com 7 anos, mas faço os anos a 19 de Fevereiro e a gente só entrava em Outubro, então entrei para a escola com 8 anos. Agora já entram com 5 e 6 anos e não sei o quê-

C – para a primária?

J – para a primária. Eu já tenho ouvido pessoas a dizer que com 5 anos já têm entrado. Então já andam no infantário e quando saem dali vão logo.

D – Isto não é uma régua, é uma cana.

J – O professor ferro é que tinha esse bicho. Batia na cabeça dos cachopos.

D – Bateram na minha irmã com uma cana na cabeça. A cana tinha dois nós, olhe abriram-lhe ali a cabeça.

C – Estava a conversar com alguma.

D – é verdade...

J – O professor ferro é o que mandava nas escolas, então era a cana que ele tinha. Eu tinha lá o sobrinho, então ele nunca mais queria ir à escola, porque apanhou o medo do professor lhe bater com a cana e ele não queria. O meu irmão teve que lá levar naquela ladeira de Santa Clara e como você sabe era um buraco, e eles viram-se perdidos para leva-lo para a escola porque ele já não queria ir. E depois ainda fez o exame.

Estagiária - Um papelinho a cada. Naquele tempo já havia o Bullying?

J – O que é isso o Bullying? Até hoje nunca cheguei a perceber isso.

Estagiária – Bullying é uma forma de fazer violência, quer física e psicológica. Naquele tempo não entravam em porrada uns com os outros?

J – Não. Até porque os rapazes entravam de manhã até ao 12.30h e a gente entrava do 12.30h até às 17h.

I – A gente era tudo em conjunto.

J – Agente não. Os rapazes entravam de manhã e a gente entrava à tarde. Nunca nos juntamos com os rapazes. Então é dar um murro no aluno?

D – Agente na nossa escola havia duas. Uma para os rapazes e outra para as raparigas

Estagiária – A senhora estudou a onde?

I – Eu estudei na Portela.

Estagiária – E estudou até que ano?

I – Então a 1ª e a 2ª classe. Senão depois a gente ficava a saber demais.

D – O meu pai não queria depois queríamos escrever cartas aos rapazes...

I – O meu pai disse que não podia gastar dinheiro em livros e a professora cansou-se de mandar recados, cartas e tudo.

D – Eu apanhava um bocadinho de jornal era logo a ler. E tinha uma coisa de ler e de aprender...

J – Ainda hoje, de uns tempos para cá ao escrever estou um bocadinho esquecida. A Doutora dizia-me que era ao tal dia e nunca me esquecia, agora ando um bocado esquecida...

I – Olhe saí-me dois rapazes e vou escolher o melhor

D – Claro, tens que escolher o melhor...

Estagiária – o que o de trás está a fazer?

I – Olhe se quer que lhe diga, não sei o que lhe dizer...

J – Então aqui é uma aluno que está a escrever...

Estagiária – e o de trás está a tentar copiar pelo colega da frente...

I – Era capaz de ser...

Estagiária - Vocês copiavam?

J – Não

I – Olhe copiavam mas era por mim... Eu até às vezes ensinava os do 3ª. As vezes a professora dizia “pois respondeste, porque uma menina ali do 2ª classe disse atrás”. Eu falava mas era quando eles demoravam a responder a uma pergunta que a professora fazia e eu dizia “oh filha, é isto assim, assim”, mas ela às vezes apanhava-me e eu falava baixinho.

Estagiária – Estudou até que classe ou até que ano?

C – Até ao 5º.

J – O 5º ano era até a 4ª classe, depois era a admissão ao liceu.

D -O 5º ano é o 5º anos, antes era diferente.

J – Mas isso é antes da admissão ao liceu.

D – Mas o 5º ano não é a admissão ao liceu...As minhas filhas também fizeram.

I – O 5º ano é outra coisa.

C – a mim também me levavam à escola

Estagiária – ia de autocarro para a escola?

C – Sim, às vezes ia. Era um bocado longe de casa, mas estava lá todo o dia. Depois fiz o exame a admissão ao liceu. Naquele tempo fazíamos desenhos com compasso e tinta da china. Isso já não é do seu tempo...

Estagiária – Eu ainda usei tinta-da-china.

C – Nós tínhamos uns aparozinhos e nós fazíamos a tinta-da-china.

Estagiária – E vocês como é que iam para a escola?

J – Ai, a pé...naquele tempo não havia camionete.

D – Descalça! Muitas vezes com os pés descalços.

J – Muitas vezes eu ia a pé descalçada.

I – Eu ia sempre calçada com uns sapatos que a minha mãe me deu quando eu nasci.

Estagiária – Mas iam a pé?

I – Às vezes ia calçada, mas íamos a pé.

D – Íamos a pé e ao atravessar o Rio Porto, era o rio que atravessa o Baixinho e a Moçarria e no verão havia pouca água, mas depois no inverno aquilo enchia.

Estagiária – E a senhora, ia descalça?

C – Eu não...

Estagiária - Então já tinha sapatos...

C – Tinha. E pra não andar descalça eu andava de gatas.

Estagiária – Nunca lhe faltou...

C – Não. Graças a Deus...

Estagiária – Tire um papel.

D – O que é isto?

Estagiária – é uma professor. Gostava da sua professora?

D – Se gostava dela? Não porque ela me pôs as orelhas de burro.

Estagiária – Só teve uma professora?

D – Só, mas já não me lembro do nome dela. Ela tinha um marido muito bonito e foi esse que partiu a cabeça da minha irmã com a cana.

C – Orelhas de burro janela. Nunca as tive...

Estagiária – E reguadas?

J – Uma marmita.

Estagiária – Costumavam levar lancheira ou alguma coisa para comer?

I – Isso eu levava. Umas vezes levava só pão, umas vezes pão com azeitona. Olha, era o que calhava...

J – Eu não. O meu pai tinha um carro daqueles grandes de mão e então o meu pai é que levava para lá o feijão e o grão...

I – Isto é o quê? Uma caixa das canetas?

Estagiária – Sim, é um estojo feito de madeira.

J - Deixe-me continuar. É só esta.... Depois o meu pai levava para lá as coisas, porque o meu tio tinha fazendas e casas e não me davam para mim, ela só para os pobres... mas o meu pai como trabalhava e acartava para lá as coisas pediu à professora ou pediu a não sei a quem que eu comia muito mal, então como eu comia mal e vinha a 1 hora a pé, então davam-me lá o comer na cantina com as outras, mas na última vez apanhei um cagaço...

D – Não é um cagaço, é um susto.

J – então disseram “olhe vão dar vinho do Porto a gente” e depois era com uma colher, mas era óleo de fígado de bacalhau...até hoje.

C – Nunca comi disso.

I – Também não.

J – Olhe depois vim a gritar pela Calçada do Monte. Até hoje nunca mais comi. Agora se dessem com outra colher, mas estavam a dar com a mesma colher a todas.

I – Então a gente quando andávamos nas azeitonas não comíamos todos com o mesmo copo.

Estagiária – Vocês tinham material escolar?

D – Tínhamos

I – Tinha uma caneta que tinha de estar sempre a molhar o dedinho. Até tenho para aí umas quadras feitas com isso. Até é vou pedir à D. Manuela para você ouvir. A caneta estava sempre a molhar no tinteiro.

Estagiária – E as malas para a escola?

J - As minhas eram de pano.

D – Era um saco.

I – A mim era um diário.

C – A minha era de cabedal.

J – Eu nunca tive uma mala dessas. Era de pano

I – A minha mãe tinha feito um género com duas gavetas.

D – Ah, isto era para escrever...

Estagiária – As ardósias

I – Olhe, nesse tempo a gente tinha isso. Era a pedra, a gente chamava a pedra.

C - Depois ao fim de semana tínhamos que limpar as caixinhos.

J – Era o quadro...

D - Não...Era a pedra para a gente escrever

J – Mas pode ser o quadro...

D – O quadro era para escrever na parede e a pedra era para a gente escrever aqui.

I – Limpar não. Acho que a gente limpava com um pano húmido e aquilo saia logo.

Estagiária – O poema. Costumavam aprender muitos poemas?

D – Poemas? A gente sabíamos lá o que eram poemas.

I – Eu cá tinha muito jeito para escrever essas coisas. Então não fazíamos tanto? Eu e a Manuela temos guardado. Tem um que fiz da escola e mais logo vou pedir para emprestar.

Estagiária – Brincavam muito?

C – Brincávamos. Brincávamos ao Ringo.

I - Brincávamos ao intervalo.

C – Isso é o quê?

Estagiária – É o jogo do pião e da macaca.

C – E a corda

I – Isto para mim é a escola

Estagiária – A vossa escola era assim?

I – Mais ou menos...Era assim era com as carteiras.

D – A minha também tinha a janela. Era para as orelhas de burro.

I – As janelas acho que não eram parecidas com esta.

D – Quando passo lá digo sempre “olha a minha escola!”

C – Isto são uns bibes...

Estagiária – A senhora usava bibes.

I – Na minha escola não havia disso de orelhas de burro.

J – A minha também não.

Estagiária – Vocês usaram os bibes?

J – Era uma bata branca

I – Usávamos sim uma bata branca e os rapazes tinham umas batas aos quadradinhos.

Estagiária – No me tempo era aos quadradinhos.

I – No tempo do Óscar de Carmona era uma bata branca. Ao pé da praça de touros naquele largo

C – O óscar era aquele pequenino?

I – Era um presidente da república

C – Sim, mas era um baixinho

I – Sim, era.

D – Isto é a missa?

Estagiária – Não, é a cruz, num lado está o Salazar e no outro o Presidente da República.

D – Ah

Estagiária – Na sua escola tinha estas imagens?

D – Tinha a imagem de um presidente qualquer.

Estagiária – Na vossa escola tinha a cruz, a imagem de Salazar e a do presidente da República?

C – Tinha.

J – Tinha.

I – Tinha.

Estagiária – E eram obrigadas a rezar?

J – Não. A gente lá nunca rezou.

I – Era só ao Sábado.

D – Isso já não me lembro.

Estagiária – E o Hino de Portugal?

J – Isso cantava-se.

(COMEÇARAM TODAS A CANTAR O HINO DE PORTUGAL)

C – Acho que ainda cantam isso.

Lurdes – Nunca mais me esqueço

D – O que nunca mais me esqueci foi do hino.

I – A gente também se ouviu muita vez. E ainda se ouve no 10 de junho.

Estagiária – Eram obrigados a saber de cor?

D – Pois...

C – Também cantávamos a M^a da fonte.

D – Agora sei a M^a da Fonte, mas é a moderna a M^a do Monte.

Estagiária – Aprendiam na escola?

D – Não. Naquele tempo não havia.

I – Depois quando eu ia para casa levava umas sapatilhas que o meu pai tinha comprado naquele dia e ia olhar para os pés e levei um Tom petão e parti a cabeça. Fui à farmácia e no fim a farmácia chamou pela minha vizinha para fazer-me um remendo.

Estagiária – Tinham muitos amigos?

J – A gente tinha poucos amigos. Só tinha uma vizinha. Passávamos a vida a brincar e a comprar pevides e amendoins.

Estagiária – mas isso é cá fora e na escola?

J – Na escola éramos todos amigos.

Estagiária – Ainda tem amigos dessa altura?

I – Olha, anda ali uma. Uma Fernanda que entrou na semana passada que andou comigo na escola.

Estagiária - E o livro era parecido a este?

C – O João de Deus.

I – O João de Deus não é.

Estagiária – Este livro era o da 3ª Classe.

D – O meu não era assim, nem pensar nisso. Eu tinha lá os livros na outra casa. Mas deixamos lá muita coisa que não trouxemos para ali.

I – Eu não tenho os livros. A mim emprestara-me.

D – A mim não. Tenho o da 1ª, o da 2ª.

J – Depois de grande ainda tinha o da geografia. A gente cada ano era um livro.

D – Gostava tanto de os ler. Eu tive, porque depois as minhas irmãs já tiveram e depois eu fiquei com eles e eu já os tinha.

Estagiária – Foi algo parecida a isto?

D – O que é isto?

Estagiária – Olhe para as orelhas

I – Tem uns palitos.

D – Então umas orelhas assim tão grandes?

Estagiária – Essas são umas orelhas de burro, mas são maiores.

J – Essas a puseram assim.

D – A mim não me puseram num banco... Foi à janela. E não era sentada. Era em pé na janela.

Estagiária – Acha que foi importante a vossa passagem pela escola, a maneira de como foram educados através das professoras hoje em dia?

I – Não me deixaram andar lá mais tempo. Mas a culpa não foi dela.

D – Pois, a minha professora também era boa, mas eu não podia andar porque o meu pai não queria.

I – A mim não me compravam as coisas.

Estagiária – Não acham que a maneira de como foram educados hoje em dia isso se reflete no vosso dia-a-dia?

I – A vida também nos ajudou a refletir, porque a vida que a gente depois levou.

J – Depois de casados foi diferente.

I – Depois a pessoa em si tem o seu feitio, umas são mais instruídas, outras são mais educadas e isso já nasce com a pessoa. Essa coisa de ser mal-educada ou bem-educada

isso já nasce com a pessoa. A gente se tiver um bocadinho de cuidado e não ofendermos as pessoas.

D – O meu pai também não deixava sermos mal-educada.

Estagiária - E não acha que foi importante terem uma educação severa por parte dos pais e das professoras?

I – Para lhe dizer a verdade, no meu tempo talvez tivéssemos mais educação com essa pouca educação que tivemos do que muitas crianças e até do que os adultos hoje em dia. Porque os nossos pais não admitiam que disséssemos certos tipos e determinadas coisas. Quando chegou a altura de mudar de criança para mulher eu nem sabia que isso existia.

J – também eu!

I – De maneira que quando isso apareceu comecei a gritar pela minha mãe. Foi de manhã na cama quando vi uma coisa diferente pôs-me a gritar pela minha mãe e ela “cala-te cachopa que isso é assim! São coisas que são assim” e eu fiquei muito parvinha a olhar para aquilo.

J – Eu foi ao domingo. Estava com o meu irmão e a minha mãe tinha ido à praça.

I – Então ponham uns quadrados turcos. Não sei se eram turcos. Era um pano que tínhamos lá a corar às vezes nas ervas, mas eu nem sabia para o quê que aquilo era. E nem tão pouco eu liguei. Ela ponha aquilo a corar em cima das ervas. A minha irmã como era mais velha e estava sempre a servir e naturalmente avisaram-na para me dizer e eu não sabia de nada. Naquele dia quando eu vi aquilo fiquei muito espantada e julguei que tivesse arrebetado alguma coisa.

J – Eu estava com o meu irmão que era homem e eu para não estar a fazer coisas tive que esperar peça minha mãe para lhe contar.

I - Aquilo foi de manhã e a minha mãe estava deitada com o meu pai e veio de lá e quando o meu pai chegou a cozinha para se vestir e despachar para ir embora, diz-me ele “já há mais uma mulher em casa”.

D – Eu já estava a espera por causa das minhas irmãs mais velhas. A minha irmã é mais velha que eu por isso já esperava.

I – Ela não tinha máquina. Fazia tudo à mão.

D – Depois sujava a cuecas e tinha que pedir “oh mais não tem outras cuecas?”, “então o que tem as tuas cuecas?”, “Oh mãe estão sujas”, “Mas estão sujas de quê?”, “oh mãe não sei o que é isto”, ela foi buscar um pano e outras cuecas. “Olha põe lá. Dobras o pano e metes nas cuecas, pregas com uns alfinetes e pões estas cuecas. Depois quando fores tomar banho metes isso para lavar, vais buscar umas cuecas e um pano e os alfinetes guardas para pregar”. E foi assim.

Estagiária – Porquê que desistiram da escola? Por falta de posses?

D – o meu pai não queria e como nós tínhamos fazendas e isso tudo ele queria que nós trabalhássemos nas fazendas.

Estagiária – Porquê que desistiu da escola?

C – Eu não saí. Dei até ao último ano. Ainda me lembro do nome dos professores do último ano.

Estagiária – Depois da escola o que fez?

C – Quando saí da escola já tinha 16 anos ou 17. Lembra-se do Óscar de Carmona? Ele deu-me uma boneca com olhos de abrir e fechar.

J – Eu não desisti, a minha mãe é que não me deixou seguir. Como ela nunca teve escola porque nunca mandaram-na para a escola e eu dei até a 4ª classe e já era bom e já não dei mais nada. A minha professora teve muita pena da agente por não nos deixarem estudar. Não é que ela não tivesse posses, mas ela era assim muito agarrada. Mas para o meu irmão ela não era agarrada. Até depois de ele começar a trabalhar ele queria estudar de noite. Mas ele era um rapaz e passava uns jardins, 1h e a pé à escura e eu não podia fazer aquela vida. Ele ainda estudou. Eu ia estudando os livros dele. Ainda tenho umas luzes do francês.

Estagiária – E depois da escola o que fez?

J – Depois da escola fui para o alfaiate. Ali para as Ruas do João Afonso e o Alfaiate também se chamava João Afonso.

Estagiária – E a senhora?

I – Eu fui para o alfaiate assoprar para o cu do ferro. Eu digo sempre isso porque naquele tempo os ferros eram grandes e pesados aqueles malvados. Eu já não podia com o ferro cada vez que me lembro...

Lurdes – E era a carvão...

I – Tinha 11 anos quando fui para lá. Ainda andei muito tempo na casa de uma senhora que se chamava Guilhermina Raposo.

J - Eu era 11 ou 12.

D – A Guilhermina vivia ao pé de mim na altura.

Estagiária – Começou logo depois que saiu da escola?

I – Não. Quando sai da escola ainda andei um tempo em casa. Mas ficava sempre destinado o que tinha de fazer. Tinha que apanhar jarros, depois mingá-las e depois tínhamos lá uma coisa com blocos onde se ponha uma lata. Havia uma lata grande já antiga e deixávamos já com água porque aquilo era muito grande e depois ponha um jarros assim

grandes e muito grossos lá dentro e acendia o lume, fazia lume, pois tínhamos sempre lenha e não é como hoje.

D - Os meus pais fartavam-se de trabalhar e nós ficávamos em casa, mas tínhamos que ter o lume aceso, a água quente pra quando os meus pais chegassem á casa escaldavam o bagaço para os porcos e para isso tudo.

I – Nós também. Tinha-mos um poço para por o bagaço.

J – Era o azeite que a gente mandava fazer e os lagareiros davam o bagaço a gente, mas hoje já não dão. O que os porcos comiam era com base do bagaço, couves, abóboras, jarros...

C – Lembro-me dos meus avôs terem isso.

D – Então a gente tínhamos que ir ao poço buscar água.

I – nós andávamos no alfaiate, mas na altura da azeitona e das vindimas...na azeitona ganhávamos 10 escudos por dia e no alfaiate ganhava 25 tostões e no princípio não ganhava nada. E já fazia umas calças.

J – E eu! Umas calças e um casaco e ganhava e ganhei 100 escudos.

I – Eu era 25 tostões. Mas acabava a azeitona e eles já não me queriam porque eu tinha ido embora. Depois foi para uma fábrica de louça e trabalhei lá durante 7 anos. Eu nunca tive vagar para estar parada.

D – nem eu filha!

I – Depois a fábrica mudou-se para o Tremes e eu fui para uma fábrica de baterias.

D – Para o pé de mim! Ainda me lembro...era o Sr. Almeida.

J – Andei num curso de bordados, depois num curso de costureira, e andei na D. Lila a aprender a bordar a mão. Isso mandava-me ela...

D – E foi assim a nossa vida minha querida.

GRUPO 2

Estagiária – Desta vez o tema é a escolaridade, por isso é que vos perguntei inicialmente se todas andaram na escola ou não. Umas dizem que sim, outras dizem que não, outras que foram pouco. E é isso que eu quero saber. Talvez vá começar aqui com a que está ao meu lado. Andou na escola?

E – Andei.

Estagiária – Até que ano?

E – Olhe não sei, porque naquela altura não havia...

Estagiária – Era por classes, não era?

E – Sim.

Estagiária – Estudou até a 4ª classe?

E - Não. Não cheguei. Os miúdos não andavam assim na escola tanto tempo.

Estagiária - Saiu porquê?

E - Porque os meus pais não deixavam...

Estagiária - Foi a nível económico?

E – Exatamente.

Estagiária – Depois de sair da escola o que fez?

E – Fui trabalhar. Fui guardar perus.

M – Ai que engraçada.

R – Curioso, nunca ouvi.

M – Já ouvi falar de guardar cabres e guardar ovelhas, agora perus nunca ouvi. Foi a primeira vez.

P – Ai é tão falado.

Q – Não estamos a falar de meia dúzia de perus.

E – Eu gostava de fazer malha, que arranjava umas farpas de arame farpado como havia antigamente e uma vara e eles não podiam sair dali. Consegui um bocado de lã e duas farpas de arame farpado. Depois vim para Santarém e nunca mais descansei...fui trabalhar, casei...

Estagiária – E a senhora?

M – Eu fiz a 3ª classe como eram as mulheres da minha terra. Haviám as que iam até a 4º classe. A professora até foi a minha casa pedir a minha mãe para me deixar ir. Mas eu tinha a mania que eu já disse aqui. Eu tinha sapatos, mas as outras meninas andavam descalças e eu tinha inveja de elas andarem nas valetas no gelo e eu cheia de pena e ao mesmo tempo cheia de inveja de não fazer o mesmo. E eu lembro-me que dizia assim, “será que não arrefece os pés?”, mas depois de estar dormentes não se sente. E eu passei a esconder os sapatos e eu já tinha este problema da asma, mas fazia tudo ao contrario do que eu devia. Depois foram dizer a minha mãe que eu tirava os sapatos lá debaixo daquele tijeiro e eu morava num casal também. Ia para a escola descalça e foi aos ouvidos da minha mãe que a criticaram por ela me deixar andar descalça e eu era uma menina doente e ela deixava-me andar descalça e quando ela nunca me deixou andar descalça. Depois a minha mãe foi procurar os sapatos e encontrou-os e levou-os para casa. Depois eu cheguei à casa descalça, “O que fizeste aos sapatos?”, “Perdi-os”, “Perdes-te é porque os descalçaste! Onde é que deixavas os sapatos todos os dias?” e eu como não ia dizer que os escondia, eu fiquei calada.

Estagiária - Abandonou a escola porquê?

M – depois estudei até à 4ª classe. Por eu ser doente e a minha mãe não me deixava, mas era mentira. Porque a minha mãe estava grávida de outro filho e depois eu era para cuidar da criança. O meu irmão Zé Carlos gatinhava e a minha mãe...isso não me lembro, mas foi o que me contaram. A minha mãe não me disse que era por o meu irmão nascer, disse-me sempre história dos sapatos de eu ir descalça e ter sapatos. E então pronto, fui vivendo com essa mentirola. O meu irmão Zé Carlos a minha mãe deixava com uma vizinha que tinha tempo, mas gostava muito dele porque não tinha filhos e nós fomos todos para a horta, eu, a minha mãe e a minha irmã e ele ia a gatinhar, atravessou a estrada, desceu um cabeço e cá em baixo passava a estrada. Ele passou a estrada. Só vinha a camionete da carreira duas vezes por semana, mas tinha carroças e podia ser atropelado. E ele atravessou a estrada e sabia tão bem onde era a horta e continuou pela estradinha que era encostado à vala. A vala que passava a água que regava os arrozais e calou não ter. Depois a minha irmã começou gritar “vem ali o menino, vem ali o menino!” e por sinal era um menino de nome...Pronto já acabou. Mas depois fomos para a Chamusca porque morreu um velho que era dono do Casal e o meu pai ficou a trabalhar por conta da filha que era da chamusca. E o meu irmão abalava mesmo e não ia a escola e o meu pai queria que ele tivesse a 4ª classe e foi pagar a um professor para lhe dar explicações porque o menino e depois eu comecei a crescer e tinha pena...eu lia tudo e escrevinhava. Sempre gostei de escrever, na 3ª classe eu já escrevia e já fazia assim aqueles versos manhosos. E já com 40 e tal anos começou haver a escola noturna e eu convidei as vizinhas para eu não ir sozinha porque era um bocado longe e eu fui para a escola. E fiz uma 4ª classe muito bonita.

O nosso professor tinha acabado de fazer o 12º ano e era um rapaz todo de ideias avançadas e ele nos dava as cópias e todas as coisas que fazíamos. Não tínhamos livros da escola. Era tudo cópias dos livros do Overdol. Pronto. Tenho dito.

Estagiária – E a Senhora?

P - Eu fui para a escola andei até à 4ª classe. A minha mãe tinha muita dificuldade quando a gente tirou. Depois ela coitada tinha que trabalhar para comer uma vez que ela estava separada do meu pai. O meu pai tinha aquele problema e então eu fiz a 4ª classe e depois fui para a casa de uns tios que foram eles que me criaram e depois eu fui para a costura quando estava na casa deles. Eles me puseram porque eles é que mandam e a nora deles era costureira e modista e então andei a aprender e tirei o curso da costura e depois comecei a trabalhar. Eles me criaram e depois casei e comecei a trabalhar para fora. Fiz a 4ª classe e completei.

Estagiária – E a Senhora?

Q – A Grande. A grande coisa porque o seguinte não presta.

Estagiária – Estudou até que ano ou classe?

Q – Eu e os meus irmão, que era um rapaz e uma rapariga vivíamos em Cacelas e lá havia uma escola que era só até à 4ª classe. Também apanhei muita porradinha da escola.

M – A minha professora nunca me bateu...

Q – Mas aquela batia e de maneira que a secretaria dela tinha um ponteiro que esticava chegava lá pimba! Quando alguém não estava a fazer com juízo era assim. Bom, eu fiz a 4ª classe em Gazelas com os meus irmão e depois de seu estar casada no Cacém e arranjei uma explicadora, uma professora do colégio e fiz até ao 2º ano. É o 1º período e depois o 2º. A 4ª classe era o 1º ano, o 2º ano e depois tinha o 3º, o 4º e o 5º. É diferente do que é hoje.

Fiz tudo. Passei bem no exame do 2º ano e fiquei por ali. Aprendi outras coisas. O curso de massagista...o que tirei assim de mais relevo...não sei. Tirei a carta de condução.

Estagiária – Abandonou a escola porquê?

Q – Para ir trabalhar para o campo. O meu padraço era lavrador e eu e os meus irmãos fizemos a 4ª classe porque a minha avó materna exigiu porque o casamento do meu pai morreu e tinha eu dois meses. A minha mãe mais tarde, o meu padraço era viúvo e lavrador e era rico e a minha avó materna que estava a tomar conta de nós convenceu a pedido do meu padraço que a minha mãe casasse com ele. E a minha mãe depois desse casamento teve mais dois filhos. Já tinha duas filhas, eu e a minha irmã. Então a condição era essa. A minha avó iria convencer a minha mãe, mas tinha que deixar os filhos e os netos a irem para a escola. Então os netos fizeram a 4ª classe porque a minha avó fez tipo uma chantagem.

A minha mãe não sabia ler mas aprendeu praticamente sozinha e depois começou a escrever coisas que via nos livros...

P – Esqueci-me de lhe contar uma coisa. Eu não era batizada e o que acontece, na escola eu e mais duas colegas que eram irmãs, não éramos batizadas e a professora foi-nos batizar e ela era a nossa madrinha de batismo.

Q – Estou aqui a lembrar-me de um curso que tirei de massagista em todas as modalidades e trabalhei no Joaquim Zé Aguiar...Ainda fiz mais algumas coisas. Foi feita para aprender devagarinho e depois casei-me, tive filhos, 5.

Estagiária – Agora cada um vai tirar um saquinho que tem várias imagens que estão associadas à escola. Tire lá um papelinho. É a primeira. O que é isso?

E – Uma caixa para os lápis.

Estagiária – Podem passar uns para os outros...

Q – isso é o quê?

M – Tem uns lápis...

Estagiária – É um estojo de madeira.

E - Isso já não se usa agora...

Estagiárias – No vosso tempo usavam assim?

M – Era, era...

Q – Era um lápis e uma borracha e já era muito bom, E um caderno para escrever

M – era como eu.

P – Para a escrita eu só tinha um lápis e a caneta e mais nada.

M – Fazia redações bonitas e um dia a professora perguntou o que queria ser quando fosse grande e eu disse que gostava de ser professora. Estava tão bonita nesse dia que uma amiga que pensava que era minha amiga entornou tinta para o meu vestido novo e eu chorei.

Estagiária – Acontece...

M – Fui pura inveja. Depois ela não fez a 4ª classe por ser burra. Uma vez até lhe puseram as orelhas de burro.

Estagiária – Quem é que pôs as orelhas de burro?

M – Essa que entornou-me tinta.

Q – verdade...nesse tempo era. Íamos para a janela com as orelhas postas.

M – Depois a minha mãe coitada, ela é quem me entornou tinta e usou orelhas de burro e eu é que não fui para a escola.

P - mostre-me lá a figura. O que é?

M – É um homem com orelhas de burro.

Q – é um rapaz com orelhas de burro.

Estagiária – Ninguém usou orelhas de burro aqui?´

M – Se não é orelhas de burro, é de outro animal qualquer.

Q – Pois e a imitar. É um quadro.

P – O que é?

Estagiária – É uma ardósia.

P - É a pedra preta como a gente dizia com um giz para nós escrevermos.

M – É aquela coisa que se escrevia e que se chamava a pena.

Estagiária – É a pedra.

M – Chamávamos a ardósia de pena e o que se escrevia era a pena.

Q – Era o giz e não a pena.

P – Era a pena que tinha uma coisa preta.

Estagiária – E todos tinham esta pequena pedra.

Q – Sim.

P – Tinha a pedra dentro da bolsa.

Estagiária – As coisas da escola escrevia na pedra ou no caderno?

P – Nos cadernos também.

Estagiária – Passavam a primeiro na pedra e depois passavam a limpo no caderno

P – Exato. Depois passávamos para os cadernos.

M – Primeiro num caderno de uma linha e depois num caderno de duas linhas. Agora é que já não se usa.

Q – Ah pois. Tínhamos que ter bibes iguais.

Estagiária – Usavam bibes?

Q – Na escola tínhamos bibes iguais.

M – No meu tempo era bata branca.

Estagiária – Já as outras senhoras disseram que usavam bata branca. Era obrigatório ter?

P – Era obrigatório.

M – A minha irmã ainda teve, mas como era mais gordinha e a bata estava-me larga e eu andei tão pouco tempo na escola, porque houve um ano que me passaram de um ano para o outro a seguir e eu tive um desgosto porque me passaram. Depois era amiga daquelas que estavam ao pé de mim e eu passei para as outras que não gostavam de mim.

E – Por causa disso é que levei uma cacetada na cabeça, estava a ensinar as outras, a professora estava a dar matemática e ela não sabia...deu-me 12 palmadas...

Q - Os alunos de agora não lhes passa pela cabeça o que nós sofriamos.

M – E os antigos com aquela coisa que chamavam a menina dos 5 olhos...

Q – Exatamente a menina dos 5 olhos que era a régua.

Estagiária – Andava descalça?

E – Sempre descalça.

Q – Ai andou descalça até tarde, se fosse eu...No tempo de Salazar ele mandou fazer uma fábrica de Alpergatas para calçar toda a gente.

M – Eu andei muito descalça porque queria.

Estagiária – E a Senhora?

P – Eu andei sempre calçada felizmente. Depois quando fui mudar para a casa dos tios, os tios tinham posses e eu vivia diferente.

Q – Já é à frente das sapatilhas que o Salazar mandou fazer. Estes são mais recentes.

Estagiária – Mas andava com uns atanados?

Q – Sim. Eram comprados na Malveira, mas já não devem vender. O atanado era feito do couro de vaca ou de boi com a pele ao contrário. Dura mais tempo, mas trama os pés todos. Faz feridas.

M – Olha uma menina com um lápis na mão...

Estagiária – Isso é uma professora...

Q – O Salazar começou a ser muito mal visto lá fora, em toda a Europa porque os portugueses andavam descalços. Praticamente todos os portugueses andavam descalços e rotos. Sabe o que é fazer por exemplo um par de peúgas e tudo cheio de buracos e vão cosendo e cosendo, mas chega a uma altura que já não dá para coser mais. O canhão, como não sofre violência ao andar fica praticamente novo. Elas cortavam e tiravam dali o canhão da peúga e com aquilo iam fazer uma biqueira à outra peúga.

Estagiária – Gostavam todos da vossa professora?

P – Eu gostava.

M – Eu também gostava muito da minha professora.

E – Eu não gostava porque ela era mazinha.

Q – Uma coisa que lembrei-me agora de que não acabei infelizmente porque acabei com o meu marido. Eu tive na escola de enfermagem Artur Ravara e era isso que eu queria ser Enfermeira. Só lá tive ano e meio e o curso é de três, mas como me separei não tinha dinheiro e tinha que trabalhar para comer e depois já não consegui fazer. É isso que tenho muita pena.

Estagiária – Gostava das suas professoras?

Q – Gostava. Aquela do Cacém, era uma explicadora e como fui a exame do 1º ciclo. Eu não gostava e nem desgostava dele, essa até gostava porque me sentia bem a aprender. Agora de miúda há muita coisa que agente não se gosta.

Estagiária – Eram muito rígidas as professoras...

P – A minha era boa.

Q – Eram muito ricas...

Estagiária – Rígidas.

Q – Pensei que se estava a referir que recebiam...

Estagiária – Recebiam muitos presentes?

Q – Claro. Havia muita gente ali a criar e a cultivar...ovos, fruta, criação...

P – A pasta da escola...

Estagiária – Tinha uma pasta da escola?

P - Eu tinha uma pasta.

Q – Eu não tinha.

Estagiária – Não tinha, então o que usava em vez de uma pasta?

E – Um saco.

P – Um saco de pano que a mãe fazia?

E – Pois...

Q - Que engraçado. Aliás essa não conheci...

M – Era uma pastazinha, mas era um saco de duas alças feito de saca.

Q – É pena esta recolha que a Jéssica escolheu não estão datados por de trás...

(Utentes M e E abandonaram a sessão devido à sessão de quiropraxia)

Q – Era a pé...

Estagiária – Como é que ia para a escola?

Q – Ia a pé porque era perto. Descalça é que eu nunca andei. Nem eu e nem os meus irmãos. E a única que lá em casa tinha outros tipos de sapatos era a minha mãe e o meu padraсто tinha aquelas botas como o Salazar também tinha.

P – Esta senhora só fala do Salazar. Era do tempo de Salazar.

Q – Eram aquelas botas castanhas...

P – Ela só fala do Salazar. Eu fui do tempo dele, mas não queria saber dele.

Q – Porque é que se chamava bota-de-elástico? Tem alguma ideia?

Estagiária – Não...

Q - Tem que ter um fundo de verdade para ser história.

Estagiária – Porque esticava?

Q – Não. Porque a bota-de-elástico tinha de um lado e do outro um tipo de V, mais estreitinho em baixo e mais larguinho em cima. As botas eram feitas com cabedal bom e com esses elásticos que eram a bota-de-elástico. Quando se dizia que ele tinha bota-de-elástico dizia-se que ele é rico.

Estagiária – Pode tirar um papelinho?

Q – Posso.

Estagiária – tem de pôr os óculos...

Q – Parece uma cruz.

Estagiária – É a cruz mais o quê?

Q – É a cruz, este é o Salazar e este...

Estagiária – É o Presidente da República. No vosso tempo era obrigatório ter estas imagens?

Q – Como é que se chamava o Presidente da Republica nesse tempo?

P – Era o Carmona.

Estagiária – Na vossa escola tinha estes símbolos?

P – Não. Só tinha a Cruz e a fotografia de Salazar.

Estagiária – Rezavam?

P – Sim. Havia o dia de rezar o terço.

Estagiária – Rezava na sua escola?

Q – Rezava também. Tinha que rezar...

Estagiária – E o hino? Cantavam o hino?

P – De vez enquanto sim...

Q – No meu em caso só e determinadas ocasiões...

P – Só em dias de festa...

Q – Mas havia escola em que antes de começar as aulas tinham que cantar.

Estagiária – Exato.

P – O que é isto?

Estagiária – Esse aí é mais complicada. A vossa escola era dividida por rapazes e por raparigas?

Q – A minha era mista.

P – A minha também.

Estagiária – Não havia divisão de horários, nem nada?

Q – Não. Havia muita brincadeira depois na rua...

P – No recreio.

Q – Desculpe, o que disse?

P – No recreio.

Q – No recreio, exatamente. E depois das aulas também.

P – A escola que eu andei, não sei se conhece, na rua que se vai para a estação. É a Escola do Salvador, é como se chama...

Estagiária – Então é aqui perto.

P – E eu morava para o pé das portas do sol.

Q – Esta imagem é esquisita, mas dá impressão que é uma professora a bater no aluno e não é nada meiga.

Estagiária – Na vossa escola batiam nos alunos as professoras?

P – Não, de que me lembre não havia nada disso. Era assim muito humilde.

Estagiária – Teve sorte.

P – Tinha era uma certa idade.

Estagiária – E você?

Q – O meu irmão mais velho ficava odioso quando a professora lhe batia, ela tinha uma secretaria grande e depois tinha as carteiras...depois ele foi andando devagarinho até ao pé

dela e a certa instância resolve meter-lhe as mãos pelas pernas acima, depois desatou a fugir pela aula fora e levou uma tareia do pai. Só para ver o ódio que ele tinha à professora.

Estagiária – E a si nunca lhe chegaram a bater?

Q – Bateram-me. Também fiz as minhas malandrices.

Estagiárias – Batiam-na porquê?

Q – eram as tais brincadeiras. As professoras não queriam que a gente falasse...

P – É um lance.

Estagiária – Levavam lanche para as aulas?

P – Um pãozinho. Às vezes fruta, mas não havia.

Estagiária – Tinham que levar de casa?

P – Sim.

Estagiária – Não davam na escola?

P – Havia dias que davam em certos dias.

Q – O que é isto?

Estagiária – É uma lancheira.

Q – Ah pois é. Mas isto já é muito avançado.

Estagiária – Pois era. No seu tempo levava lanche para a escola?

P – Levava pão com manteiga. Manteiga que se fazia lá em casa, na casa da minha mãe e do meu padrasto. Por ele ser o que era lavrador tínhamos muita fartura felizmente...

Q - Abro esta, não é?

Estagiária – Sim.

Q – É uma mala de viagem?

Estagiária – Não. O aluno de trás está a copiar pelo aluno da frente. Costumavam copiar?

Q – Sempre eu se conseguia...

Estagiária – Deitava o olho.

P – Pois. Depois havia a ponteira. Havia um ponteiro grande, a cana-da-índia e lá ia a gente viradas para a parede. Das orelhas de burro eu não me lembro. Se calhar também havia.

É o pião...

Estagiária – E o jogo da macaca. Costumavam brincar?

P – sim, jogava o jogo da macaca.

Estagiária – Brincavam esses jogos ou outros?

P – O martelo como diziam. Mas na escola era mais estes. O peão não, era para rapazes e as raparigas não podiam ter.

- Q – Eu ainda cheguei a jogar ao peão.
- Estagiária – Ainda conseguiu se infiltrar nos rapazes...
- Q – E jogava ao futebol com os meus irmãos e outros miúdos. Eu fui maria rapaz...
- P – Eu era rapazona.
- Q – Está giro este. É muito agradável voltar no tempo.
- Olha outro a levar...
- Estagiária – Aqui é o chamado Bullying em que é os colegas...
- P – Uns com os outros
- Estagiária – Na vossa altura...
- P – Não havia tanto disso. Na minha época não.
- Q – Na minha época então nem se sabia que alguma coisa dessas existia.
- Estagiária – Não era permitido...
- P – Não era permitido...
- Q – Na minha época era permitido tudo. Tareias, fome, falta de vestidos, falta de roupa, falta de tudo...
- P – No tempo de Salazar era assim.
- Estagiária – As vossas carteiras era assim?
- P – era assim, era.
- Q – Sim.
- P – Com o quadro lá na parede. Eram assim.
- Q – Assim era as nossas carteiras e umas janelinhas boas para abrir para pôr as orelhas cá fora a apanhar ar.
- Livro de leitura. E conseguiu.
- Estagiária – Era assim o seu livro?
- Q – eu ainda tive a Cartilha de São João de Deus. Eu e os meus irmãos tivemos. É para passar a esta senhora?
- Estagiária – Sim.
- P – É a capa de um livro.
- Estagiária – É parecido a este?
- P – Exato.
- Estagiária – Este é da 3ª classe.
- P – É parecido.
- Estagiária – Tem a mocidade portuguesa, a bandeira...
- Q – Esta bandeira é o quê?
- Estagiária – A bandeira Portuguesa de antigamente.

Q – A bandeira portuguesa é esta, e esta aqui? Esta aqui não sei. É capaz de ser a primeira. Veja lá se recorda...

P – é a bandeira da paz. Tem a pomba por cima e é o símbolo da paz.

Q – é capaz.

P – lembro-me que havia a bandeira da paz que tem a pomba por cima, essa azul.

Q – é capaz desta senhora ter razão.

Estagiária – Este livro é antiquíssimo. É uma questão de foliarem. Tem dois papéis, é um para cada uma. Tinham que levantar a mão?

P – Que me lembre não.

Estagiária – E se fosse para perguntar alguma coisa à professora?

P – Tínhamos sim e pedir licença.

Estagiária – E se não levantasse?

P – talvez levava...

Q – Nesse tempo, ninguém se atrevia. Era difícil...

P – Era difícil pedir e como sabíamos que éramos castigados.

Estagiária – Acho que é o último...

Q – Olha, o poema.

Estagiária – Davam muitos poemas? O que é que davam na escola?

Q – Na escola não me lembro de ter vocação para fazer poemas como realmente passei a ter.

P – Não sei distinguir o que é isto.

Estagiária – Isto significa a amizade. Tinha muitos amigos? Ainda tem amigos desses tempos?

P – Tenho amigos desses tempos da escola. Não muitos porque têm ido embora.

Estagiária – E a Senhora?

Q – Não sei de nenhum. Nem sei da minha família.

P – Essas tais que foram batizadas comigo ainda existem. Mas como agora não saiu. Antes a gente de encontrava na farmácia porque elas viviam ao pé da farmácia.

Estagiária – Acham que aprenderam muito na escola?

P – Aprendeu-se alguma coisa. Aprende-se sempre alguma coisa, quer que seja na escola, quer que seja noutro sítio.

Estagiária – Acha que a maneira de como foram educadas na escola contribui para a vossa maneira de ser e de se comportar hoje em dia?

P – Sim.

Q – sim, sim. Tem. E principalmente não foi a escola. Foi depois. Posso colocar?

Estagiária – Sim, pode.

Q – Isto faz-me uma confusão. São uns óculos de pôr no nariz para ler. Mas como tenho aqui uma recordação do meu pai e se puxo os óculos para baixo, magoa-me. O que eu estava a dizer?

Estagiária – A nível da educação acham que a maneira de como foram educados na escola também influencia o vosso dia-a-dia?

P – Sim. O respeito, a disciplina.

Q – Ajudou-me mais a crescer na idade depois de eu ser uma rapariga a trabalhar, pois comecei a trabalhar muito cedo...

P – influencia e ajuda-nos.

Q – Eu tive muitos trabalhos interessantes, por exemplo, a encher frascos com 60 comprimidos, fechar ampolas com um maçarico em dois laboratórios, o leptie e o çateral. Mas não é por essas coisas todas que apareceu em miúda, eu namorei o sobrinho do Carvoeiro Lopes, não dei por menos. A minha mãe andava assustada e levou-me para Parede para a casa da irmã dela e eu deixei de ver o namorado.

Estagiária – Acha que a educação daquele tempo era dada de igual forma em casa e na escola?

Q – Não era. No meu entender não era...mas a senhora não sei...

P – A minha mãe era muito humilde, tinha mais tempo fora do que estava em casa e não tinha educação. Ela nem a escola tinha ido.

Estagiária – Então acha que a escola foi essencial para si para educá-la?

P – Exato.

Q – É evidentemente, porque iniciei a dizer que a minha mãe não sabia ler. Não sabia, mas não morreu sem saber. Ainda aprendeu bastante depois de viver na casa da minha irmã e ela com trabalhos da escola por fazer e ela aprendeu bastante e tornou-se diferente, o que é curioso. Ela tinha tristeza de não fazer o nome dela. A primeira coisa que ela fez com uma caneta à mão foi o nome.

Estagiária – Então acham que a professora foi importante para a vossa educação?

P – Eu acho que sim.

Q – E continua a ser...o que seria se não andassem na escola.

P – É bom, embora que seja diferente.

Q – Pena é daqueles que não têm possibilidades.

GRUPO 3

Estagiária - Nesta atividade agora é sobre a escolaridade. Por isso é que perguntei a todos se andaram na escola ou não.

B – Vamos falar sobre?

Estagiária – A escola.

H – A nossa escola.

K – Escolaridade.

B – há quem tenha muita escola.

H – De mais até!

Estagiária – Então quem quer começar.

H – Tanto faz este ou aquele.

Estagiária – Quer começar? Estudou até que ano?

H- Agora não sei como vocês dizem. Mas eu estudei até ao 5º ano antigo. Depois a gente ou íamos para o liceu para estudarmos cursos altos, ou juiz, ou isto ou aquilo. Ou senão íamos para a escola técnica aprender outras coisas. E eu fui para a escola técnica.

Estagiária – Então quer dizer que estudou até ao 4º ano e depois da 4ª classe foi para...

H – Não...até ao 5º ano. Tínhamos a 1ª classe, a 2ª classe, 3ª classe, 5ª classe e depois era o liceu e a escola técnica.

Estagiária - Porquê que saiu da escola? Porque abandonou?

H – Porque entretanto tive que ajudar a tomar conta dos meus irmãos e quando a minha mãe morreu tive de ser mão de dois irmãos.

Estagiária – Estudou até que ano?

K – Estudei até à 4ª classe. Naquele tempo de 30 e tal alunas sabe quantas é que foram para a admissão ao liceu? 5.

H – Naquele tempo era difícil...

K - Naquele tempo só mesmo as ricas é que estudavam.

H – E quem tinha dinheirinho par poder pagar ali.

K – Naquela altura eu gostava, mas os meus pais não tinham possibilidade.

Estagiária – Depois da escola fez o quê? Foi trabalhar logo?

K – Fui trabalhar de costura até aos 35 anos e depois dos 35 anos concorri para a Caixa de Previdência.

Estagiária – E o Senhor?

B – Na minha terra não havia escola, então a 4 quilómetros e qualquer coisa a pé. Nessa altura tinha eu talvez uns 7 anos, ia com uns fulanos mais adultos para a escola. Íamos e vínhamos. Mas depois o meu pai mudou-se lá para a freguesia, e fomos para lá e

andei lá na escola até tirar quase a 4ª classe, mas não cheguei a tirar porque o meu pai andou a fazer uma escola na minha terra e o meu pai é que também andou a fazer essa escola. E depois de estar a escola feita quis mudar-me para a terra, tivemos 3 anos lá na freguesia. A escola abre em Outubro, não é?

H – é em Outubro.

Estagiária – Em Setembro.

K – Naquele tempo era em Outubro, mas agora é em Setembro.

B – E nesse tempo começou em Janeiro. E o professor diz-lhe assim, “Para onde vai, pode levar o teu filho e este ano eu o levava a exame”, “isso eu não sei”, porque depois lá começou a escola de novo na primeira classe com todos os alunos, claro, e eu já ia na 4º ano, mas ele não queria-me receber porque não queria a andar a fazer explicações da 1º classe e ter um menino do 4º ano. Mas o professor onde eu andava na freguesia era rígido e “tens que o receber porque ele já está quase apto para fazer o exame”. E ela embirrou de tal maneira para elas não me darem o exame que chegou-se aos 11 anos e ela não me levou a exame. Bem o que aconteceu, para eu ter a 4ª classe fui para a tropa e lá quiseram que a gente estudasse e fiz a 4ª classe, também lá eu fiz o exame para a escola de cabos e fiquei como 1º cabo. Depois vim para aqui e nunca tirei o diploma, tinha o diploma lá, mas não o tirei e vim para aqui....Chegou-se à altura de tirar a carta e exigiam-me o diploma e eu disse que tinha o diploma. Fui lá a Castelo Branco, foi onde eu fui tropa, fui ao quartel para me darem o diploma e eles disseram “Ai isso já está na reserva”, depois procuraram e procuraram, “Não se encontra, mas nós o temos cá, porque de fato tens a cédula e isso tudo. Podes ir para Santarém porque a gente envia-o para lá. Daqui uns dias já o tens”, eu não esperei e ele nunca veio. Mas logo nesse dia quando cheguei cá fui-me matricular numa escola de adultos, que era o Varela. É onde é agora o Jorge...

K – Lembro-me. O meu filho foi para lá aprender a escrever á máquina.

B – Aquilo não era a máquina...eu fui para lá escrever e quando ele viu a caligrafia e a redação, “oh homem!”, eu já estava apto. E mesmo assim lá andei durante um mês e qualquer coisa. Depois fui eu fazer o exame ao seminário e fiquei eu muito bem. De tudo isto, claro que tenho lá o diploma. Fiz o exame duas vezes de 4ª classe.

Estagiária – Com quantos anos tirou a 4ª classe?

B – A primeira vez eu tinha 19 na tropa. Aqui já foi aos 50 anos a 4ª classe.

K – Olhe, eu nem sabia que exigiam o diploma...

H – Ultimamente. Também quando fui para o comercio também tive que...

K – Não é por gabar, mas este senhor tem uma cabeça...

H – Está melhor que eu. Também não tive nenhum AVC graças a deus. Eu gosto muito dele.

B – Portanto a minha tarefa de escola foi andar na escola da freguesia que a maioria ia na parte da manhã à escola. Eu tinha outro irmão, éramos dois, um dia ao 12h para a noite e o outro ia até ao 12h. À saída de lá íamos ajudar o meu pai a trabalhar a dar serventia e então lembro-me perfeitamente que o meu pai andou a forrar um poço que era três vezes ou mais com esta sala, a forrar a tijolo e eu ia para lá fazer a massa e a dar a massa ao meu pai claro. Depois no outro dia ia o meu irmão. E andávamos assim, era meio-dia um, meio-dia outro. Só andávamos meio-dia na escola.

H – Gosto deste senhor até uma certa senhora de lá diz que “ah, Portugal é comigo!”, “ah, a tabuada é comigo!”, se não fosse este senhor a dizer, eu digo-lhe já, se eu fosse aquela senhora ficava com a boca calada porque ele sabe mais do que qualquer um de nós. Não tenho vergonha nenhuma em dizer que o Senhor sabe mais em fazer contas e a tabuada. Enquanto uma está a contar com os dedos ele já está a dizer quanto é.

B – Vocês em geografia sabem onde nasce os rios de Portugal?

H – Olhe, sobre os rios de Portugal. Eu sou de Moçambique e uma vez estava chateada e eu disse “Mas porquê que tenho e saber os rios de Portugal? Eu nem sou de Portugal”.

K – Mas estudou...

H – Pois estudei.

Estagiária – E mal sabia que vinha para cá.

H – Olhe, aos 5 anos estava ali e tinha de saber os rios.

K – Posso contar uma coisa?

Estagiária – Pode.

K – Uma vez estava no café com uma senhora que era professora de matemática e ela, saímos dali e fomos até ao Shopping, então uma professora não sabia que o Rio Tejo nascia e dizia que era na Vila Velha de Rodão, mas é na Serra de Albarracín em Espanha...

B – Ah, muito bem.

H – São os quatro irmãos, são os maiores rios de Portugal.

K – Depois eu fui ver para retificar.

B – E vem desaguar?

K – no Atlântico.

B – Vila velha de Ródão.

K – O Tejo continua, onde ele está mais estreitinho é em Vila Velha de Rodão, mas depois continua até chegar ao mar.

H – O Douro e o Guadiana é que param.

B – Então diga-me lá, ele entra em Vila Velha de Rodão, assim é que é e vai desaguar próximo de Lisboa num sítio em que não me recordo agora.

H – Exato, depois temos os quatro irmãos, o Tejo, o Douro, o Guadiana...e o outro que já não me lembro do nome.

K – Uma vez veio num programa quatro perguntas sobre onde nasceram rios em Espanha e eu assim, adivinhava aquelas todas.

B – O Rio Douro nasce ao pé da Serra de Urbión, em Espanha também e vai desaguar no Porto. O Rio Minho que fica lá cima nasce no Monte Cantábricos, em Espanha também e vai desaguar em Ponte Lima.

H – Não, não. O rio Guadiana não nasce em Espanha.

B – Nasce na Serra da Estrela. Não, não.

K – Nasce em Badajoz.

B – Desculpe, joguei que estivesse a falar do rio Mondego. O rio Guadiana nasce em Espanha na Serra Regedoura em Espanha.

K - Uma vez passamos em Badajoz e uma, “olha, olha o Rio Tejo!”. Eu fiquei assim um bocado admirada, depois é que pensei assim, não, os rios nascem praticamente todos em Espanha.

B – São os mais fortes, em que é o Minho, o Douro, é o Tejo e o Guadiana. Estes são os mais fortes.

K – Os mais importantes.

B – Agora o Mondego também é um rio forte, mas nasce na Serra da Estrela.

H – É esse que julgava ser outro e é o Mondego. Até porque disse a ela...são quatro irmãos.

K – Qual é o rio que nasce mesmo em Manteigas?

B – O rio que nasce mesmo em Manteigas é o Rio Zêzere.

H – Por isso é que eu disse que eram 4 irmão.

K – e essa cabecinha? Este senhor é uma coisa...

B – Ainda me lembro de muita coisa. Vocês em geografia sabem onde nasce os rios de Portugal?

H – Olhe, sobre os rios de Portugal. Eu sou de Moçambique e uma vez estava chateada e eu disse “Mas porquê que tenho de saber os rios de Portugal? Eu nem sou de Portugal”.

K – Mas estudou...

H – Pois estudei.

Estagiária – E mal sabia que vinha para cá.

H – Olhe, aos 5 anos estava ali e tinha de saber os rios.

K – Posso contar uma coisa?

Estagiária – Pode.

K – Uma vez estava no café com uma senhora que era professora de matemática e ela, saímos dali e fomos até ao Shopping, então uma professora não sabia que o Rio Tejo nascia e dizia que era na Vila Velha de Rodão, mas é na Serra de Albarracín em Espanha...

B – Ah, muito bem.

H – São os quatro irmãos, são os maiores rios de Portugal.

K – Depois eu fui ver para retificar.

B – E vem desaguar?

K – No Atlântico.

B – Vila velha de Ródão.

K – O Tejo continua, onde ele está mais estreito é em Vila Velha de Rodão, mas depois continua até chegar ao mar.

H – O Douro e o Guadiana é que param.

B – Então diga-me lá, ele entra em Vila Velha de Rodão, assim é que é e vai desaguar próximo de Lisboa num sítio em que não me recordo agora.

H – Exato, depois temos os quatro irmãos, o Tejo, o Douro, o Guadiana...e o outro que já não me lembro do nome.

K – Uma vez veio num programa quatro perguntas sobre onde nasceram rios em Espanha e eu assim, adivinhava aquelas todas.

B – O Rio Douro nasce ao é da Serra de Urbión, em Espanha também e vai desaguar no Porto. O Rio Minho que fica lá cima nasce no Monte Cantábricos, em Espanha também e vai desaguar em Ponte Lima.

H – Não, não. O rio Guadiana não nasce em Espanha.

B – Nasce na Serra da Estrela. Não, não.

K – Nasce em Badajoz.

B – Desculpe, joguei que estivesse a falar do rio Mondego. O rio Guadiana nasce em Espanha na Serra Regedoura em Espanha.

K - Uma vez passamos em Badajoz e uma, “olha, olha o Rio Tejo!”. Eu fiquei assim um bocado admirada, depois é que pensei assim, não, os rios nascem praticamente todos em Espanha.

B – São os mais fortes, em que é o Minho, o Douro, é o Tejo e o Guadiana. Estes são os mais fortes.

K – Os mais importantes.

B – Agora o Mondego também é um rio forte, mas nasce na Serra da Estrela.

K – É esse que julgava ser outro e é o Mondego. Até porque disse a ela...são quatro irmãos.

K – Qual é o rio que nasce mesmo em Manteigas?

B – O rio que nasce mesmo em Manteigas é o Rio Zêzere.

H – Por isso é que eu disse que eram 4 irmão.

K – e essa cabecinha? Este senhor é uma coisa...

B – Ainda me lembro de muita coisa.

H – Por isso é que eu não me lembrava dos 4 rios grandes, mas sabia que um nascia na Serra da Estrela.

K – Dei isso quando tirei a 4ª classe....tínhamos que saber tudo senão levávamos com o ponteiro na cabeça.

B – Você sabe quem foi o primeiro rei de Portugal?

K – Claro...

K – o primeiro foi D. Afonso Henriques e o último do D. Manuel.

B – Exatamente.

K – Se forem perguntar aos estudantes de agora eles não sabem.

B – E quem foi o segundo?

K – Não a desfazendo, mas nós estudávamos de maneira diferente... O corpo Humano, por exemplo, eu gostava, mas para quê tanta coisinha para saber.

H – Então não era boa. A gente aprendia.

B – Naquele tempo o professor chegava ao quadro e marcava, hoje quero aquela lição estudada. Faziam um problema, é este problema...Ou fazeis uma redação. Depois escrevíamos as coisas na pedra ou na ardósia para fazermos em casa.

K – Quando não respondíamos certo o que estava no quadro era a cana-da-índia pela cabeça abaixo.

Estagiária – Vamos lá, estudou até que ano?

G – Diga?

Jéssica – Estudou até que ano?

G – Tive muita dificuldade no estudo. Portante o meu pai pôs-me no colégio de surdos e mudos. Um professor muito inteligente. Esse professor estudou na casa pia, saía de lá muito educado e depois eu fui lá. Tive lá esse professor e esses meus pais estavam lá e o professor “Você lê devagar, é um bocado gago”, e pronto...

E li a leitura...

K – E lê devagar porque é o que a gente te diz.

G – Eu li e ele disse “fiquei contente e os teus pais também”. Depois eu ia todos os dias com a minha mãe lá no colégio e eu levava comida e o professor 100% da fala e maneira que havia lá uma mulher que era má, ela me batia muito...Depois foi alguém foi disser ao meu pai e o meu pai foi lá, falou com o diretor e depois o meu pai tirou-me. Depois eu fiz a 4º classe, eu tinha 16 anos, adulto. Tive uma professora muito boa, depois fiz o exame e fiquei bem e passei.

Estagiária - Então estudou na escola ou em casa?

G – Eu ia à casa dela aprender. Depois estava sem fazer nada e essa senhora sabia, então ela disse “agora vai aprender o francês e aprendi o francês. Depois a partir daí eu fui para Vale de Figueira e tive na trabalhar na Caixa de Previdência.

Estagiária – Então conseguiu trabalho?

G – O meu pai foi a Lisboa falar com um amigo dele.

H – Pois, o pai dele era doutor. Consequia falar com os grandes...

K – Era do mais altos... o Dr. Rufino.

G – Ele, “oh homem podia ter dito!”, o meu pai não gostou em ouvir, então ele “Recebes os papéis. Quando eu fiz 18 anos, o José Pedro disse-me assim “o teu pai quer falar contigo” Depois foi lá e deu um grande abraço, “Agora és funcionário desta casa”.

H – Depois começaste a receber o ordenado...

G – Pois...

Estagiária – E a Senhora?

L – Nasci em Santarém, no hospital. Depois foi doente e mais tarde tirei a 4º classe e o 5º ano no escola industrial.

Estagiária – Tirou o exame na escola?

L – tirei...

Estagiária – Então ia à escola depois fez o exame da 4º classe, e depois é que concorreu para o 5º anos na industrial?

L – Exatamente

K – Foi para o liceu ou para a escola industrial?

H – Foi para a industrial porque eu também tirai lá o 5º ano na escola industrial.

K – Naquele tempo para quem quer estudar ia para a escola industrial, naquele tempo era assim e o dos meus filhos. O liceu era até o 12º.

H – Quando eu andava na escola inscrevi-me na escola industrial para fazer o 5º ano.

Estagiária – Porquê que abandonou a escola?

L – Abandonei por causa da minha mãe ter morrido.

Estagiária – E começou logo a trabalhar?

L – Comecei numa padaria em que a minha mãe e o meu pai eram sócios, aquela Supusal, mas fechou e depois fiquei assim a viver com a minha mãe e ir à escola á noite, foi à noite que eu tirei o curso.

Estagiária – O da industrial?

L – Na industrial.

Estagiária – E tirou que curso na escola industrial?

L – Curso de....olha já não me lembra.

Estagiária – Tenho aqui um saquinho e tem várias fotografias aqui dentro. Eu vou-lhe ajudar e dizer o que está aqui na imagem.

B – Desculpe, o que disse?

Estagiária – Cada um tira um papel do saco e cada papel tem uma imagem, mas como o senhor tem dificuldades ao ver eu lhe explico o que está no papel. Vou começar com a senhora que está aqui ao meu lado.

H – Deixa-me ver o que saiu daqui...um que me puxou o cabelo...

B – Isso é um segredo.

Estagiária – É. O que está aí?

H - Acho que um professor e está tudo com a mão no ar com um lápis e parecem que estão a dizer “eu respondo, eu respondo...”

Estagiária – Na vossa altura tinham que levantar a mão para falar?

H – Sim, sim. E para comer à mesa “Dá licença pai?”, “O que é?”, “Pode dar-me um pãozinho”.

Estagiária – E na escola? Ninguém falava? Ninguém levantava a mão?

H – Não, não...

B – Mas se a professora perguntasse ao aluno, o aluno tinha que responder...

H – Mas isso tinha que ser. Se o professor dizia assim “Quanto é que 50x5?”, isso tínhamos que responder e a tabuada era cantada “um vezes um, um; dois vezes dois, quatro; três vezes três, seis”. Era cantada todos os dias.

K – Uma rosa...

Estagiária – O que está aí escrito?

k – Poema. E está aqui uma rosa.

Estagiárias – Na vossa escola davam poemas ou era só a base de redações?

H – Redações fiz muitas, mas também sei fazer poemas. Tenho um livro só de poemas...

K – Poemas, redações, cópias...

Estagiária – Ainda se lembram de algum poema ou de alguma lengalenga.

H – Lengalengas há muitas lá no meu livro...

K – Estou a ver se me lembro de algumas, mas agora não me lembro...

Estagiária – Ainda lembra-se de alguma?

B – Agora a gente já não se lembra.

H – uma delas é “A rosa de cor encarnada nunca perde a linda cor, eu perder não perco a amizade ao meu amor.”, O amor ou a amiga, principalmente ao meu amor.

Estagiária – Muito bonita. Não sabia.

H – E tenho mais no meu livro. Estão todas gravadas no livro. Tenho as janeiras... as janeiras é só com militares.

Estagiária – Aqui está uma mala de escola de cabedal.

B – É para ir à escola...

Estagiária – Como é que vocês levavam os materiais?

H – Com uma mala destas... Nós não tínhamos destas malas.

B – É uma mala de senhora ou de escola.

Estagiária – É de escola.

B – Eu ainda vou para a escola outra vez.

K – Era uma bolsazinha feita com pano de saca.

H – Bruxo. Eu tinha uma mala destas antigamente...

Estagiária – tinha uma mala destas?

L – Eu tinha um saco feito com asas...

Estagiária – E o senhor?

G – Também tinha.

H – Dessas malas não. Essas eram para gente rica...

Estagiária – Nunca teve essa mala?

B – Era um feitiço de uma bolsa. De maneira que cabiam os livros e também tinha duas assas precisamente tal e qual como era essa mala. Era assim também. De quadrado tinha assim esta largura.

Estagiária – O que é isso?

L – Um quadro.

G – um quadro.

Estagiária – É uma ardósia.

H – Ah também tive as famosas pedras.

Estagiária – As pedras que vocês dizem...

H – E à sexta-feira a gente tínhamos um paninho para limpar essa coisa toda.

K – Mas chamam-lhe outro nome ao quadro.

Estagiária – Não, não. Isto são ardósias por serem mais pequenos, mas era uma pedra.

H – Era a pedra. E sabe o que acontecia? Na sexta-feira tínhamos que limpar tudo por fora.

B – Era com um ponteiro que se escrevia. A pena como você está a dizer já era para escrever nos cadernos.

H – Exato. Aqui não, é com a pedra.

K – Quando se passava era a caneta... Chamam-lhe o quê?

Estagiária – Ardósia.

K – Fui a primeira vez que ouvi esse nome.

B – Na minha escola, não sei se na vossa tal acontecia, propriamente tinha um tinteiro encaixado aqui, depois faziam onde colocávamos os lápis e as canetas...

H – Exato.

K – E às tantas o parêlo caia e fazia uma borrada.

H – Se sujávamos a carteira tínhamos que lavar tudo à sexta-feira.

B – Poder, podíamos, mas tínhamos que pagar a cota para ter essa regalia. Ter a tinta, ter os lápis, as canetas...essas coisa todas.

Estagiária – Ai era? Pagam cota?

H – Claro.

K – Era para a ajuda da tinta.

H – depois a gente molhava...era uma caneta, mas não é como estas de agora. É uma caneta feita de pau... Oh, era uma caneta de molhar na tinta. Era um pau e um aparo.

L – Isto é uma escola, é?

Estagiária – Sim. A vossa escola tinha carteiras iguais a estas?

L – Não estou a ver como é.

H – Epá, gostava tanto da minha ardósia.

K - Que velhos tempos que já lá vão...

Estagiária – A vossa sala era parecida a esta? Tinham assim umas carteiras largas?

H – Olha lá está, tinha aquelas coisas para tinta e a caneta e essa coisa toda. Olhe está aqui a nossa escola, está aqui as carteiras antigas...

K – E quando o professor ia à casa de banho a gente fazia uma paródia Já morreu uma que era minha parceira que levava reguadas.

H – A professora dizia assim “o que escreveste na redação”, “escrevi isto assim, assim...”.

B – Não era só a régua, era também uma cana-da-índia com 30 nós. Era uma régua e um pau...

K – Isto é uma sandes ou o que pé?

H – Oh pá, alguma vez tinha um pão tão bom e leitinho da escola.

Estagiária – Isso é uma lancheira. No vosso tempo levavam lanche de casa ou não comiam?

H – Levava leite de casa e pão com manteiga.

B – Eu nunca levei porque morava perto da própria escola, claro que ia à escola e ia à casa.

K – Eu mal me lembro, mas de certeza que levava um lanchinho. Entrávamos às 9h da manhã até à 13h.

B – Na minha terra a escola também ficava perto...

H – Eu fui mais longe. Agora veja lá se comia disto! Alguma vez levava isso para a escola!?

Estagiária – Levava lanche para a escola?

G – Davam-me na escola.

Estagiária – Porque estudou num colégio?

G – Sim.

H – Um hamburger? Nem sabíamos o que era isso.

Estagiária – Levava lanche de casa?

L – Levava.

Estagiária – Pãozinho fresco, não?

L – Era.

K – O senhor se lembre, há pessoas que não sabem quando o Marechal Carmona, da morte dele. Parece-me que estou a ver de bata branca...

H – Só o vi uma vez na minha terra.

B – Só o vi uma vez em pessoa...quando eu estava convocado para a guerra em que estávamos em Canha todos instalados e o Salazar tinha ido a Espanha mais ele para o Franco não deixar passar as tropas do Hitler. Aí é que vi quando eles chegaram a mandar vir pessoal todo para casa, eles a passarem num carro descapotável, aí é que vi o Marechal Carmona e o Salazar em pessoa propriamente.

H – O Óscar é que foi à minha terra. Ai, agente na escola tínhamos o quadro do Salazar espetado.

É do tempo em que tenhamos um quadro de Salazar e tínhamos que cantar o hino- Muitas vezes ponha-nos na brincadeira e cantávamos todos mal e “tu, tu e tu, vão para ali cantar ara os vossos colegas!”.

Todos os dias nós tivemos de cantar “Heróis do mar, nobre povo...”

K – Isto é uma menina, uma bonequinha, uma professora?

Estagiária – Uma professora. Vocês gostavam dos vossos professores?

H – A mim eu gostei.

G – Sim, sim...quer dizer, mais ou menos.

K – da 1º até acabar a 3º classe foi uma professora, mas depois ela foi para Moçambique. Depois a 4ª classe já teve que ser com outra. Olha essa é que era ruim como as cobras.

Estagiária – E o senhor?

B – Birrou que já não me queria levar a exame, eu também nunca gostei dela, mas do professor eu gostava dele. Mas que ele era destro, era, até porque depois de casado e quando foi para França e que vinha cá e tudo e até trabalhei para ele e fomos muito amigos. Chamavam-lhe Manuel Preto. Então como eu tinha que ir lá e quando a gente ia a França tinha que pôr o visto...

H – Quando eu ia para Moçambique era o visto.

B - Naquele tempo era assim. E eramos amigos. Ainda me lembro quando estivemos a trabalhar lá na escola, a fazer a pintura da escola e ele era professor e eu estava fora da escola, já trabalhava e ele era assim “Vais lá à casa para eu te dar um saco com uvas, tenho lá muita uva”. Ele manda-me à casa dele buscar uvas que ele me dava. E eram boas!

K – Se o senhor as apanhasse agora...

B – Se apanhasse algumas daquela agora ainda comia...

Estagiária – Músicas! Vocês cantavam, sem ser o hino de Portugal, tinham o hábito de cantar?

B – Cantava-se.

H – Não. Cantávamos às rodinhas no pátio.

Estagiária – Nos jogos.

H – Pois nos jogos, à machadinha...

K – Naquele que se ia ao pé-coxinho.

B – Não me lembro do nome, aquele que tinha o dom de ir ao quadro fazer e nomear este, aquele e o outro para fazer rir, pagode, fazer uma espécie de teatro.

Estagiária – E a música dos passarinhos?

H – A música dos passarinhos já foi quando eu tinha a 3º classe e foi na 3º classe que eu aprendi.

Estagiária – Então aprendeu na escola?

K – Claro, foi na escola. Mas pode-se dizer eu já foi uma escola avançada, já não era como agora. Já não usávamos o bibe, já não usávamos nada disso. Isso já foi...

Estagiária – Ainda se lembra da letra?

H – Toda como está lá no livro, não.

K – A Manuela passou do computador para uma folha.

H – A Manuela adorou. Está sempre a cantar isso.

K – Aqui está...

H – (Começou a cantar a música dos passarinhos) esta não é a que a gente canta. esta é assim (leu o poema do livro).

Estagiária – E esta é a música?

H – Ainda não é esta.

K – Agente assim que se vê a letra lembra-se logo da música.

H – tem aqui uma coisa de passarinhos....esta do cavalo e do leão também era muito bom. As da candeia também sabia decore. Ai esta, “Castigo, castigo” por causa das estações do ano. Eu não sabia as estações do ano. Olhe lá vem o Luar de Agosto dá-me no rosto, também aprendi isto.

K – Se calhar era no da 3^o classe que isso estava os passarinhos tão engraçados.

Estagiária – Usou sapatos quando ia para a escola ou ia descalça?

L – Ia com sapatos.

Estagiária – Já tinham sapatos?

H – Eu tinha sapatos, mas não eram sapatos desses.

G – Tinha.

Estagiária – E a Senhora?

K – Eu usava, mas esses eram mais bonitos.

Estagiária – E o Senhor?

B – Eu ia descalço. Eu ia descalço e os primeiros sapatos que eu tive era naquele tempo eram as alpergatas e então havia umas castanhas e havia outras azuis. E o meu pai comprava castanhas e azuis e então o meu irmão dizia “tu queres estas ou estas?”, Então umas vezes eu ficava com as azuis, outras vezes eu ficava com as castanhas. Os primeiros sapatos que eu usava era esses. E depois os primeiro sapatos que eu já tive na minha vida já era um homem bem entendido e já tinha os meus 18 anos. Fui a uma feira mais a minha mãe, mas eu já era muito bem mandatado pelo meu pai, mais que o meu irmão, e quem ia ere eu receber o dinheiro que o meu pai trabalhava aqui, ali e acolá e mandava-me receber o dinheiro. E o meu pai andou a pintar uma igreja na terra da minha mulher e ele é que me mandou pedir dinheiro ao padre. Eu então o que é que eu fiz, precisava de dinheiro para comprar uns sapatos e o meu pai tinha aquela conta e eu pôs mais, claro que o padre não sabia e deu-me. Eu tinha com as migalhas que ia ajuntando e já tinha 60 escudos e no meu

tempo os sapatos custavam 85 escudos. Vi uns sapatos castanhos e bonitos e então disse à minha mãe, “eu gosto tanto daqueles sapatos”, “oh filho, mas aquilo ainda é caro”, “Se a mãe me der 20 escudos ...”, ela me deu os 20 escudos. Os primeiros sapatos foram por volta dos 18 anos, como eu já disse. Uma vez usava alpergatas, outras vezes eu ia descalço.

Ainda me lembro de uma vez que ia descalço, já para o trabalho na manhã de inverno, frio, com geada e eu levava a merende às costas e ia para o trabalho e encontrei um grande senhor que vinha na quinta com um saco às costas e encara comigo e diz-me assim “oh rapaz, não te doem os pés?”, naquele tempo não havia alcatrão, era terra...aquilo estava gelado e fazia “truz”, “o teu pai não te compra sapatos?”, “Comprou, olhe os sapatos que eu tenho são estes”.

Depois então ofereceram-me umas botas, uma senhora que eram do marido “tenho umas botas que irei-as dar”. Então aceitei...a vida era assim, um bocado atrapalhada.

K – Era dura.

B – E claro que nós também tínhamos vários irmãos...

Fome nós nunca passávamos...tínhamos a horta, tinha-mos o que cultivávamos.

Estagiária – o que é isto? São os bibes da escola. Usou?

L – Usei bata branca.

H – A minha não. Eram estes bibes que usavam.

K – estes bibes são mais para o colégio.

H – Quando fui para a escola de freiras, eram destes bibes.

Estagiária – E o senhor?

G – A mim era em azul.

Estagiária – Usou bata ou algum bibe?

B – Ai não. Nunca usei bibes, nem batas nem algo parecido.

Estagiária – A roupa que estava vestida era a que servia.

B – Era.

H – Com tanto papel não se acaba hoje. Usei tanto! Porque não sabia a tabuada e fazer contas e usava orelhas de burro. Depois era virada para a parede, num cantinho e com o caderno aqui ponderado.

B – Ainda usou algumas vezes?

H – Pois claro que usei, com um livro nas costas. Queriam que eu fosse para o recreio para as outras pessoas me verem que eu era burra. Apanhei porrada, mas não fui ao recreio.

L – Houve uma vez que me puseram o rabo de burro.

Estagiária – E não lhe puseram as orelhas?

L – Também.

H – A mim foi só orelhas. Depois era assim, tinha um caderno aberto aqui.

K – Quem é que lhe fazia as orelhas de burro?

L – A professora.

K – Nas Portas do Sol há uma janela que vem dar para o lado do jardim, aí é que era a casa de costura...quando uma se portava mal toca a vir para a janela com umas orelhas de burro.

Estagiária – Ainda por cima lá...

H – Aí que horror.

K – Era precisamente a janela que dava para as portas do sol.

H – Eu apanhei, mas apanhei castigo, mas também não fui para a rua mostrar as orelhas de burro.

B – Era por não saber a lição, não era por se portar mal.

H – Pois era... Eu sabia a tabuada e naquele dia não sabia. Pode não querer saber a tabuada, então esta menina não sabe a tabuada...com um caderno todo aberto aqui e com um fio amarrado, o caderno tudo aberto e as orelhas de burro à janela. As pessoas olhavam e riam-se. Depois eu ficava assim “Vira-te de costas!”, e eu “não viro”, “Vira-te de costas”, “Não quero. Você quer que as pessoas comecem a rir”...porrada outra vez.

Estagiária – O senhor também usou orelhas de burro?

B – Orelhas de burro nunca. Mas houve quem usa-se.

Agora tenho uma história que só vos faz rir.

Estagiária – Então?

B – Creio eu que faz porque agora estamos a contar de quem não soubesse é que ia lá à janela com as orelhas de burro. Na escola, lá para a minha terra a professora não me queria lá porque eu era da 4ª classe e todos eram do 1º classe. Um dia o que é que eu faço, chamou-me ela lá precisamente à secretária e já não sei se era leitura, se era na geografia, se era ciências ou se era história. Bem eu estava a ler, e o que acontece? Agente de vez enquanto precisamos de assuar-se e então meu nariz começou a derramar e ela dizia para mim, assoa-te e eu nada e então estava lá sempre de pé e ela estava sentada ao meu lado, assoa-te e eu nada, tanto que fui indo, depois era os alunos lá a rirem-se do pagode.

H – O pior é que os outros riam-se e você é que pagava.

B – E ela, pronto, “vai-te embora” e depois é que eu foi.

K – A minha parceira era mesmo endiabrada, era mesmo daqueles cachopos endiabrados, ela era assim desse género e então nem com 20 reguadas, “chora Amélia!”, dizia a professora, e ela “não choro!”

Estagiária – Usou orelhas de burro?

G – Também.

Estagiária – Era diferente.

H – Parece que não, mas houve certas coisas que eu era assim...Uma vez eu fugi de comboio, daqueles comboios que eram cargueiros, antes eram todos fechados, agora não, e que levavam carvão e a gente ia...eu fui devagarinho e comboio andava devagar e ao correr a gente apanhava o comboio e borrava-mos todos de alcatrão...e era “bem-feita! Bem-feita”, e eu “para a escola não vou!”, toma, toma, toma...

K – este está a jogar boxe com este ou é o quê?

Estagiária – É quase. No vosso tempo os alunos brigavam uns com os outros?

H – Não me lembra. No meu tempo não.

Estagiária – Nem verbalmente?

H – Não...

K – Nós temos muito mais idade que a menina, mas agora é uma coisa pura demais os alunos... Vão se agredindo. Bem, o dizer uma asneira é como o outro...

Estagiária – Antigamente não havia nada disso?

H – Não.

K – E porque será?

Estagiária – A educação era diferente.

H – É. Era rija, a educação era assim.

K – A educação era diferente.

H – Quer dizer, os palavrões que nos dizem, vai para aqui, vai para acolá, “ai o meu pai! O meu pai vai-me bater, Andei dois dias à rasca com o rabo que até tinha que pôr uma almofada.

K – Já são menores e andam nessa vida.

Estagiária - Pode tirar dois se quiser. Olhe é o jogo da macaca e do peão.

H – Olha o peão...eu sei jogar ao peão e sei jogar à macaca e ainda sei.

K – Aquele jogo que agente jogava que está ao lado do peão.

Estagiária – O jogo da Macaca. Brincavam muito?

K – E a saltar à corda?

H – A gente fazia jogos de qualquer maneira...

B – Então sabem qual é a história para jogar ao peão?

K – Ponha-se a andar, depois fazíamos a tesoura e ponha-o a andar na mão.

B – é uma adivinha. Para anda eu pus a capa, mas para eu lhe pôr a andar tirei a capa, mas sem a capa ele não pode andar e ele dança sem parar.

Estagiária – É o peão.

K – É uma adivinha.

B – Para andar eu coloquei a capa...

H – que é a corda.

Depois jogávamos com uma pedrinha e depois para ver se era boa “esta é boa, é pesada para atirar”. Depois jogávamos à corda “dois rapazinhos a saltar a corda, um chama-se Pedro, outro chama-se Paulo, sai o Pedro e fica o Paulo” (a cantar), às vezes uma pessoa não sabia sair, catrapum...caía

Estagiária – Os intervalos eram longas?

K – Ainda eram...

H – Eram bons...

Estagiária – Brincava?

L – Brincava. Saltava a corda.

H – Eu saltava a corda, tanta gente saltava a corda.

K – Alguma vez era necessário algum vigilante no recreio!? Eramos amigos

H – Não... agora...murros e pontapés e não sei que mais...

Estagiária – Também brincava?

G – Brincava...

B – Jogava a Bilharda, jogava ao peão...

Estagiária - Bilharda?

B – Sim.

Estagiária – o que é bilharda?

B – A bilharda era um pau deste tamanho, eram cortados deste lado e era afiado no lado de cima. Depois fazia-se assim um buraquinho na terra e metia-se o pau, levantava-se...

H – Ah, era o Paulito.

B – Agente chamava-a a bilharda.

H – E a gente o paulito...Era um buraco, mais ou menos por aqui, era mais altinha, depois batia-mos com outro pau aqui que ele saltava...

B – Exatamente.

H - Que engraçado. E nós eramos o paulito...

G – Um autocarro.

Estagiária – iam de autocarro ou iam a pé?

L – De autocarro.

G – Eu andei.

H – Eu não. Andei sempre a pé. À la pata.

K – Ainda eram uns poucos quilómetros para ir e vir a pé.

H – Olha, eu fui sempre à pata.

Estagiária – Então ia a pata. E o senhor também porque até ia descalço.

K – O caminho foi todo arranjado que até ia aqui até ao Campo da Feira, então tínhamos que descer lá do matadouro por uma estrada estreitinha e depois tínhamos subir outra para chegar ao Casal.

L – Parece um aluno.

Estagiária – O menino de trás está a tentar copiar pelo menino da frente.

H – Isso aconteceu-me uma vez. Pois quem estudava nos Jesuítas levavam uma raspada grande e os pais tinham que pagar multa ainda. Mas já era mais avançado, nós não. Quando queríamos alguma coisa fazíamos assim...

Estagiária – Copiavam?

B – Copiávamos.

Estagiária – Muitas vezes?

B – Muitas vezes. Por exemplo, um flano já tinha ido à escola e já tinha aprendido aquilo e já não sabia e depois no exame “Deixa-me lá copiar”.

Estagiária – Então deitavam o olho no trabalho do lado...

B – Era. E outras vezes era quem estava nas carteiras da frente é que copiavam

Estagiária – E as cábulas, já haviam cábulas na altura?

H – Não. No meu tempo não. Cábulas não.

K – Bem que me lembro já havia qualquer coisinha assim. Estava sempre com medo se a minha mãe ou o meu irmão mais velho não descobrisse que eu fazia.

H – Eu cábulas não, nem sabia.

Estagiária – Usou cábulas? Ou copiou?

L – Não.

H – Eu só soube quando as minhas filhas começaram a dizer as coisas, depois é que vi o que eram cábulas.

Estagiária – Aqui está a retratar o sexo masculino e o sexo feminino.

H – Ai que eu falasse disso.

Estagiária – As escolas eram divididas?

H – Eram raparigas para um lado e rapazes para outro. Depois no recreio haviam as monitoras a cuidar.

K – A escola davam aulas as raparigas e aos rapazes, mas de manhã era eu e à tarde era o meu irmão. Portanto, de manhã eram as meninas e à tarde os meninos. Até na casa de banho era uma coisa.

H – Era para não haver sexo.

Estagiária – E o senhor?

B – Na minha escola haviam duas salas. Uma sala para as meninas e outra para os rapazes...

H – Exatamente, nunca se falou de sexo.

B – Mas na minha terra só tinha uma sala e eramos misturados. Já haviam rapazes e raparigas.

K – No tempo da minha filha começou a escola mista.

H – Na minha havia um corredor e tinha uma freira para baixo e para cima.

Estagiária – Então andou num colégio de freiras?

H – Sempre de freiras. E quando fui para o mato porque a minha maraste pediu, eu dormia numa Sanzala em que estava tudo fechado.

K – O que é isso?

H – É uma espécie de quinta fechada. Com arame farpado e umas coisas com picos e tu não podes fugir senão aquilo espetava-se.

K – Depois da porta para dentro ninguém entrava.

H – Não, por causa dos leões.

Estagiária – A sua escola era para meninos e meninas?

G – Era de meninas e meninos. Era misto.

Estagiária – E a senhora?

L – A minha escola era fechada, era para os alunos que estavam lá internos não saírem. Era uma escola de rapazes e raparigas.

Estagiária – Então era uma escola interna?

L – Não sei bem.

K – Então não foi na do Pereira Salvador que você andou?

L – Não, foi ao pé da igreja do Milagre.

K – Ah foi aí que andou. Pensei que fosse no colégio de Santa Margarida.

Aqui tem um crucifixo e...

Estagiária – O que tem na imagem? É o crucifixo, a imagem de Salazar e do Presidente da República.

H – Mais nada! Tínhamos que ver isto ali.

Estagiária – Na vossa escola tinha estas três figuras?

H – Não, só tinha a de Salazar.

Estagiária – E o crucifixo não tinha?

H – Tinha o Crucifixo porque era de freiras.

Estagiária – Aqui está o óscar Carmona.

G - É o Senhor Doutor Oliveira de Salazar....

H – E o Carmona.

B – Era o presidente do concelho ou o presidente da república?

Estagiária – é este papelinho.

G - A escola era obrigada a pôr as imagens.

Estagiária – Obrigatório rezar?

G – Era

H – Eu tinha porque era freira.

K – ai era! Então no colégio onde eu andei

Estagiária – Rezavam na escola?

B – Rezávamos sim senhora. Até já tivemos a falar disso. À entrada no meu tempo rezava-se a Avé Maria e à saída era a mesma coisa.

H – E rezávamos antes de sentarmos à mesa. Com o meu falecido pai era assim... Que esta comida que a gente está a receber que Deus nos deu faça boa vontade, era uma coisa assim e no fim dizíamos Ámen e sentava-mos.

Estagiária - E o hino nacional cantavam?

B – Muitas das vezes cantavam.

H – Na minha escola primária a gente cantava-se.

Estagiária –Também cantava?

L – sim.

Estagiária – E o senhor?

G – Não.

B – Havia um professor que tinha uma marquise do comprimento destas das salas, então para ir ao recreio passavam por lá e mandava-nos acartar paus. Tinha assim uma fila e depois dava a volta. E íamos a marcar passo.

H – Já viu o que aa gente falou com estes papéis todos?

Estagiária – Isto é um livro, por isso é que trouxe um livro da 2ª classe. Quer ver um maior? É um parecido.

B – Mas eu não vejo nada.

Estagiária – Veja se consegue ver as imagens, tem a mocidade portuguesa...

H – Na mocidade portuguesa depois os meus irmão também andaram.

B – Às vezes chega lá uma carta e não consigo ver se é para mim o para ela. Tenho que esperar pela minha filha para ela ler.

Estagiária – Os vossos livros eram parecidas a estes?

H – Eram.

L – É um livro da escola da 3ª classe.

H – Era e eu estudei por esse. Por isso é que lhe disse se os passarinhos não eram do livro da 3ª classe, era da 2ª classe.

K – da 4ª se calhar.

H – Não. Na quarta não. Já a gente já se sabia de muita coisa.

Estagiária – Aprendiam muito neste livro?

H – Se a gente aprendia...

K – Cada ano era um livro.

H – as ceifeiras está aí umas que a gente tinha que estudar porque haviam palavras muito difíceis e a gente não sabia dizer.

Estagiária – Isso são dedos, mas representa a amizade. Tinha muitos amigos?

G – Tinha.

Estagiária – E a senhora?

L – Tinha.

H – Tinha muitos amigos que mais tarde foram mortos pelos pretos à catanada.

Estagiária – Ainda têm amigos de infância da vossa escola?

B – Eu já não tenho com certeza.

H – Eu já não tenho.

k – Eu pelo menos uma me encontro todos os dias com ela.

Estagiária – É de cá do Centro de Dia?

K – Ela não está cá no centro de dia. Mas estou a dizer que foi minha parceira no colégio e na escola.

B – Ainda me lembro principalmente de um amigalhaço que era de Idanha e se chamava Manuel Jesus Coutinho. Foi o melhor amigo que eu tive na tropa. E na escola havia um de Pombal e os pais mudaram lá para a freguesia porque o pai era pedreiro, o nome dele era Hélder, mas nós chamávamos de Pombal. E quando as lições eram custosas porque o professor era mau, ele dizia assim para mim “Amanhã a gente não se vem à escola”, “Então?”, o professor era mau e tal e então faltávamos e íamos aos pássaros.

Assim que fechasse a escola nós íamos para casa como se tivéssemos ido à escola. No outro dia o professor dizia ao meu pai “Então o seu filho não veio à escola?”, “Ai não?”....

H – Eram com uma fisga que apanhavam os pássaros?

B – Armávamos uma fisga.

L – É uma caixa.

Estagiária – E o vosso estojo era parecido a este?

H – Não.

Estagiária – Tinham algum estojo?

H – Tínhamos. Era uma caixinha de madeira

Estagiária – Essa é uma caixa de madeira, mas as canetas são mais atuais.

H – Pois é. Depois fechávamos assim a tampa...mas ponhamos tudo lá...borracha, lápis, caneta...

Estagiária – O vosso estojo era parecida?

K – Eu não tive nada disto.

H – Eu não. Isso é fino demais para mim. Tinha para pôr a borracha, lápis e caneta?

Estagiária - As canetas são atuais, mas o estojo é de madeira.

H – Tinha?

B – Não propriamente.

H – Era umas caixinhas assim altas.

B – Mas isso eu ponha tudo na bolsa dos livros a rebolar.

H – Eu tinha a caixa de dominó.

Estagiária – o último papel...vocês já falaram inclusive.

H – O pá, reguadas no rabo...eu nunca levei porque as freiras não batiam.

B – E quando escapava a mão e a cana saltava-lhe da mão e lhe batia nas pernas, ela ficava danada.

K – Mas o que acham?

H – É uma professora a bater no aluno que está de barriga para baixo.

K– E se calhar ela mandou-o pôr naquela posição...Faz-me lembrar aquilo que não sabem porquê, mas arranjam brigas por tudo e por nada.

Estagiária – Levou algumas?

G – sim, aqui

H – As poucas que levei ainda hoje me lembro delas e não estou arrependida de as ter levado.

Estagiária – Ainda levou algumas?

L – Levei.

Estagiária – E as reguadas eram na mão?

L – Era.

G – Eu também.

Estagiária - Também levava?

B – Nunca me lembro de levar reguadas.

H – Era a menina dos 5 olhos...eu era das freiras e as freiras eram boas. A minha mais velha aprendeu naquela terra que chove muito, que depois a água sobe e aquilo fica inundado, como quem vai para o Porto. E o Sr. Professor era com essas coisas de canas e uma vez bateu num aluno e ele ficou surdo para toda a vida...arrebentou-lhe o tímpano.

Estagiária – Vocês acham que a educação que receberam na escola foi importante para a vossa vida futura?

H– Sim, foi. Para mim foi. Não gostei de certas coisas que tive de fazer, mas não me arrependo, mas hoje sou o que sou. Posso ser nervosa, mas sou humilde e gosto de ajudar toda a gente.

K – Eu gostei andar na escola.

B – Mas não é só na escola que se aprende a educação como se aprende na tropa.

K – Era mais rígida.

H – Os nossos pais naquele tempo não havia pique pique...era dá licença para me levantar a mesa, dá licença...olhe, mas agora hoje eu ensinei aos meus filhos, mas se eles são mal criados, eu não tenho culpa disso.

G – Somos 6 irmãos, mas era pai e mãe dão-me a bênção...

H – Até para a cama era tudo assim.

Estagiária – E a senhora?

L – A minha mãe castigava-me às vezes por fazer certas coisas, mas depois havia outras “posso sair?”, “só acompanhada!”.

G - Mas o meu pai nunca batia num filho.

H – O meu pai bateu nos meus irmãos e eu fiquei muito impressionada porque ele era lutador e ele era bruto, não media as forças dele e quando ele dava uma chapada fazíamos o pino. Depois a partir daí ele viu que jogou um filho que ficou com a cara e o olho negro e nós desatamos a chorar à volta dele. Ele comoveu-se e deixou de bater. Eu merecia, mas não valia bater.

Estagiária – Acha que entre a educação da escola e a educação que receberam em casa tornava-se num equilíbrio? Porque às vezes os pais trabalhavam um bocado e a educação ficava de lado?

H – Não, não. No meu tempo ficava equilibrado porque os meus pais tinham tempo para me ajudar...”olha que isto está mal escrito. Não é assim, apaga”, “Escreve na ardosia e depois passa para o caderno”. Lá está, o que nós tínhamos era o que aconteceu também comigo era o Franjinhas. Era também um cão, não sei se o senhor se lembra que dava na televisão a preto e a branco, era assim o Franjinhas, um cão de plástico. Ponha-as a ver o Franjinhas e elas ficavam ali quietinhas a ver o Franjinhas e depois não iam para a cama sem fazer os trabalhos.

K – Eu era, enquanto não fazer os trabalhos da escola não ia brincar. E eles já sabiam...

G - Eu fui obrigado no colégio a levantar a mesa, a fazer a cama.

H – Isso era no colégio. Isso também eu fiz.

Estagiária – Por um lado a sua educação foi dada pelo o colégio...

H – Pois, foi como a mim, mas eu era freiras.

G – Por exemplo, se a cama estivesse mal feita, ela desfazia...

H– Elas tiravam tudo e mandavam tudo para o chão...

Estagiária – E agora, quando fazem a cama lembram-se que a cama tem de estar direitinha?

H – Eu lembro me, mas faço vigarice! Como eu estou sozinha em casa, o lençol e o édredon deito tudo para trás e deixo a janela aberta para apanhar sol ou o fresquinho...depois quando chego à casa é só puxar para cima e já está. Só ao sábado é que faço a cama de limpo....depois o meu filho vem aí e está tudo arrumadinho, tudo limpinho...

G– Eu quando era miúdo e eu fazia chichi na cama. Aí...

B – Naquele tempo sabem que havia aqueles efeitos que chamavam a joelheira para por nos joelhos para esfregar o chão...

H – lembro-me sim senhor. O meu falecido pai buscava-me uma almofada...

B – Quando a minha mãe estava doente e não podia esfregar a casa, quem esfregava era eu...

H – Era também eu que esfregava e depois ponha a cera. Primeiro era com petróleo, não era?

B – Depois à entrada tinha uma escadaria de pedra e ao fundo da escadaria de pedra eu fui limpar os degraus por aí fora. E quando cheguei ao fim da escadaria de pedra estavam a chegar umas pessoas da Atalaia do Campo que iam para a feira. E estava um a torcer como vocês fazem...Depois passou um senhor que me conhecia e disse-me “Então tu é que estás a torcer o pano?”, “Pois, então...”, “Mas é algum milagre? Valente rapaz...”.

H – Sabe porquê que usava aquelas almofadinhas? Porque a parte de cima da casa dos meus pais era de madeira e depois tínhamos que esfregar tudo muito bem e era com petróleo. E depois deitávamos cera amarela...

Estagiária – Acham que a professora foi importante para a vossa educação?

H – A minha foi.

B – Foi...

H – Nós aprendemos, acho que foi boa.

Estagiária – E na vossa maneira de agir no vosso dia-a-dia?

H – Normal.

Estagiária – Por exemplo, antes por as pessoas serem muito mais ásperas, pela educação ser muito mais rígida, as pessoas aprendiam a dizer se faz favor, obrigada... Acha que hoje em dia há isso?

H – Eu digo vai para baixo, vai para cima, vai para o lado...oh filho dá cá um beijo, boca na boca....

Estagiária – E não acha que a educação que teve também se influenciou a escola.

H – Não sei. Pode ser que pais que não se importassem...Mas agora isto está evoluído também. Isto agora não é nada parecido com o nosso tempo. Nós não eramos capazes de andas descascados ou sem sutiã e os rapazes com os calças...Eram calças compostas, camisas direitinhas e as senhoras, nunca usei vestido a não ser no casamento, andei sempre de calças.

G – E a minha mãe andava sempre de calças.

H – O tempo também mudou muito, é certas publicidades agora...o estilo é outro. Mas não é um estilo bons para eles...depois há o bullying.

UTENTE O

Estagiária – Estudou até que ano?

O – Até à 4ª classe só. Não tiveram dinheiro para vir estudar para Santarém e não estudei mais.

Estagiária – Então quer dizer que abandonou a escola por falta de posses.

O – Foi. Tive um senhor cá em Santarém que queria-me pôr no Seminário...

Como eu tinha levado tanta porrada, mas tanta porrada da professora, por causa de aprender a rezar...

Estagiária – Levou tanta porrada na escola?

O – Pois, por aprender a rezar...quando o Padre lá chegava era como um toiro bravo. Não queria ver o padre de maneira nenhuma. Mas depois tive que fazer a comunhão...então depois não quis ir para o Seminário porque tinha azar aos padres.

Estagiária – Vamos tirar um papelinho, mas primeiro uma pergunta, depois de recusar essas vezes todas a ir para o seminário, fez o quê? Começou logo a trabalhar?

O – comecei logo a trabalhar. Vivía na casa dos meus pais e tinha que tratar do pouco gado que eu tinha.

Estagiária – Então começou como agricultor?

O – Não...aquilo é que era uma agricultura...

Estagiária – Então vamos lá tirar um papelinho...

O - Diga-me lá o que isto quer dizer...

Estagiária – Isto é uma escola. É uma sala de aula. A sua sala de aula era igual a esta?

O - A escola onde eu andei até assim na janela tinha uma chapa daquelas de Zinco granulado para tapar o buraco porque tinham partido o vidro e nunca mais houve dinheiro...

Estagiária – Estudou onde?

O – Eu estudei até a 3ª classe numa terra no meio do atalazia e depois vim tirar a 4ª classe às Fontainhas por causa de aprender a rezar e depois também, vamos lá admitir, eu era malandro e tenho que reconhecer, sabe porquê? Porque não era só eu a pôr-se debaixo de umas árvores a estudar as rezas. Era eu mais uma rapariga que também...

Estagiária – A sua escola era mista?

O – Era...Então o que eu fazia agarrava numas pedrinhas e mandava às raparigas.

A gente nas Fontainhas era tudo junto. Mas a gente quando era assim éramos postos de castigo, mas era na tua. E uma vez até me fizeram o seguinte, deram-me uma enxada para ir plantar favas.

Estagiária – Quem, a sua professora?

O – Sim, e porquê? Por causa dessas coisas...castigo. Depois tinha lá um bocado de terra.

Isto é um quadro...

Estagiária – Isto é uma ardósia, ou a pedra que vocês...

O – Tinha uma, mas cheguei a um ponto que todos os dias que tinha de ser uma coisa dessas...

Estagiária - Então porquê? Perdia-a?

O – Partia-a a brigar com os outros.

Estagiária – Ah, estou a ver que o Sr. Era mauzão.

O – A mala era de trapo e então....Partia-se

Estagiária – Então a sua mala era de trapo.

O – É para tirar outro?

Estagiária – Sim.

O – Vou tirar outro que é para ver se me sai a sorte grande.

Estagiária – Levantava a mão para falar com a professora ou para responder alguma coisa?

O – Se levantava a mão? Ela não deixava a gente quase não falar com ela, era assim gorda, baixa e a gente ria-se e desejava-se com ela. Ela era danada, mas era para bater.

Estagiária – Outro. Isto é uma professora. Gostava da sua professora? Já vi que não...

O – Quando andei a tirar da 3ª para a 4ª, não gostei da professora, agora quando da 2ª para a 3ª coitada da professora.

Estagiária – Acha que aprendeu com a sua professora independentemente de ela ser mazinha?

O – Aprendi, tinha que aprender mesmo

Estagiária – Sabe o que é isto?

O – É o cristo rei que está aqui. Este era o Salazar...

Estagiária - E a imagem do Presidente da República da altura. Na vossa escola tinha estes três símbolos?

O- Tinha.

Estagiária – Era obrigado a rezar?

O – Era obrigado a rezar todos os dias e era obrigado quando o padre lá ia, ele ia lá duas vezes por semana, agente ia rezar o terço.

Estagiária – E o hino nacional, cantava?

O – Cantava pois. Mais um papel?

Estagiária – Outro.

O – Oh Jéssica, você está a me desgraçar. Veja lá se tem uma cautela.

Estagiária – Não tem dinheiro...

O – Olhe, um livro de leitura.

Estagiária – O seu livro era igual a este?

O – Era quase...

Estagiária – Era parecido a este?

O – Não, já não apanhei esse.

Estagiária – Já não apanhou esse. Tire lá outro.

O – Outro!?

Estagiária - Está escrito o poema, aprendeu muitos poemas, muitas histórias, matemáticas...

O – Não senhor. Matemática aprendi porque a professora ensinava. Os poemas é só os meus livros...

Estagiária – Era o que vinha nos livros...

O – Os bibes...

Estagiária – Nunca usou?

O – Nunca usei nada disso. Bata eu usei, mas era uma bata branca.

Estagiária – Vocês brigavam entre alunos?

O – Brigávamos, mas não era fora. Não era dentro do recinto, era a caminho quando vínhamos uns com os outros.

Estagiária - E brigavam sobre as coisas da escola ou por outras coisas?

O- Cá pelas coisas da escola. Agente mal saia ao portão para fora queríamos lá saber das coisas da escola.

Estagiária – O seu estojo era parecido a este? Uma caixa de madeira?

O – Não. Era deitar as coisas lá para dentro da sacola. Uma vez levei uma sova da professora, daquela das Fontainhas, uma reguada que você não queira saber, ela estava a me bater e então a régua era assim mais ou menos desta largura e tínhamos que por as mãos assim...aquela da Atalaia fazia o seguinte, esticava os dedos e dava as reguadas. Mas aquela das Fontainhas não fazia nada disso. Nós ponhamos a mão e ela deu-me a primeira reguada e a segunda eu fiz assim e ela levou uma cacetada no joelho, aí é que levei poucas.

Estagiária – E com a Cana-da-índia nunca levou?

O – também levei algumas com a cana-da-índia.

Estagiária – O que está na imagem?

O – Um sapato...Fui coisa que tive ao fim de muito tempo.

Estagiária – Ia descalço?

O – Então não havia sapatos...

Estagiária – Isto é a amizade. Teve muitos amigos?

O –A gente lá tínhamos muitos amigos, andamos sempre a brigas, mas no fim daquilo estava tudo bem.

Estagiária – Olhe aqui, orelhas de burro.

O – No meu tempo não havia nada disso.

Estagiária – Nunca as usou?

O – Nunca usei orelhas de burro. A professora também tinha umas orelhas e de vez enquanto ela as ponha lá à janela. Mas por acaso a mim nunca calhou...

Estagiária – Teve sorte, só apanhou tarefa.

O – Só tarefa.

Estagiária – Como é que ia para a escola? Ia de autocarro?

O – A pé.

Estagiária – Andava muitos quilómetros para casa ou era perto?

O – Lá da minha terra para a Atalaia, foi a escola que primeiro andei era para aí uns 4 quilómetros.

Estagiária – Ia sozinho?

O – Não.

Estagiária – Ia com os colegas?

O – Sim.

Estagiária – E ia algum pai a acompanhar?

O – Não senhora. Nas Fontainhas era aí uns 3 quilómetros ou coisa assim. Mas tínhamos que atravessar um pinhal.

Estagiária – Levava lanche?

O – Levava lanche e ainda ficava sujeito a colegas meus comerem-me o lanche, porque o lanche...

Estagiária - Uns tinham mais posses, outros não...

O – Pois...

Estagiária – E os que tinham menos posses roubavam...

O – Pois. Roubavam uns aos outros.

Estagiária – E aqui na imagem o que está?

O – A jogar o peão e é a neça, ou como aquilo se chamava...

Estagiária – A macaca. Jogava muito ao peão?

O – Quando a professora deixava brincávamos, quando a professora não deixava,,, Aquela professora das Fontainhas era do pior.

Estagiária – E aqui o que é que está?

O – Eram dois colegas.

Estagiária – E o de trás o que está a fazer?

O – Não sei...está a tirar o lanche ao outro ou não sei...

Estagiária – Não. Ele está a copiar. Copiava?

O – cheguei a copiar.

Estagiária – Deitava o olho no trabalho do lado...

O – Deitava o olho às vezes...mas quando a professora topava apanhava mos poucas...

Estagiária – E cábulas, já faziam cábulas?

O – Não.

Estagiária – E papelinhos debaixo da mesa para conversar uns com os outros?

O – Também não. A gente só conversava uns com os outros porque a professor tinha um amante que era padeiro e depois quando o amante vinha ela ia falar com ele lá para fora...

Estagiária – Ia comprar pão...

O – Pois. Tinha lá um que tomava conta de quem falava, mas falavam todos e quando ela vinha até ele levava uma sova. Todos falavam.

Estagiária - Acha que toda a educação que recebeu através das professoras e tudo o que aprendeu na escola é importante para o seu dia-a-dia?

O - É essencial dentro num certo limite porque não pode aprender mais. Mas agora isto está muito mais avançado na escola.

Estagiária – Mas a nível da educação acha que isso contribuiu para o seu dia-a-dia e para a sua personalidade?

O – Não. Não contribuía nada. Só atrasada porque ficamos com um azar à professora tão grande que depois vingamos...lá no meio do terreno que ela lá tinha na escola tinha uma figueira, o que é que eu fiz? Fui pela bordazinha da escola e fui lá apanhar um figo. E por causa do figo apanhei uma sova tão grande.

Estagiária – Acha que havia um equilíbrio a nível da educação entre os pais e os professores?

O – Não, sabe porquê? Porque os pais andavam era a trabalhar e quase nunca falavam com as professoras. Às vezes as professoras mandavam-nas lá chamar para falarem com eles. Então ia a minha mãe lá falar com ela e fazia-lhe as queixas de mim e depois ia para casa e avergava-me a cabeça porque eu tinha feito assim, tinha feito assado e pronto, abrasava-me a cabeça.

Estagiária – E não acha que pelos seus pais trabalharem ir cedo para a fazenda e vir tarde, não acha que a sua educação foi coitada maior parte do tempo na sua escola?

O – Não. Não acho que os meus pais trabalhavam...trabalhavam por conta das outras pessoas e então. A minha mãe chegava a ir para o arroz, não sei se já viu alguma plantação de arroz, ela chegava a ir para o arroz e levar-me, como não tinha com quem me deixar, levava-me. Depois tinha uns muros assim em volta dos terrenos. Ela deitava-me lá e eu, aquilo estava cheio de água e ela deitava-me lá e eu pumba! Estava no molho...Lá eu

estava a gritar e tinha que lá ir ela tirar-me dentro do canteiro...uma vida que não me quero lembrar...

Estagiária – Então não gosta ou tem saudades?

O – Saudades? Aqueles tempos não me deixaram saudades nenhuma. Os meus filhos é que passaram uma vida diferente daquela que eu passei.

UTENTE R

Estagiária - Pode abrir. Na imagem está dois rapazes e um está a bater noutro. No seu tempo havia os mauzões da escola?

R - Não. Não havia não, sinceramente não. Eu tenho 85 aos e faço no próximo mês 86 e era totalmente diferente do que era hoje. Do comportamento dos alunos e de outra coisas, não só os alunos.

Muitas vezes os alunos são aquilo que vêm fazer e por isso por vezes não têm exemplos para proceder de uma forma mais correta, mais suave, mais amorosa e hoje é diferente.

Fui para a primeira classe e andei na escola até à terceira classe...

Tínhamos amigos, camaradas e às vezes havia alguma coisa, mas nada. Nós brincávamos, jogávamos ao pião, jogávamos à carica. Não se a menina já ouviu falar...

Estagiária - Já ouvi falar...

R - Era com a tampa das gozosas e das cervejas. Naquele tempo nós jogávamos aquilo para ver quem ganhava e etc...Nós entendíamos. E qualquer coisinha servia para nos entreter. Nós muitas vezes é que fazíamos os nossos próprios brinquedos. As raparigas eram as bonequinhas e bordados. Nós fazíamos os nossos próprios carrinhos de madeira porque os nossos pais sempre tinham os pagamentos para acertar e nós sabíamos e fazíamos o arco e ponhamos o arco a rodar e brincávamos com muito gosto e brincávamos praticamente com o que fazíamos. Era diferente em tudo.

Nós tínhamos brincadeiras...mas era brincar sem maldade, sem ofender, sem tratar mal porque também a professora também não era nada jovem, já tinha uma certa idade e se ela viesse a saber que um aluno maltratasse outro ou que fez aquilo que não devia fazer ela imponha-se.

Porque naquele tempo os pais tinham uma vida diferente, não tinham tempo e era vida de campo e de trabalho e muitas vezes não tinham tempo, nem tinham formação para às vezes serem melhores para os filhos... não façam isto, não façam aquilo e a professora nesse aspeto era auxiliar muito boa.

E graças a Deus são os valores que tenho e alguns infelizmente já faleceram lá da escola, outros que já não vejo a muitos anos.

Fui para Lisboa muito novo, depois outros foram para ali, outros foram para outro lado, não tem nada com os pais, etc... Mas já tem acontecido nós encontrar-nos e recordamos os nossos tempos de escola no geral e não havia aquela coisa de brigas, como hoje existe.

A Jéssica diga-me uma coisa naquele tempo não se usava facas como os rapazes zangam-se e aparecem com uma faca. Vão buscar uma faca, vão buscar um objeto para ferirem outra pessoa. As pessoas precisam naquela altura um acordo. As pessoas também têm questões em que estão em desacordo umas com as outras e as crianças também têm. Havia qualquer coisa que agente não gostava, mas depois acabou e aquilo não era nada. E depois também não havia isto de que nenhum filho não ia fazer queixa ao pai ou a mãe.

Nenhum filho vai dizer que a professora lhe deu reguada. Naquela altura nós estávamos na escola e a professora tinha uma vara, ela estava a lição no quadro com a vara e quando nós não soubéssemos uma lição por não termos estudado ela dizia que era por falta de atenção e se não quiserem responder a este problema, fazíamos problemas e muita coisa e depois fazíamos redações e éramos obrigados a fazermos redações....a professora era uma boa professora.

Quando era assim, “agora vão fazer um ditado e cada erro são tantas reguadas”, e isso obrigávamos a ter um brio e a nos corrigirmos o mais que possível.

Podíamos conversar no meio da aula e fazíamos cócegas um ao outro e ele punha-se a rir e a professora estava na sala e “O que se passa aí?”, “ah foi flano que me fez cócegas, fez-me assim e tal...”, mas nunca era nada de mal. E lá estava, tantas reguadas... não podem conversar na sala de aula e ela pedia-nos para irmos ao pé dela que estava sentada na secretária e levava-mos reguadas com os dedos assim, a mão dobrada assim para não apanhar os dedos da professora, porque se a mão ficava direita às vezes acontecia saltar e para não lhe apanhar os dedos tínhamos que dobrar o suficiente a mão.

Se um aluno fazia uma coisa que o aluno não devia fazer “agora vão estar aqui de joelhos”.

Hoje não é assim. Se uma professora bate no aluno, ele vai fazer queixa à mãe e a mãe vai à escola e vai fazer despique com a professora. O nosso tempo não era nada disso. E aí de nós que os nossos pais soubessem que nós tínhamos faltado o respeito à professora e que ela nos bateu, “Ai bateu porquê?”. Agora somos nós, a professora fez isto, fez aquilo. Os nossos pais também nos castigavam para nós sabermos a respeitar as pessoas...era assim que se dizia.

Eu fui para a escola com sete anos, naquela altura íamos para a escola e quando estava para fazer a 3ª classe e como sabe a nossa vida naquele tempo difícil, e os ordenados dos nossos pais ganhavam era muito pouco, trabalhavam no campo. Então o meu pai, lá nos seus conhecimentos, soube que havia, como sabe eu sou do concelho de Alcanena, não sei se a Jéssica sabe onde fica...

Estagiária – Já passei de carro...

R - Aquela sede de concelho que tem mais duas freguesias, Monsando e Vila Moreira...e havia lá uma série de fábricas de curtimentos de peles dos animais que era daí que faziam os nossos calçados. Havia uma fábrica que tenha um comprimento de 4 a 5 vezes que isto e largura também, porque abriam uns buracos no chão que eram mais ou menos este diâmetro, assim, assim (o senhor levantou-se e demonstrou a dimensão do buraco) e era aí que curtiavam as peles. As peles dos animais iam para ali, aquilo estava cheio de água, uns 4 ou 5 metros. Então os homens que trabalhavam lá na fábrica, tinha a segurança com umas varas que vêm daqui ao teto (o senhor fez o gesto), ou mais, umas 5 varas...deixe-me ver se consigo encontrar alguma coisa aqui na sala parecido à espessura da vara...

Estagiária - Mais ou menos isto (apontei para a canela da cadeira)...

R - Mais ou menos sim. E tinha na ponta um gancho e esse gancho tinha um bico na ponta...por exemplo, as peles eram estendidas aqui antes de serem curtidas e depois esse gancho, por exemplo, aqui é a beira da colcha e ia com o gancho da vara e na ponta da pele, e havia peles que até tinham um buraquinho. Ia um homem dali e outro daqui a puxar assim e a pele quando a pele chegava abaixo ficava estendida e não ficava enrolada e depois aquilo levava uma quantidade de água e o que é que curtiava as peles? Era uma casca da árvore chamada sobreiro, em que é uma casca encarnada. A água ia buscar a cor à casca e a pele ia lá para abaixo. A água ficava desta cor (apontou para a cor do chão) e passava a curtir. A pele deixava de ter a cor que tinha e passava a ter um vermelho, não era vermelho, nem bordô, era um tom perto do castanho. As peles ficavam ali muito tempo a curtir, não era de tirar amanhã ou depois de umas horas. Lá estava a casca fortaleceu a água para a pele mudar de cor, daí para chegar a pergunta que a Jéssica me fez...

Então as peles depois era tirada dali e tinham que secar, como se fosse secar a roupa. Bom, e a casca era aproveitada e não era deitada fora. Tiravam as peles e a casca também era tirada cá para fora e então a casca era posta, por exemplo, cada fábrica tinha um sítio próprio para secar a casca. No inverno era mais difícil e era resguardado, mas no verão era o sol e estávamos ali numa real maior que a nossa casa. A casca era tirada e era posta ali a secar, para quê? Depois aquela casca era utilizada para fazermos o comer, pois naquela

altura não havia gás, não havia eletricidade, nem essas coisas. Para isso aquela casca ardia depois de seca e depois vendiam aquilo para as pessoas. Por exemplo a lenha ardia muito na lareira e aquilo a casca ajudava a quilo a arder e mantinha-se muito tempo a arder lentamente, durava dias...então muitas pessoas usavam para cozinhar.

Então a minha mãe fazia o seguinte, a minha mãe e as outras faziam o seguinte, tinham a chaminé ou a lareira e deixavam um montinho daquela casca e ponham aquilo na trempe, a Jéssica sabe o que é um trempe? Uma folha com três pés, tem o nome de trempe, era de ferro. Ponha a panela em cima, ou um tacho e a casca a arder e depois ia à vida dela. Quando se chegava à noite à casa e geralmente era uma refeição como o feijão e o grão e quando se chegava ali já estava cozido...A casca ardia e ardia lentamente e ia deitando calor...

O meu pai como trabalhava lá na fábrica, ele começo a falar com um amigo e depois arranjou-me um emprego numa fábrica dessas e tinha 10 anos.

Estagiária - Então saiu da escola para ir trabalhar?

R - Quando estava para fazer a 3º classe o meu pai arranjou-me um emprego e saí da escola e já não fiz a 3º classe e já não fiz e fui trabalhar.

Enão naquele tempo ia descalço, naquele tempo um menino ou um rapaz que fosse calçado era de famílias ricas.

Estagiária - Na altura o senhor ia descalça?

R - Descalço. Ia para a escola descalça. Então o meu trabalho qual era? Neste sítio onde os homens ponham a casca a secar, com dez anos, o dono tinha um animal que aquilo nem era burro era... Era macho. Então era assim, os homens ficavam neste sítio onde se cortava a casca...era como se fosse um cesto de um lado e outro noutro, mas não era um cesto, era um ceirão. Um ceirão tinha dois cestos ligados. Eram ligados por cima, mas assentavam no lombo do animal. Os homens enchiam aquilo com a casca e eu depois ia com...por isso num sítio que era um meio onde se ponha os cereais e ponha-as a secar e depois vendia aquilo. O meu trabalho era esse, era a andar a acartar aquilo dali para ali. E descalço. Quando chegava à casa os meus pés não eram desta cor, era mais escuro...

Estagiária – Eram pretos...

R - De maneira que às tantas se tinha trezes anos e meio e o meu pai chega à casa e diz assim “olha lá Zé, tu queres ir para Lisboa trabalhar?”, “se eu quero ir para Lisboa trabalhar? O pai é que sabe, não sou eu. Não sou eu que decido, se tiver de ser, eu vou”. E assim foi, com 13 anos e meio eu fui trabalhar para uma fábrica de bolos que era de um sujeito lá da aldeia. Fui para lá aprender a fazer bolos e fiz-me de pasteleiro e lá fui eu trabalhar para a fábrica de pasteleiro. Resultado, nem fiz a 3º, nem a 4º classe. Então

depois aos 18 anos quando eu já me podia matricular na escola para fazer exame. Ao pé de onde eu trabalhava moravam duas senhoras já de muita idade, com uns 80 e tal anos. Pronto e ao eu falar dizia frases que não eram as mais corretas e elas me chamavam a atenção, “não é assim que se diz, é assim...”. E às tantas, “olha lá, tu não fizeste o exame da 3ª classe e o da 4ª classe?”, “Não fiz. O meu pai tirou-me da escola para ir trabalhar para ajudar nas despesas de casa e depois vim para Lisboa”, “Então vamos fazer-te uma proposta. Se quiseres depois do teu emprego, à noite vens cá a casa eu ensino-te a 3ª classe e a 4ª classe...”, eu já tinha umas luzes do que era a 3ª classe... Então ia lá a noite depois de sair do emprego aprender umas lições. Quando elas viram que eu estava capaz de fazer o exame e elas “agora vais fazer uma coisa, tu vais lá a escola porque já tens 18 anos e vais-te propor para exame”, tinha que ir eu e não ela, “tu vais à escola e dizes o que te aconteceu e dizes que andaste a aprender numa senhora e que queres fazer o exame da 3ª e a 4ª classe”. E lá fui eu e me fizeram a inscrição. E chegou-se ali à tantas horas...fiz o exame da 3ª classe de manhã e fiz o exame da quarta classe à tarde, por isso é que fiz a 3ª e a 4ª classe com 18 anos e já trabalhava. Naquele tempo era assim e agora só se pode trabalhar aos 16 anos.

Naquele tempo era assim, as crianças eram novas e eram postas a trabalhar, os rendimentos eram poucos e a minha mãe teve 8 filhos, mas só criou 5 e enfim era muito difícil e então quase todas as pessoas logo que saíam da escola iam trabalhar e os estudos não duravam muito tempo.

Imagine, eu fui para Lisboa em 1945 e eu nasci em 1931, e ainda no tempo que eu fui para Lisboa quando eu via um miúdo na mão da mãe já eu dizia que era um miúdo que ia fazer recados às pessoas. Quando a gente saía da escola era logo...a primeira coisa era arranjar emprego.

Estagiária - Acha que aquelas duas senhoras foram importantes para a sua aprendizagem?

R - Foram. Tiveram um valor extraordinário de mim e se ofereceram para me ensinar e não me levaram um tostão, “Então não gostavas de tirar a...”, “Sim, gostava e algum dia hei-de fazer”. Depois do trabalho ia lá passar o serão... Fui lá então que fiz a 3ª e a 4ª classe.

Por exemplo, lá em casa éramos quatro rapazes e uma rapariga, é claro que a minha irmã era mais velha que 4 de 5 rapazes, só um é que era mais velho que ela. Quando a minha mãe e o meu pai iam para a horta, a minha irmã é que ficava em casa a cuidar de nós.

Estagiária - A sua irmã nunca foi à escola?

R - Não. Fez a mesma coisa, também fez a 3ª e a 4ª classe na escola. E ninguém tinha ido à escola. E isso usava-se muito, as meninas daquele tempo não iam à escola. As meninas ficavam em casa, eram para tratar da casa e havia muito esses preconceitos.

Estagiária - Quando andou na escola, a sua escola era só de homens?

R - Na aldeia ou em Lisboa?

Estagiária – Na aldeia...

S - Não. Eram mais rapazes que raparigas. Era mista. E com o tempo passou a ser misto. Mas na altura da minha escola enquanto andavam 20 alunos, para aí 10 ou 5 raparigas e o resto era tudo rapazes. No meu tempo era assim. Por isso eu fiz a 3ª e a 4ª classe assim.

Estagiária – Pode tirar mais um papelinho (ele retirou o papel). Ao olhar para esta imagem faz lembrar-lhe de alguma coisa?

R - Isto é uma piscina?

Estagiária - É uma sala de aula com as carteiras.

R - Parecia uma piscina por causa do reflexo. No meu tempo era assim...havia uma carteira, depois havia outra, outra e outra e eram todas seguidas. E era uma carteira por dois alunos. Ainda era daquelas secretárias que tinham um tinteiro. Naquele tempo não haviam esferográficas, era a caneta com o aparo e molhávamos ali o aparo na tinta, até a própria mesa...

Estagiária - Pode ver aqui, é um bocado visível, tem aqui um pontinho e aqui outro...

R - Talvez fosse isso. Era imitado na madeira. Havia um buraco com o género de buraco e colocávamos aquilo. E com a caneta de aparas e o lápis então nós escrevíamos.

Estagiária – Pode tirar outro papel (ele retirou um papel). Aqui está escrito o poema. Antigamente nas escolas aprendiam muitos poemas?

R - Não Jéssica, naquele tempo não aprendia-mos poemas. Aprendíamos a fazer redações, problemas, nós íamos ao quadro resolver os problemas. A professora ditava o problema e nós o tínhamos que o fazer, outras vezes havia mesmo cadernos com problemas. O professor ditava o problema e nós tínhamos que escrever no quadro. Nisso até eu era jeitoso, até tinha uma certa vocação para as contas. Para isso e para geografia.

Estagiária -A professora era sempre a mesma?

R - Sim, era.

Estagiária – E o seu colega do lado era sempre o mesmo?

R - Sim, geralmente era o mesmo. Aquilo eram turmas e não havia preocupação de serem 20 ou 25. Se na aldeia havia 40 alunos, depois a professora via a reação dos alunos e se tem aspeto de se comportarem bem ficava ao pé deste... Se este era um reguila ia

para o pé de um reguila. Às vezes se castigavam quando não se comportavam bem. Era geralmente assim. Lá era a tal coisa, também tinha raparigas na escola e na comunidade...

Estagiária – Pode tirar outro papel (ele retirou o papel). Este é mais difícil... Se lembra de alguma música que desse na escola?

R - Não, não Jéssica. Nós a música só quem tinha rádio, e não eram todas as pessoas da aldeia, pois eram só as pessoas que viviam melhor. Por exemplo, nos estabelecimentos que agora chamam cafés e antes era taberna é que tinham telefonia, os homens saiam de casa para ouvir as notícias à taberna. E nós se queríamos ouvir música naquele tempo era assim.

Estagiária – Então não aprendiam nenhuma na escola?

R - Não...Só aprendi muita coisa quando fui para Lisboa. Havia muita coisa que não sabia...um gelado, então “quer um gelado?”, eu não sabia o que era um gelado, só quando fui trabalhar para pasteleiro é que fui aprendendo.

Estagiária – Pode tirar outro (ele retirou o papel). Como é que ia para a escola? Ia a pé?

R - A pé e descalço e sem sapatos.

Estagiária – Pode tirar outro?

R - Depois cheguei a tirar a escola com uma pessoa que dava explicações, mas eu andava 3 quilómetros a pé só para lá chegar. Na malinha era um saco...

Estagiária – Saco de plástico?

R - Naquele tempo não havia plástico...era um saco com aquele tecido da saca das batatas ou saco de trigo ou de comer de animais. Eram malas feitas disso, com duas assas... Não eram mochilas. Nem sabia o que era uma mochila.

Estagiária – Pode retirar outro? (ele retirou o papel). E quando queriam falar todos ao mesmo tempo?

R - Isso não podiam... “o que quiser falar que levante o dedo e quando eu der ordem é que falam”, podiam estar lá à frente, mas o que levantava a mão primeiro é que falava.

Estagiária – Havia ordem...

R - Havia ordem, primeiro a professora estava atenta... “professora eu levantei primeiro!”, “cala a boca porque eu estou aqui e vi quem levantou primeiro”. Ela via, “vá diz lá o que tu queres”.

Estagiária – Pode tirar outro (ele retirou o papel). É uma professora. Gostava da sua professora?

R - Sim. Sempre uma pessoa que sempre estimei. E é curioso que essa senhora o marido tinha propriedades e negócios. E então ele vivia bem já naquele tempo. Então vendiam lenha, aves que abatiam. E depois iam homens cortar a lenha e a ajudar a queimar

e nós depois, por exemplo aos sábados e aos domingos lá se preparava para ir ajudar a acartar aquela lenha já destroçada. Depois eles tinham aquela lenha a mais à mão que possível. E nós alunos quando acabava as aulas ao sábado e ao domingo iam lá a ajudar e os meus pais sabiam e ela dizia “olhem lá, digam aos vossos pais...”, não via nenhum pai a dizer que não. De forma geral quase todos deixavam. Além das reguadas nós levávamos...

Estagiária – levou muitas reguadas?

R - Ainda levei algumas e com a rebeldia própria da idade. Levei algumas e a vara. Podia estar sentada, mas a vara chegava lá. Nunca fui para ao hospital...

Estagiária – Vamos tirar um papel (ele retirou). Usava bata ou algo específico ou qualquer uma?

R - Podia ser qualquer uma. Mas quem podia levavam uma bata. Nós ao principio levávamos uma batazinha, mas depois já não.

Estagiária - Tire outro papel.

R - Uma caixa dos lápis. Nós tínhamos uma para pôr os lápis, mas não era uma caixa.

Estagiária – E era de Madeira.

R - Sim, era de madeira. Era assim ao comprido e tal e era assim a nossa caixinha. Tirávamos uma...

Estagiária – Tinha uma ardósia?

R - Sim tinha. Todos eram obrigados a ter.

Estagiária – Quem é que comprava?

R - Os nossos pais. Tinha um quadro na parede que era ardósia, mas era da escola.

Estagiária - Naquele tempo copiavam ou faziam cábulas?

R - Não faziam cábulas, mas quando havia um aluno que sabia mais que outro tentava copiar, mas a professora “oh amigo, andas a copiar?”

Mas nós quando apanhávamos a professora a dar aula no quadro e se ela virasse o olho nós copiávamos.

Estagiária - Na sua sala tinha isto?

R - Tinha isto...O Salazar, a cruz e o Presidente da Republica, que era Óscar de Carmona.

Estagiária - No seu tempo era obrigatório rezar?

R - Nós rezávamos a Ave-maria.

Estagiária - E o Hino?

R - Isso sim. Tínhamos que cantar o hino. A rezar era uma Ave-maria, porque depois tínhamos a catequese. O meu padrinho do crisma era o sacristão da igreja e de início de vez

enquanto rezávamos. Quem sabe, sabe...Mas era um por um a rezar a Ave-maria, a confissão, o pai nosso.

Estagiária - Levavam lancheira?

R - Não levávamos lancheira.

Estagiária - Na sua escola havia livros parecidos a este?

R - Havia livros parecidos...Igualzinhos! Igual a este.

Estagiária - Com a mocidade portuguesa?

R - Com a mocidade portuguesa e a bandeira portuguesa. Isso não podia falhar!

Estagiária - Toda a história de Portugal...

R - Pois, eu também gostava muito de história. Eles nos transmitiam os valores.

Estagiária – Muito obrigada.

GRUPO 4 – Grupo utentes que não frequentaram a escola

Estagiária - Como sabem, na semana passada andei a perguntar a sondar as pessoas para ver se andaram na escola ou não. Aqui os três não andaram na escola, por isso reuni com vocês em privado...

A – Andei sim senhora, 35 anos.

F – A trabalhar na escola...

A – Agora a aprender a ler e a escrever, não. Passava à porta da escola todos os dias, duas vezes por dia, com um rebanho de cabras. Havia um doutor que era o Dr. Branco que tinha uma amante ali ao pé da Guarda Nacional Republicana e então quando ia falar com o meu pai, porque era um senhor muito popular e amigo, chamava “oh António Pedro venha cá, meta a cachopinha na escola”. E o meu pai respondia para ele “Oh senhor, todo o homem que mete um filho na escola precisava de levar com um tiro na cabeça”. Portanto 11 filhos e nenhum foi à escola, mas só quem não sabe ler sou eu, mas não posso dizer o que a Doutora disse ali, eu não posso dizer que não sei ler. Tenho a covalência da 4ª classe, sei fazer o meu nome, sei conhecer as letras, vejo preço de tudo, sei ver uma conta no papel. A Doutora diz que não sei ler. Agora não assino o meu nome porque foi diagnosticado uma doença de tremer e há dias que tenho dificuldades em levar o comer para a boca e então chegaram à conclusão de me retirarem o bilhete de identidade e de me porem no cartão de cidadão que não posso assinar e não é não sabe assinar. Fui empregada do estado 30 e tal anos e eu tinha que assinar os meus recibos de vencimento, os ordenados, como no tribunal, como na escola eu tinha que assinar.

Mas nunca fui a uma escola senão para trabalhar.

Estagiária – Onde aprendeu a fazer contas, os números?

A – Não faço contas com o lápis. Faço contas de cabeça. Se a menina apresentar-me uma conta eu vou puxando até chegar a conta que está lá. Ora vamos lá, como é que eu aprendi... Como aprendi a fazer tudo. Não foi ninguém que me ensinasse a fazer nada, ensinaram-me só a guardar cabras e depois quando cresci fui crescendo...

N – Também é preciso saber.

A – Exatamente. Quando cresci tomamos o nosso rumo e eu tomei o meu rumo a servi. E eu digo, acredito muito em deus porque eu talvez seja uma das pessoas ou muito condenadas por deus ou socorrida/ abençoada por deus. Porque tudo o quanto eu devia aprendi com deus...Eu tive muitos ofícios. Guardei cabras, trabalhei no campo, fui servir, trabalhei numa fábrica de tijolo, trabalhei numa tesouraria, não percebia nada de costura, mas fui para lá para dobradeira de camisas, era a produção, mas nunca fiquei mal, trabalhei adias, e tive a vida de casado. E depois arranjam-me para ir trabalhar para a escola, trabalhei no tribunal 9 anos de noite, porque no tribunal não se trabalhava de dia, agora eu não sei, mas também não trabalhava pessoas que soubessem ler, agora já trabalham, mas no meu tempo não, porquê? Para não lerem os processos e não divulgarem cá para fora. Agora não sei se é assim ou se não. E depois empreguei-na na escola ao mesmo tempo, empreguei uma amiga minha que me meteu na cozinha como lavar pratos, como ajuntada. Depois essa minha vizinha saiu e foi transferida lá para baixo, para Vales de Estacas. Ao fim fiquei eu como cozinheira e depois um dia tínhamos lá uma coordenadora que era mulher do Guerra da Silva que era professor e era muito amigo do Ramalho Eanes que era presidente da república, então eles vinham quase todas as semanas para a Moçarria ou para o Rossio, ou não sei para a onde...eram caçadas, almoçadas e coisas assim... Eu como gostava muito daquele senhor e a senhora gostava muito de mim, então falaram em mim a uma pessoa eu lá tinha...falaram de outras pessoas, mas foi de mim que mais falaram e então passados 8 dias recebi uma carta na minha casa para ir à secretária da Ministra da Educação a Lisboa. Eu já estava casada com o meu segundo marido, fomos lá, ele era funcionário da câmara, a senhora fez-me um inquérito, perguntou porquê que eu não tinha ido para a escola e eu contei-lhe tal igual como estou a contar-lhe agora a si e depois perguntou se eu tinha tentado numa escola e adultos e eu disse que tinha tentado, mas não tinha resultado porque saía do trabalho e chegava à casa e naquela altura estava casada com o meu ex-marido e levava muita tarefa, tinha os meus filhos e ele me tratava mal e eu nunca tinha cabeça para aprender a ler. Pronto, assim foi. Ao fim de 15 dias, nem tanto em que saiu uma lei em que os que tinham capacidade iam para uma escola adulta, os empregados da escola e não era só eu que lá estava. Quem tinha capacidade foi para uma escola adulta e quem não tinha capacidade, pelos mais tratos que eu levava para mim e

para milhares de pessoas que saíam naquela altura deram-me a covalência, o Ramalho Eanes deu-me a covalência da 4ª classe. Não posso dizer a ninguém que não tenho a 4ª classe.

Estagiária – Ou seja, deixe-me ver se percebi. Deram-lhe a 4ª classe, sem fazer nenhum exame, nem nada?

A – A covalência, não tenho a 4ª classe... Tenho a covalência da 4ª classe que ainda é mais que a 4ª classe. Ainda a tenho na minha casa.

Estagiária – Isso é o quê a covalência?

A – Acho que são pessoas com capacidade para fazer a 4ª classe, mas não tiveram possibilidades de a fazer para elas aprenderem. Porque o meu pai podia dizer, nem ninguém podia dizer que os filhos do meu pai tinham pouca capacidade para o fazer. Ele não meteu lá a gente e nós, dos meus irmãos é só eu e uma, essa foi à escola, mas foi a única, mas os outros todos aprendiam a ler na tropa. E foi assim. E então não podia estar na cozinha. Como não podia estar na cozinha, passei para contínua. Depois passei a Contínua de II, no mesmo dia, depois passei a Contínua principal, tudo no mesmo dia. No entanto por eu não perceber ler, não fiquei mal. Eu ia ara o Pbx, eu ia para os livros, eu ia tirar livros, eu ia pôr livros, eu não marcava as faltas, mas ponha no professor que faltou uma cruz e a colega que estava na arrumação dos livros, ela já sabia que a cruz era uma falta que aquele professor tinha que levar. Em 35 anos que lá estive nunca fui chamada a um conselho diretivo, fui chamada à secretaria para me perguntarem uma coisa errado, nunca fui chamada por uma falta, telefonavam-me de fora, tive no PBX, aí é que foi um grande avanço, mas não tenho orgulho nenhum disso, nem tenho vaidade disso, fiquei foi contente por fazer. Se era chamada da rua eu recebi-as, se era chamada de passar para a secretaria eu passava para a secretaria. Se era chamada para a sala dos professores eu passava para a sala dos professores. Se era para a biblioteca, eu passava para a biblioteca. Se era para a papelaria, eu passava para a papelaria. Perguntar-se como eu era capaz...se saía um trabalho de raparigas do 12º, iam lá raparigas com o 5º anos, 2º ano e às vezes era uma embaralhação...É que eu conhecia as letras, se era professor, eu ponha lá aquela letra do professor, se era secretaria eu ponha um "S", na outra eu ponha outro e eles aí ordenavam tudo....

Estagiária – Então ser funcionária foi o seu ofício principal...

A – Foi sim senhora. Saí e digo graças a deus, digo agora uma coisa assim, fica-me mal em eu dizer, talvez fique, mas eu sem pais praticamente, ter ou não ter era praticamente a mesma coisa, casei-me novinha com o maior malandro que andava aí em Santarém, não pude dizer ao contrário em que me fez passar uma situação que não esperava passar na

minha vida, não tive ninguém que me desse carinho, não tive ninguém que me desse um bocado de amor, não tive ninguém que me ensinasse a fazer nada, mas tenho orgulho na mulher que sou. E tenho orgulho na velha que sou. Consegui criar os meus filhos, sem vergonha nenhuma e casa-los e ainda hoje tenho um menino deficiente, como toda a gente sabe e eu e o meu filhinho viúvo e ainda consigo coordenar tudo. Se não sou boa? Não

Estagiária – Não diga isso...

A – Não sou... paciência. Encontrei esta casa e entrei de minha livre vontade à 12 anos, fiquei sem o meu marido do meu 2º casamento, que era a coisa melhor que apareceu na minha vida, amigo dos meus filhos, meu amigo, trabalhador honesto, ele com filhos, com um filho também deficiente, também era de Alfange. Ele com um filho também deficiente, uma menina com 10 anos par criar, éramos um casal, mas era só um. Muito feliz durante 26 anos. Depois ele foi embora e eu fiquei. Eu estava a endoidecer, eu estava a ficar parada, eu chorava, eu vinha à rua, eu vinha aqui, comecei a ir às excursões, mas era só aos fins-de-semana, na semana vinha a Santarém e passava a vida na cama, mas depois uma colega minha, que hoje está num lar, coitadinha, que me disse assim, olha porque não vais para tal sitio, assim, assim... só vinha uns bocadinhos na parte da tarde, vim por minha conta. Estou aqui porque quero, porque não tenho ninguém que me mande, ainda sou eu e o meu filho que me gere o dinheiro, o meu Rui. Não faço nada sem o meu Rui. Mas é porque eu quero e já não me sinto segura a fazer certas coisas. Mas estou aqui porque quero, porque gosto de estar e quando chegar ao dia de eu dizer assim “não gosto”, eu quero sair com o meu pé. Quando eu perder os meus filhos, faço o que eu quiser. O que eu devo aos meus filhos, se digo uma mentira, digo, mas é para ver qual é a reação deles. Digo-lhes sempre, se vocês deixarem entrar num lar, não é num centro de dia, mas se eu entrar num lar nunca mais me vão deixar ver, porque vocês não são dignos de me ir ver. Porque se eu criei, e não criei a mais velha como deve ser, mas foi eu que lhe tratei do casamento e ainda fui eu que tratei dos meus filhos e a ela quando o meu marido foi para o ultramar. E passei muita coisa por ela, e fiz tudo por ela e tenho uma netinha dela. Mas pronto, isso não interessa. Mas digo, se eu fosse para um lar vocês não vão ver-me, porque se vocês não são homens para tomar conta de mim porque são uns poucos, eu tive sozinha e tratei do vosso pai. Eu tratei-os, eu casei-os, dei-lhes educação, eu fiz tudo... e ainda hoje. Tomo conta do meu menino e saiu daqui e vou todos os dias à casa do meu filhinho que mora lá quase ao pé de mim e vou lá ver se o menino tem comer, se o menino tomou os medicamentos.

Ainda hoje me dera, há quatro anos, que me deram a tutela do meu menino deficiente, mas estas pessoas andam a dormir, as pessoas do tribunal. A darem a tutela a uma mulher

com 80 e tal anos de uma criança. Ele é um bebé, ele anda, mas é um bebe Temos que lhe dar comer, temos que lhe dar água, temos que ir ao médico, não diz se tem fome, não diz se tem sede...é um bebé.

Estagiária – O senhor não andou na escola, pois não?

N – Não senhora.

Estagiária – Então porquê?

N – A minha mãe teve 21 filhos e no fim o meu pai tinha um rebanho de cabras e um rebanho de ovelhas. Ele guardava as cabras e eu guardava as ovelhas. E no fim uma senhora perguntou-lhe se me deixava ir para a casa dela guardar as ovelhas. Isto depois de guardar as ovelhas do meu pai. Ele disse assim “deixo, mas como é o contrato? Então, agora é que você tem de me dizer”, o contrato é ganhar X por mês, mas ganhava pouco, mas o meu pai dizia “vai guardar as ovelhas porque sempre ganhas o comer, o vestir, o calçar e o dormir e sempre ganhas algum para ajudar a cuidar dos teus irmãos”. E eu todo contente... e foi assim a minha escola.

Estagiária – Então praticamente trocaram a escola pelo trabalho...e senhora que ainda vou conversar para saber se é a mesma coisa...

N – Pois é

Estagiária – Hoje em dia não sabe fazer contas ou ler?

N – Não sei fazer contas, não sei ler, porque contas só de cabeça. O meu pai, deus que lhe dê eterno descanso porque já faleceu, mas fazia uma conta de cabeça mais rápido que uma pessoa a lápis. Até ficavam admirados. Estive a trabalhar muitos anos mais ele e ao sábado o patrão pagava, ele pedia a conta, e quando ele já estava a terminar a conta o meu pai já tinha feito a conta de quando ele tinha que dar a ele do meu trabalho e do dele. Aí eu também não sabia ler, mas contas de cabeça ele era esperto.

Estagiária – E a senhora que está ali a ter um ataque de tosse, quer ir beber água?

F – De vez enquanto toca aqui uma coisa que ela está toda ativa...mas já posso falar

Estagiária – Então, vamos lá. Sei que já andou na escola mas...

F – Não andei na escola, mas eu sei ler. Nada escrito à mão porque aí é não percebo nada. Mas eu se calhasse agora eu tinha ido para a escola porque eu foi a última e as minhas irmãs e a minha mãe queria que eu fosse para a escola. Mas como eu andava na casa daquela senhora quando era mais cachopa, eu aprendi a fazer contas de dividir, somar, multiplica, problemas, eu era uma espada, agora já não sou tanto. E ela ensinava isso tudo e ler. Pronto...era a bordar a fazer rendas, bordar...

Quando eu tinha 8 anos ela incentivou as mães dos outros a pôr a gente na escola. E o meu pai não se importou, nem a minha mãe, nem as minhas irmãs. Mas eu não posso dizer

que não foram ele que não me deixaram ir. Depois eu estava lá, a professora era muito ruim e eu era muito boa a tudo, menos em ditados, pois cada palavra, cada erro. E a professora disse-me assim um dia, eu entrei para a 3ª classe já, mas ela “vais passar para trás, vais passar para a 2ª”, eu cheguei à casa e disse ao meu pai, nem a minha mãe que não queria ir mais à escola. A minha mãe “vai, vai para a escola” e eu “Não vou não, não vou para passar para trás outra vez”. Depois quis ouvir as palavras do meu pai e eu coitada disse aquilo, toda contente, mas o mal foi para mim, “ela não quer ir, não vai” e então nunca mais fui à escola...

Estagiária – Não se arrepende?

F – Às vezes eu me arrependo. Porque às vezes vou a qualquer lado, eu sei ler as coisas que lá estão, mas às vezes é preciso escrever alguma coisa aí me arrependo. O nome assino.

A – Se eu tinha casado com o primeiro marido e com um homem às direitas, eu e ele tínhamos feito uma grande casa. Ele era mais velho do que eu e estava com medo quando se acabou, ele era muito bonito, mas por dentro era muito feio e ninguém sabia.

Estagiária – Tinha perguntado se não se arrepende de não saber...

F – Eu disse que sim. Agora já não. Eu sempre me governei bem, eu ia a todo ao lado, eu era a mulher que cuidava dos meus filhos, porque o meu marido andava sempre fora, mas aos 11 anos comecei a trabalhar no campo, trabalhei no campo até casar, mas sempre fui uma dona de casa. Depois das minhas irmãs saírem todas de casa a minha mãe entregou-me tudo a mim, faz de conta que era a dona de casa, andava a trabalhar no campo com ela. Chegava casa eu é que fazia as coisas, eu é que governava a casa, ao domingo estava tudo aberto. Mas quando vinha a Santarém às compras, já deixava a roupa toda lavada e a minha mãe tinha 50 anos....Comecei a trabalhar de muito nova, depois casei-me aos 20 anos e depois deixei de trabalhar no campo. Depois arranji filhos, graças a deus pobre, mas conseguimos-nos governar muito bem e vivíamos muito bem um com o outro, não fazíamos nada um sem o outro, combinamos sempre as coisas muito bem. Criamos dois filhos e até o mais velhos ter mais de 9 anos nunca fui trabalhar para fora porque nunca deixei, quando esse tinha 9 anos, o outro tinha 4. Já ficavam muitas vezes um com o outro, depois é que comecei a trabalhar. Mas sempre quis estudar até querer naquela altura, o mais velho tirou o curso geral de eletricidade e o mais novo disse a ele quando ele acabou o curso dele e quisesse continuar, portanto para o liceu para continuar, mas ele já tinha 16 anos e queria dinheiro. Eu com o ordenado do meu marido e com o meu, não chegava...dava um dinheirinho, mas era pouquinho. Ele saiu do liceu para trabalhar e tinha boas notas. Nas férias do natal ele tinha boas notas e chegou-se ao pé de mim “mãe,

vou sair da escola”, “mas vais sair porquê se tens boas notas?”, “Oh mãe, vou trabalhar”. E pronto, começou a trabalhar, mas depois ainda tirou o curso de gestão no comércio, tirou o curso de escritório na indústria...começou sempre a trabalhar. E o outro foi a mesma coisa. Mas o outro é Doutor, já é e não é, ele está a tirar o mestrado de gestão de empresas.

Estagiária – E não acham que a escola vos fez falta?

F – Não.

Estagiária – Nem para a vossa educação?

F – Nem para a minha educação, nem para a educação dos meus filhos. Eles andavam na escola, eu fazia os ditados, eu sabia fazer as cópias...

Estagiária – Então não acha que a escola fez falta?

N – fez falta ao fim de 15 meses. Queria ler e não sabia ler...fez-me falta. E eu fui para o estrangeiro fazer o meu ofício, mas não sabia fazê-lo e lá e tive que aprender, não sabia falar francês e tive um patrão graças a deus muito bom e viu que eu tinha força de vontade e ensinou-me tudo o que sabia...e a respeito disso de não saber ler no meu trabalho não era necessário porque eu trabalhava nas obras.

A – É isso que eu quero frisar à Jéssica é uma coisa assim, é muito bonito a gente saber ler, é muito bonito a gente abrir um livro ou um jornal e saber o que lá está, mas digo uma coisa, hoje ninguém está a preparar os seus filhos para entrar na escola, nem para lidar como a gente lida. Eu para lidar com os filhos, se calhar como este senhor lidou com os dele, bem como esta senhora lidou com os dela, que eu hoje vejo nos meus netos e também vejo isso um bocado nos meus filhos estão a dar uma criação mais ou menos à mãe, mas é a liberdade que dão sobre as crianças que fazem vergonhas, estão nas aulas mesmo com as professoras “eu não quero saber disto, eu não quero saber aquilo”, porque hoje é feio uma professora dar uma reguada a uma criança porque vão logo as mães e saltam por cima das professoras porque puxaram uma orelha a uma criança...não! Um estalo não mata ninguém, um castigo não mata ninguém e dá uma disciplina. Hoje a gente vê aí pais e crianças na rua, nos supermercados e a passear por aí na rua e fazem vergonhas que os nossos pais não admitiam que a gente fizesse. Onde é que está a formação e a criação desta juventude, já lhe digo, dos 50 para trás para agora, onde está? Quando chegar aos 20, 30 40 anos ou mais o que serão dessas pessoas? O que será dos filhos dessas pessoas? O que são?

Se me disserem assim, eu tenho na minha família...eu criei um neto de uma filha minha desde a idade que ele nasceu, até a idade que ele casou. Eu já fui casada com o meu segundo marido, e ninguém me ouve dizer que o primeiro é meu marido, é meu prisioneiro.

Com 20 a 30 anos de casamento foi estar fechada num presídio às regras de um criminoso porque era o que ele era, pronto, mas isso fica de parte.

No entanto criei esse neto com todas as condições, com tudo o que era, com tudo o que não era, tudo muito bem...casou-se com uma rapariga e foi morar para Lisboa, montaram-lhe a casinha, ficou arranjadinha...tive 19 anos sem o ver, sem saber que ele tinha filhos, ainda hoje não conheço os filhos dele e no entanto ele teve na minha casa à uns quatro anos, trabalhava, era trabalhador, caçou-me um cartão, mas não era de multibanco de todos os dias, era um cartão de crédito, se acaso eu precisasse e tivesse uma aflição e precisasse para alguma coisa eu podia tirar o valor que precisasse para depois ir pagando de pouco a pouco...ele todo o dinheiro que tinha na caixa, repare, ele levantou-me tudo. Foram cerca de 2 mil e tal euros. Quando eu fui dar por isso no Natal, faz agora anos no Natal, a gente não sabia dele e eu disse ao meu Rui, “ainda está X no banco e vamos lá busca-lo para passar a ano novo, como passamos o natal”, eu ainda estava a morar ali ao pé da escola industrial. Quando eu fui lá já ele devia 200 euros à caixa, ora eu criei-o como criei os outros. Mais, depois ele saiu do pé de mim e foi para Lisboa, não era droga, nem roubava ninguém, roubava aos pais, roubava-me a mim para fazer-se de grande quando recebia o ordenado vamos lá, ia para aquelas casas pagar aos amigos belos almoços, belos jantares, belos whiskeys, depois o dinheiro não chegava e ele tirava a gente...

Também tenho bom e também tenho mau, tenho sim senhor e coisas que esta gente não passa pela cabeça que aqueles meninos que a gente estima e que a gente criava não iam fazer o que fez. Por isso é que há muita gente que me quer mal por eu dizer assim, mas Deus está lá em cima e sabe que não fiz isto por mal, mas porque eu gosto dela à mesma. Dizer assim, antes quero este meu neto...o meu Rui tem dois filhos, um valia deus já o ter levado, certo e a criação dele foi acompanhada por mim e foi igual aquele, mas já não foi igual a que eu dei ao pai, porque o que o menino quer, o menino faz, o menino quer, a gente dá, o menino quer, está aqui. Eu digo, antes quero ter um irmão como tenho, que Deus é que sabe que destino é que há-de dar, quer outro. Porque o outro era o ladrão do pai, era e é. O meu filho não é senhor de não ter nada em casa e deu a criação dele, ele chega ao pai e o pai dá dinheiro. Ele é trabalhador, sabe trabalhar... à cerca de dois anos, nem sei se foi dois anos em que ele tem a casa do pai, pagou uma espingarda ao pai...está a compreender. Dois mil e tal euros, mas uma espingarda boa de caçador.

E um outra vez o pai vai dar com ela a estragar a fechadora onde o pai tinha o dinheiro guardado. E a saber que o irmão não trabalha, e a saber que o irmão é um inválido que está ali, e a saber que a mãe naquela altura estava pra morrer e que tinha um cancro e já não tinha salvação. E eu andei com a mãe que não me era nada 5 anos e estive nesta casa,

saia daqui e ia para Coimbra para os tratamentos e ia para todo o lado e o meu filho nunca me pagou, nem a ele, nem a mulher, nem ao filho. Tenho dito e não sou e acho bem toda a gente saber, acho bem toda a gente formada muito, mas tem de haver muita disciplina senão a gente, já não será do meu tempo, já não será do tempo da menina, já não será do tempo daquele senhor, nem desta, mas chegamos a um ponto que somos animais se eles dão a liberdade que eles levam não se respeita ninguém. E já hoje a menina sabe para ver que não é mentira, um filho pede à mãe e a mãe não dá mata-a. O filho pede a avó e a avó não dá mata-a. Em que mundo a gente está, porquê? Por causa da liberdade? Por eles não quererem trabalhar e também de não haver.

F – bem que agora há mais liberdade que a gente...

A – Há mais liberdade sem dúvida nenhuma, mas uma liberdade saudável, uma liberdade em que tudo se respeitasse uns e aos outros, a gente se perdoa...tenho a certeza que você já ouviu muita vez e não há ninguém que não oiça, passa três, quatro ou cinco raparigas junto...é alho, cebolas e não há respeito por ninguém.

N – Pois é verdade.

A – Deveria haver um bocadinho de liberdade sim, mas educada...

F – E podia-se fazer tudo à mesma.

N – Antigamente era outra criação...agente quando ia para casa jantar íamos todos para a lareira, todos sentados à volta da fogueira e a minha mãe ensinava a gente a rezar. Aquele que se risse, por exemplo, você se dissesse uma palavra mal dita, agarravam no canudo de assoprar o lume levava com ela na cabeça.

A – Não era preciso tanto porque isso também era demais, está a compreender? Não era preciso tanto. Acho que era um bocadinho de disciplina.

O meu pai também era daquele tempo. O meu pai...eu não queria chorar.

N – O meu pai não era ruim de bater...

A – Pois aí está, também tive um pai e uma mãe em eu me queria de lembrar o dia em que o meu pai me deu um beijo e qual foi o dia que o meu pai me chamasse de filha e o dia em que a minha mãe fez a mesma coisa. Não me faltava comer, não faltava asseio, não nos faltava nada. Faltou sim, amor, carinho, porquê? Porque eles também não tiveram para dar. Porque o meu pai em Casével foi um homem muito rico, os pais deixaram de ter gado bravo, ele mais os irmãos derreteram tudo. O meu pai era casado quando casado quando casou com a minha mãe já tinha 5 filhos, a minha mais nova tinha 18 meses e a minha mãe é que foi criar essa menina...olhe que o meu pai era tão calão que até para comer ele se deitava. E assim se estragou uma fortuna que não morreu porque a gente lhe deitamos as mãos, eu e os meus irmãos. Sabe qual foi a revolta dos filhos, não os meus, os filhos deixarem os

pais para o lar? Porque o meu pai esteve separado da minha mãe 19 anos e quando ele começou, ele era mais velho que a minha mãe 20 anos, era 20 anos e quando o meu pai começou, morreu com 90 e tal anos e por culpa dele, a gente arranjou uma maneira de a minha mãe ir tomar conta do meu pai, os cinco irmão arranjaram uma casa e levaram para lá a minha mãe viver com o meu pai. Mas o meu pai era um homem muito teimoso e a minha mãe já não era nova, já estávamos todos casados e todos arrumados, ele era muito teimoso, a minha mãe estava no tanque a lavar a roupa e ele mete um banco que se chama de mocho debaixo do braço para ir para o sol, e a minha mãe disse “oh António deixa-te estar ai que eu já te vou pôr ao sol, deixa-me estender estas peças de roupa”, Mas tinha que ser como ele queria, o destino estava puxado para ali, foi o tropeçou na entrada da porta e caiu, partiu a perna...naquele tempo não há os recursos que há hoje...não tinha cura e ao fim de 8 dias morreu.

Mas a minha mãe não ficou abandonada. Não havia abonos, nem havia reformas, nem a casa do povo ainda havia...

N – Não havia nada...

A – Pois, não havia nada. Eu já era empregada na escola, e o que a gente combinou? Cada uma todos os meses, os 6...a minha mãe pagava a renda da escola, era 50 escudos e todos os meses a gente ia levar á minha irmã 50 escudos para a minha mãe comer e para os remédios da minha mãe. Digo-lhe uma coisa, mas digo-lhe do fundo do coração, muitas vezes pedia os 50 escudos emprestados para a minha mãe, muitas eu pedia esses 50 escudos emprestados, mas cumpri. E é isso que digo aos meus filhos, hoje não estudaram mais porque não quiseram, têm os seus empregos quiseram, estudaram até crer, casaram, tiveram os netos os netos que quiseram e agora não têm um buraco para meter a mãe!? Não aceito...

F – Bem, agora não me importa de não ir para casa dos meus filhos porque eles são dois e uma ofendeu-me muito ao que eu fez e que nem a minha mãe me fez o que eu lhe fiz e no fim de eu já morar aqui em cima, o meu filho arranjou uma casa ao pé da Quinta do Mocho e é um resto chão e é uma casa muito grande e perguntou se a gente queria ir viver para lá com ele e ele levou lá a gente e o meu marido gostou daquilo por ser resto chão e na rua tinha um quintal grande...mas já por minha vontade porque eu já conhecia o feitio dela e ela já tinha feito uma partida e eu nunca lhe pus a mão e eu a andar a trabalhar na casa de um casal de médicos, tinham uma filha da idade dela, da filha mais velha, andava sempre com ela a trás e depois de estar lá ela arranjou um enredo por causa de um saleiro que era meu e o saleiro partiu-se no ar. Eu agarrei no saleiro e fui para o caixote do lixo que a gente o tinha posto à porta...mas o saleiro caiu-me da mão e caiu-me no chão e fez muito barulho

e dei um pontapé...agarrei no saleiro e pus no lixo e depois ela chega-se ao pé de mim..."você se quiser bater, bata-me a mim em vez de estar a bater no saleiro", quando chegou o meu filho encheu-me os ouvidos e a mulher foi para o pé de mim e disse-me "oh mãe o que é que se passou?" e eu disse-lhe o que é que foi, mas ela desmentiu tudo e eu naquela altura tive Deus para mim e ainda fui direito a ela, mas não valia a pena. Agente faz o que uma pessoa faz e chegar ao pé da gente sem culpa nenhuma e o que eu queria era ajudá-la, fazia as coisas todas, fiz sempre tudo ela disse para mim "você quis vir para cá para eu ser sua criada". Eu ia direto a ela, mas tive uma mão que foi deus, não faças isso porque é isso que ela quer.

N – Ah pois.

F – Mas depois voltei para trás e foi logo telefonar para a dona da casa onde eu tinha estado e disse logo a ela "você já vendeu a casa?", "não", "então não arrende", logo no dia a seguir foi-me embora...

A – Eu a isso não tenho, até as minhas noras são melhores para mim. A minha Maria que este senhor sabe é uma rapariga que não convive muito comigo, mas foi criada comigo, mas eu criei-lhe os filhos, ela me pediu licença para casar, eu casei-a e depois no fim o marido foi para a Angola e eu ainda tive que tratar daquela gente toda, mas depois houve uma coisa entre as cunhadas, ela mais a ex cunhada onde ela fez uma jura que eu enquanto fosse viva ela não me falava, mas também eu não precisava...que não me falava e nunca mais me falou e já vai a 20 e tal anos. Porquê que é assim....eu sou doente, mas manda a filha à casa saber de mim, está muito tempo sem me ver, manda a filha, a minha Celinha à casa saber de mim...é os anos eu mando, é a páscoa e mando, ela é que recebe de tudo o que eu mando. De antes era fugia quando me via, agora não, passamos de lado a lado, não fala, não fala. Mas o que se há-de fazer, é uma jura, é uma jura.

A minha nora que morreu era muito boa para mim, era uma rapariga que a doença tomou conta dela, era uma doença genética. Todos os dias ela vinha comigo, todos os dias ela vínhamos saber de mim. Se precisava de dinheiro, se precisava de comer, se queria almoçar com ela, se queria ir jantar com ela, se eu queria beber um cafezinho...todos os dias. Às vezes ao brincar com ela e dizia assim "precisa de dinheiro e vem cá todos os dias" e ela dizia assim "o Rui vai levantar à Caixa", "E se ele lá não tiver!", "Ele tem de poder é a obrigação dele porque é o seu filho", foi sempre até morrer...foi sempre até a horazinha de morrer que eu tive com ela até à véspera dela morrer, foi com ela na véspera de morrer ao médico dentro de uma ambulância e ela pediu-me uns sapatos novos para ir à Fátima e eu levei ao hospital uns sapatos novos para ela ir a Fátima, mas já sabia o que ela queria e eu

já sabia que el não passava dali e tinha vindo do médico e ela não estava bem, fui às 17h com ela e no fim às 6h da manhã recebo a notícia que ela tinha morrido.

A minha lá de cima da Viana do Castelo não é rapariga de miminhos, mas é o que é, é e o que não é, não é. Tenho lá um quarto mobilado quando eles compraram a casa o meu marido era vivo e quando ele comprou a casa disse logo para o meu Victor “Oh Victor, comprei a casa com um quarto à mais, agora para a mobilar, mobília tu”, a gente lá naquele tempo que nós tivemos amontoa-mos o quarto, o quarto está todo mobilado e ele disse que aquele quarto não era alugado para ninguém. A cachopa ainda está ao serviço, é enfermeira no Hospital de Viena, tem a mãe acamada na aldeia na casinha dela porque ela não quer sair de lá então vai lá uma senhora todos os dias e está uma cunhada a tratar dela. Vou agora eu daqui para lá? Não.

F – Também não vou para a casa deste ou para a casa do outro ou ia para a casa dos dois.

A –Tenho a minha filha. A minha Teresa quer-me, mas eu quero estar aqui. Agora a teresa é a mais nova, porque o mais novo morreu. A Carmete, a mulher do meu filho adora-me, mas meteu-se a morte do meu filho e eu culpo a morte do meu filho a ela. Gosto muito dela, mas não a quero falar enquanto eu for viva. Eu perdi o meu filhinho por causa dela...eles não tiveram coragem de se deixarem um do outro, ela tinha amizade a outro e o meu filho não sabia e quando soube matou-se. Mal pensava eu perder o meu filhinho que eu adorava, assim como adora tantos por causa disso. Mas é uma mulher desposta a tudo por mim. Está a compreender...

A minha filha, eu não disse que a minha filha não era capaz de cuidar de mim. Tem uma bela casa...mas a minha filha é uma interesseira. A minha é muito interesseira, se eu dou cinco euros ao meu Rui e se ela sabe “Pois, o menino teve que mamar cinco euros e eu nada”, se eu faço um café ao meu irmão, “pois, ele é que mama tudo”...Os feitios já são diferentes, mas ela dá-se muito bem com o irmão. Ao sábado e ao domingo nós estamos sempre juntos, almoçamos todos juntos, fazemos o comer, vamos almoçar fora, se ela não trabalhar ao sábado é na casa do meu Rui eu nós estamos ao sábado e ao domingo. Combinamos tudo muito bem. Mas se ela souber por exemplo que ficou um prato ou um tacho de comer na casa do Rui e que não foi dividido para ela “agora chego à casa e não tenho comer feito” e agora isto e agora aquilo, lá tenho eu que arranjar uma caixa para dividir o comer porque ela podia pensar assim, “tenho mãos para fazer o comer e o Rui não tem ninguém que o faça, tem o menino na maneira que tem, acho bem que ele fique com o comer”. O medo que eu tenho em ir para a casa dessa minha filha é que ela veio a uma reunião e pôs umas condições que eu não aceito... É deixar a minha casa, que não é

minha, mas enquanto eu estiver viva é e é onde estou e tiraram-me a chave daquela casa para eu nunca mais lá ir e na casa dela só ia sair aos sábados e aos domingos e depois tirava-me a chave de casa para eu não andar aqui nas aldeias. E eu não aceitei.

Mas é muito má, quer para a mãe, para o marido, para os filhos, é para tudo...Eu disse que foi a única que nasceu com o feitio do pai. O pai dos meus filhos era um homem mau...batia às irmãs, batia à mãe, ele batia-me a mim. Ele chegava a ir ao saco de comer do meu Rui tirar-lhe a fruta e tirar-lhe a carne...depois quando ele chegava, “oh mãe te esqueceste de pôr fruta”, era quando ele encontrava o saco aviado e o que tinha lá tirava para o filho não comer.

F – Se estou aqui e agora é por causa do meu filho...ele não me meteu cá. Ele é que viu que eu não saia de casa, já tinha

A – Este é que me disse “Vê lá o que fazes! Não estejas aí fazer tonteiras!”...Às vezes eu lhe digo que vou sair daqui, “Se sair daqui é por causa do meu neto”.

F – Cá é que ele me via, eu não saia de casa.

A – Ele ainda a bocado ligou-me e disse “vê lá o que fazes! Não estejas aí fazer tonteiras! Ele tem medo que saia daqui. O meu neto esteve no Hospital a morrer e vir a acontecer o mesmo ao menino. O tribunal atribuiu-me a tutela a mim e não há dia que não diga que vou sair daqui o lar.

F – O meu ordenado não dá para tudo, “Já passaste fome?”, “um pouco”, diz ele na brincadeira. A minha nora e a minha neta vieram cá me buscar para ir comigo ao modelo porque eu precisava de ir às compras, mas há coisas que a gente não pode, como o detergente da roupa. Ela tem um trabalho e depois do trabalho vieram cá buscar. Depois fomos lá em baixo, mas primeiro fomos tomar um lanche e depois é que fomos às compras.

A – O que eu digo é assim, se o estado não me tirar o que eu tenho, o que recebo todos os meses, dinheiro junto eu não tenho. Acabei...já tive tanto que deitei fora.

F – Estava-se a estragar todo que teve de esconder...

A – Verdade, portanto foi chegar lá e fazer assim e ficou todo derretido nas minhas palmas das mãos e nunca mais vi o meu dinheiro. O dinheiro é para o dia-a-dia...

Pela minha morte o estado dá metade pelo meu funeral...

Tenho uma coisa boa que o meu Rui tem, só pude fazer aquela despesa quando viesse o subsídio de férias...O meu Rui recebeu o subsídio de férias no mês passado porque é da EDP, meteu 200 euros num envelope e veio trazer um envelope na mão da Doutora para pagar a viagem porque quer que eu vá e eu no dia a seguir telefonei a dizer que não ia, mas depois com o medo que eu não vá...

Ele não sabe, mas eu tenho uma conta em nome do menino e em meu nome, mas é assim, na minha morte se não precisar de mexer nesse dinheiro, é para o meu neto. É assim que ela está. Todos os meses lá vou eu aquela continha. Se for preciso enquanto eu sou viva vou levantá-la para mim. Não é preciso aquele dinheiro seja pouco, seja muito, esse fica com o meu dinheiro.

ANEXO IV – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º3

TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.3 – CARREIRA PROFISSIONAL

GRUPO 1

ATIVIDADE

F – Veste uma bata branca, umas sapatilhas, usa uma agulha.

Estagiária – com quem ele lida?

A – Com pessoas que tenham umas dores nas costas, que tenha uma dor na perna, que seja preciso pôr um penso aqui, um penso acolá, que tenha um calo que seja tratado.

Estagiária – Já sabe o que é?

N – Um calo eu sei o que é...

Estagiária – E qual é a profissão? Qual é a profissão que Veste uma bata branca, umas sapatilhas, usa uma agulha.

F – Qual é a profissão que está escrita no papel. Nós estamos a dar indicações.

N – Então a profissão...a minha é pedreiro.

A – Mas não tem a ver com a sua...

Estagiária – Qual é a profissão que está aqui escrita no papel? Nós estamos a dar pistas sobre o que está aqui escrito. Então o que está aqui escrito usa calças brancas, sapatilhas brancas, usa uma agulha, adesivo, algodão...

N – Um dedal também.

F – Não.

Estagiária – Não, Não.

A – Algodão, pode ter uma dor.

N – Pode ser o mercúrio.

Estagiária – Exato.

N – Ou um Beta dine.

F – Qual é a profissão?

Estagiária – O que está aqui escrito?

N – Sei lá qual é a profissão.

Estagiária – Quem é que usa o mercúrio, o beta dine?

A – Quem usa essas coisas todas?

N – As enfermeiras.

ATIVIDADE

“Estagiária – Já sabe?

E – Já.

Estagiária – Quem me dizer ao ouvido?

E – Sim...

Estagiária – Não... Não sabe?

E – Não.

Estagiária – Próximo...

C – Peixe.

Estagiária – Boa.

A – Pode ser um parecido?

Estagiária – Não vale.

A – Uma rede.

D – Já disseram Cana de Pesca?

Estagiária – Não...

D – Então Cana de Pesca.

Estagiária – Já sabe o que está aqui escrito? Não levante...

D – O que são estas coisas que agente disse.

Estagiária – O que foi dito? Cana de Pesca, rede, peixes...

A – Anzol...

Estagiária – Qual é a profissão?

D – Então qual é a profissão desta coisas?

G – Pesca.

D – E qual é a profissão?

G – Pescador!

Todos – Boa!

Estagiária – Querem continuar?

D – Também já está quase na hora, já chega.”

DIÁLOGO

GRUPO 1

Estagiária – Então trabalha numa casa...

F – Primeiro trabalhei na casa da Dr.^a Graça, depois saí do trabalho por causa da minha mãe porque ela adoeceu e estava na cama e a gente por todos é que a trataram, mas tenho uma santa de um irmã...

Estagiária – Essa história já sei...

F – depois deixei de trabalhar para aquela casa...

Estagiária – Nunca mais trabalhou?

F – Depois logo que a minha mãe morreu fui no outro mês fui trabalhar para a casa da Dr.^a Teresa Pinto Correia. A Dr.^a Teresa é ginecologista . Criei-lhe duas filhas e era a dona da casa, eles é que eram os donos, mas quem fazia tudo e quem terminava tudo...todas as vezes era eu que pagava, não era porque eles não me pagassem...eles nunca sabiam o que iam comer ao almoço, nem ao jantar, sempre que perguntava eles falavam às avessas e eu já estava cansada “oh senhor Dr. O que querem hoje para o almoço?”, “Estou agora a tomar o pequeno-almoço”.

Estagiária – Pois, ainda não comeram e já está a perguntar o que querem.

F – Fui sempre dona de casa, depois fui tremendo e não fui. Saí antes de estar reformada...olhe faz agora no dia 23 do mês que vem que eu fui operada à vesícula, fui nessa altura que saí e tinha dito a ela para arranjar outra enquanto dava tempo. Mas eu saí não fui zangada...

Estagiária – Foi por motivos de doença...

F – Fui da doença e depois passava a roupa e eu comecei a ter falta de vista, eram os diabetes na vista...fiz muitos lazer e tenho a minha vista toda queimada e eu disse a ela para ela arranjar outra porque aquilo era uma casa de muita responsabilidade. Eu é que fazia os pagamentos todos, eu é que fazia tudo e só apresentava a conta...

Estagiária – É como se fosse uma governanta?

F – Era. Ela é que depois quando ela já tinha outra e eu ainda lá estive uns meses para ensinar a outra porque ela pedia “Ensine-me bem o bacalhau com natas. Era uma coisa que ela adorava quando era feito por mim. Porque eu nunca o fazia como estava na receita, porque na receita o creme era só posto por cima, mas eu misturava o creme todo e aquilo ficava todo...é um bacalhau com natas, mas pode ser feito de muitas maneiras...

Estagiária – E gostava do que fazia?

F – Eu sempre não gostei muito de fazer certas comidas. Eu gostei muito de ser dona de casa...

A – Peço desculpa de interromper a conversa. Eu tenho 81 anos e até a idade que tenho hoje ainda não fiz nada daquilo que gostasse de ser feito...

Estagiária – O que gostava de ser?

A – Atriz, era cantora...

F – E eu poderia ter sido uma grande cozinheira e ter um curso mesmo de cozinheira, porque eu tinha uma tia, era a mãe e a filha que eram cozinheiras profissionais

A – Se eu dizer muita vez à menina, agora já não...mas quando era mais nova, mesmo a chorar, mesmo com o corpo cheio de tareia, toda negra e com uma dor de cabeça, sem ninguém ver eu cantava...que tinha um sonho, um sonho enorme e eu gostava de ter

entrado naqueles camarins, naqueles palcos e ver aquilo tudo. Tudo é com gosto e com vontade de fazer e com vontade de aprender, mas gosto de fazer aquilo que eu gostava, não, não tenho...

F – Eu por acaso fiz e foi realizada...gostava de ser cozinheira, não fui e não tenho curso de cozinheira. Quando eu fiz e a Dr.^a Teresa queria-me pagar e eu disse “Não Dr.^a, agora não vale a pena”, e tinha uma tia que poderia ter trabalhado com ela porque ela queria que eu trabalhasse com ela. Mas sempre adorei fazer comida. Depois esta minha neta nasceu e eu cuidei sempre dos outros e disse-lhe a ela que ia sair e ficava com a menina até ela entrar no infantário, porque chega a uma certa altura as crianças precisam de estar no infantário. Ela veio ao pé de mim e notei que a outra estava um bocado atrapalhada...A Doutora veio ter comigo “Você não quer ficar por governanta”, eu disse “Sr.^a D.^a Não”. Mas ela fartou-se de chora, ele teve cá uma pena...

Estagiária – Era quase uma família...

F – Era uma família. Eu nunca fui criada. Eu lá nunca fui criada, porque eu tive lá como se fosse da família. Ela hoje tem duas filhas, uma das filhas tem 38 anos, vai fazer 39 e tem três filhos, é médica também. Eu trato-as, mas nunca as tratei por tu e ainda hoje não chamo Doutora a nenhuma delas. Uma é Doutora, mas é psicóloga de empresas.

Estagiária – E a senhora fez vários trabalhos...

A - Foi estes que eu contei à menina...

Estagiária – Não houve algum que gostasse mais?

A – O que eu gostava não me deixaram ser. Mas fiz tudo por gosto, mas agora dizer assim, era o que eu queria na minha vida, era a minha grande paixão, não. Mas a gente nem sempre pode seguir aquilo que a gente quer...

F – Eu graças a Deus muito pobre, mas foi realizada...

A – Nenhuma irmã é como eu e nunca foi. Se eu fui uma rapariga muito martirizada, mas muito macaqueira. Às vezes havia uma história que eu contava, eu andava sempre com os olhos todos negros que era o gosto que ele tinha em eu andar com os olhos inchados e depois e às vezes diziam-me assim “Tens os olhos todos negros!?”, “Ah, isso sou eu que os pinto”, a gozar, porque eles sabiam muito bem que não eram. Todos conheciam a coisa.

Às vezes quando vejo uma mulher toda pintada eu digo assim “Quem trouxe essa moda para Santarém foi eu!”, “Então porquê?”, “Então eu andava toda negra e toda pintada que me roubaram a moda”. Quer dizer, eu faço da história da minha vida numa brincadeira e da brincadeira faço um programa, senão eu já tinha morrido. Levei tudo o que eu passei, tudo o que eu faço, os dias que eu estou mal disposta eu brinco com eles. Eu estou aqui muitos

dias que eu quando venho para aqui tenho mais vontade de chorar do que de me rir, mas daí um bocado eu ponho todas as pessoas a rir, porque é a maneira de eu levar...

Estagiária – De aumentar a auto estima.

A – Exato, de eu deixar de estar ali...

Estagiária – Fazendo rir os outros faz com que a senhora esteja bem.

F – Quando eu vim para aqui eu vim muito em baixo e já trazia uma depressão grande e eu estava á espera porque eu sabia a doença que ele tinha e sabia que ele ia morrer. Às vezes na brincadeira de eu com ele e ele comigo eu dizia assim “ainda vou adiante de ti”, porque ele nasceu primeiro...

A – Há muitos desgostos que talvez adoce a alma do meu marido, mas já o tenho pedido perdão muita vez. Era não pôr no gavetão onde estava a mulher e o neto, porque ele era viúvo, e ele não sabia se morria mais dia ou menos dias porque...ele dizia aos meus filhos quando estavam todos juntos “se eu for à frente da tua mãe nunca a deixem ir para um lar. Façam a ela o que ela já fez por vocês” e eu digo muita vez, digo a brincar, mas digo muito asserio, tive uns anos ainda em casa quando morreu o meu marido, mas se eu não vinha para esta casa eu já me tinha matado a muitos anos. Porque era a minha ideia, era matar-me...

F – Não era a única...

A- porque eu estava naquela fase em que ninguém me compreendia, ninguém queria fazer caso daquilo que eu dizia, ninguém dava valor aquilo que eu dizia. Isto era a doença na cabeça...Ninguém queria saber de mim para nada, eu estava ali desprezada e o que eu estava ali a fazer. Portanto, isto foi Deus que tocou no coração da minha colega numa loja. Tive que a encontrar aqui nesta travessa em frente numa loja de roupa ao pé da igreja, deu-me certa conversa e eu no outro dia foi-me inscrever no outro lado e depois passado 8 dias estava eu nesta casa, da parte da tarde como a Lucília esteve no convívio. Quando o meu filho morreu ele já estava aqui efetivo, pronto, não digo se custou muito ou se custou pouco.

Eu gosto de aqui estar, se eu não gostava de cá estar eu já não estava cá. Eu não sou obrigada.

F – Se saísse, eu já estranhava...

A – Eu gosto das pessoas, mas digo uma coisa à Jéssica, já gostei mais de pessoas do que gosto agora. Isto está um bocado confuso. Há pessoas que não dá para a gente compreender. Não sabemos quando elas estão possensas, não sabemos quando elas estão com a cabeça...há pessoas confitas. Não percebem e misturam e há pessoas que percebem e querem misturar e querem encontrar a vida, depois dizem o que não ouviram e há uma certa mistura. E às vezes deixam-me assim um bocadinho triste, mas as pessoas

não sabem...mas digo que as pessoas são conflituosas, já são pessoas que vêm conflituosas desde novas...E depois refletem ali...é assim.

Estagiária – Só mais uma questão. Ainda se lembra dos seus tempos de funcionária?

A – Lembro-me...

Estagiária – E gostava do ambiente?

A – Muito. Ainda hoje, foi ontem ou foi hoje que a gente fomos ao Bombom e eu encontrei alunos que hoje são pais.

F – Ah, foi ontem.

A – Encontrei alunos que hoje são pais e ainda brincam comigo. Gosto...

Há professores, muitos já morreram. Gostei do ofício que exerci. Gostei tantos os anos que estive na cozinha a mandar, tanto como os anos que estive como auxiliar a ajudar e depois quando vim cá para fora gostei. Como eu acabei de dizer, não era a minha profissão de sonho, mas isso foi uma profissão que ficou para trás. Eu tive que tirar da minha ideia. Mas gostei sim senhora. Também lhe digo uma coisa, é pena que fui reformada muito nova por invalidez...

F – A mim também foi por invalidez...

A – por uma operação de barriga aberta. Depois da operação de barriga aberta, a cabo de 9 meses tive que fazer outra e depois começou a aparecer as doenças. Depois eu tive um princípio de enfarte duas vezes e depois o Dr. Valar que é aqui médico, era delegado de saúde e eu fui com ele particularmente e depois não foi ele que me propôs porque ele não me podia propor, fui a uma junta médica e ele dizia ou levs pouco ou não levas nenhum, ou morres. Depois ele já viu o que era três mil e tal aluno...Eu estava mal tratado, também estava naquela fase em que era mal tratada pelo pai dos meus filhos. Saí daquela tortura...Mas tudo quanto eu fiz na minha vida não foi de má vontade. Tinha orgulho e se hoje eu lhe dizer, não levem isto como uma presunção, não levem isto como uma vaidade, não levem isto como uma vitória, não! Eu para aquilo que fui criada e para aquilo que sofri, Para aquilo que eu passei de mal, eu sou muito melhor de ter sido capaz de vencer esta vida. Ter sido capaz de criar os meus filhos, ter sido capaz de ir ao mercado sem vergonha nenhuma e de ainda hoje ser a mulher que sou. Tenho graças a deus a agradecer a Deus, a agradecer muito às pessoas que me rodeiam de eu não querer ir pelos maus concelhos e chegar-me ao pé de pessoas que me compreendem e que me podem ajudar. Dou-me muito feliz por isso...tenho momentos muito tristes? Tenho. Mas tenho dois desgostos da minha vida, foi perder o meu filhinho que era do meu sangue e perdi uma pessoa que gostava muito e que me tratou muito mal, esse é que foi o meu irreal casamento. Não foi o primeiro...o primeiro foi uma vaidade de criança, com 17 anos, um rapaz bonito que ele era,

com uma profissão de estofador, era um luxo naquele tempo, ganhava muito bem e era filho de boas famílias. Só o que estava escondido era o que a gente desconhecia...

Estagiária – Era uma carta fechada...

A – Exato...

F – Comecei a namorar muito nova. Comecei a namorar e ainda não tinha 16 anos e o meu marido era mais velho que eu 8 anos, por isso quanto mais mal falavam dele mais eu gostava dele...

A – O conselho que dou às minhas filhas, às minhas sobrinhas, a todas as raparigas que estejam para casar e que estejam casadas, não levem aquilo que eu levava antes. O homem não é propriedade de ninguém, o homem se gosta da mulher tem que compreender a mulher. Ele casou com a mulher mas não assinou nenhum contrato. Eu fui à igreja e o registo assinar um contrato. De uma empregada, passou a serviço à escrava, houve um tempo que se usava os escravos. Ele não foi buscar uma mulher para ele amar, para ele gostar, afinal ele tinha lá a mulher do outro, depois e fiquei a saber. Portanto, ele comprou-me de graça. Assinei um contrato, mas um contrato de maus-tratos. Não foi por amor, mas eu fui. Naquela altura depois também comecei a ganhar raiva também. O mau estar não faz mal a ninguém. Eu considero e digo a toda a gente, não vão nas conversas dos homens, ou gostam ou não gostam. Porquê que nenhum dos meus netos que se casar? Tenho quatro netos juntos e eu digo “oh filho não chegou a hora de casar?”, “não avó, quando a gente não estiver bem ela vai para um lado e eu vou para o outro”.

Agente vê aí, nas televisões...acho que aquele homem que mal trata a mulher, este é o meu pensamento, não gosta dela, porque se a gente gosta de um filho, a gente não maltrata o filho. Nem trata mal os nossos pais. Porque as pessoas que nós todos temos não vão nos tratar mal. Se ele trata mal a gente, não pode haver amor. O meu marido sim e eu digo sempre, não conseguia acabar com esse carrasco, mas depois consegui. Foi o Dr. Carlos e a Dr.^a José Mota que meteu um processo contra ele no tribunal em que apareci ali após uma operação no hospital toda negra, arreventada em sangue. Eu não fui a um tribunal para me divorciar, não fui e não assinei nada. Fui divorciada da pessoa. E no entanto não me conformo com esses maus-tratos. O homem trata com amor....há desentendimentos, há arranjos...tantas vezes que na minha casa, quando eu me casei com o meu marido, ele tinha 4 filhos, isto é, dois dele, um deficiente e uma menina de 10 anos e havia o meu Rui e o meu menino igual ao dele. O meu Rui foi o último a casar e quando havia desentendimentos entres eles, entre isto, entre aquilo, ele nunca me viram chateados com o meu marido, nem com ninguém. A gente tratava o que tínhamos a tratar e o meu marido dizia assim “eu vou ali mais a tua mãe, vamos ali ao café e já vimos”, sabe o que a gente

fazia? Metia-nos dentro do nosso carro ia para Fernando. Chegávamos lá, parávamos o carro, conversávamos, chorava ele, chorava eu, ele ponha as razões dele e eu ponha as minhas razões, sabe como a gente saía de lá? Aos beijos e aos abraços um com o outro. Ninguém me tratava por madrastra, era pelo meu nome. E os meus filhos era Victor, Victor isto, Victor aquilo. Eles queriam conversar mais com ele do que conversar comigo, às vezes eles estava a conversar e eu “o que foi filho?”, “Deixa-te estar calada porque isto aqui...”.

Estagiária – Havia confiança.

F – Para mim foi o meu primeiro namorado...

A – O meu não foi...

F – O meu foi o primeiro em tudo. Foi o meu namorado, foi o meu marido, foi o meu primeiro amor, foi, é e será.

A – Eu não me posso gabar disso.

F – A gente também brigava.

A – Para mim quem teve amor foi eu, porque ele é que não o tinha. Eu é que gostei daquele rapaz. Era um rapaz bonito, e a mãe também era, era uma senhora muito arranjada....Por isso é que eu digo que a boniteza engana. Ele tinha um profissão bonita, era um homem que ganhava muito dinheiro...aquilo era lindo, ele fazia mobílias, ele fazia tudo. Mas além da beleza ele era mau, mesmo para a polícia. O fim dele foi ficar sem pernas, ficar sem vista, morrer canceroso dentro daquele hospital. Mas o meu Rui nunca deixou o pai. Ele estava comigo, mas o meu marido era tão bom que ele já era casado e tinha a mulher e chegava ao pé do meu Rui e dizia assim “epá, não sei o que fazer para o meu pai, tenho vergonha de pedir à Cecília para dar alguma coisa e a gente não sabe quanto ele gasta”, “está bem”, no outro dia de manhã tinha uma panela de toucinho já feita, trás a roupa e lavava a roupa, passava a roupa a ferro. O pai dos meus filhos! Depois dizia “Vá leva esta roupa ao teu pai”. Então ajudou a pagar-lhe o funeral...

Estagiário – O senhor foi pedreiro, certo? Primeiro foi guardar ovelhas...

N – exatamente.

Estagiária – Depois foi para pedreiro...

N – Não...primeiro fui guardar ovelhas, e foi para a casa de um tio servir que tinha uma junta de bois e tinha fazendas, as terras tinham trigo, favas, essas coisas todas.

Tive na casa desse tio meu, tinha também vinhas e um tempo vindimamos, fazíamos o vinho. No fim eu disse assim “oh senhor porquê que temos aqui à pressa para a graça das uva e temos agora ainda uma ropiza ainda, isto ainda dá para uma gotinha de água-pé boa, com uma medida de água, a gente faz um pouco de água-pé para bebe no inverno”, ele disse-me assim “Não, para a gente estar a engarrafar água de verão para beber de inverno,

não e como chove muito não vale a pena estar a engarrafar água no verão para beber no inverno”. E no fim fui pedreiro...

No pé da pedreira, onde se arrancava a pedra da calçada para pôr nos passeios à borda da estrada, no encile, nas bordas da estrada que é para tirar a calçada do passeio onde se passa a pé. Trabalhava nas pedreiras. Nas pedreiras no fim eu era casado, a mulher portou-se mal, largueia de mão e depois eu nem podia ver a sombra dela, nem nada e pensei assim “vou para França”. Fui para França, cheguei a trabalhar lá com um primo meu e a mulher de um primo meu bateu à porta do meu pai e disse assim “Oh compadre, não deixe o seu filho ir para França, porque eles têm uma pedreira e ganham já um bom dinheiro...” e ele disse assim, “então não deixo”.

Estagiária – Então foi trabalhar com o seu tio...

N – Ah pois, fui trabalhar para o meu tio, eu disse “mais vale dar uma contida nos engatos e a gente faz uma gotinha de água-pé”, ele disse assim “não, engarrafar água no verão para beber de inverno quando chove tanto, não vale a pena.”

Estagiária – Então porque deixou de falar com o seu tio?

N – Sai de trabalhar com o meu tio para trabalhar nas pedreiras. Fui trabalhar para as pedreiras. Assentei-me lá a trabalhar e consequentemente a minha mulher...

Estagiária – Na altura já era casada...

N – Já era casado e no fim ela não se comportou como mulher, portou-se como uma cabra e a cabra mandei-a eu “tenho que ir embora logo e eu não de sair daqui porque não estou bem aqui ao pé de ti”. No fim fui para França, tive lá 6 meses e vim cá a Portugal para me divorciar, porque queria me divorciar antes de ir para França, mas ela nunca compareceu, ainda andei mais o advogado à procura dela para ver se encontrava, porque eu não me apetecia nada encontrar-me com ela, mas enfim o advogado disse para dar-mos uma volta para ver se a gente a consegue para assinar o divórcio e então fomos à procura.

Mas já estava farto de a procurar mais eu. Ele disse assim uma vez, “a gente não a procura mais” e eu disse “então ela havia sumido antes de eu a ter encontrado. Isso é que era bom...”. Então ele disse “A gente já não a procura mais, mas ao fim de 6 meses se ela não comparecer estás divorciado pela lei” e eu “melhor!”. Tornei a ir para França e vim cá a Portugal e comprei uma casa, porque lá na minha aldeia era muito raro uma pessoa estar a pagar renda de casa e a mim fazia-me uma confusão muito grande ao estar a pagar a renda de casa, água e luz, até estava a morar para ali das Portas do Sol quando vim a segunda vez. E eu disse para a minha mulher “tenho que ir à França para ver se vou ganhar para comprar umas casitas”, e eu fui. Namoramos só naquela altura, ela ficou cá, ela era costureira e ficou cá a trabalhar na casa dos pais. Eu vim cá e casei em 1967, já me tinha

divorciado da outra mulher porque quando fui comprar a casa tive que pôr no nome da minha ex-mulher mulher que tenho hoje porque disseram se eu morresse a casa ia para a outra e eu disse que não e que vou pôr já a casa mas é em te nome. Comprei a casa e pus no nome da mulher que tenho hoje. Assim foi... Fui lá outra vez ainda, as casas não estavam pintadas por dentro, não tinham portas, não tinham janelas, então fiz um pavimento novo, mais um carpinteiro que tinha lá uma serração, o telhado não prestava para nada, chovia debaixo da placa e aquilo corria água. Amanhei a casa, o telhado, e eu disse para o que tinha a serração assim “agora você tem que fazer as portas”, eu lhe faço as portas, mas agora eu não tenho dinheiro, mas eu não lhe posso pagar, não tenho dinheiro”, “pagas quando cá vieres e faz lá a tua vida”. Eu fui à minha vida, voltei a vir, comprei as casas, paguei-as e pus logo em nome dela, e fui outra vez, tornei a vir e mandei pintar as paredes, as portas, comprei as portas e as janelas e paguei logo que cheguei. No fim com o pintor com outro rapaz que estava a trabalhar com ele, “as portas já estão pintadas, as paredes por dentro também está todo e agora já não chove lá, agora já não preciso de ir lá outra vez a frança”, diz ele “volta outra vez a frança”... Fui e voltei novamente e fui para a Santa Iria de Aveiro, tinha lá a minha mulher e a minha irmã casada com um rapaz de era de Campo Maior. Fui lá a casa dele antes de chegar a Lisboa a Santa Iria de Aveiro.

Estagiária – E esteve em França quanto tempo?

N – Mais ou menos... não chegou bem a 8 anos.

Estagiária – E quando esteve lá exerceu a sua profissão de pedreiro?

N – Tive lá, aprendi lá a ser pedreiro e vim cá e fui comprar uns azulejos para casa de banho, para a cozinha e comprar louças para a casa de banho, para comprar aquelas coisas que eram necessárias para quando eu fosse lá para dentro. Fui outra vez e a seguir vim em 67 e disse para a minha mulher, “para ficar aqui não presta, olha lá eu fico cá a trabalhar em Portugal”. Fiquei cá a trabalhar em Portugal, arranjei patrão e um que era encarregado da câmara e era encarregado dos pedreiros da câmara e disseram-me assim “O Senhor vai para frança ainda?”, “Não, eu fico cá a trabalhar porque eu tenho que me habituar a trabalhar cá e não é vida para andar para cá e para lá, já não vou”, “então o senhor vai a câmara receber trabalho”. No fim eu falei com um senhor que era encarregado do meu patrão e que foi patrão uns poucos de anos. No fim ele me disse assim “Eu tenho que ficar cá a trabalhar e fui ter com o patrão, o Silvestre Monteiro a ver se ele me dava trabalho”, no fim ele disse-me assim “ Não vás para a Câmara, porque quem vai para a Câmara não sabe fazer nada” e disse a ele que tinha de fazer alguma coisa. Fui para o Silvestre Monteiro e trabalhei quase 40 anos.

No fim quando arrebentou aquilo em Angola, vieram para cá muita gente e vieram uns engenheiros. O primeiro era de Santa Clara, depois foi um engenheiro de Setúbal, o Engenheiro Santos. No fim ele diz-me assim “queres fazer uma obra comigo?” e eu disse-lhe “para quê?”, “tu que tens muito boa memória e não sabes ler, nem escrever, mas se tu queres agora no Verão quando chegares às 17h e até às 20h ainda é muito tempo e eu vou-te ensinar a ler e a escrever” e eu não quis, foi parvo e eu envergonhava-me, como ele era novo e tínhamos uma diferença de idade muito grande, e ele “se quiseses num mês eu ponho-te a ler um projeto!” e eu “Oh senhor Engenheiro Santos, eu não e também vai parecer mal porque você mora em Setúbal e se você chega aqui às 17h e quando abala para casa chega lá de dia. Assim se estiver aqui duas horas comigo e você abala daqui às 19h e quando chega a Setúbal já é noite. Não vou e não vale a pena”, “Vê lá!”. Nós estávamos a trabalhar ao no lar das raparigas que é ao lado da Igreja da Graça, Não sei se a menina sabe...

Estagiária – Sei...

N – Bem, nós estavam ali a trabalhar a arranjar um telhado e ele disse assim “nós te explicamos as coisas e tu ficas com elas na memória e tu aprendes fácil a ler e a escrever e eu quero-te pôr a ler um projeto de ponta a ponta”. Eles me diziam as medidas das salas, dos quartos, das cozinhas, das casas de banho e fazia tudo naquela medida. Eu afixava aquilo na ideia e no outro dia aparecia lá e dizia assim “vamos lá ver se aquilo está nas medidas que eu te disse que estavam no projeto”. Ele começou a medir e estava tudo ok e estava tudo nas medidas que estavam escritas no projeto e ele disse assim “Aprende a ler um projeto!”, “oh, agora com esta idade é que vou aprender a ler um projeto!?”, “Bem, tu a leres um projeto irás ser o melhor encarregado daqui de Santarém e que não vai haver cá igual. Tu tens boas ideias e tu fixas tudo aquilo que a gente diz”, e eu “Oh senhor engenheiro, isso não porque senão você chega tarde à casa” e até porque me envergonhava por ele ser novo e e já era um homem com uma certa idade e no fim pensei assim, ele anda me faz perguntas e eu não lhe sei explicar nada e eu não sei lhe dar a resposta no fim até eu me envergonhava. Porque ele andou lá nas obras no lar das cachopas, andamos lá a meter um telhado e ele andou-me a explicar lá porque o telhado tinha duas ou três válvulas e tínhamos que saber como assentar a telha. Ele estava lá a me explicar, “tu sabes como é que é feito? A gente também anda cá para aprender consigo. Nós temos cá o projeto, mas também andamos a aprender muito contigo” e assim ficou...andei a trabalhar sempre com ele e o patrão um dia disse-me assim “estamos a fazer 7 mandatos ao pé das piscinas velhas”, não sei se a menina sabe onde é as piscinas velhas...

Estagiária – Não.

N – Sabe, sabe...é para lá da Praça de Touros. Naquela altura estava lá um dos forcados enfiados na cabeça dos touros...

Estagiária – Sim...

N – Está lá a rotunda e viras à esquerda e está lá assim em baixo. Está ao pé da escola do Colégio Andalux.

Estagiária – Ao pé da universidade...

N – E está uma escola Melhores Amigos ali perto... Lá foi e disse-me para eu ir para lá e disse-me assim “agora tu é que vais mandar no pessoal e vais tomar conta da obra”, disse-me ele. Ele chegou lá, apitou o carro e eu vi logo que era para falar comigo e eu fingi que não ouvi a apitar o carro e tornou a apitar o carro e ele chamou lá um servente que andava a trabalhar com a betoneira “chama-o lá para vir falar comigo”, e eu fui lá “o que você quer?”, “tu agora é que vais mandar na obra e vais tomar conta do pessoal que anda aqui”, e eu disse assim, “Não, não vou fazer isso porque estão aqui pedreiros mais velhos que eu e já trabalham para si a anos e eu trabalho para si a pouco de 6 meses e até eu tenho vergonha em mandar num homem que anda aqui a trabalhar para si, a 30 ou 40 anos”, ele “não senhor, tu é que vais para aí”, eu disse-lhe assim “Está aqui fulano e fulano que e mais velho que eu e sabem ler e escrever”, ele me disse assim “todos esses que já nomeaste nenhum fica a trabalhar ao pé de ti, vai-se tudo embora para a outra obra!”, “Porquê?” disse-lhe eu, “Porquê? Porque esses que estás aí a nomear vão-te estragar e eu não te quero estragar”. Porque o trabalho que levava a fazer num dia, eles levavam uma semana a fazer. Estava lá a governá-los a fazer uma escada e ele me mandou para mim assentar e ele me disse assim “tu ficas aqui a assentar os degraus e eu fico no piso de cima acertar os degraus das escadas” e eu fui. No fim ele chegou lá depois do almoço já eu tinha acabado aquele vão de escadas e o outro andava no mesmo sítio...aquilo não custava a fazer. Aquilo já vinha tudo... o espelho, o espelho é a pedra. E no fim leva aquele tapete em cada degrau. Aquilo fazia-se a brincar...chamei um servente para o pé de mim para me darem a massa e quando ele chegou já eu tinha dois pisos assentes... e ele “Ele já se vai embora daqui porque eu não quero estraga-lo. Ele quer te estragar e eu não quero que tu te estragues”.

Estagiária – E aceitou?

N – Aceitei. E fiquei a mandar no pessoal. Mandou os outros embora e tinha lá 3 cruzetas em madeira que era para tirar os pontos do terreno. Pode ser assim inclinado, mas não pode ficar desnível, tem de ficar tudo direitinho. “tu ficas aqui com esta cruzeta e mandas um gajo pôr lá em baixo e outro aqui ao meio com outra cruzeta para passar os

pontos. Tu olhas e piscas o olho e se veres que as três cruzetas certas, umas com as outras, mandam pôr aí um ponto e tu ficas aqui e não o tiras daqui, o outro lá debaixo também não podia sair lá debaixo...o do meio é que põe um pontinho e eu dizia ou desce ou sobe até ficar tudo igual...eu dizia sobre mais 2 milímetro ou dois centímetros e foi assim e veio um fulano e disse-me “olha vamos encher o cabouco e depois começa a assentar o asilo à frente das obras que era para fazer o passeio para meter a pedra da calçada. Bem eu fiquei, eu comecei a trabalhar e ele já tinha uma certa idade ou o dobro e já lá trabalhava uns poucos de anos e eu pensei assim, então agora vou para aqui mandar estes homens que já estão aqui a trabalhar a tanto tempo e se calhar até discutem uns com os outros e vem este agora novo e vai começar a mandar na agente a trabalhar e a tomar conta da obra...mas lá fiquei a mandar a obra. Acabou-se aquela obra fomos fazer sete prédios, mas só fizemos seis. Enfim a Câmara e embragou o último prédio que ficava lá num redondo, porque cortava muito o prédio com 4 fases, uma fase daqui, outra de acolá até ao topo da obra...pronto embragou ficamos ali. Fomos para a Calçada do Monte naquele cruzamento que há ali ao fundo da Calçada do Monte, como se vai para o Hospital Novo, está ali aquele cruzamento, estão ali aqueles semáforos e ele ainda tinha ali um bocado de terreno e fomos começar ali uma obra, fizemos essa obra e ele lá “Tu é que ficas a tomar conta disto”, enfim, fiquei a tomar conta daquilo, o encarregado que já lá estava foi para Santa Margarida fazer lá outras obras. Eu cheguei lá, fiquei a fazer aquela obra com os empregados que lá andavam e andava outro na zona industrial que também era já servia de encarregado para o futuro a fazer a garagem da ribatejana, uma oficina de carros, enfim...sempre continuei assim até vir embora. Eu tinha que ir a todo o lado, andei por Tremejo e Montemor-Novos...

Em Montemor-Novos andamos a fazer uns chilros para o trigo...

Depois para Tremejo o encarrego andou a procura de uma camionete para levar a gente e no fim chegou lá o homem dos Chilros do Trigo e disse assim “Onde está o encarregado?”, “O encarregado é este”, “Olhe viemos buscar a procura de uns portões. Quando ele vier diga que está cá esta ferramenta...Vamos começar amanhã a ceifar o trigo e vamos colocar o trigo aqui dentro”, assim o disse e o outro pareceu-me logo mal, “Mas pareceu-lhe mal porquê?”, “Porque viram-nos pôr de camioneta aqui e agora para passar para aquele pátio porque eles amanhã querem ceifar a espiga para fazer o trigo”, e ele disse-me assim “vais tu, mais tal fulano e fulano tirar isso tudo e carregar a camionete para levarmos aquilo para lá”...carregamos os andaimes, as tábuas, tudo o que lá havia e os serventes lá também começaram a varrer aquilo e já não havia ferramentas lá dentro...no fim ele disse-me assim, “agora descarregas isso tudo para o chão”, eu disse assim “você deve estar maluco, então eu estive a carregar mais este e agora vou descarregar?

Descarrega-o tu, senão descarregas com o nariz e se calhar ficas aí no caminho”, ele era o chofer que andava lá mais a gente...cheguei ali ao escritório e disse-lhe o que se passava e ele disse-me assim “esse também já não vai trabalhar contigo, nós temos aqui mais choferes que vão levá-lo ao trabalho e você fica a tomar conta daquilo”, o outro passou-me mal e era de Tremez...e lá andamos até terminar o trabalho.

Agora para o fim andamos a fazer ali o Hotel Clinton, mas agora dizem que é o hotel de Santarém ao pé do Colégio Andalux. Andamos lá a fazer aquilo e andava lá um encarregado também de Lisboa que estava em Angola e ele também levava esse de Tremez, mas esse tinha que estar a acompanhar uma retroescavadora para meter os esgotos, lá tinha varas de 6m de comprido e 30 de diâmetro. Lá andava a fazer aquilo e também fomos fazer uma habitação em São Domingos, lá num terreno da inspeção. Puseram lá o outro a trabalhar na máquina, a abrir a vala e meter os esgotos e foi ele que deixou a afundar a vala e eu dava-lhe as medidas do terreno para baixo x metros de profundura e x para fazer a ponte...bom, telefonou um empregado lá do escritório para ele para guardar a ferramenta e levar a máquina lá para o hotel porque a gente no outro dia ia para o hotel. E eu disse assim para o encarregado que lá estava “olha que eu não vou acompanhar a máquina para lado nenhum e a meter a tubagem para esse aí a coçar a micose e você não vê nada disso”, “ah mas você é bom nisto e as máquinas nunca estão a espera do seu trabalho. As máquinas têm sempre que fazer”, eu disse assim “olhe diga lá a empregada do escritório que por este preço não acompanho mais a máquina. Ou me dão mais dinheiro ou eu não acompanho a máquina mais. Os outros têm mais paleio”, havia lá um coitado, ao que parece ele também teve um AVC a pouco tempo, mora lá no Vale, vive lá na casa da filha parece-me, ele era o chofer da camioneta que levava a gente para a obra...ele estava a ver sete e meio de fundura quando eu estava lá em baixo e ele estava lá porque era chofer da camioneta, e eu “Oh Júlio, falei com o chefe a bocado e ele mandou-me para baixo a bocado com uma corda”, mas ele tinha que meter uma caixas logo as caixas de cimento e ligar um tubo às caixas e eu tinha que acompanhar o tubo...e eu disse “Oh Júlio manda-me lá um balde de massa para eu não ir aí em cima porque são uns 7 metros de fundura. Tinha lá uma escada mas para ir aí em cima buscar a massa...”, ele disse-me assim “olha eu não sou teu servente”, “oh pá não és servente, és chofer, então vai embora do pé de mim porque eu não preciso de capataz para estar aí, um em cima e o outro cá em baixo a 7 metro de fundura. Não preciso de encarregados, nem de capatazes”, e ele assim “estás a mandar-me embora?”, “Eu não te estou a mandar embora, vai para o pé da camioneta. Enquanto ela estiver a carregar, mas saí do pé de mim. Não me dás um balde de massa. Não custa encher um balde de massa e mandares por aí abaixo”, e ele “não dou”, “não dás?”, fui eu

pelas escadas acima, enchi um balde e carreguei-o às costas pela escadas abaixo e no fim disse “vejam lá se têm alguma coisa para dar ao chofer porque ele ao pé de mim não. Então está lá ele no alto e eu a 7 metro de profundura e eu pedi-lhe um balde de massa e ele não me deu. Levá-lo daqui para fora, não o quero ao pé de mim. Senão não vou para dentro da vala. Mande para lá fulano e fulano se quiser. Vim para cá e eles já trabalhavam na firma, portanto mande para lá esses”, “nós não o podemos mandar para lá porque já viste que ele não dão com o recado”. A máquina estava a ganhar X por dia e ainda pagavam o gasóleo e andava lá. Esse encarregado depois foi embora e eu fiquei a tomar conta do hotel e do pessoal.

Ele tinha dois netos, o Silveiro Monteiro. O filho era o Luís Monteiro, é o que contratava pessoas para o estrangeiro.

Estagiária – Então o Senhor trabalhou sempre na mesma firma?

N – Sempre na mesma firma. Foi dada baixa à firma porque o velho morreu e foi fazer o... lá por cima do Choupal. Onde se vai fazer a fisioterapia, parece. Andamos lá a fazer aquilo e enfim, ele morreu e chamaram-me ao escritório porque o filho ia tomar conta da firma do pai, mas eu disse logo que queria ter a mesmas regalias quando era pai. Lá andamos, acabamos aquilo e ele já devia a gente 6 meses de trabalho e o que é que eu faço, andava eu, mas dois pedreiros e dois serventes e eu disse assim “olha que amanhã a gente vamos falar amanhã com o patrão”. Chegamos à Azambuja e captei lá uma quinta, que é a Quinta Vale dos Fornos, a onde serviam lá casamentos, batizados e coisas assim e não estava lá nada de Luís Monteiro, só estava lá a mulher dele, porque quem comprou aquilo foi o pai dela é que comprou aquela quinta e como ele mandava nas obras, ela mandava na quinta, nas vinhas, nas azeitonas...ela mandava apanhar as azeitonas, mandava vindimar, mandava podar as minhas, tratores por lavar aquilo...e lá fui trabalhar também.

Estagiária – Deixou de trabalhar quando?

N – Deixei de trabalhar aos 63 anos. Fui quando me deu o AVC à primeira vez, aos 63 anos, andava lá no Hotel quando aquilo me deu. Chamaram para a ambulância para me levarem para o hotel...

Estagiária – Na altura dos esgotos?

N – Não. Andava já cá em cima na obra a assentar uns mármore...

Estagiária – Foi a quantos anos?

N – Então, agora tenho 77 anos e eu tinha 63 quando isso me deu...

Estagiária – Agora faça as contas...

N – Agora faça lá as contas...Eu fui para o hospital, o patrão soube que eu estava a faltar uns dias e telefonou para lá “Estás bem?”, “Estou. Estou numa maca e uma médica está ao pé de mim”, “vê lá se é preciso de alguma coisa, diz”, ele telefonou para o meu telemóvel e eu atendi, ele disse “se quiseres que vá aí”, ele tinha lá conhecimentos e quem tinha feito o hospital tinha sido o filho e a gente é que foi lá acabar aquilo. E eu “então o mestre é que sabe se tem algum médico entendido nestas doenças venha cá falar com algum”. Apareceu um médico daquelas coisas. Eu estive lá, mas nunca perdi os sentidos.

Estagiária – Esteve sempre consciente...

N – Sim, sempre. E tinha trabalhado aos sábados, domingos e feriados, fora o trabalho que o patrão falava sempre para trabalhar em qualquer obra... os empreiteiros faziam uma obra e me diziam “você é que vai acabar aquela obra, mais aquele rapaz” que trabalhava comigo aos fins-de-semana. Esse rapaz até matou-se. Foi meio parvo. Tinha uma vida tão boa e no fim matou-se. Meteu aquilo na cabeça e que se havia de matar...tanto que tentou que se matou. Mandou-se uma vez para dentro de um poço tinha água na altura de um metro de profundo, mas aquilo tinha um balde de lado....e com ele lá em baixo depois ele sentiu que se calhar não deveria terei feito, deitou as mãos às cordas e no fim a mulher lhe disse assim, “o meu Jorge foi buscar a moto”... ele já trabalhava na câmara nessa altura e era bombeiro municipal...ele foi para lá...quando íamos trabalhar perto da casa dele, nós íamos almoçar à casa dele, quando era mais perto da minha casa ele ia comigo almoçar à minha casa. A mulher dele às vezes ligava para casa “Vem cá a casa a ver se convences aqui o Jorge a trabalhar, porque a trabalhar o tempo num instante passa e a gente nem se dá por ela e se ele fica cá em casa, deitasse na cama e fica o dia todo enfiado na cama”. Quando ele se atirou para o fundo do poço, lá foi os bombeiros tirá-lo, na outra vez foi um remédio e uma mão cheia de comprimidos e botou aquilo pela garganta a baixo. Uma vez ele também estava no hospital, a minha mulher é que lá estava e eu fui lá vê-la e encontrei-o no hospital e ele “sabes porquê que estou aqui”, “Porquê?”, “pelas as asneiras que tenho feito, a tomar uma taça de comprimidos para me matar”.

Estagiária – Acha que ser pedreiro foi o seu emprego de sonho? Ou nunca teve nenhum ideal?

N – Não...sonho não.

Estagiária – O que viesse era o que aceitava...

N – Se fosse preciso isto ou aquilo não era preciso ninguém me explicar como era. Eu andava num hotel mandava no pessoal e tomava conta da obra. No fim ele dizia “tu e tu, vão começar a pôr mármore naquela peça”. Eu os deixava ir para lá, eles iam para lá com um saco e eu ia sozinho para outra casa, para a lojas, porque aquilo tem umas poucas lojas em

que iam lá fazer reuniões, aquilo ficava no resto chão. Eles iam para uma e eu ia para outra. Quando eu ia para outra, já lá estavam eles os dois e eles já tinham o cimento feito e diziam...ele dizia ao Ferreiro Chico ao pé de mim “Vais fazer duas betoneiras de massa e vais levá-las....pões ao pé das betoneiras e eles que levem para dentro da sala e que deitem a massa. E deixa lá isso comigo.” Eu passava os pontos, começava a deitar a massa e assentar o material, olha quando os outros iam lá pra fora eu já os tinha passado à frente. E não estava a correr, mas tinha aquela coisa de trabalhar. O trabalho até tinha medo de mim. Quando eu lá chegava, o trabalho quando se metia à minha frente já estava bem-disposto e tudo. Eles começavam a falar mal, começavam a falar do material que iam assentar.

Lá no hotel eu estava a meter o mármore no corredor à frente das portas do elevador, faziam um tapete de azulejos e à volta era tudo em mármore, mas depois vim de lá para fora, eu já ia lá à frente e eles lá atrás.

Estagiária – Gostava do que fazia?

N – Gostava. Gostava muito daquilo que fazia. Muito, muito...

Estagiária - Nunca sonhou ter outro trabalho?

N – Nunca ninguém me disse assim “está mal feito”, ou isto ou aquilo.

Estagiária – O que fazia estava bem feito...

N – O que fazia, fazia com gosto...

Estagiária – E tinha orgulho do que fazia...

N – Orgulho no que fazia, sem dúvida nenhuma.

Estagiária – Entrou para a reforma por invalidez.

N – Entrei para a reforma por invalidez, exatamente. Tinha 63 anos, fui para o hospital quando aquilo me deu. Estava no hospital e tive alta e vim para casa. Quando vim para casa a segurança social mandou dois ajudantes falar comigo para saber se me passavam a baixa ou se ia trabalhar, e eu disse assim “como é que eu posso trabalhar, acha que sou capaz de subir um andaime ou de subir para cima de um prédio de 7 andares e meter um telhado e isso? Dá-me uma coisa qualquer e caiu lá para baixo e depois como é que é a minha vida. Então o que eu como, a minha mulher mais a minha filha e ainda tenho de pagar as despesas da água, luz e essas coisas todas, que vida é a minha?”, “estas são as nossas ordens e nós temos que cumprir com as nossas ordens”, “então podem ir embora quando quiserem ir embora porque eu vou reformar-me por invalidez”, e assim foi. Reformei-me por invalidez...

Estagiária – E assim foi...

N – Mas eu era capaz de trabalhar...à 25 anos arranjava trabalho por fora e venho para aqui? Não. Falaram-me, um senhor em que a mulher dele é de Lisboa, mas estava a morar em Santarém, fui para Torres Novas trabalhar, restaurar uma vivenda que ele lá tinha e a família também tinha lá uma vivenda, eram 4 irmãs e cada uma comprou uma casa e eu é que estive lá a restaurar aquilo tudo. Estive lá a restaurar e a senhora daqui de Santarém, ela disse-me quando é que eu vinha para aqui, porque eu ia muitas vezes ir ver o irmão lá a casa, no fim uma irmã dela também tinha lá um pessoal e o empreiteiro, dois pedreiros e um servente a trabalhar.

Estagiária – Mas isso foi depois dos 63 ou antes?

N – Depois dos 63...

Estagiária – Então trabalhou ainda depois dos 63.

N – Trabalhei

Estagiária – E quando é que entrou para a reforma por invalidez?

N – Isso já não sei...

Estagiária – Então quer dizer que depois dos 63 ainda trabalhou?

N – Foi depois dos 63.

Estagiária – Então quer dizer que depois do 1º AVC...

N – é que me reformei.

Estagiária – É que se reformou logo?

N – Logo não, passados daí um ano ou dois...

Estagiária – Então quer dizer que depois do AVC ainda foi trabalhar...

N – Fui

Estagiária – Valente!

N – Fui trabalhar, fui e trabalhei bem. Acabei essas vivendas todas restaurei aquela de Santarém. Eu tinha falado ali com um empreiteiro que era das Caldas das Rainhas ou daqueles lados e como ele não gostava do trabalho da outra senhora, ele estava com uma senhora daqui de Santarém à frente da Junta que ela mora. Combinava com uns hoje, amanhã e nunca apareciam e para ela não andar com obras e o marido como estava na Bósnia...ele era paraquedista o marido dela e ele fui para a Bósnia e caiu para lá, não sei se foi também um paraquedas, só sei que ele caiu para baixo e partiu uma mão e não quis ser operado lá e veio para cá e andava lá eu a trabalhar e essa senhora disse assim “há lá um pedreiro em Alfange Lá em Alfange há uma família de pedreiros e andavam lá a restaurar uma vivenda que uma senhora comprou, andava lá a meter uma placa do telhado, retocar as paredes, meter o chão, e eu estava lá cima a meter as paredes e de repente oiço um carro e disseram-me assim “Você conhece aquele senhor chamado tal de Alfange. Não é

de Alfange, está lá a morar”, “olhe está a falar mesmo com o próprio”, disse-lhe eu, “então você quer ir fazer um trabalho ali em cima a Santarém?”, eu disse “a onde é que é”, “é mesmo à entrada de Santarém. Naquela casa que tem ali umas flores penduradas lá por aquele muro abaixo. Anda lá um burro do empreiteiro, mas eu não estou a gostar nada do trabalho deles e são porcos, comem em qualquer lado. Lá na sala aquilo era soalho de Madeira e deixaram cair gorduras e no fim aquilo tinha que ser tudo apagado para não ficar com aquelas manchas”, “então eu vou lá vê-lo”, “quer que o leve já para cima?”, “Agora não. Estou aqui a fazer este trabalho mesmo ao lado. Depois eu pego na mota e vou lá ver o que você quer que seja feito”. Estive lá até me dar o segundo... Não devia ter ido trabalhar.

Estagiária – O segundo foi mais forte...

N – O segundo é que me aleijou porque fiquei incapaz de trabalhar. Comecei a trabalhar e ganhava uma porcaria de nada e eu tenho trabalho por fora e levo X à hora e no final ainda me dão uma gorjeta boa... “olha agora já não vou mais”...

Bom e assim foi a minha vida.

Foi-me inscrever aquilo ao senhor e vim para cá. Eu caçava, fui mais um rapaz eu andou a arranjar uma casa lá ao pé de mim, na mesma travessa, eu moro neste lado e ele naquele lado. Andei lá arranjar a casa à avó da mulher e acabei aquilo, fui para outro que era neto dela. Andava a trabalhar noutra vivenda e eu disse assim “olha que amanhã não venho Chafra, porque a Chafra abre amanhã e eu quero ir”, o rapaz já me tinha dito “queres ir à Chafra?”, “Olha quero e vou a pé”, levantei-me, vesti-me e fui ao quarto para fora na porta do quarto, estava assim um sofá na sala e eu caí do sofá para o chão. A minha mulher ouviu o topetando e foi chamar por mim, chamaram-me, mas eu não ouvia nada...

Estagiária – Já estava inconsciente....

N – eu não ouvia nada, esse rapaz que ia comigo à casa “anda lá a casa porque o meu marido caiu para o chão e eu não sou capaz de levantá-lo”, “eu já lá vou...”. Ele foi lá, e lá ajudou-me. Agarraram em mim e meteram-me na cama. Bem, já não fui à caça, já não estava em condições e este braço para andar com uma espingarda na mão, esta mão tem que elevar a arma para a gente apontar e dar aqui e matar a caça. Tinha um irmão que estava no Canadá, veio cá e eu disse assim para ele “queres-me comprar a espingarda?”, “Já tenho três espingardas”. Já lá para a terra e estava lá um rapaz que me conhecia e disse “Quando o Senhor quando quiser vender a espingarda, não a venda a ninguém sem a minha autorização”, e assim foi. O meu irmão levou a espingarda a Santarém e a minha filha até foi mais eles par assinar” e eu no fim tinha que ter a espingarda porque isto vai me doer a cabeça. Pois tinha a espingarda dentro do quarto, em cima do guarda-vestidos, depois podia passar-me na cabeça em dar um tiro a mim próprio. Prontos, uma pessoa têm estas

porcarias e está habituado a trabalhar e ver-me dentro de casa preso às vezes pode passar qualquer coisa pela cabeça. E eu disse “Não, vou vender a espingarda”, os cartuchos, o colete da caça, tudo isso dei ao meu irmão “ Bem levo isto ao rapaz e isso também me deve ter custado 7 contos e 500 e ainda a vendo por 200 contos”. Pôs logo as condições, se eu alguma vez puder caçar a espingarda volta para o dono. Ficou combinado assim...”Eu dou o dinheiro que tu deste por ela”, mas não, nunca mais consegui ir caçar.

Estagiária – E é assim a sua vida. Foi uma obra!

N – E as obras sempre a acompanharem-me.

Estagiária – Muito obrigado.

GRUPO 2

Estagiária - Qual foi a sua profissão?

M – A minha profissão desde sempre foi costureira. Pagavam-me para aprender e eu não pagava nada. A outra não pagava nem ganhava, mas começou a ensinar tudo. Foi aí que eu aprendi.

Depois eu fui para o Alfaiate e o alfaiate pagava-me 4 escudos por dia. Fiquei toda contente porque já tinha um ordenado.

Estagiária – Então sempre foi costureira?

M – A minha profissão foi sempre costureira e tenho um diploma, está lá tudo velho. Tenho que o procurar porque ele até é importante.

Estagiária – Mas tirou um curso de costureira?

M – Tirei. Da Singer.

Estagiária – Então foi como outra utente.

M – Pois. Exatamente igual ao dela, mas o meu foi uns anos antes. Por aí uns 10 anos antes. Pois, eu sou muito mais velha que ela.

Estagiária – Gostava do que fazia?

M – Eu gostava muito da costura. Numa terra pequena onde toda a gente se conhece eu tinha semanas inteiras cheias de trabalho e de não ver nada. Mas depois comecei a arranjar outra tática, comecei a escolhê-las aquelas que iam para as cearas no Fundão, depois quando elas vinham de Espanha e todas internacionais e todas contentes e iam de mota com os maridos para a Espanha comprar. Eu não sou mentirosa, às vezes me esqueço...mas também não vale a pena contar tudo.

Agora que ficaram-me a dever tanto dinheiro e tantas horas de trabalho, eu ganhei raiva ao trabalho.

Estagiária – Começou a trabalhar em casa?

M – Trabalhava em casa. Trabalhei sempre em casa. E tenho duas máquinas, mas a nova está arrumada.

Estagiária – Quando é que entrou para a reforma?

M – Ai eu entrei cedo. Sou daquelas que choraram para se reformar. Porque a minha médica disse “vai meter os papéis para a reforma porque a senhora tem uma escoliose, está a se entortar toda, só esse braço está acabado e está a dar cabo dos olhos”, eu sei que o meu problema é Miopia e outros problema e “não trabalhei mais, se esforçar mais vai deixar de ver nada”.

Estagiária – Hoje em dia ainda costura?

M – Ainda faço as minhas coisinhas, graças a deus.

Estagiária – Faz para as outras pessoas ou para casa e a família?

M – Tenho lá uma vizinha que de vez enquanto vem pedir...

Estagiária – O trabalho de costureira também tem vindo a perder valor. Já não é como antes...

M – Pois perdeu, porque entrou o Pronto-a-vestir. As que tinham dinheiro iam ao Pronto-a-vestir e as que não tinham iam á costureira porque a costureira era conhecida e assim...depois entraram os chineses, então é que foi o resto, porque aparecem aqueles modelos e as mulheres começaram a andar com as costas nuas. No outro dia vi uma que mora lá em S. Domingos e um dia morreu cá com o pai e ela já vinha de calções e toda a gente de preto e com lenços na cabeça. Ela ainda hoje naquela cabeça de alho chocho que é vela, talvez um pouco mais velha que eu e as mulheres andavam de preto de vez enquanto e andavam lá a fazer aquelas danças de tira a roupa.

As pessoas cá se vestiam de preto porque lhe morriam os filhos, os netos, os sobrinhos...

Eu faço as bonecas de saia encarnada porque desde que começou a guerra elas nunca vestiam saia encarnada para ia para o campo, era a saia para andar pelo caminho para ir nas modas.

Tinha lá uma tia minha que andava sempre de preto, morreu um primo meu, que era o Manel Zé, cuidadinho, foi uma recruta mal feita e ele foi para lá carne para canhão....os meus irmãos também foram. Eram mecânicos....

Estagiária - Ser costureira foi a sua profissão de sonho?

M – Não.

Estagiária – Então qual era?

M – Eu queria ser professora.

Estagiária – Ser professora?

M – Então já contei. Uma vez a professora disse-nos para fazermos uma redação daquilo que eu quero ser quando for grande. Eu escrevi uma redação. Essa redação ajudou-me para fazer a 4^o classe. Porque no dia da redação a professora mandou lá outras meninas para lerem a minha redação e a de outra. Eu queria ser professora e nesse dia levava um vestido tão bonito e a minha amiga que julgava ser minha miga sujou-me o vestido de tinta...primeiro eu morava no casal, o meu pai era pintor, o que era uma profissão um bocadinho melhor...

Ela sentou-se na carteira onde eu estava sentada, mas ela era um bocado mal criada, como era afilhada de outra professora, então sentou-se lá e o tinteiro veio para cima de mim com a tinta...

Aquele livro que a senhora ali tinha não foi o meu livro. A mim foram uns livros mais pequenos e aquilo foi mais tarde. Aqueles certos foram dos meus filhos. Eu o tinha lá, o meu tinha os passarinho fazem os ninhos com mil cuidados, comprou filhinhos que estavam para ter, tão pequeninos e engraçados. Pronto, há mais coisas mas não me lembro... Mas lembro-me e aquele não foi o meu livro da 3^a classe. O meu era da minha irmã e era mais pequeno, era um livro pequenino.

Depois eu não fiz mais nada, porque eu descontei para a Caixa e depois larguei a costura e combinei com umas freguesas para elas mandarem uma costura mais...depois acabei por ter 15 dias de férias, mas não descontava para a caixa. Só descontavam 4, a Aline, a irmã Célia, a Heliodora e uma que já não me lembro do nome dela. As outras eram todas...trabalhavam o mesmo que ela, ganhavam o mesmo que ela, mas tinha mais direito a férias. Elas tinham na ideia férias pagas, mas olhe que não. Eram outros regimes...

Estagiária – E fazia que tipos de trabalho, era só roupa?

M – Era roupa. Sais, casacos, coletes, calças...

Estagiária – Para homens e para mulher?

M – Para homens e para mulher. Mas não tirava a medida aos homens, eles é que traziam as medidas ao tecido. No curso primeiro desenhava-se, depois passávamos para papel e depois os vestidos, saias e casacos era o que nessa altura procuravam. Eu fui assim, quanto mais me procuravam eu nunca mais me entendo com isto...

Hoje é esta perna que me dói e tenho que a por no alto...

Estagiária – Tem que ter cuidado.... E a senhora, qual era a sua profissão? Era comerciante, certo?

M – Ela não é mentirosa, mas já ouvi mentiras de pessoas daqui...às vezes contam de uma maneira e outras contam de outra.

Estagiária – Depois de sair da escola o que é que fez?

E – A minha fez-me guardar perus numa quinta. Antes haviam as quintas...

Estagiária – E ganhava na altura?

E – Não. Eu era pequena e andava com um lenço na cabeça da minha mãe, um lenço amarelo ou encarnado...

Estagiária – E quando é que começou a trabalhar?

E – Com que idade?

Estagiária – Sim.

E – Com 7 anos.

Estagiária – E como é que chegou a comerciante?

E – correu bem.

Estagiária – E onde é que trabalhava.

E – Fazia várias coisas...depois de vir da Austrália comprei um bar.

Eu estive na Austrália e a minha filha. A minha filha foi para lá com o marido e os dois filhos e eu fiquei porque tinha o bar e depois começou a render bem e eu ganhei um prémio naquela altura. Tinha azeitonas, uvas, tinha tudo... Tenho um grande currículo.

Estagiária – E como é eu chegou a comerciante?

E – fizeram um centro e lá fizeram umas lojas e fizeram aquele barzinho...e aprendi muito. A gente aprendeu a fazer as coisas

Estagiária – ser comerciante foi a sua profissão de sonho?

E – Mais ou menos.

Estagiária – O que queria ser?

E - Uma casa para crianças.

Estagiária – Uma creche?

E – Uma creche.

Estagiária – Gosta muito de crianças?

E – Muito.

Estagiária – E quando é que entrou para a reforma?

E – Entrei para a reforma na altura devida...Eu tenho um sobrinho que já é doutor e já lá estava a trabalhar a muitos anos e eu fui para a reforma e ele tratou dos documentos, mas passado de um tempo... eu disse “Oh Zé Carlos, eu vou continuar a pagar a reforma, porque depois vem a reforma maior”, “Oh tia não faça isso” e eu não o fiz e foi a minha parvoíce...

Estagiária – Tem saudades dos seus tempos de comerciante?

E -Tinha esse gosto.

Estagiária – Tem alguma história engraçada?

E – Se tenho alguma história engraçada?

Estagiária – Do tempo que trabalhava...

E – Tenho uma engraçada...havia lá um padeiro, havia porque agora está fechado e ela ia muitas vezes lá e dançava e cantava e assim era...

Estagiária – Era uma festa...

E – Era uma festa...iam sempre ir ter comigo.

Estagiária – Eram uma família?

E – Eram...era uma família...Se perguntar por mim toda a gente sabe quem é...é engraçado, eu vou na rua e as pessoas metem-se comigo, às vezes lembro-me das feições...

Estagiária – Muito obrigada.

Então a Senhora, saiu da escola e foi trabalhar para costura...

P – Fui aprender na casa dos meus tios e depois trabalhava para fora. Tinha várias pequenas e a gente aprendeu. Passei aos 12 anos para a casa dos meus tios e foram eles que me criaram e depois foi porque eram compadres e não tinham filhos, então fui para lá. Continuei lá até chegar a altura de casar, depois casei e comecei a trabalhar para fora em costura.

Estagiária – então a sua profissão foi...

P – Costureira...

Estagiária – Foi e ainda é.

P – Ainda é, embora que já não veja muito bem desde olho e a armação está toda larga...mas eu não vejo, nem dá par coser à máquina, nem dá á mão. Também tenho que ir mudar de lentes.

Estagiária – E que tipo de trabalhos fazia?

P – Vestidos, blusas, saias, calças...

Estagiária – Era essencialmente mulheres ou também era a homens?

P – Só mulheres. Fui só para senhora, porque o que aprendi foi só para senhora.

Estagiária – E não acha com a introdução das novas lojas, prontos-a-vestir, a costura...

P – Tirou. Tirou muitos fregueses, depois deixou de haver as modistas e as que costuravam para fora. As pessoas vão e compram já tudo feito, já não vão mandar fazer.

E – Lembrasse do Leiria?

P – Não me lembra. Lembro-me do nome, mas já não sei quem é. Às vezes lembro-me das caras das pessoas, mas já não me lembro do nome. Depois deixei de vir à rua, não venho à rua porque não consigo. Nem sei já a cidade, nem as ruas ...

Estagiária – Ser costureira foi a sua profissão de sonho?

P – Foi. Eu gostava mesmo do que fazia e tinha gosto do que fazia. Inventava e descobria e depois fazia.

Estagiária – Tinha muita freguesia?

P – Tinha, porque quando eu trabalhava bem, eu sabia inventar. Agora já não.

Estagiária – Era uma estilista naquele tempo.

P – Pois. Como é agora naquela época se chamava de estilista. De maneira que vivi, depois criei os filhos e assim foi...

Estagiária – E quando entrou para a reforma, não teve pena de entrar?

P – Não, como eu já não podia e realmente não conseguia já trabalhar não tive pena de entrar para a reforma. Em casa já tinha bastante trabalho, não ia lá ninguém à casa e eu é que fazia tudo.

Estagiária – Muito Obrigada.

Então e a senhora pelo que eu sei saiu da escola para cuidar dos seus irmãos. Quando é que começou a trabalhar para fora?

H – Bem, a primeira vez que servi a marinha já eu tinha 20 e tal...22, 23.

Estagiária – Como é que surgiu esse gosto pela marinha ou era o que havia na altura?

H – Não, na altura havia a Força Aérea e a Marinha.

Estagiária – Mas era um gosto que tinha?

H – O meu pai levava-me à pesca e andava sempre na água e de maneira quando eu ia à pesca eu pescava e andava com o peixe assim...e o meu pai ria-se que se fartava.

Mas depois estavam a pedir pessoas para trabalharem nas máquinas de escrever. E como eu tinha o curso da máquina de telegrafia. Eles viram no papel, viram essas tretas todas e disseram que eu podia concorrer e eu disse que sim. Fui e concorri e até houve uma coisa engraçada entre os marinheiros e os capitães “é a loirinha que vai ganhar, é a loirinha que vai ganhar!” e depois entrei. Fiquei lá 5/6 anos a trabalhar para eles. Entretanto conheci o meu marido e essa coisa toda...

Estagiária – Nesses 5/6 anos já conhecia o seu marido?

H – Sim, conhecia. Depois eles foram para Lourenço Marques e para a Beira e essa coisa toda, depois foi quando eu conheci-o e nós éramos da mesma terra. Todos os que trabalhavam na marinha e na força aérea. Também tinha o exército em que tinha os meus afilhados de guerra... “ Até ficavam zangados porque a mulher da força aérea é mais bonita que a minha mulher. A nossa é veneno não presta para nada”.

Depois comecei a olhar para o meu marido e essa coisa toda e éramos para casar em Lourenço Marques, mas depois fomos para a Beira... Depois ele disse que gostava que eu

fosse para a Força Aérea e tal e eu feita parva mudei. Eu fui muito querida e todos gostaram de mim...até eu ia comer com os marinheiros e ia comer pão com ovo estrelado lá dentro.

Quando sai de lá fiz o teste e me viram ali disseram logo que ia ficar e pronto, fiquei ali.

Estagiária – Na força aérea fazia o quê?

H – Fui para a cozinha. Depois precisavam de pessoas para os livros. Tive até lá, mas depois vim embora. Vim embora como incapaz ao fim dos 30 anos. Vim embora como incapaz porque tive um problema de coração e ainda hoje tenho.

Estagiária – O que fazia como dactilógrafa?

H – Tudo. Depois trabalhávamos para a revista, depois escrevia-se para o papel da máquina e depois mais tarde faziam um livro ...havia lá um que só falava de selos porque era o coiso dele e nós tínhamos que escrever tudo. Mesmo que a gente não gostássemos, nós tínhamos que escrever tudo. Fazíamos de tudo um bocado. Até um texto para os que iam-se embora. Tinha lá um que era Russo e depois descobriram que ele era russo, as depois saiu...

Mas gostei de trabalhar na força aérea. Tinha lá uma que contava anedotas na hora de descansarmos um bocadinho...

Estagiária – As regras eram muito rígidas?

H – Não. Quer dizer, eram rígidas no ponto de quando era para trabalhar, era para trabalhar, quando era para descansar era para descansar. Nós no 13º livro também íamos para o book.

Sempre ouvi dizer na tropa que para ser um bom militar tínhamos que levar uma porrada...31.15 ...e eu não fui.

Eu fui chamada ao comandante da marinha, ao chefão e ele disse “porquê que a senhora não veio?”, e eu disse “Não há mulheres para os homens”, “poderia ter avisado tal coisa”, olhe descontei do meu ordenado para as tropas do Ultramar lá, descontei para as munições e para essa coisa toda...

Estagiária – Ser dactilógrafa era o seu emprego de sonho?

H – Quando nós amos à Moçarria tem lá a máquina de escrever e eu tim, tim, tim...

Estagiária – Mas gostava do que fazia?

H – Gostava e ainda hoje adoro. Quando eu deixei de fazer essas coisas todas “Ah anda aqui ao computador”...

Estagiária – Teve pena de sair?

H – Tive muita, muita...

Estagiária – E hoje como vê?

H – Vejo com tristeza, perdi muitos amigos, militares, tinha muita gente que gostava de mim.

Estagiária – Não mantém nenhum contacto com alguém dessa altura?

H - Tenho uma ou duas pessoas, mas a maior parte delas já morreram. Vi um rapaz que era de cá de Portugal... vi um antes de ir para Oeiras, um rapaz da marinha que estava em Lisboa e fazia a troca daqui pra ali, ali para ali e quando são as fragatas eles aparecem aqui, ou a beira da praia...

Estagiária – Quando é que veio para Portugal?

H – Vim para Portugal quando já tinha dois filhos.

Estagiária – Tinha dois filhos, mas já estava na reforma?

H – Não. A reforma veio cerca de 30 anos atrás.

Estagiária – Então depois de Moçambique foi para a Beira...

H – Fomos para a Beira e casamos lá. Andávamos os dois na tropa, ele no serviço dele e eu no meu serviço...

Estagiária – E o Senhor, já sei que o seu pai arranhou-lhe um emprego para si, recorde-me lá qual era o seu trabalho...

G – Eu fazia a parte do correio...a expedição.

Estagiária – E trabalhava a onde?

G – Na Caixa de Previdência...

Estagiária – Isso é o quê?

G – tinha papéis e máquinas...

Estagiária – Era como se fosse um correio antigamente?

G – Era, depois eu fazia as cartas irem para o correio.

Estagiária – Basicamente eram onde recebiam as cartas e depois eram encaminhadas para o correio...

G – Sim, sim.

Estagiária – Já havia cá o correio?

G – Havia. A pessoa contava as cartas...

Estagiária – Gostava do que fazia?

G – Gostava e eu tinha boas notas...

Estagiária – Na escola

G- Eu tinha lá boas notas...

Estagiária – E foi o seu emprego de sonho?

G – Por exemplo, eu estive lá durante 16 anos, mas eu não podia ser funcionário. O meu pai era funcionário e eu trabalhava lá. Foi o meu pai que falou com o tal senhor e quando fiz 18 anos e assim...

Estagiária – Assim foi o seu primeiro e último emprego...

G – Pois foi.

Estagiária – Gostava do que fazia?

G – Sim, sim. Todos os funcionários gostavam muito de mim, os funcionários tinham respeito pelo meu pai. O meu nunca ralhava com ninguém...

Estagiária – E entrou para a reforma há muito tempo?

G – Eu tinha...aliá, naquela altura eu não podia ter a reforma mais cedo. Foi um colega meu que falou com o meu pai...eu fui a uma junta médica e depois o médico é que disse...

Estagiária – Então foi reforma por invalidez...

G – “O que o Senhor está aqui a fazer?”, “nada”. Ele mandou uns papéis e eu entreguei à minha irmã, a minha irmã Teresa que é médica disse “o senhor não é atrasado. Olhe peça lá o número ao seu colega porque eu quero falar com ele”. Depois a minha irmã falou com ele e pronto.

Estagiária – E ficou triste por entrar para a reforma?

G – Não. Quer dizer, eu nessa altura eu não podia fazer os papéis, mas tive pena de perder os meus colegas, tinha certos amigos lá.

Estagiária – Mas teve de ser.

G – Pois. Tinha apoio do meu pai, o meu pai era diretor. O meu pai primeiro era chefe e depois concorreu para diretor.

Estagiária – Muito bem. E a senhora queria-me dizer alguma coisa?

H – Depois de escrever aquela coisa toda, havia militares que escreviam para as mulheres. Escrevíamos para a revista mais alta da Força Aérea, do Exército e da Marinha.

Estagiária – A vida é assim, mas tem que guardar as boas recordações, as boas memórias...

H – Tenho boas recordações, nos fartamos de rir...havia lá uma que gostava tanto de anedotas...Depois tive um AVC e deixei de escrever, agora escrevo, mas às vezes aparece um erro.

Aproveitei para tirar o curso de máquina...Na máquina tinha um papel assim e depois quando eu me enganava ela fazia um risco e eu não acabava. Era assim que eu aprendia...

Estagiária – E hoje tem que aprender coisas novas... Muito obrigada...O que fazia?

D – O meu pai trabalhava no campo e eu ajudava. O meu pai tinha as terras. Agente trabalhava no campo, plantávamos favas, ceifávamos o trigo, plantávamos azeitona, pronto, fazíamos essas coisas todas que havia no campo e a gente trabalhava no campo.

Estagiária – E a sua profissão foi agricultora?

D – Foi...

I – Ela andou no Liceu e não quer dizer...andávamos as duas (na brincadeira).

D – Pois foi agricultora.

Estagiária – E gostava do que fazia?

D – Tinha que gostar, não tinha outra coisa. Não tínhamos muita coisa que fazer então trabalhávamos no campo era isso que a gente fazia.

Estagiária – Ia de manhã quando mal o sol se ponha e chegava à noite...

J – Era de sol a sol...

D – Pois, era de sol a sol. Agora trabalham aquelas horas, mas a gente não, era de sol a sol que a gente ia trabalhar. No verão havia meses em que se fazia a sesta, parece-me que era em Julho.

Estagiária – Faziam a sesta depois do almoço?

D – Fazíamos duas horas. Antes havia ao almoço e depois havia ao jantar quando andamos a trabalhar e no verão, já não me lembra em que meses eram...

J – Eu acho que era na páscoa quando se dormia duas horas de tempo...

D – Não, era mais tarde. Parece-me que era. Ou começava em Julho e acabava em Setembro. Parece-me que era assim. Então era duas horas, ao almoço era só uma hora e depois então era na hora do jantar. Havia pequeno-almoço, havia almoço, havia jantar e havia ceia. A gente estava a trabalhar e tomava o pequeno-almoço em casa, depois íamos trabalhar e chegava à 13h e almoçávamos e depois às 15/16h era o jantar e depois era a sesta e à noite íamos para casa e era a ceia.

Estagiária – E trabalhava para fora?

D – Quando o meu pai tinha trabalho, ele quase sempre tinha trabalho, mas às vezes também queríamos ganhar um dinheirinho também íamos para fora fazer alguma coisa.

Estagiária – Gostava do que fazia?

D – Oh filha, não havia outra coisa, tínhamos que gostar.

Estagiária – Foi o seu emprego de sonho?

D – Na aldeia não havia nada. Ficávamos em casa e era assim a nossa vida.

Estagiária – E a Senhora?

J – Fui aprender num alfaiate

Estagiária – Então foi alfaiate...

J – Fui alfaiate, fui costureira, fui bordadeira à mão, fui bordadeira à máquina. Depois de casada fui comerciante.

Estagiária – Gostava de ser comerciante?

J – Gostava, mas era uma casa de muito trabalho, depois havia muita gente e era só vender. Era uma casa e quando havia as cheias dava muito trabalho.

Estagiária – O que vendia no seu comércio?

J – Ali tinha café e tinha uma adega. Comprava muito vinho...tinha uma adega e tinha uma casa de comidas e de dormidas.

Estagiária – Tinha muitos fregueses?

J – Tinha. O meu marido depois se pôs no negócio das ovelhas, depois se pôs no negócio das vacas e depois de ele morrer eu estava tesa. Não havia um vestido para a minha filha que fosse, dois contos naquela altura. Levaram-me 98 vacas charolesas, porque o gajo que o meu marido comprava o gado...no fim aquilo era a meias. Era um gajo ali da Azambujeira ainda estava a dever um tanto dinheiro ao banco. Aquilo não era tudo meu. Lá se foi a adega, o grande café...

Estagiária – Do que fez gostava de todos os trabalhos?

J – Eu não tinha mais nada

Estagiária – Gostou de ser comerciante?

J – Gostei.

Estagiária – Quem é que trabalhava no comércio? Era só a senhora?

J – Eu e o meu marido tínhamos uma empregada para fazer limpezas, para lavar a roupa. Ela ia trabalhar horas, aquilo era muito trabalho, 7 quartos lá em cima e depois fazer as camas era com eles, lavar a roupa como naquele tempo não havia máquina de lavar havia um tanque que lá estava uma mulher nas horas...

Estagiária – Tem saudades desses tempos?

J – Não, agora já não tenho. Apanhei lá muitas cheias...quando começava a chover eu tinha muito trabalho em tirar aquilo tudo e depois a lavar aquelas casas todas onde a água chegava dava muito trabalho. O meu marido arranjou logo aquela casa e a gente aguentou até morrer...

Estagiária – Ser comerciante foi o seu emprego de sonho?

J – Não. Eu nunca pensei...eu pensava casar, o meu marido era da terra e andava lá muitas vezes como lavrador e ele como não sabia ler, não tinha a 4ª classe e o meu irmão é que arranjou aquele negócio que era para a gente. Ele nem sabia ler, ele só sabia assinar o nome dele...

Estagiária – E quando entrou para a reforma?

J – Quando eu entrei para a reforma já tinha 65 anos e foi quando eu fiz a idade.

Estagiária - Não ficou triste, nem nada por entrar?

J – A primeira coisa que eu fiz fui entrar para a Casa do Povo, ainda andei não sei quantos anos na Casa do Povo. Depois com a Casa do Povo eu não me dava. Um mês antes de fazer 65 anos disseram-me para tratar de uns papéis nas finanças e eu fui. E disseram que os anos que andei na Casa do Povo contava, depois eu tive que ir lá onde havia isso para me passarem o papel dos anos perdidos da casa do povo.

Estagiária – Então trabalhou na Casa do Povo?

J – Nunca andei na Casa do Povo. Pagava para a caixa dos comerciantes, porque antes não havia caixa dos comerciantes, não havia nada...e no fim é que começou essa coisa da caixa. Um presidente da república é quem fez isso de a gente descontar...e chegava a pagar muito, cheguei a pagar 20 e tal contos. Acho que era contos que eu pagava naquela altura.

Depois eu nunca tive baixas, nunca tive nada e então a gente foi os anos que me pertenciam e os anos que estive lá na Casa do Povo e que pagava bastante pouquinho, mas depois também não havia outra coisa e nós tínhamos que pagar para a casa do povo.

Estagiária – Então teve o seu comércio até entrar para a reforma?

J – Foi até entrar para a reforma, depois a minha filha disse “oh mãe venha para cá”...agente para ter uma coisa tínhamos que pagar para não ter multa e depois com as exigências eles depois começaram. Tínhamos a gaveta do dinheiro, depois começaram a exigir os computadores e essas coisas todas e depois a minha filha “oh mãe venha para cá”, eu vim para viver com eles e acabei de desistir. A minha reforma e a do meu marido não chega a 500 euros. Agora já não sei quantas é que vou, o meu genro é que trata do dinheiro a receber.

Estagiária – Então não tem saudades nenhuma desses tempos?

J – Não. Não tenho saudades nenhuma desses tempos. De casada tenho, mas houve muitas alturas em que não me deixou nenhuma saudades. Depois o meu marido morreu...depois eu não tinha dinheiro, o que me valeu foi um depósito jeitozinho ainda por vender que já estava paga, e com o valor daquele dinheiro foi para o luto, para pagar o funeral, aquelas coisas todas e para ajudar a cachopa a casar. Ela já tinha tudo combinado, a casa, os comeres...

Estagiária – Muito obrigada D. Lurdes

Vamos lá, nesta vez é sobre o trabalho e a carreira profissional que vocês tiveram. Já soube que tive num laboratório. Vivía em Almada, certo?

Q – Na Amadora.

Estagiária – Viveu em Amadora e trabalhou em laboratórios

Q – No Lepti e no Lateral.

Estagiária – Quantos anos tinha?

Q – Tinha 14 anos. Para o Lateral já tinha 16 anos.

Estagiária – Então trabalho nesse laboratório aos 14 anos. Foi o seu primeiro emprego?

Q – Era italiano, o outro é que era português.

Estagiária – E foi o seu primeiro emprego?

Q – Foi o primeiro emprego. Trabalhei no campo, mas não se pode dizer que é emprego...

Estagiária – E no laboratório o que fazia?

Q – Ai ponha em frascos 60 comprimidos. Os frascos serviam-se numa calha para levar tampa. No outro, na Lateral, era outro laboratório em que tive mais tempo, tenho até uma fotografia minha com algumas colegas. Aí tive a fechar ampulas com um maçarico. Antigamente usava-se muito as ampulas para o tratamento de pessoas.

Estagiária – Gostava do que fazia?

Q – Não sei...tinham lá umas ideias que não gostava. Mas a do maçarico gostava, porque tem lume, tem chama e vibra ao derreter. Estive lá dois anos ou não sei quanto tempo foi...

Estagiária – E depois destes laboratórios, o que é que fez?

Q – Depois desses laboratórios a minha mãe soube que eu namorava o sobrinho do Carvoeiro Lopes, foi na altura em que havia na Amadora essa escola dos cadetes e que ainda hoje existe. As raparigas começaram a namorar os cadetes, iam para os bailaricos e tudo e então a minha mãe quando soube, a minha mãe até se assustou. Então foi ter com a minha tia Lúcia que morava na linha do Estoril e contou-lhe a história do meu namoro. Então raptaram-me da Amadora que era onde eu vivia para a Linha do Estoril...

Estagiária – Para não namorar com o rapaz...

Q – Para não namorar, para tirar de mim a ilusão de que namorava o sobrinho do presidente e se houvesse possibilidade de casamento. Quando foi para a minha tia tinha 17 anos.

Aos 19 comecei a namorar o meu marido, um rapaz que era da família Candi Castros. Esse rapaz foi apresentado pelos meus tios, por um jantar que fizeram para apresenta-lo e para dar uma oportunidade para nos conhecermos. E pronto, depois casei.

Estagiária – Depois de casar não trabalhou?

Q – Depois de casar eu não trabalhei

Estagiária – Nem quando estive na casa da sua tia?

Q – Não. Enquanto eu tive na casa da minha tia...

Estagiária – Então qual foi a sua profissão? Foi empregada doméstica?

Q - Foi depois do casamento. Foi empregada doméstica e fazia filhos, fiz 5, era trabalho também.

Estagiária – Tem saudades do tempo do laboratório?

Q – Não. Tenho mais tempo de quando tinha os meus filhos pequeninos.

Estagiária – Não se arrependeu de não trabalhar para cuidar dos seus filhos?

Q – Ai não me arrependo coisa nenhuma.

Estagiária – Acha que ganhou mais por acompanhar os seus filhos?

Q – Ganhei. Acho que qualquer ganha, mas muitas das vezes não pode, pois faz falta do dinheiro que a mulher entra para casa. Mas como eu não tive necessidade enquanto casada, porque havia a possibilidade de eu ter uma vida boa sem a minha intervenção de mulher empregada fora.

Estagiária – E nunca teve nenhum emprego de sonho?

Q – Não. Ah tive, desculpe, enfermagem

Estagiária – Gostava de ser enfermeira?

Q – Eu fui aluna do Arthur Ravara durante ano e meio. Como casei com o meu marido não tive possibilidade nenhuma de continuar, tive que sair e faltava ano e meio mais. Eram três anos. Mas isso eu irritei-me porque era o que eu sonhava ser, mas já lá vai tantos anos. Eu era muito nova.

Estagiária – Muito obrigada.

Q – Já agora investigue a História do hospital José Maria Grande. Quando for para...vai?

Estagiária – Vou, vou... então quer dizer, o hospital foi doado pelo seu avô, certo?

Q – Por ele não, pelas tias dele. Elas pediram para dar o nome dele ao hospital. Ele era sobrinho delas e afilhado também e elas não tinham filhos, pelo menos a história foi-me contada assim e está lá o nome dele sem dúvida nenhuma, José Maria Grande. Devia pesquisar quem foram elas, talvez dê alguma coisa muito gira.

Estagiária – Que engraçado. Irei ver. Muito obrigada.

UTENTE B

Estagiária – Nesta vez o tema é sobre o seu trabalho...

B – Sobre o meu trabalho?

Estagiária – Sei que começou a trabalhar desde novo e seguiu as pisadas do seu pai...

B – Exatamente. Eu ia de manhã à escola até ao meio-dia e depois do meio-dia para a noite eu ia ajudar ao meu pai como eu já disse. Fazer massa e transportá-la para ele e ele ficava a assentar o tijolo. E claro que depois há aquelas conta que ficam a dever ao outro.

Então enchia aquelas tampas com a colher e tal. Comecei logo a trabalhar sempre desde aquela data, aprendi a errar com ele. O meu pai era um homem que nunca teve mestre, teve em tempos, segundo ele disse num colégio que se chamava o Colégio de S. Frade, que era o colégio dos jesuítas e que depois foram expulsos depois da guerra da França e tiveram-se que safar-se de lá e o meu pai também saltou pela janela também. Mas lá havia vários artistas para pintar isto e aquilo e o meu pai foi aprendendo e o meu pai foi uns mestres daqueles mestres. Que quando ele se ponha a fazer, ele fazia. E então, era eu e o meu irmão que ia ao meio-dia à escola e outro ia meio-dia. E assim andávamos e trabalhávamos com o nosso pai a aprender. E quando foi numa certa data, em 71 e havia uma irmã minha que estava a servir uns certos tios e eu escrevi a ela se por acaso o doutor tinha cá trabalho, porque o doutor numa certa altura quis mandar-nos, a mim e ao meu irmão, vir cá para um certo trabalho. Naquela altura não podemos vir e noutra altura escrevemos à minha irmã, volta-me a escrever a dizer que sim e que tinha trabalho e que podia voltar para Santarém. Vim para cá e estive a trabalhar para ele uns 5 ou 6 anos... Tanto que lhe remodelei a casa toda. Era uma casa que tem ali quando se desce na Calçada da Atamarma. Aquilo é um convento grande e então remodelei aquilo todo. Depois o Dr. Ruy Puga era muito amigo dele e ia lá ver muito os meus trabalhos e ele começou a gostar do meu trabalho e pediu-me para ir lá a casa para fazer a pintura de uma mobília da cozinha e eu fui lá pintar-lhe a cozinha. Depois havia as criadas que a serviam e lá o meu patrão Esteves Pires, as criadas iam-se embora e então precisava de uma criada e eu digo lá para a Senhora dele, que se chamava Sr. D. M^a Antónia, “quem vai arranjar a criada sou eu!”, “Então como é que vai arranjar uma criada?”, “vou à terra dos meus filhos que há tanto tempo que já lá não vou e vou ver se procuro uma pessoa para vir para cá”, eram duas. Uma era a criada de dentro e a outra era a criada de fora, era a cozinheira e a criada lá de casa. E eu fui e indicaram-me então uma dela que é a minha mulher...

Estagiária – A D. Francisca...

B – A D. Francisca. E eu falei-lhe e ela estava desposta a vir, mas o padrinho com quem ela, pois ela já não tinha pais e vivia com os padrinhos. Ele não a queria deixar ir, mas tanto que batalhei e batalhei que ele a deixou vir para cá. E então, depois dela cá estar é que comecei a ver o ambiente dela e tal e gostei dela e pedi-lhe em namoro e em dois ou três dias ela aceitou. E assim foi a minha vida. Depois de fomos passar férias para a terra em Setembro e nessa altura tivemos o mês de Setembro e uma parte de Outubro e

casamos. Houve casamento. O Dr. Ruy Puga depois de saber que eu ia para a terra casar ele ficou chateado...

Estagiária – Porque não o convidou?

B – Não, “agora andas a me roubar a cozinheira que fazia os melhores petiscos!”, chateado, mas na brincadeira...

Estagiária – Exato...

B – Ele era muito meu amigo. Pois estas coisas estão tudo bem e tudo certo, “oxalá que sejam felizes”. E então fui para França em 66 e tive lá ano e meio sozinho e depois...

Estagiária – O que fez lá ano e meio?

B – Trabalhava...

Estagiária – Continuava a ser...

B – Trolha...

Estagiária – Trolha, Pedreiro.

B – Era pedreiro, claro, mas lá chamasse Maçon. E então comecei a trabalhar com um português, um primo meu é que era o encarregado das obras e então eu era mais amigo e trabalhava com portugueses. Só havia o chefe que era francês.

Então estive lá ano e meio sozinhos, mas depois vim cá a terra e arranjei os papéis para ir a minha mulher e a minha filha. O meu filho ficou cá porque esse nunca quis ir para França, mesmo quando nós lá estávamos lá, mesmo que fosse para passar as férias, ele nunca quis. E então agora já lá foi e já estive no nosso sítio, precisamente onde nós estivemos e lembro-me que casei uma filha numa igreja, já ele me disse que viu aquilo tudo onde nós estivemos.

Mas depois eu ia contando, o Dr. Esteves Pires sempre me dissera que era meu amigo, até que quis fazer sociedade comigo para eu começar a construir e eu disse que não porque não valia a pena. E então eu quando vim da França, depois vim buscar a minha mulher e estive lá mais dois anos, estive lá 3 anos e meio, porque ela lá andava sempre a chorar pelo filho e disse que vinha embora e eu disse “Então se tu vais te embora, eu vou também”, porque naquela data em que eu estava sozinho tinha que fazer o comer, quando ela lá estava ela é que fazia o comer e lavava a roupa e fazia a cama e aquilo tudo e eu disse, sozinho eu não fico cá, apesar de andar naquela altura uma à volta de mim uma italiana, e naquela altura eu trabalhava em Paris, mas havia uma italiana que estava sempre ao pé de mim para que eu ficasse mais. Naquela altura eu estava a ganhar 5 francos e ela dava-me 7, água e luz.

Mas como a minha mulher vinha-se embora, não, eu vou-me embora. “Tu já estás rico e tal”. Em Portugal também se ganhava dinheiro. Então eu cá tinha sempre muitos patrões, não é para me gabar, mas eu trabalhava bem.

Depois quem foi ocupar o meu lugar foi um irmão meu que trabalhava lá mais na fronteira da Normandia e lá souberam que ele estava lá a trabalhar e engaram-no e ele é que foi e ficou no meu lugar.

Depois então quando eu vim em 69 de lá, vim aqui a Santarém porque eu gostei de Santarém, para comprar uma casa para vir para cá viver por causa dos meus filhos todos. Um deles, por parte do meu primeiro casamento tinha estudado em Castelo Branco e nós estávamos a 20 e tal quilómetros e era chato nós visitarmos e ficava-me caro. Então vim cá e gostei da casa onde estou hoje, já a 47 anos e vim para cá. O Doutor quando soube que eu estava cá, é claro que falou-me logo para fazer o mesmo trabalho, “ depois disso quem precisa de ti é o Dr. Ruy Puga”, o Dr. Ruy Puga foi lá visitar-me porque eramos muito amigos e então combinamos se eu queria ir para ele e então fui lá e fiquei a trabalhar 5 anos efetivo para ele também. Cá em Santarém...

Estagiária – Estava a dizer que o Dr. Ruy Puga...

B – O Dr. Ruy Puga e o especialista dos olhos.

Estagiária – Mas ele precisava lá um pedreiro?

B – Ele precisava de um pedreiro e precisava de mim para fazer uns trabalhos lá em casa.

Estagiária – Então basicamente trabalhava como independente

B – Eu trabalhava por conta própria. E nessa altura claro que era só eu só, mas quando precisavam de um trabalho, então trabalhava nas obras da clínica e aqui em casa. E depois disso fui para Lisboa fazer obras na Avenida da Liberdade, fui para S. João do Estoril também para fazer obras e até ele quis que eu fosse à Madeira fazer uma obra...

Estagiária – A minha terra...

B – Verdade, ele disse que me pagava o avião de mês a mês e já por fim quando eu ia para S. João de Lisboa ele é que me pagava a pensão e viagens e tudo. Então eu dizia-lhe “Está bem Sr. Doutor, mas aconteceu que fui fazer-lhe um serviço à casa onde ele nasceu, em Tomar...eles eram dois irmãos, mas quando o pai morreu, um ficou com a casa e o outro com o quintal agarrada à casa e ele é que ficou com o quintal. Ele então quis fazer uma casa para ir lá passar férias a esse quintal e um dia diz ele para mim “vai comigo hoje a tomar que é para ver um trabalho que tenho lá para si e para ver se é capaz de fazer aquilo”, o quintal não era a direito, ficava em altura o terreno um bocado para dentro da parede e tinha uma grade de ferro antigas e para subir ao quintal era preciso subir uma

escada e saltar a grade, porque o irmão fechou-lhe a porta precisamente à saída da casa para o quintal. Então ele queria fazer uma casinha e eu disse “está bem Sr. Doutor, aqui tem que caber uma porta par a rua e depois fazer uma escadaria”, “então se sabe disso...”, eu digo assim “oh Sr. Doutor e a licença e a planta disto caso eles cá venham?”, “você diz-lhe que quem tem a planta e a licença sou eu”, “está bem”. Comecei a fazer a obra lá em Tomar e um dia aparece-me o fiscal a perguntar-me pela licença e pela planta”, e eu disse-lhe “não temos licença, nem planta, isso é com o Sr. Doutor”, “você não sabe que têm de mostrar a planta e a licença?”. Ora eu ia e vinha no meu carro de carga, ele é que me pagava o transporte, mas quando vim à noite eu fui-lhe contar eu se passa isto assim, assim e foi lá o fiscal e que disse que não podia fazer lá nada sem mostrar a planta e a licença. Ele vai e responde assim para mim “Ai este sacana, quem entrou no 25 de Abril tem-me metido nas mãos às algibeiras, mas deixe lá que eu também os vou enganar”, “então como é que é Sr. Doutor?”, “olhem você vão lá a Tomar entregar o material que lá tem, o cimento...e vai lá ao armazém a ver se não se importam de receber algum material como o cimento e nós vamos fazer outras obras lá para Tomar, nem que se vá buscar...”. Lá fui eu fazer isso e tratar dos papéis e entregar-lhe tudo e diz-me ele “eu tenho aqui muito trabalho a fazer na casa, a casa precisa disto, precisa daquilo aqui por dentro e por fora, e nós já tínhamos combinado fazer, mas tu não fazes mais nada, vou aconselhar o que eu tenho de direito e o indemnizar”.

(Houve uma pausa)

Estagiária – Vamos lá continuar...

B – Então o Sr. Doutor disse-me para eu aconselhar-me e não fazer nada. Eu fui ao tribunal de trabalho, que era o sindicato e então eles disseram “eles para o inimizarem não o podem o pôr na rua e você vai para lá, senta-se lá, vai almoçar e vem e não faz nada”...

Estagiária – E quem disse-lhe isso? O Dr. Ruy Puga?

B – O Dr. Ruy Puga. E assim fiz, eu ia para a entrada da clínica, sentava-me lá num cadeirão e estava lá nas horas dele e ele não queria que eu não fizesse nada e eu ali estava. Chegava-se à hora do almoço eu ia almoçar e depois ia para lá até chegar às 17h e vinha-me embora. Até que um certo dia chamaram-me a atenção “venha cá ao meu gabinete. Eles estão a brincar comigo e dizem-me que lhe tenho de pagar 40 contos”, mas no do tribunal de trabalho ele tinha-me que me pagar 44 contos com férias e tudo.

Estagiária – Mas quem o tinha de indemnizar? O Doutor?

B – O Sr. Doutor é que tinha que me indemnizar e pagar...mas dava aquilo por 44 contos, dizia no sindicato. E ele dizia-me que eles queriam que ele me indemnizasse com 40 contos e eu “Sr. Doutor, 44 contos”, “bem você sempre quer ir à Madeira fazer-me a obra?”,

“eu não posso”. “Mas é só fazer uma casa”... e ele diz-me assim “assine aqui”. Eu como tinha muita confiança com ele e já à 5 anos que trabalhava com ele, ele era meu amigo, tanto que ele chegou-me a dar 5 contos de gorjeta, numa ocasião. Ele era um tipo atinado e esperto e sabia como é que eram as obras, viu aquilo e pegou em notas de 5 contos e pôs na mesa onde eu estava “isto é seu”, era meu amigo. Eu “oh Sr. Doutor, bem que tem que me dar 40 contos, mas fique com os 40”, “Está bem, mas vai fazer a obra”, “vou sim”. Combinamos e ele dizia para mim que me pagava a viagem de mês a mês e era tudo por conta dele... E claro que começou a fazer a carta e eu não sabia o que ele estava a escrever. No fim, ele tinha uns médicos que tiveram a trabalhar para ele e há cabo de uns anos voltaram para trabalhar com ele. “Então assine aqui”, e eu “ainda não recebi o dinheiro e vou assinar já?”. Epá, quando eu lhe dei essa palavra ele ficou...” “quer que me levante da cadeira? Você está a desconfiar de mim? Assim não. Acabou-se tudo. Está tudo sem efeito. Pronto”. Ele deu-me o cheque, “Agora sim Sr. Doutor, agora eu posso assinar”. Depois diz-me o enfermeiro, “você só fez o que tinha a fazer, ele devia-lhe e você podia assinar e ele não dava o dinheiro. Tanto assim que ele fez isso a uma rapariga que está lá em baixo no hospital. Ele também fez uma carta e assina aqui que é para dar, mas não lhe deu nada, mas como ela já tinha assinado”. Então olhe, saí de lá e o António de Tremez, “precisava de fazer uma lareira e pôr lá na marquise azulejos e tudo fino”, fui trabalhar para ele e ele então dizia-me “Se fosse a mim eu também fazia o mesmo, mas você só fez o que tinha a fazer. Cá para mim, sabe-se lá se ele tinha a mania de lhe querer ferrar o cão? Embora que ele fosse seu amigo. Agente não o conhece”, coitado, ele também morreu primeiro que eu, ele levava-me 10 anos. Mas no entanto eu fiz grandes obras para ele, no S. João do Estoril, na Avenida da Liberdade em Lisboa, um consultório, um prédio resto chão para ele, que é onde está a Agência que me esquece do nome....

Estagiária – Gostava do que fazia?

B – Gostava. Gostava do que fazia. Tinha gosto pelo trabalho.

Estagiária – Se aparecesse outro trabalho dizia que não?

B – Pois claro. Eu fui fazer vários trabalhos a outras terras em outras áreas.

Estagiária – Quando era pequeno nunca desejou ser outra coisa?

B – Não. Fazer outra coisa...eu fazia de tudo um bocadinho. Eu tanto fazia estufa, tanto fazia pintura, como fazia de pedreiro, lareiras...

Ainda agora quando eu vinha da Junta de Freguesia, lá próximo na casa do meu filho e eu vinha a contar as chaminés que eu tenho feitas cá em Santarém, algumas 7. Eu fazia várias coisas, azulejos, era tudo...o Puga, até lhe fiz...quando você vai a um especialista da vista eles tiram umas lentes, e eu fiz-lhe umas coisas próprias de lentes, como era uma

secretária bastante pequenina e ele disse-me assim para mim “Oh senhor vai fazer-me isto assim, assim. Mas eu não sou carpinteiro, faça qualquer coisa, arranja uma porta com fechaduras e você uma coisa destas faz”, e eu fiz. Fiz várias coisas...o Dr. Esteves Pires também no consultório dele que é aqui na rua lá em baixo e eu preparei-lhe também o consultório e o engenheiro quis que eu lhe pusesse luz indireta nos tetos, e eu tive que lhe fazer uma moldura maçanca em volta a quase a 50 centímetros, e com lã por dentro que ligava as luzes do teto... e “então você disse que não era capaz e fez?”, e era assim...

Estagiária – Tem saudades desses tempos?

B – Ah se eu tenho! Eu estou em minha casa e a minha cabeça sempre a pensar e a minha mulher diz-me assim “estás a dormir? Eu vou dormir...”, “olha eu vou mas é dar voltas ao miolo” e estou a ver por onde eu passei. Ainda foi ontem à noite que aconteceu isso “olha, eu estou a contar as igrejas por onde eu andei a trabalhar”...pois, algumas 7 igrejas que eu trabalhei. Pois, aqui, acolá, ia para Santa Margarida, eram orcas, eram zebras, no campo...”

Estagiária - Porquê que entrou para a reforma?

B – Entrei para a reforma só aos 70 anos

Estagiária – Aos 70? Muito Bem...

B – Depois de ser reformado aos 70 anos eu tinha sempre trabalho, mas eu é que dizia que não. Mas muita gente eu ajudei a fazer...ajudei a fazer lareiras e várias coisas aqui e acolá porque não me largavam a porta. E há aqui um senhor que é o David Cardoso que é dentista, eu tinha que vir sempre pintar o gabinete, tanto que são amigos meus, ele e a mulher, até fazem uma festa, porque gostavam do meu trabalho e eu fazia uns serviços mesmo depois de estar reformado. Depois é que eu andei a abandonar...

Depois então acontece antes de me reformar, um dia em que tinha feito uma obra aqui uma senhora que tinha andado no Puga, pediu-me para fazer e diz-me ela assim para mim “você já vai entrar numa certa idade e agora há um concurso na Igreja da Graça, porquê que o senhor não vai para lá?” Isto é uma conversa que fez ela comigo, que havia o sacristão da Igreja do Milagre e o padre quando dizia a missa ela andava sempre a engraxá-lo e já não fazia aquilo que devia fazer...Eu como tinha sido sacristão na minha terra a uns 25 anos digo-lhe assim, quem vai para sacristão do padre sou eu, mas na brincadeira e ela vai e diz-me assim “Você queria ir, olhe há um concurso na igreja da graça, você vai concorrer”. O meu filho vai lá à casa e eu faço-lhe a conversa e diz-me “O pai já não é para andar nos andaimes, nos telhados... Então concorri. Fui pedir informações quando eu concorri e pediram-me informações minhas, até pediram uma informação ao marido dessa senhora

que está aí, a Dr. Ângela, que era meu compadre e já me conhecia e eu disse-lhe que era a pessoa mais indicada para lá, para a Igreja da Graça.

Depois eu estava a fazer uma obra lá em baixo no Bairro do Girão. Então calhou-me a mim a fazer ao fazer essa obra, trazia o prato da obra também comigo, eu ia lá às segundas-feiras explicar-lhe e ele a trabalhar, porque era a folga que eu tinha aqui na Igreja da Graça, mas a acabar e fazer duas madeiras lá e tudo isso... Então tive que terminar a obra só à segunda-feira. Eu explicava aos rapazes o que eles iam fazer durante a semana e depois eu à segunda-feira fazer as partes mais essenciais e mais custosas. Então estava lá na Igreja da Graça, por isso fui para lá e estive 13 anos e meio...

Estagiária – O que fez na Igreja da Graça?

B – Sabe onde é a igreja da Graça?

Estagiária – Sei.

B – Eu ia para lá como guarda, para abrir a porta e fechar. Porque lá está o Pedro Álvares de Cabral.

Estagiária – Exatamente... E isso foi depois de receber a reforma?

B – Não! Isso foi antes. Então na Igreja da Graça é que me reformei aos 70

Estagiária – Então quando estava na Igreja da Graça foi quando se reformou

B – Quando fiz os 70 anos foi quando eu me reformei. Estive lá durante 13 anos...

Estagiária – Era sacristão praticamente

B – Pois, quando era a missa eu é que ajudava na missa ao padre, mas depois eu comecei a comprar livros sobre a história da igreja e dos monumentos e aprendi sobre a igreja e eu é que fazia a explicação quando lá ia pessoas...

Estagiária – Era guia turístico praticamente...

B – Pois.

Estagiária – Falava português ou outra língua?

B – Só português. Inglês não sabia nada, alguma palavra em francês, claro que isso dava um jeito quando eram franceses, como eu tinha estado 3 anos na França. Ainda sabia alguma coisa, mas hoje já me esqueci muita coisa... Foi assim a minha vida. E então foi só aos 70 anos que eu me reformei, já lá vão 20 anos.

Estagiária – E uma vida inteira de trabalho...

B – Naquela altura aos 70 anos ainda estava rijo como o ferro. Quando eu fiz 89 anos, armai os andaimes aqui em minha casa e andava lá em cima a fazer pinturas nos 6 andares e passou um rapaz que vive aqui e que é muito meu amigo, que vive na casa amarela e disse “não sabia que no dia de hoje anda aí em cima? Estou admirado”.

Depois fizeram-me uma operação ao menisco e estragaram-me tudo...Em vez de me porem a ver, tiraram-ma...

Estagiária – Complicado...

B – Foi assim...

Um dia vou daqui para Castelo Branco no meu carro e estava lá e recebo um telefonema a dizer que já a muito tempo andava aqui um genro do Puga, “quando chegar lá para Setembro terá de ser operado à vista esquerda”, não havia maneira, mas houve uma senhora que me viu também lá no hospital quando eu foi fazer a operação e ela era muito minha amiga, telefona-me para lá porque havia vagas na Cruz Vermelha em Lisboa para ir fazer a operação e ela mandou-me vir e o meu filho foi lá buscar-me e deixei lá o carro “digam-lhe para vir buscar o carro porque nunca mais vou conduzir, estragaram-me a vista”. E cada vez vejo menos. Quando é a direito ainda vou indo, agora na calçada...E é a velhice que se está a adiantar cada vez mais. Daqui a pouco são 96.

Estagiária – Verdade...Muito obrigada pelo seu depoimento.

B – O Dr. Esteves Pires é médico de coração e vou lá eu e a minha mulher e nunca me leva um tostão.

UTENTE K

Estagiária - Como já vos tinha dito hoje vamos falar sobre a vossa carreira profissional...

K – A que descontei para a minha reforma? Como comecei com costura, mas eles não faziam...

Estagiária – Ah, começou com a costura

K – Pois, como costureira de Alfaiate. Foi logo aos 12 anos. E depois aos 35 anos quando concorri...aquele é que foi um bom emprego para mim, porque tive descontos suficientes para a minha reforma.

Estagiária – Gostou de ser costureira na altura?

K – Quer dizer, uma pessoa mais tarde...naquele tempo gostava muito

Estagiária – E como é que passou para a Caixa de Previdência?

K – Olhe, vi um anúncio no Correio do Ribatejo, concorri e entrei logo. Isto foi a 26 de Junho de 1975.

Estagiária – E concorreu para que cargo?

K – Limpezas. Depois precisaram de mim no infantário...fazia no infantário, fazia o que fosse preciso.

Estagiária – Então teve vários empregos...

K – A categoria era auxiliar de alimentação. Andei nas limpezas, mas depois passei logo para um restaurante. Tem lá um restaurante, mas já não pertence à segurança social.

Estagiária – Então explique-me lá o que é a caixa de previdência. Ainda a bocado esteve-me a dizer que...

K – Qualquer pessoa sabe que o centro de emprego vem através da segurança social...é uma instituição em que está muito ligada-da ao Estado, era para o Estado que nós trabalhávamos. Portanto, assim todos os meus descontos foram para a Caixa Geral das Aposentações.

Estagiária – Gostava do que fazia?

K – Gostava. Tinha necessidade de ganhar o dinheirinho, umas vezes mais, outras vezes menos, o que importa é a gente desempenhar o nosso...

Estagiária – Então quer dizer que ao mesmo tempo que trabalhava na caixa de providência, arranjou outro emprego...

K – Não. Costura foi primeiro, a seguir foi a Caixa de previdência, mas depois deixou de ser a Caixa de Previdência e passou a ser Segurança Social.

Estagiária – Mas continuou como empregada de limpeza?

K – Sim, mas como é que eu digo, nos primeiros 9 meses fiz limpeza, mas depois passei para o refeitório e depois dali uma Doutora fez a minha transferência para o Jardim de Infância Girassol. Tenho tantas saudades desses tempos...dos pequeninos irem para a escola.

Estagiária – Então pode dizer eu dos 3 cargos que teve, gostou mais do jardim-de-infância.

K – Pois. É um trabalho que nos ajuda a distrair. Pronto, quando eu fui concorrer para a caixa de providência eu ia com grande desgosto que ainda hoje não esqueci, mas pronto. Os anos passaram...

Aí eu digo, se me mandassem ir para os bebés eu ia para os bebés. As auxiliares e as educadoras tiveram a maior parte do curso de educadora, mas tinham que ir a Lisboa. Portanto, na parte da tarde quando elas não estavam lá, duas vezes por semana, elas precisavam de mim. Ficava com os meninos até ela chegar, os meninos já estavam a dormir e às vezes eu dizia baixinho “aquele ainda está acordado”.

Estagiária – Tem saudades desses tempos?

K – Ai tenho...era muito mais nova, tinha mais capacidade. Dei o meu melhor e gostei muito.

Estagiária – Acha que teve o seu trabalho de sonho?

K – Foi. Quer dizer, agora eu já estou nesta idade, portanto, já não espero e embora que fosse para outra, não iria gostar mais daquilo que eu desempenhei. Gostei muito...

Então quando eu fui trabalhar para o infantário estava lá o mais novo neto da D. Cecília. Era engraçado, estava numa caminha de grades e os outros já gatinhavam na sala dos bebés...já estava ali tudo pronto, mas ele era o mais novo e ficava na caminha.

Estagiária – E quando entrou para a reforma, ficou triste?

K – Não. Pontanto, o Doutor disse para mim “olhe eu não posso andar”, mas só a partir daqui só se pode ter um atestado ou dois por ano, e naquele tempo quando eu me sentia muito em baixo e doente, era já problema nos ossos. Então o doutor que fazia as consultas naquela altura ia-se embora e o “melhor que a senhora faz com tantos problemas de saúde que tem é ir para a reforme”, de maneira que depois ele passou uma declaração e fui a secção de pessoal para entregar o papel. A Doutora foi para Lisboa através da secção de pessoal, as secretárias disseram que era preciso esperar. Ainda estive um tempo à espera para ser reformada... em 2001, em Novembro fiquei logo com uma junta médica marcada para 25 de Fevereiro e no fim passado um dia ou dois já soube logo que fiquei...

Estagiária – Então entrou logo na reforma antes dos 35?

K – Sim, tinha 62. Muito trabalhei para pagar os meus filhos na escola. Mas já passou esse tempo.

Estagiária – Agora eles já são crescidos...

K – Tenho lá um que ficou rabugento, o que ficou a morar comigo. Às vezes... Ainda ontem ele veio aqui porque eu precisava. Ele telefonou para saber do envelope e ele telefonou, mas eu não adivinhava que ele já estava no lado de fora, porque era quando a porta se abrisse, eu estava logo ali... “E agora, e agora! Agora tenho de pedir uma senhora para me abrir a porta!”, vinha de lá a Belinha e eu disse assim “Oh Belinha, faz-me ali um favor”, mas pronto, quando eu cheguei à noite já estava tudo bem. É assim...

Estagiária – Tem muitas lembranças desses tempos?

K – Dos tempos que tive no colégio sim, os últimos 18 anos...

Estagiária – Ainda hoje encontra colegas?

K – Ainda hoje encontrei uma, ela chama-se Margarida “oh Margarida, nem estava a recolhê-la”, ela morava aqui perto, mas agora mora longe... “Não estava a reconhecê-la, mas você está boa?”, “Sim, estamos todos bons. E você está ali no lar?”, “Estou no Centro de Dia, que é aqui nesta travessa, atrás dos correios”. Eu gosto...e a Diretora fala-me toda a vez que me encontra...de todas as que estavam só faltava uma para reformar. Ela gostou de um casal, é perto até onde a D. Chica tem uma quinta. Eu gostava, nem que fosse um cafezinho para nos juntarmos todas...

Estagiária – Olha, reviver os velhos tempos, porque não...

K – E essa foi uma Diretora que por exemplo, no natal era preciso levar um balde com pedras para indo fazer aqueles montes, mas ela ia logo à minha frente e era...há pessoas que não nasceram para mandar...eu gostava muito dela e de todas.

Estagiária – Então a diretora, a sua chefe era muito rígida?

K – Não. Eu por acaso tinha um chefe da secção de pessoal, que agora já não o vejo porque ele casou em Fátima. E quando eu o via o nosso chefe da secção de pessoal passou-me uma declaração de como eu já estava reformada...mas pronto é daquelas pessoas...mas cada um tem o seu feitio. Quando falo da Diretora a D. Chica ainda se lembra. Foram coisas que já passaram e ficou-lhe na memória. Nós fomos colegas.

Estagiária – Ainda encontra crianças do tempo que trabalhou no jardim-de-infância?

K – Sim. Elas conhecem-me a mim e eu já não conheço a elas. Ainda no outro dia estavam-me a fazer uma pergunta e eu “a escola de música é aqui”, mas depois uma pessoa vinha a passar e fez-me uma pergunta e ouviu a pergunta que a senhora estava-me a fazer “Isso já não é o Governo Civil”, esclareci a senhora que precisava de uma ajuda e eu assim “diga-me lá o seu nome...”, nem pelo nome, tive tempos para ver quem era aquela pessoa. Mas quando eu vejo as mães, acho mais fácil reconhecer as mães do que os filhos, eu pergunto.”

Estagiária – Acha que aprendeu no seu emprego?

K – Sim, aprende-se muito. Quando mais viveu, mais aprendeu. Ainda agora uma coisa ou outra a gente se vai aprendendo.

Estagiária – Acha que isso contribuiu para a forma de como vê as coisas?

K – Sim. A forma de ver as coisas...no momento em que precisassem de mim, eu mesmo que não estivesse bem, mas se estivesse livre...

Estagiária – Tinha que estar sempre disponível...

K – Havia trabalho que não podia esperar. Se a criança quisesse ir à casa de banho e a educadora não podia ir com ela...tinha que estar ali sempre uma pessoa como vigilante.

Estagiária – Muito obrigada.

UTENTE O

Estagiária – Nas outras conversas o senhor disse que foi mecânico, começou a aprender, depois o seu patrão pagava pouco ou não pagava nada porque vocês não sabiam fazer nada. Então o senhor foi para militar e depois voltou, como já tinha mais estudos foi procurar trabalho, mas não foi para o mesmo patrão. Foi para outro, certo?

O – Muito bem...

Estagiária – Depois estive numa mecânica em que o dono era de lisboa, em que trabalhava com tratores e máquinas agrícolas. Certo? Esteve lá muito tempo ou nem por isso?

O – Não. Só estive lá nesses senhores de Lisboa 14 anos

Estagiária – E gostou?

O – Gostei. Era trabalho.

Estagiária – Depois dos 14 anos para onde foi?

O – Para a EDP.

Estagiária – E o que fazia lá?

O – Olhe estive lá a matar em vida...

Estagiária – Então?

O - A reparação de caldeiras, mas não é as caldeiras que vocês têm aí para aquecer a água. Era caldeiras com 26 metros ou 28 metros de altura alia a queimar Nafta. Sabe o que é nafta?

Estagiária – Não.

O – Nafta é um produto preto que arde quase como o petróleo, mas no fim de ardido deixa uma borra. Então aquilo ardia e deixava um calor que era uma coisa séria....Aqueciam as caldeiras, aqueciam a água e não há quem aguento. Quando havia avarias, as avarias das caldeiras eram o meu estudo. Quando se avariava um tubo, lá tínhamos nós ir para dentro da caldeira para repararmos tudo. Mas quem é que conseguia? Eles paravam as caldeiras às sextas-feiras à noite e para nós entrarmos lá para dentro. A caldeira atinge 1000 e tal graus de calor e a gente entrar lá para dentro a 1000 e tal graus de calor, já viu o que era?

Estagiária – Mas porquê que mudou de trabalho, de mecânico para a EDP?

O – Olhe, eu vou explicar. Deu-se o 25 de Abril, essa coisa boa que se deu e depois todo o mundo queria eram bons serviços e depois não se encontravam. Como eu tinha dois filhos tive que me garrar aquilo. Assim como me meti numa fábrica de papel.

Estagiária – Quando?

O – Antes de ir para a EDP. Tive em Setúbal numa fábrica que se chamava a Portucel. Nunca viu passar aí camionetes com uma grande estores e cheios de madeira? Levavam para lá, agora são queimados, aquilo era feito tudo às falhazinhas, depois é cozida a madeira que é para fazer o papel.

Estagiária – Diga-me uma coisa, estive em Santarém como mecânico, depois foi para Setúbal e depois voltou para cá?

O – Verdade. Depois vim para cá. Nunca estive parado. Trabalhava em qualquer lado. Em Setúbal nunca se acabou, mas o patrão depois trouxe pessoal aqui para a EDP daqui do Carregado, mas a gente para se entrar lá era preciso fazer um exame de habilitações. E eles levaram-me lá...acharam-me bonito para fazer coisas. Levaram-me lá a fazer o exame de habilitações. Quando lá cheguei e vi tanto pessoal para fazer exame, digo eu assim “será que eu venho aqui fazer exame e se entretanto calha-me a mim cá ficar? Pode ser que não”, fiz o exame e lá me exigiram e eu fiquei lá e lá tive 23 anos...

Estagiária – Na EDP?

O – Na EDP. Depois o engenheiro queria que eu lá ficasse a trabalhar por conta da EDP, mas eu não podia ficar porque eles só aceitavam até aos 65 anos e eu já tinha mais. Foi assim...

Estagiária – E depois da EDP?

O – Depois da EDP fui para a reforma.

Estagiária – Foi para a reforma por ter 65 anos?

O – Não. Estive na EDP do Carregado. Estive na EDP no Ferro, termoelétrica do Ferro. Depois voltei para a EDP e tive na EDP de Setúbal. Corri tanto canto...

Jéssica – E então porque entrou na reforma?

O – Agente agora vai ver o que são os médicos. Eles lá na EDP tinham lá o médico deles, depois levaram-me ao médico...havia lá umas chaminés altas e perguntaram quem era capaz de subir a chaminé e eu disse que era capaz de subir a chaminé. Fui ao médico, fez-me análises e escutou-me e disse que estava apto para subir a chaminé e eu com uma doença de coração. Fui lá e subi a chaminé, mas quando eu me apanhei no cimo da chaminé e olha-se para baixo e não se vê nada. Depois a chaminé faz assim, quando me vi no cimo da chaminé “não sei se me aguento aqui”, bem fiz o serviço que me foi incumbido, fui lá que uma vez ao cimo da chaminé. Então quando a gente lá ia o engenheiro que tomava conta da termelétrica fazia o seguinte, a gente subia lá ao sábado e ele pagava-nos o domingo, como se a gente tivesse trabalhado, mas ficávamos em casa...bem assim foi.

Cheguei a uma certa altura que até mesmo ao subir as escadas, porque aquilo tinha 28 metros de altura, mas a gente tínhamos os elevadores para subirmos lá para cima e havia as escadas se houvesse alguma avaria do elevador não podíamos ficar. Então eu comecei-me a cansar, eu chegava a meio das escadas cansado, cansado e foi ao médico. Fui ao médico, mas o médico da Caixa de Santarém. O médico “está tudo bom”, mas eu não posso subir...mas eu fui ao cardiologista e o cardiologista disse-me para mim “tenho que mandá-lo a Lisboa fazer uns exames” e fui a Lisboa fazer os exames. Esse exame era feito pela virilha

para ir ver o que tínhamos no coração e deram logo com o coiso, tinha as veias entupidas. Tinha as veias entupidas e eu não pude continuar a trabalhar.

Estagiária – Quantos anos tinha quando entrou para a reforma?

O – Não me lembro, mas ainda era pessoa dos meus 60 anos. Depois fui operado ao coração, cortaram-me aqui o peito com uma reedificadora por fora, abriram para um lado e para o outro. Foi 7 horas de operação, tiraram-me umas veias daqui das pernas para fazer um enxerto aqui no coração, chamam eles bypass. Houve um bypass que colocaram mal e quando o coração começou a bombear, o sangue saia cá para fora...um dreno que tinha aqui foi novamente aberto, tiraram aqueles ferrinhos todos, abriram-me novamente e foram ver onde saia o sangue e então arranjaram de novo e fecharam-me novamente. Estive lá no hospital de Lisboa, o Santa Maria 5 dias. Estive lá 5 dias e depois mandaram-me para Santarém. Mas nas duas operações eu perdi muito sangue e depois lá deram-me sangue e vim para aqui levar sangue novamente. O meu filho teve que arranjar umas pessoas para me dar sangue e então levei ali sangue e fiquei afinado, nunca mais pude trabalhar porque o médico não me deixou trabalhar. Ainda hoje quando faço um esforço qualquer tenho aqui uma coisa que dá logo por isso...Os arames é que nunca foram mexidos dali para cá, mas tenho aqui uns aramezinhos porque quando tiro radiografias aparece os arames torcidos com o alicates a prender este osso daqui, aqui...A vida é assim...

Estagiária – Qual das profissões que teve que gostou mais?

O – Se me perguntarem a profissão das que eu tive que eu gostei de mais, não gostei de nenhuma

Estagiária - Então qual era a sua profissão de sonho?

O - A minha profissão de sonho era ser mecânico de automóveis.

Estagiária – Mas acabou por sê-lo...

O – Acabei por sê-lo, mas sem condições. Hoje a gente mete ali um aparelho e tiramos o motor do carro para fora e na altura quando eu fui mecânico não. Teve de ser um pau atravessado, um ou dois de cada lado a fazer força.

Estagiária – Então gostava de ser mecânico nesta altura porque as coisas são mais automáticas. Não há muito trabalho ao levantar o carro!

O – Para levantar o carro? Mete-se o carro em cima de um elevador e levantasse o carro, metia-se um cadernal e puxa-se...hoje já não se puxa, é só carregar no botão. E tudo isso é fácil, mas na minha altura não, atava-se o motor com uma corda e atravessasse um pau e metíamos uns num lado e outros noutra e tínhamos que fazer força para meter o motor cá para fora.

Estagiária – Então queria um trabalho mais facilitado e mais automático...a preguiça era tanta?

O – Não era a preguiça, é que a gente a fazer aquele serviço dá cabo da nossa coluna, mas também lhe digo uma coisa, um serviço que eu também gostava de fazer era o das máquinas de agricultura, mas só a parte de tratores. Quando era a parte das máquinas das ceifeiras, isso é que não gostava nada, porque avariava-se uma quando andava nas ceifeiras do arroz, lá tinha a gente metermos dentro da água, dentro daquela lama para reparar as avarias. Isso também não gostava nada. Havia umas que gostavam, outras que não gostavam.

Agora patrões como aqueles de Lisboa, nunca tive. Uns patrões que eram formidáveis, só que o patrão faleceram, a patroa ficou com aquilo mais os filhos e venderam logo aquilo a um senhor...um era presidente da câmara da Chamusca, tinha lá um pavilhão muito grande, cheio de carros antigos, até tinha dois mecânicos a trabalhar por conta dele nesses carros antigos. Agora o outro era vendedor de marisco. E tiveram aquilo poucos anos. Tiveram aquilo uns 4 ou 5 anos.

Estagiária – Ainda se lembra das coisas, dos nomes, das máquinas, dos carros? Eu não entendo nada de mecânica...

O – Do meu tempo lembro-me.

Estagiária – Se eu lhe trazer um carro ainda é capaz de arranjar? Ainda entende lá as peças ou já nem por isso?

O – Então não consigo arranjar um carro? Embora que os motores sejam diferentes e mais modernizados, mas ainda bem a pouco tempo o meu filho chegou lá com um carro e eu arranjei-o. Agora já não o tem porque vendeu-o, trocou-o...rapazes e raparigas de agora só querem é carros modernos...

Estagiária – Tem saudades desses tempos?

O – Tenho. Tenho saudades desses tempos. Só numa questão, porque agora me vejo assim...gostava de ter os meus serviços...

UTENTE R

Estagiária – Teve em Lisboa. E lá o que fazia?

R – Fui para Lisboa trabalhar. Fui para lá com 13 anos. Fui para Lisboa trabalhar para uma fábrica de bolos. Lá me mantive até aos 30 anos.

Estagiária – Ainda estive lá muito tempo...

R – Pois, ainda estive lá muito tempo. Fui para lá em 45 e vim aos 60, são 25 anos...

Depois vim para cá ao qual me estabeleci com a minha mulher, já casado. Estabeleci-me com um café e um restaurante e mais tarde com uma papelaria. Tive também uma fábrica de pequena escala de batata frita, grão frito...Tinha o restaurante e o café e também estava menos tempo na fábrica, por isso acabei com a fábrica por falta de pessoal... Agora há muitas batatas, as pessoas comem batatas ao almoço. Tinha batatas com um diâmetro superior a este, um bocadinho mais altas...

Estagiária – E na papelaria, esteve lá muito tempo?

R – 20 anos, eu estive lá 20 anos. Construíram um prédio novo.

Estagiária – Quando estava na papelaria, fui quando concorreu para a Junta de Freguesia?

R – Exatamente, quando eu estava na papelaria e depois, foi quando o governo me propôs ser candidato a presidente da Junta de Freguesia, partido socialista. Mais tarde a papelaria fechou porque tiveram que demolir o prédio e eu continuei, mas enquanto eu estive na papelaria ao mesmo tempo, mas a partir da altura em que fiquei disponível, eu estava lá a tempo inteiro. Nas freguesias nós nos ordenávamos, depois passaram a dar às freguesias com mais de 5000 eleitores uma comparação...O governo na altura resolveu o seguinte, todas as freguesias que tivessem mais de 1000 eleitores davam essa comparação...

Depois chegou-se a uma altura que eu disse que não continuava mais. Foi quando eu sai e ocuparam o meu lugar. O lugar isto é, indicaram uma pessoa para candidato e ia a votos. Desde que tive lá 25 anos só perdi uma vez por um voto a um adversário meu.

Estagiária – Qual dos trabalhos teve mais gozo?

R – O trabalho que eu tive mais gozo, a vida é imprevista...todos os anos havia eleições, de 2 a 2 anos. E nós só estávamos na junta durante esse período...fora isso...

Nós na junta de freguesia tínhamos a obrigação de acudir muitas vezes não só o povo, mas também as SCM, nem a Cruz vermelha tem...A junta de freguesia tem outro poder que a cruz vermelha não tem...nem outras.

Ajudávamos muitas vezes a população e de lá vinham os subsídios que a Junta ajudava, pronto, por aí também gostava, mas também gostava do comércio.

Tive muitos anos no comércio, comecei no comércio desde que fui para Lisboa, fui para lá em 45 e vim nos anos 60, foram 25 anos.

Estagiária – Exato

R – Depois disso eu estabeleci-me, tive o restaurante e depois disso abri a papelaria...

Tive o restaurante naquela rua do seminário...

Estagiária – Na rua principal...

R – Era no resto chão, no primeiro andar. Era um máximo, era um restaurante de primeira. Depois os donos deixaram de comprar aquilo a muitos anos, mas naquele tempo não tinham dinheiro para fazer as obras e realizar o pagamento e decidiram vender...lembro-me que depois construíram a rua, o Ribatejano...mudaram para melhor. Antes era só o Resto Chão e o primeiro andar, mais nada e então antigamente estavam a retirar o rendimento nesse tempo para uma construção nova. E então os empreiteiros me ligam e eu dediquei-me ao comércio muito novo, com 13 anos. Era uma criança...

Era mal pago e na forma de relacionamento com o cliente, nós com o contacto com o público temos que aprender também, temos que aprender também. O contacto com o público também é muito importante e eu gostei. Gostei sempre daquilo que eu fiz.

Estagiária – Acha que teve a profissão de sonho?

R – Não...

Estagiária – O que gostava de ser?

R – Eu gostava de ser músico. O meu pai era um homem com muito jeito para a carpintaria, para a madeira. Coisas idealizadas por ele e isso também era uma ideia que eu tinha. Um dia que eu fosse crescido ia dedicar-me a isto. Preferia a carpintaria em móveis e coisas em madeira. Mas o que me desviou foi eu ter ido para Lisboa. E aí...

Estagiária – Aí acabou-se o sonho...

R – Acabou-se o sonho aquilo que na verdade eu gostava de fazer. Porque isto é como todas as coisas, há muitos alunos que quando estão no liceu, acabam o liceu, acabam a escola e depois querem tirar um curso... Querem ir para a universidade tirar um curso e por vezes não conseguem...

Estagiária – Por vezes não conseguem tirar aquilo que querem...

R – Pois. Às vezes têm que ir para uma área que não gostam, nem aquela que é rentável. Um estudante ao entrar e tem que pensar na saída que esse curso tem. Arranja um curso e depois não tem saída e não tem emprego na área e depois têm que andar com os pais ao ombro, há homens e mulheres com idade de casar às vezes que vivem na casa dos pais e é muito aborrecido.

Mas se eu for para uma escola e tirar um curso que eu quero as coisas mais fácil se resolvem.

Estagiária – Tem saudades dos tempo da papelaria e do restaurante?

R – Não...

Estagiária – E de Lisboa?

R – Nem por isso! Gostei muito de Lisboa, quando eu era jovem, Lisboa foi uma escola para mim. Aprendi a viver e a lidar com as outras pessoas e aprender com pessoas mais

velhas que eu. Eu quando trabalhava, tive em duas grandes casas em Lisboa, fui empregado durante vários anos e era com esses empregados a muitos anos que eu gostava de estar e contactar e eu com a experiência da vida gostava de estar junto desses colegas mais idosos, porque era de onde nós conseguíamos aprender alguma coisa de como era a vida e o que nós podíamos fazer para se agarrar a vida. E eu digo-lhe uma coisa, eu gostei bastante de Lisboa, a cidade por ali dentro, a vida, etc... mas nos últimos anos eu já não estava a gostar muito de Lisboa, fartei-me... Fartei-me de correr, “ai se perco o comboio”... Hoje tudo está de maneira geral mais perto. Eu moro aqui em Santarém e trabalho aqui em Santarém... mas aqui é uma vida mais saudável. Lisboa é uma vida muito poluída, muito cansativa...

A minha mulher morava aqui em Santarém e então quando eu tinha 25 anos e eu casei aos 27 anos e eu com todo o gosto que eu tinha em convívio de família... Foram duas coisas que me fizeram voltar, a confusão de Lisboa e a vontade de casar, pois eu já tinha 26. Tinha que resolver a vida...

Estagiária – Como é que namorava? Em carta?

R – Não havia os telemóveis como há hoje em dia. Eu normalmente vinha cá nos dias de folga e vinha muitas vezes cá na folga de comboio.

Estagiária – Sempre que podia fazia uma fugazinha até Santarém...

R – Pois, no dia da minha folga no geral, não quer dizer que fosse sempre, às vezes tinha folga e não podia, mas quando eu podia vinha. A minha mulher vivia mesmo no centro da cidade. Vivia com os pais e tinha mais irmãos. Eu vinha cá e íamos para o jardim da república namorar e a minha mulher tinha uma irmã mais nova e então ia a acompanhar-nos. Ela almoçava na casa dos pais e depois íamos até às Portas do Sol ou à Praça da República, então vinha a irmã mais nova a fazer-nos companhia. As pessoas podiam não pensar mal, mas podiam outras pessoas pensá-lo se nos vissem sozinhos...naquela altura era assim. Hoje namoram na rua e está a namorada e o namorado, juntos e ninguém repara e não querem saber.

Naquela altura se visse a sair da casa dos pais... “olha, olha, já vai sair”...naquela altura era tudo, era toda a gente. Era tudo mal dizente, mas já se sabe que as pessoas vão mudando, as ideias, os pensamentos, os pessimismos, vão mudando e têm mudado muita coisa...

Tenho dito, muita coisa mudou até para pior...para pior infelizmente. Não quer dizer que tenha mudado para coisas só positivas, mas as negativas se desenvolveu rapidamente. Então as pessoas naquela altura as raparigas namoravam à janela e os namorados em baixo. Aliás, para dar uma beijoca, “olha lá, não me dás um copo de água, que eu estou

cheio de sede”, enquanto ela trazia o copo de água aproveitávamos...mas os namorados eram assim, ele no resto chão e ela no primeiro andar...

Estagiária – Coitado daquele que estava no último andar...

R – Ficava ali sempre a olhar para o ar. Se tivesse frio ou se chovia, etc...,mas se nós queríamos um beijo, “olha lá não podias vir cá abaixo trazer um copinho de água?”, depois ela trazia a água e eu dava um beijo. As coisas funcionavam assim.

O namorado só entrava em casa ao fim de tanto tempo de namorarem e só lá entrava com a autorização da mãe e do pai. A mãe estava sempre por perto, ou a avó, ali a fazer o croché ou a fazer qualquer coisa da casa. Estavam a namorar e elas ao lado. Era assim naquele tempo...

As coisas modificaram-se, mas foi de 8 para o 80.

ANEXO V – TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.º4

TRANSCRIÇÕES DA ATIVIDADE N.4 – NASCIMENTO DOS FILHOS

GRUPO 1

ATIVIDADE

Estagiária – Aos anos que já não põe uma fralda?

A – Agora já não ponho uma fralda a uns tempos...

D – Já mudei muita fralda...

Estagiária – Mudava muitas fraldas aos seus filhos?

D – Mas não tem o alfinete...

Estagiária – Tem, tem! Já mudou alguma fralda?

G – Não.

Estagiária – Sei que não tem filhos.

A – Tem que puxar a coisa para cima.

I – Tem que puxar para cima...

Estagiária – Tem de puxar para cima e clicar...exato. No tempo dos vossos filhos as fraldas eram só destas?

A – Eram só destas.

J – Eram de pano...

D – Não consigo meter, mas faz de conta eu ponho...

I – Os alfinetes das fraldas eram desses.

D – Está tudo, a fralda está bem posta, faz de conta que eu pus, pronto.

J – Posso tentar?

Estagiária – Pode, mas vou-lhe abrir o pano todo... temo aqui um bebé!

H – Pois isso é o que estou a ver.

A – Melhor é embrulhar o bebé na fralda e pronto!

K – Se é para pôr uma fralda isso não custa nada!

Estagiária – Então, vai pôr uma fralda.

J – Já está.

D – Ah! Ainda está pior do que eu...

G – É assim...

A – Ele sabe!

D – Não é, é assim primeiro. Assim...

I – Então ela estava a fazer bem...

Estagiária – Ainda a bocado vi de maneira diferente. Certamente deverá haver várias maneiras de pôr a fraldas...

D – Deixa-me ajudar a dobrar!

I – Agora já não há fraldas dessas...

D - Agora já não há fraldas dessas...vá, vamos jogar.

Estagiária – Muito obrigada meninas”.

“K – O meu Luís quando era para pôr a fralda, depois havia o repuxo..

H – Mas que nome, Cristina Margarida.

Estagiária - É a Cristina Margarida, é uma menina... Quem que mudar primeiro?

K – Parece-me que ainda tenho lá uma da minha filha. Naquela altura não havia descartáveis...onde está o alfinete?

Estagiária – Está aqui o alfinete.

H – (Começou a falar com o bebé)

Estagiária – Não quero é que se pique.

K – Sr. Rui você vai aprender a pôr fralda...

H –Ai o bebé! Isto fica tapadinho e tudo...

(...)

K – É a minha bisneta. Quando mais vêm ao mundo, mais sobrem, mas ainda vão...mas já não vejo isso. A minha neta ainda faz 18 anos. Se ela for como a avó, casei com 18.

Estagiária – Casou-se nova.

K – Não está muito bem-feita, mas também não vou desmanchar...

P – Até já, porque eu vou à Belinha...

K – Não consigo meter o alfinete...

Estagiária – Muito bem...

K – Este alfinete é muito largo.

H – Cuidado com a mão para não picares o dedo...

K – Ela tem muito jeito.

Estagiária – Quer tentar?

H – A senhora tem filho?

Beta – Tenho dois...

H – Então tem que saber...

Estagiário – O bebé é pequeno.

Beta – O alfinete?

Estagiária – Está aqui...

H – Isto não vai até ao pescoço, só vai até aqui...Isso está muito grande...Tens de fazer assim...

K – Eu não consegui meter o alfinete, talvez ela consiga...

H - Agora espetas...

Estagiária – Já está. Muito bem. Agora a senhora... Tem que começar de raiz.

F – O alfinete?

Estagiária – Sou eu que tenho... Conseguiu! Vai ou não vai.

F – Ai meu amor, já está limpinha a minha querida.

A – Agora já comeu e tem que arrotar.

F – Ou já arrotou por baixo...

A – Para arrotar temos que lhe dar um abaninho..."

Tal como no excerto anterior, podemos verificar vários momentos de descontração.

É de ressaltar a participação dos homens nesta atividade, pois ajudaram de livre vontade a colocar uma fralda.

"Estagiária – Então o senhor alguma vez mudou alguma fralda?

M – No tempo dele não se usava fraldas...

N – Ajudei...

Estagiária – Ajudou a mudar as fraldas da sua filha?

N – Sim.

Estagiária – Ajudou também a dar banho?

N – Sim senhora.

Estagiária – E a senhora?

M – O quê?

Estagiária – Também mudava... claro que mudava, que remédio tinha...

M – Senão eles andavam todos sujos...

Estagiária – Mudava a fralde de quanto em quanto tempo?

M – quando estava chuva...

E – Eram lavadas...

Estagiária – Não ficavam molhadas facilmente? Agora no meu tempo são descartáveis...

N – No nosso tempo era uma fralda de pano e agora há umas fraldas muito jeitozinhas para pôr nos bebés...

M – Era um pano dobrado em triângulo...

N – Era e levava um alfinete aqui à frente para segurar a fralda.

Estagiária – Quem quer experimentar pôr uma fralda? Bem que isto é o dobro o triplo do tamanho do bebé... Venha cá para a frente D. Joaquina...

M – pois, o bebé é pequeno...

- N – Eu o seguro e você põe a fraldinha...
- M – Tem que sobrar uma ponta...
- N – Tem que sobrar duas pontas para a barriga e depois leva os alfinetes...
- M – Dobra assim...depois põe o alfinete.
- Estagiária – O alfinete...
- M –Está mal dobrado, mas o bebé também é de plástico.
- Estagiária – Está mal dobrada ou perderam o jeito como ponham a fralda?
- M – O problema é mesmo esse...
- E – Esta ponta está pior...
- M – Pois está. Está mal obrado. Uma criança veste-se de qualquer maneira, não é por estar mal dobrado...
- Estagiária – Por falta de pior...
- N – A senhora pensa que está a mudar a fralda ao seu bisneto?
- M – Bisneto já?
- N – Não tem?
- M – Os meus netos só pensam em estudar...
- Estagiária - Já mudou as fraldas ao seu bisneto?
- E – Ai, tantas...
- Estagiária – Ao seu bisneto?
- E – Ao meus bisneto não.
- N – Rica barriga a menina...
- R – É muito grosso o pano...
- Estagiária –É.
- M – É muito grosso, por isso que temos de dobrar muitas vezes...
- Estagiário – O bebé também é pequeno, mas naquele tempo também havia bebés pequenos...
- M – No meu tempo os bebés eram maiores.
- N – Isso está muito grosso, se calhar é melhor dobrar a fralda...
- M – Mas isso tapava o boneco todo.
- N – Não tapa nada...
- Estagiária – Não havia aquelas mezinhas para não dar olhado ao bebé?
- M – Nunca ouvi faltar disso.
- N – Falta pôr o...
- M – Não sou capaz...
- Estagiária – Não consegue...

N – Tem eu dar isso às meninas novas...as meninas é que devem saber...

Estagiária – Olhe.

N – Sabe?

Estagiária – Acha? Só as descartáveis.

N – Pois, isso agora é tudo descartáveis...

Estagiária – Agora as fraldas são outras...

N – Pois são...Olhe está aqui, abrace-o...Tem de dar maminha ao bebé, á menina...

M – é o bisneto. Quer que punha as maminhas de fora?

N – Não! Ponha assim...

M – Olhe, no meu tempo as pessoas eram mais púdicas, davam mama, mas ponham uma fraldinha por cima a tapa...

N – Tapavam e só tiravam um botão ou dois e puxavam a mama para cima, mas sempre tapadas.

M – A pinha mãe uma parideira 11 filhos e a mãe da minha mãe teve 12. A minha avó, estivesse onde estivesse, ela e as outras da idade dela, chegavam com fome, ela sentava-se, deitava a mama para fora... e ela dizia se a mulher nasceu com mamas, era para dar a mama e era mais bonito tapar do que ter aquela mamona de fora.

N – exatamente...

E – Posso tentar fazer?

Estagiária - Claro que pode tentar fazer.

R – No nosso tempo não havia descartáveis, era de pano.

M – Está a dobrar muito melhor que eu... Não tem bisnetos?

N – Só uma neta.

M - E nunca quis mudar a fralda a neta? Se calhar isso já fez...

N - Já, já...

M – Pois...O meu tio ia a todo o lado com os filhos ao colo, pelo menos o mais velho ...

Estagiária – Olhe a perninha do menino...

E – A perninha... e aqui está ela...

M – Foi mais ou menos como eu fiz. Mas mais concertado.

N – Quando me meu isto pela primeira vez, eu usava uma fralda e umas coisas e a minha mulher me levantou muitas vezes da cama e pôs-me as fraldas e as cuecas.

M – Não há nada de mal. Somos todos seres humanos...

N – Eu não posso fazer porque eu não posso.

E – Não consigo meter isto...

Estagiária – É do alfinete, deixe estar...

M – O alfinete não tem força...

E – Não vai...

Animador – E pá, tem uma fralda até aos joelhos...

R – Devia ser um alfinete daqueles grossos.

Animadora – Tem ali mesmo um alfinete de bebé...

Estagiária – Ah, muito bem!

R – O pano é que é muito grade..."

GRUPO 2

C – Só tive um.

Estagiária – Estava preparada?

C – A 19 de Setembro.

Estagiária - Nasceu a 19 de Setembro. Estava preparada para ser mãe?

C – Estava. Eu queria ter um filho.

Estagiária – E foi muito difícil?

C – Não. Teve muito tempo para nascer. O médico só dizia “tem cabelo preto, tem cabelo preto...”. Nós lá na terra tínhamos um médico muito entendido, o Dr. Egas e diz assim o meu marido disse “vou falar com o Dr. Egas que costuma vir cá à casa e como ele está sempre a perguntar por ti e faz de conta que ele telefonou para mim a perguntar por ti e ele mal que chegou tirou logo e “nasceu um rapaz” e o bebé começou logo a chorar.

Estagiária – Como é que foi os primeiros dias de vida dele?

C – Foram boas...

Estagiária – Não houve complicações ao habituar-se às horas de comer, às horas de se deitar?

C – Não. Tinha aquelas horas, eu tinha que dar aquelas horas.

Estagiária – Ficou muito feliz quando soube que estava grávida?

C – Foi porque eu queria ter um filho e o meu marido também queria ter e ele dizia “nós vamos ter!”...

Estagiária – E assim foi...

C – E assim foi...

Estagiária – Lembrasse de qual foi a primeira palavra que ele disse?

C – Não. Ele começou a falar muito cedo. Mas não me lembro de qual foi. Ele começou primeiro a falar do que andar.

E fez muitas partidas quando foi para a escola. Nós vivíamos na cidade e fomos viver para o Cartaxo e ao pé do Cartaxo tem Pontével. E tinha assim uma vivenda fora da...Cartaxo é vila...já não sou capaz de contar o que tinha para dizer...

Estagiária – Não faz mal...

C – Ele sempre foi um castigo para comer. Depois tínhamos um gato, bastava ele só abrir a janela, a janela da rua era metade desta, ele tinha três filhos que morreram em combate quando foi aquilo das colonias e ele qualquer coisa “oh Sr. Doutor, o Zé isto, o Zé aquilo”, “ele vai levar já”.

Ele tinha asma também, mas depois foi para o ultramar fazer a tropa e passou a todo...

Estagiária – E o enxoval do menino já tinha?

C – E tenho alguns...

Estagiária – Preparou o enxoval quando?

C – Durante a gravidez... Tinha coisas ainda. A minha mãe teve três filhas e eu gostava de ter um rapaz. A minha mãe era toda bordadona e fez o enxoval para o bebé, fez o enxoval para o meu filho. Ainda lá tenho...

Foi para as minhas netas...

Estagiária – E quando soube que queria ser avó?

C – Eu sabia que ia ser avó. E queria ser avó...

Estagiária – Então era o que mais queria. Então foi uma grande felicidade.

C – Foi.

Estagiária – Como não trabalhou, acabo por ser uma mãe muito presente na vida do seu filho?

C – Pois foi.

Estagiária – Muito Obrigada ...

I – A minha foi muito difícil.

Estagiária – Foi muito difícil?

I - Foi muito difícil, ela teve que ser tirada a ferros, eu fiquei toda rasgada.

Estagiária – Então já foi no hospital...

I – Foi. E sai de lá toda mimada.

Estagiária – Quantas filhas tem?

I – Filhas tenho uma e filhos tenho um.

Estagiária – É um casal então...

I – É. É a coisa melhor que eu tenho na minha vida, são os meus filhos.

Estagiária - Quando sobe que estava grávida foi a sua maior felicidade na vida?

I – Olhe, naquela altura não foi muito bom porque tinha casado a pouco tempo e queria ainda estar um bocadinho solteira. Mas também não foi nenhum desgosto.

Estagiária – E durante a gravidez preparou o enxoval?

I – Sim. Fui fazendo algumas coisinhas. Comprar as fraldas, mas não são fraldas como as de agora...

Estagiária – As descartáveis. Eram de pano...

I – Tínhamos que lavar todos os dias e essas coisas assim....Ponhamos flores

Estagiária – Depois há aqueles mitos de colocar a roupa do avesso por causa do mau-olhado...

I – Eu também era amiga de coisas dessas. A minha família também deu muita coisa...depois dei algum enxoval porque depois tinha sobrinhos. Tinha no lado do meu marido, as minhas cunhadas também me deram muita coisa e eu não fiz assim muito enxoval.

Então nós não sabíamos se era um rapaz ou uma menina, Agente naquele tempo era assim...

Estagiária – Exato...

I – E então a primeira foi um parto mal feito, a segunda não Graças a Deus.

Estagiária – Qual foi o mais chorão?

I – Talvez ela, mas ele também não foi muito chorão. Agora o meu filho não, ele tinha uma coisa muito boa, quando a gente ia a qualquer lado com ele e ele tinha sono e não dormia ao colo. A gente sabia quando ele tinha sono e dar leite e tumba e a gente com ele ao colo... Ainda me lembro de uma vez que fomos a Lisboa para os lados do castelo de Lisboa a dar uma voltinha com um casal nosso amigo, e o meu filho dá-lhe o sono e nós vimo-nos atrapalhados dentro do carro...E assim foi, criei os meus filhos. Graças a Deus não houve desgraças nem nada disso... Eu tinha que trabalhar e tinha dois filhos. Pronto...

Estagiária - Foi uma mãe muito presente e acabou por trabalhar em casa...

I – Sim. Trabalhava em casa e criava os filhos e às vezes tinha noites que eu não ia à cama, mas já lá vai.

Estagiária – Está orgulhosa da educação que deu aos seus filhos?

I – Sim, por acaso até estou. Os meus filhos não falam mal a ninguém...

Estagiária - Acha que transmitiu aos seus filhos de certa forma a educação que recebeu dos seus pais?

I – Bem, aquilo era uma vida diferente. As vidas foram mudando. Os meus pais nunca tinham tempo...A minha mãe não sabia ler, nem escrever...

Estagiária – E a senhora já sabia...

I – E eu já sabia...

Estagiária – E também já incentivou os seus filhos...

I – E o meu marido já tinha um emprego diferente, era empregado da Câmara. A vida já era outra.

Estagiária – Muito Obrigada pelo seu depoimento.

J – Eu não tive uma família muito grande. Só tive uma.

Estagiária – Só teve uma. Teve uma gravidez fácil?

J – Olhe não foi. Andei nove meses com dores de dentes e vi-me á rasca com as dores de dentes. Desde que foi feita, até ao dia que nasceu foi sempre de dores de dentes. A pior coisa que tive foi isso. Depois o parto foi lá em casa...

Estagiária – O parto foi em casa...

J – Foi. O parto não foi muito coiso...Tinha uma parteira que levava naquela altura e apareceu isto um mês antes e apanhou logo as duas...E foi feita na véspera da Nossa Senhora da Saúde, no dia 6 de Agosto. O meu marido foi assim “agora está para aparecer a menstruação, agora que está para aparecer, já não há novidade”, olha foi logo, fiquei logo...

Então era para nascer, se foi em Agosto era para nascer em Maio, não, ela nasceu a 13 de Abril. É o que eu digo, apanhou as 9 luas e nasceu mais cedo, por isso é que depois o meu marido ao entardecer quando eu acordei com dores de manhã ele foi chamar lá uma vizinha que era a parteira dali daquela zona. Então ela me dizia assim “mandou buscar uma injeção” e a gente não percebeu porque não fomos criados assim...mas depois ela mandou buscar uma injeção que era para abrandar as dores, não, era para dar à vida, já tinha tantas. Depois daí umas tantas horas, já às 8h da manhã quando aquilo me deu na véspera, então tinha uma hora para pôr as coisas as jeito para a mulher virem. Então ela dizia “ se não nascer na lua tal, depois é para a lua tal. Eu já chamo outra vez, mas se não for nesta lua”, fiquei assim até à tarde e a minha mãe estava lá e o que ela fez? Pôs-me dentro de duas cadeiras e assim é que eu tive a cachopa...

Estagiária – Fez o enxoval durante a gravidez?

J – Isso já eu tinha feito. Até o enxoval dela já recebeu todo feito e eu fiz também. Acho que já tinha tudo feito, se não tinha, comprava porque naquela altura eu podia.

Estagiária – Ainda se lembra da primeira palavra que a sua filha disse?

J – Olhe, ela dizia vinagre, sabe o que ela dizia? Vinonae. E a água era áboa. E depois na escola ela teve muita dificuldade em P, R e o S. Acho que eram três coisas que a professora esteve lá a me chatear, porque a menina tinha dificuldades em três letras e não a podia passar assim. Depois eu ainda a levei ao médico para saber se aquilo era e qual era a deficiência daquilo e depois o meu marido começou a dizer “a cachopa não é maluca para

levá-la ao psiquiatra”, naquela altura o psiquiatra disse-me a mim que são coisas que acontecem e então as primeiras palavras que ela disse foi Nossa Sennhora, então desde daí ela começou a falar melhor. Depois no jogo da palavra a filha da minha madrinha passava à frente e ela não, ela não era capaz de dizer... Vinagre era vinae, água era aboa, era assim umas coisas que ela tinha muitas dificuldades. Era o R, S e o V ou P. E a professora “se ela continuar assim não a posso passar”. Depois passou...

O meu marido tinha um amigo que ia lá a casa só para beber copos e ele ia lá muitas vezes à minha casa, então ele disse “Em tal dia vai com ela ao médico deles” e então fui lá e ele disse que “isto não é coisa para médicos, tem que ser puxada. A menina tem que ser muito puxada”. Ele ainda falou em ir para uma casa em Lisboa, mas tinha de pagar e eu disse que não porque tinha os quartos e que ia puxar por ela, assim foi...foi tão puxada ali que a primeira palavra foi Nossa Senhora. Diziam que era disto ou daquilo, o médico mandava-me para aqui e para acolá e o médico disse que não era nada...Só se eu fosse para aquelas casas el Lisboa que não se explica...

Estagiária – Terapia da Fala, ou assim...

J – Deve ser. E eu disse que não tinha....mas depois ela foi até ao 5º ano e depois do 5º pensou logo em casar.

Estagiária - Está contente da educação que deu à sua filha?

J – Estou, graças a deus, ela não pode mais, mas não era por não ser inteligente, ela não decora...enquanto eu lia e decorava, ela era ao contrário. Ela tinha muita dificuldade em decorar as coisas e então ela andava para fazer o 5º ano, mas só metade porque ela estava a ver que não era capaz de o fazer todo. Resolveu fazer metade e para o outro ano fazia metade. Mas o 5º ano dizem que é o mais difícil, eu não entendo nada disso.

Estagiária – E a educação que deu à sua filha acha que foi da mesma forma que foi educada?

J – Foi, graças a deus. Lembro-me que a minha filha teve muitos problemas e toda a gente...

Estagiária – Foi mais flexível com a sua filha? Como sair à noite...

J – Eu era muito exigente. Eu e o marido também tínhamos aquela casa de hostel e precisávamos dela e então ela coitada teve muito que lhe dar e muita coragem. Mas foi assim, graças a deus que ela nunca me deu problemas e ainda hoje toda a gente gosta dela. O pior foi o casamento, pois o pai queria que ela cassasse com um gajo rico, mas foi pior dela. Fico feliz e contente, agora tenho um neto...Pronto, eles têm a vida deles e eu ajudei em muito. Ajudeios enquanto posso e for viva.

Eu matava 3 porcos por ano, 20 galinhas em 5 anos...dava-lhe galinhas em todos os anos, carne de bezerro, uns 30 kg, pombos, coelhos...tudo enquanto tinha eu lhe dei. Ajudei-a muito...ela estudava, não tinha emprego e não tinha nada. Depois ficou na minha casa algum tempo, depois ela engravidou e o marido dela levou-a para a casa da mãe dele e depois a mãe dele também tinha uma vida muito grande e tinha muito dinheiro e então ela depois é que lá ficou e assim, o primeiro podia ter sido melhor, mas também não quero que eles se dêem mal por culpa da gente, e então olha.

Estagiária – Muito Obrigada Então e a senhora?

D – Foi horrível. Foi tirada a ferros...

Estagiária – Foi igual à outra utente...

D – Foi tirada a ferros, passei tanta sede, mas tanta sede. Não havia água em lado nenhum...

J – E não podia beber água?

D – Não se pode!

J – Ah não sabia.

Estagiária – Também não sabia...

D – Morrem! Morreu um rapaz da minha terra no hospital por isso...por beber água. Ele foi operado e depois se esqueceram de ver...

J – Um rapaz lá na minha foi operado 7 vezes à apendice e nunca mais ficou bom...

D – E esse não morreu..

Então o Dr. Costa foi parteiro naquela altura. E depois eu disse “eu quero pinguinhas de água”, diz o Dr. Costa “não ponha. Faltou a água das torneiras, não há água”. Isto foi à tarde e à noite deu-me uma dor horrível, a Irmã, aquilo era um hospital de fereiras, a ajudanta que era muito boa e que até trouxe duas fraldas para ele...eram fraldas para limpar o sangue... e o outro dia quando foram limpar a freira tirou as fraldas e a ajudanta disse assim “Oh irmã, estão lá mais...”, “está lá mais o quê?”, “a irmã de noite pôs mais duas e usou duas no parto”...

Eu foi toda aberta...ai Jesus.

Depois ela voltou lá para ver, passei essa noite lá, no outro dia fui para a enfermaria e depois tiraram-me a almofada, estive com a cabeça virada para baixo porque mandaram retirar as águas aos doentes...e eu levantava-me e ia beber água. Fiquei de barriga para baixo “enfermeira, dê-me umas pinguinhas de água”...

K – Nem lhe molharam os lábios?

D – Aí é que era, nem me molhavam os lábios... “oh filha, fomos à farmácia comprar uma garrafa e também não havia”, olhe depois nessa noite passei uma noite horrível com a

água...levaram-me um pratinho de comida. Nunca me esqueceu isto...depois veio gente a Lisboa cantar, porque eram outros tempos...havia a entrada do meio, fui logo para o hospital, com a cabeça ensanguentada...o que cantava era “Olha o barquinho do Augustinho, ele canta é porque pode, é para mandar fazer de aparar o seu bigode, que coisa linda tem tem e depois a linha faz o trem ” (Cantado). Nunca me esqueceu, toda a noite a cantar isto e eu com muita sede...Depois ele foi tirado a ferros, o médico até disse “foi um miagre! Tirado a ferro...

Olhe foi assim...muito mau, muito mau...

Estagiária – E quando soube que estava grávida, ficou contente?

D – Fiquei. É que eu estive casada 4 anos sem filhos. 4 anos e já podia ter dito filhos. Depois fiquei grávida...

Estagiária – E o enxoval, preparou ao longo da gravidez?

D – Fui preparando o enxoval, mas depois o meu filho ficou doente, tinha 3 meses e depois claro que quando a gente diz eu se está a dar mama está a dar leite, depois começou a faltar-me o leite, depois fiquei grávida da outra, da Manuela, e no entanto elas só têm um ano de diferença. Fazem anos no mesmo mês.

Estagiária – E a gravidez foi melhor?

D – Uma maravilha. A minha Lurdes nasceu com 3.50 quilos e a Manuela nasceu com 4 650 quilos. A Manuela era mais gorda que a outra.

Nasceu que foi uma maravilha. Fomos para o hospital e lembra-me também que fui para o hospital às 8h da manhã, às 10h e tal ela já estava cá fora. Foi uma maravilha...

Estagiária – A educação que deu às suas filhas foi a mesma que deu aos seus pais?

D – Os meus pais deram-me a educação à moda da aldeia, pois eu vivia na aldeia. Todos tinham educação, tratavam toda a gente bem. Nós éramos 8 irmãos e claro que na aldeia há muitos velhinhos... e então o meu pai dizia sempre “Olha que quando chegares a velha eles te tratam mal...”, de maneira todos os filhos gabavam os filhos do Alexandre, “os filhos do Alexandre são uma maravilha”, “não há crianças como os filhos do Alexandre, eles nunca tratam a gente mal, até tratam da agente”.

Estagiária – E em relação aos seus filhos, não deu mais liberdade?

D – Olha, nunca tiveram liberdade como nós tivemos, porque gostava que elas vivessem com liberdade. A primeira liberdade que eu gostava, é que ali fizeram uma espécie de lago ou de tanque...ia tudo para ali, rapazes e raparigas...e convidavam as meus filhas, “oh mãe convidaram-me ir para ali estudar?”, “estudar é em casa, lá não se estuda. Lá brincasse e fazem outras coisas que não se devem fazer. Aqui em casa é que é para estudar”. Olhe que a minha filha, a Lurdes, estavam todos nas aulas, rapazes e

raparigas, na aula e os professores diziam as coisas e ela ia para casa e eu metia-me com ela, “oh Lurdes o que deram na escola?”, “hummm”, “Vocês não aprendem na escola? Não ouvem o que os professores disseram”, “eu ouvi tudo”, “então vêm cá para casa chatearem e perguntarem à minha filha o que é que se deu e como é que é?”. Eu dizia “oh meninos, vocês não estiveram na aula? O professor de vocês não era o mesmo da Lurdes?”, “é”, “não estiveram na aula como a Lurdes esteve?”, “Tivemos”, “Então se estiveram nas aulas, escusam de vir para aqui e estejam com atenção ao que os professores dizem e não venham chatear mais e deixei-xem-nas aqui “...eram todos os dias sempre a mesma coisa...

E de maneira que foi assim sempre. Foi uma educação...

Havia lá uma senhora que vivia na minha rua, a Sr^a Lili que me dizia muitas vezes assim “Filhas como esta senhora nunca se criaram aqui na rua e nunca há de se criar”.

Estagiária – Tem muito orgulho nas suas filhas?

D – Olhe, as minhas filhs vinham no jornal quase todas as semanas, no Correio do Ribatejo, as melhores alunas do liceu. Vinham sempre...pelas melhoras da minha rica filha, que foi operado, pela verdade que eu estou a dizer...Ganharam bolsas de estudo.

Tenho orgulho nelas, toda a gente gostou delas onde elas trabalharam, tiveram empregos muito bons.

K – Daqui a bocado já está a perguntar pelo casamento.

Estagiária – Vou saltar essa parte. Como é que correu o nascimento do primeiro filho?

K – Mal. Ele nasceu quando tinha 5 meses de gravidez e já estava para abordar, mas depois...

Estagiária – Depois conseguiu. Ficou contente?

K – Nasceu com 2 kg. Fiquei. A minha mãe gostava tanto dele, “ai o meu primeiro netinho, é tão bonito!”

Estagiário – Então foi muito mimada?

K – Isso foi o que eu disse à minha mãe! Ela gostava muito de crianças e depois chega o primeiro neto.

Estagiária – E o Enxoval, foi fazendo durante a gravidez?

K – Foi fazendo...

Estagiária – Depois passou o enxoval de filho para filho?

K – Como foram dois rapazes e têm diferença de pouca idade, deu do mais velho para o mais novo. Mas depois para a minha filha eu já me tinha desfeito de tudo porque o mais velho já tinha 9 anos quando ela nasceu. Mas como o irmão já tinha idade...

Estagiária – Pensou que não iria ter mais nenhum e veio uma surpresa no sapato...

K – Uma surpresa que foi uma menina.

Estagiária – Qual foi o que deu menos trabalho? Ou acha que foi igual?

K – Os dois com pouca diferença de idade a minha mãe ajudou-me muito. O meu filho gostava de se agarrar às saias da avó “Avó eu quero ir contigo, eu quero ir contigo!”, mas tive muitas más noites com ele, era um pouco chorão...um pouco faz favor! Tinha que pô-lo com jeitinho na caminha e daí a bocado...o menino gostava de estar aconchegado a mim.

Estagiária – Ainda se lembra das primeiras palavras dos seus filhos?

K – Isso é um bocado difícil. O andar do meu filho mais velho teve muita graça e eu tinha o cabelo comprido e agarrava-se às paredes, e não conseguia passar de uma parede para a outra sem se agarrar. O que eu ria...

Estagiária – Entre eles, eles brincavam muito?

K – Os dois mais velhos tinham um feitio muito diferentes um do outro, e ainda hoje. De maneira que era mais fácil com alguns amigos darem-se bem, do que propriamente como irmão...depois tinham aquelas brigas de cachopos...

Estagiária – Nunca lhe deram dores de cabeça?

K – Deram um bocadinho. Não, não me deram dores de cabeça...

Estagiária – A educação que recebeu foi a mesma que transmitiu para os seus filhos?

K – Pois, quer dizer...os meus pais já ,me mandaram à escola e eles já conseguiram estudar....era uma coisa, eu só dizia uma vez “Não vão brincar enquanto não fizerem as coisas da escola!” e depois já não era preciso dizer porque eles já estavam habituados aquilo, só iam brincar quando já tinham os trabalhos da escola feitos...

Estagiária – E a educação nunca se diferenciou da menina para os meninos?

K – Da mulher para os meninos?

Estagiária – sim, da sua filha. Se privou mais a sua filha de certas coisas mais que os seus filhos

K – O mais velho quando o pai se foi embora ele ficou tão contente que faltava mandar foguetes. Ele abalou em 1973 e a menina ainda não tinha os 3 anos quando ele abalou. Aí não sei...talvez. Uma pessoa está tão ocupada e não conseguia dar os maminhos da mãe e do pai. O que é diferente de um casal.

Ela foi muito gira. Só precisava que o irmão se sentasse ao lado dela para fazer os trabalhos da escola. Ela de bebé na caminha só precisava da caminha.

Estagiária – Tem orgulho dos seus filhos? E no que eles se tornaram?

K – Tenho. O que vive comigo tem o seu feitio, mas pronto, já estou habituada a maneira de ser dele.

Estagiária – Somos todos diferentes!

K – Pois.

Estagiária – Muito Obrigada.

Então e a senhora, ficou contente quando ficou contente do primeiro filho?

P – Fiquei. Ficámos.

Estagiária – E como é que foi o enxoval?

P – Fiz conforme podia...

Estagiária – Fez ao longo da gravidez ou já tinha alguma coisa?

P – Pois. Fui fazendo conforme eu podia e sabia.

Estagiária – E já que foi uma grande costureira...

P – Pois. Deu mais jeito

Estagiária – Quantos filhos teve?

P – Três. Três rapazes.

Estagiária - Três rapazes.

P – Os primeiros têm 17 meses e meio de diferença um do outro, e outro 10 anos, foi o último...

Estagiária – Não estava a espera dele...

P – Não estava a espera dele...

Estagiária - Foi uma surpresa no sapato...

P – Foi uma surpresa... primeiro foi decepção, depois foi alegria, porque ele realmente... Todos eles três são bons, espero que eles se ajudem. O meu filho está em Paris, “vai à escolinha mãe? O que é que dá na escolinha?”. Achei-lhe tanta graça quando ele disse na primeira vez .

Estagiária – Eles deram-lhe e muitas dores de cabeça?

P – O mais velho foi doente, bronquites, otites, garganta e depois foi operado à garganta e pronto. O outro já deu menos.

Estagiária – Anda se lembra da primeira palavra dos seus filho?

P – Ai não.

Estagiária – Brincavam muito?

P – Brincavam. Gostavam de brincar...

Estagiária – Não eram assim muito traquinas nem nada?

P – Exagerado não, mas brincavam...

Estagiária – Brincavam na rua ou em casa?

P – Em casa.

Estagiária – Nasceram no hospital ou em casa?

P – Em casa. Antes era em casa.

Estagiária – Com uma parteira...

P – Sim. Tínhamos uma parteira que já não é viva.

Estagiária – Está orgulhosa dos seus filhos e da educação que tiveram?

P – Estou muito orgulhosa e gosto muito deles.

Estagiária – E acha que a educação que deu aos seus filhos é a mesma que recebeu dos seus pais? Ou com mais flexibilidade?

P – Um bocadinho mais liberdade, mas não só, um bocadinho diferente. A minha mãe não sabia escrever, nem o meu pai, então não deram e nós já demos outra educação.

Estagiária – Ainda se lembra de alguma brincadeira deles?

P – Nem sei. Não tenho ideia...

Estagiária – Já não se lembra...

P – Gostavam muito de jogar à bola e brincar na rua, mas também não era muito... faziam jogos, inventavam jogos...

Estagiária – Era igual às outras crianças.

P – Era...

Estagiária – Muito Obrigada.

E a Senhora?

F – O primeiro foi tirado a ferros, depois desmaiei e fiquei toda aberta e assim ficou, tenho isto tudo escavacado e estou agora a espera para ser operada, talvez depois de morta.

Estagiária – Não diga isso!

F – Porque tenho o útero descaído, parece um elástico. Agora do outro foi parto normal.

Estagiária – Ficou contente quando soube que estava grávida?

F – Fiquei, pois. A gente fez aquilo propositadamente. Além de a gente á ter tentado a muitos anos e nós não tínhamos, mas a gente arranjou e tínhamos que arranjar porque a gente quis.

Estagiária – E o enxoval, fez ao longo da gravidez?

F – Fiz. Eu é que fiz...

Estagiária – fez o enxoval todo...E passou de filho para filho?

F – Algumas coisas deu...

Estagiária – Outras não. Lembrasse das primeiras palavras deles ou dos primeiros passos?

F – O meus mais velho começou a falar muito cedo, mãe, pai, ele dizia normal. Agora o mais novo começou a andar muito cedo, nasceram-lhe os dentes muito cedo e quando começou a falar só dizia asneiras. Às vezes ainda me lembro e eu lhe digo “olha hoje houve um fogo, não ouviste”, “Oh mãe ainda estás a lembrar-te”, “Ah pois”. Quando ele era

pequenino corria direito a mim quando via muita espanholada dizia “tava fogo, tava fogo!”, ainda hoje ainda me riu por ele dizer isso.

Estagiária – E está orgulhosa nos seus filhos em que se tronaram?

F – Muito! Nunca me envergonharam a cara.

Estagiária – A mesma educação que recebeu, foi a mesma educação que deu aos filhos?

F – Não foi muito bem.

Estagiária – Com mais liberdade?

F – Com mais liberdade. Dei mais amor, os meus pais só me deram um bocadinho, mas não é como é agora. Eles tiveram tudo apesar de ser pobre, mas tiveram tudo. Graças a Deus para eles, porque eu já não foi criada assim, fui criada mais dificuldades...

Estagiária – Nunca faltou nada em cima da mesa?

F – Não. Nada...Ou melhor ou pior, nunca faltou.

Estagiária – Muito obrigada.

L – O meu foi normal.

Estagiária – Então o nascimento do seu filho foi normal.

L – pois.

Estagiária – ficou muito contente quando soube que estava grávida do seu primeiro filho?

L – Fiquei.

Estagiária – E o enxoval, fez o enxoval?

L – Fiz.

Estagiária – É que o fez sozinha?

L – Sim, com a ajuda da minha mãe.

Estagiária – Brincavam muito?

L – Brincávamos.

Estagiária – Acha que foi uma mãe muito presente na vida do seu filho?

L – Foi.

Estagiária – Aida se lembra das primeiras falas dele?

L – Lembro-me de lhe pôr as fraldas.

Estagiária – Está orgulhosa no que os seus filhos se tornaram?

L – Estou.

Estagiária – E acha que a educação que recebeu foi a mesma que deu aos seus filhos?

L – Foi sim.

Estagiária – Com mais liberdade?

L – Com mais liberdade do que naquele tempo.

Estagiária – Lembrasse de algumas brincadeiras deles?

L – Brincadeiras? Os meus filhos brincavam em casa com os amigos, iam passear com os amigos.

Estagiária – Nunca lhe deram muitas dores de cabeça?

L – A mim?

Estagiária – Sim, a si.

L – Deram.

Estagiária – Muita?

L – Algumas!

Estagiária – Muito obrigada.

E a senhora, como foi o nascimento da sua filha?

E – Foi levada do início ao fim.

Estagiária – Depois é que vieram as dores de cabeça.

E – Chorava, ela teve um ano sem dormir. Só no fim do ano é que começou a dormir como deve ser...

Estagiária – Ela nasceu na Austrália?

E – Não. Nasceu cá em Santarém.

Estagiária – Nasceu em casa ou no hospital?

E – Em casa.

Estagiária – Foi um parto muito difícil?

E – Não.

Estagiária – E o enxoval?

E – Fui eu que fiz e tinha os padrinhos que eram ricos.

Estagiária – Ainda se lembra da primeira palavra da sua filha?

E – Não, não me lembro.

Estagiária – Lembrasse de alguma brincadeira dela?

E – Isso de brincadeiras ela tinha muitas. Uma vez ela estava na sala, nas braseiras e naquele tempo não havia aquecimento e depois quando ela chegou à braseira, ela queimou a mão e teve que ir para o hospital. No outro dia ia a descer as escadas e tinha um tapete daqueles aos buraquinhos, catrapus, tropeçou lá no coiso e depois ela gritava e gritava porque não queria ir para o hospital, mas depois lá eu convenci-a a ir comigo. De resto não havia brincadeiras.

Estagiária – Não lhe deu muitas dores de cabeça?

E – Deu e ainda dá.

Estagiária – Está orgulhosa no que a sua filha se tornou?

E – Estou. Ela realmente...ela faz as coisas à sua maneira....tem um feitio da breca

Estagiária – A educação que a senhora recebeu foi a mesma que deu à sua filha?

E – Não. Eramos muito pobres e era só trabalhar e nem conhecimento, nem comida abundante, nem nada disso. Eram os mínimos dos mínimos, era o que se fazia na altura.

Estagiária – Deu mais liberdade a sua filha?

E – Dei. Dei, mas fui um bocadinho rígido para ela. O pai também, nunca lhe chegou a bater, a mim é que me batia de vez em quando. Fomos para a Austrália e depois viemos, chegou cá e no lugar de se empregar ou continuar a estudar... ela aproveitou e agora é professora de inglês.

Estagiária – Está contente por ela?

E – Estou sempre. Ela quando era mais pequenina tinha medo de andar de barco.

Estagiária – Muito obrigada.

UTENTE A

A – Isso foi um bocado complicado...

Estagiária – Foi difícil o parto?

A – Foi muito custoso. Não havia de antes a cesariana, foi tirada a ferros, fui toda serrada por baixo e tive que ser toda aberta por baixo... O menino além de ser muito grande, pesava 5 quilos e meio. Pesava 5 quilos e meio e vinha muito defeituoso, porque o médico que o tirou teve que o magoar muito, torceu-lhe um braço, mas não partiu, marcou a carinha, foi assim um parto muito complicado.

Depois eu tive que estar 22 dias...costuma-se a estar 3 ou 4 dias, eu não, estive 22 dias. Colocaram uma ligadura de 10 metros por dentro de mim para não ter hemorragias. No dia 23 de Dezembro, no Natal fui para casa toda tapadinha, pois não havia a qualidade que havia no hospital. Foi assim um bocado complicado. Ele também, pois depois dos 15 dias de ter nascido começou a desinchar e começou a desaparecer-lhe as feições, mas ficou, para quem sabe, porque quem não sabe não nota, pois ele tem uma perna maior que a outra. Mas ninguém nota, parece normal...

Do parto logo a seguir, como eu estava muito debilitada, também a seguir foi um parto muito complicado. Foi em casa, não cheguei a ir para o hospital. Fiquei pouco tempo para ficar grávida, pois o segundo tem diferença de 18 meses do outro, mas foi 7 meses. O outro estava meio criado e este por criar...foi muito pequeno, não chegava a pesar um quilo, foi preciso muita educação, muito acompanhamento médico, muito acompanhamento da parteira, foi em casa. Devia nascer atrás, mas nasceu com o menino, ele estava a morrer e

a parteira quis, senão morríamos os dois. Já veio assim com um bocadinho...não é maluco, é infantil. Ainda hoje é um homem casado, agora já é viúvo, mas ainda hoje ele vê as coisas para....

Estagiária – a brincadeira...

A – Para a brincadeira e é um pouco infantil. Também foi um menino que deu muitos problemas a criar até aos 7 anos, mas mesmo muitos! Para andar, para comer, para falar, para tudo ele deu muitos problemas. Depois era preguiçoso, não queria andar, não queria gatinhar e chamavam-no o Kun kun. Quando tinha fome pedia era kun kun, para a gente era o pão, não queria meter a chucha na boa...pronto, foi assim muito preguiçoso para criar...Quando ele tinha 7 anos, não havia nada que as crianças não tivessem que ele não teve, não teve sarampo, tosse convulsa, teve bexigas, teve bronco-pulmonias, atrás umas das outras porque era frágil.

Depois aos 7 anos entrou na escola. Era um caso sério, só queria a mãe. Um dia venho do trabalho e ele estava deitado debaixo da cama em vez de estar em cima da cama, então tinha muita febre e eu assustei-me, não havia nada e eu agarrei-o ao colo e vinha com ele a pé, pois não havia outros percursos e não tínhamos dinheiro para um carro de praça e então vinha um senhor mais uma senhora a subir a Calçada do Monte, passou ao pé de mim, não me conhecia de lado nenhum e perguntou-me “para onde vai com o menino ao colo?” e eu disse-lhe “vou pô-lo ao hospital, porque o menino tem muita febre e não sei o que o menino tem e tenho que levá-lo para o hospital” e eu vim com ele para o hospital. Então eram onze e meia da noite e ele estava a ser operado com uma apendicite aguda. De maneira que digo-lhe uma coisa, desenvolveram o menino que foi uma coisa...Foi um grande homem, foi para os bombeiros, foi para a tropa e ainda hoje é um homem grande, mas sempre um bocadinho infantil. Foi muito bom, dá sempre o que é preciso. Pronto mas é aquela coisa, aquele amigo está a precisar daquela coisa, toma-la. Ele quer uma coisa e depois já não serve pra ele, mas não se deita fora porque pode haver alguém que precise.

Foi assim, os nascimentos dos meus filhos foi um bocado complicado...eles criaram-se.

Estagiária – Tem orgulho nos seus filhos?

A – Muito!

Estagiária – A educação que teve dos seus pais, já sei que não, mas foi a mesma que deu aos seus filhos?

A – Não. Mas talvez lhes desse uma educação não como agora, mas sempre foram habituados a irem para a escola, virem da escola e cumprir os horários da escola, cumprir os deveres da escola e ajudarem-se uns aos outros... aqueles que não precisavam ajudavam os mais novos, porque tinha de criar os filhos. Eu tinha que criar os meus irmão e

os meus filhos. Então os meus filhos, tanto este que estou a falar, como o mais velho, começaram a trabalhar na escola, havia estas mercearias que precisavam dos rapazinhos, para ir fazer recados e eu lhe digo, eles tinham escola de manhã iam à tarde, se tinham escola de tarde iam de manhã. Mesmo na escola, este foi um bocadinho mais atrasado que o mais velho, mas ainda foi estudar de noite. Mas este também fez a 4^o classe, mas começou a estudar de noite, depois começou a dizer que ia para a escola industrial de noite, mas era para ver as cachopas e eu dizia sempre “espera aí que eu dou-te as cachopas”. Depois ganharam o gosto pelos bombeiros, então de muito novinhos começaram a ir para os bombeiros. Foram uns rapazes que não queriam bailes, lá iam ao cinema de vez em quando, porque a vida deles também passou por ser de muito novinhos bombeiros. Os fins-de-semana, os dias nos bombeiros, mas sempre eles não entravam por...não havia telemóveis, eles estavam nos bombeiros e estavam em serviço, eles saiam do quartel, se tivessem serviço até à meia-noite, eles quando chegavam à casa batiam à porta do quarto e diziam “mãe, já cheguei”, se era o mais velho “mãe é o Hélder”, se era o Rui “Oh mãe é o Rui”, se mudavam de serviço e queriam ir ao cinema “oh mãe posso ir ao cinema?”. Nunca me lembro daqueles rapazes pediram ao pai, que me debes 1 euro ali, debes-me 70 euros acolá, não. Éramos sempre amigos, quando eles começaram a trabalhar e recebiam o ordenado deles, havia um dia da semana davam, mas às vezes pediam. Quando eles foram para a tropa eu cumpro os deveres de mãe, eles não ganhavam, aos fins-de-semana vinham sempre, levavam o dinheiro que eu arranjava para eles, eles levavam no farnel vinho para eles lá terem, era queijo, era chouriço, era essas coisas todas que levavam para lá ter e ainda levavam aquele dinheirinho. Dei-lhes sempre uma educação, tinham má educação que o pai dava, era verdade, bastava ele ser bêbado, bastava partir, bastava...eles foram uns filhos sempre ao meu lado.

E ainda hoje, eles ainda hoje só a cachopa, ela tem um feitio, até digo que é um bocadinho pai, primeiro ela e depois aos outros, primeiro as conveniências dela, depois as conveniências dos outros, ou dos irmão ou coisas assim, mas ele não... Depois a cachopa começo a trabalhar de nova, saiu da escola com 12 anos, foi logo para a fábrica das camisas, lá trabalhou, depois casou-se muito nova. Começou na mesma a trabalhar, mas depois quando aquilo acabou, começou a andar nos cafés e depois arranjou um homem instável, depois de uns quantos...

Os meus filhos não. Ainda hoje quando os meus filhos cá estão, pelo menos o de Viana do Castelo, se ele vem, ou a mulher vem, ou que eles venham, não saem de casa sem dizer “olha queres vir?”, e se eles não quiserem vir que digam, então prontos, “você pode ficar, a gente leva a chave que a gente já vem”. Ainda hoje é assim.

Estagiária – Então podemos dizer que foi uma mãe muito presente?

A – Foi. Ao meu ver fui uma mãe que não faltei com nada aos meus filhos, não pode-se dizer que não tinha. Eu não faltei com o que tinha.

Estagiária – O essencial...

A – Exato e fora o essencial. Às vezes ao eu dar a eles, comia eu umas sopinhas de café, sem mais nada, só com um pão duro e mais nada, podia ter mais qualquer coisinha para dar a eles.

Fiz o casamento aos quatro, sem a ajuda do pai. Todos namoram quem quiseram, todos namoraram com quem quiseram, e o casamento de um foi igual para todos. Mas graças a eus que foi igual para todos e o pai nunca deu um tostão. Os filhos estavam na tropa, mas nunca deram um tostão, até ao contrario. O mais velho uma vez lembrou-se de lhe pedir 100 escudos e o pai deu-lhe os 100 escudos, quando chegou o fim-de-semana e ele não deu os 100 escudos ao pai, eu é que tive de pagar os 100 escudos e levei uma tarefa, porque o meu filho não tinha os 100 escudos para lhe dar. Como hei de lhe dizer, esse remorso também não tenho.

Estagiária – E voltando um tempo atrás, quem e que preparou o enxoval?

A – Não tive enxoval. Case-me com um homem mais velho do que eu, como eu ontem lhe disse, 10 anos mais velhos do que eu, um rapaz novo, muito bonito, casamos e o nosso casamento com a roupa que tinha vestida porque foi o Padre Zé Maria que casou a gente, a senhora dá licença que casa-se a gente, depois eu fui viver para umas casinhas para trás do quartel, onde vive o Sr. João...fomos para umas casas da minha sogra no quintal. Tapávamos com aquilo que eu tinha, ainda me lembro do cobertor mais pequeno que eu tinha, era um capote alentejano que ele herdou do pai, mas pronto, depois fomos montando a nossa casinha, o nosso casamento foi ir ao registo e do registo ir à igreja casar e mais nada. As senhoras da igreja fomos as nossas madrinhas e o sacristão e o padre e mais nada. E lá casamos.

Não houve enxoval porque casei muito novinha e o dinheiro tinha de dar todo à minha mãe e ao meu pai. Tinha-o de dar todo para a casa.

Depois comecei a servir, já os meus pais já não estavam a comer, nem a beber, mas quando chegava ao fim do mês ia deixar o ordenado. Lá deixava, a menina não sabe o que é isso e deus queira que a menina nunca saiba, ela dava-me 5 tostões para o mês inteiro, para comprar umas pevides ou para comprar uns tremoços...

Estagiária – Não era nada.

A – exato e foi assim... Mão tive amor de pai como deve de ser, porque eles ou não tiveram educação para, mas isso também não tiveram os meus irmão...não tivemos

educação como deve de ser, ou porque eles não o tinham para dar a gente, ou porque era o meu pai...o meu pai era um homem muito rico e não morreu cheio de piolhos por causa dos filhos, se não tinha morrido, como eu costumo dizer, cheio de piolhos, porque o meu pai foi muito calão, a família do meu pai era uma família par destruir, porque o meu pai quando casou com a minha mãe já tinha 5 filhos, ele já era viúvo e os irmão e os pais do meu pai que não os conheci, mas sei isso porque não conheci aa geração da família do meu pai, não...tenho lá agora que nós estamos a fazer, a família mais chegada dos meus irmão da primeira mulher, mas ainda há filhos que se anda a fazer. Eu já lá tenho 4 cópias na minha casa para dar aos outros, a minha Teresa ainda não levou porque ainda não lhe quis dar, da geração do meu pai...quem eram os pais do meu pai, quem era os avós do meu pai...

Estagiária – Uma árvore genealógica...

A – Exato, fazer um livro para ficar, porque a família dele era muito grande e além de ser muito grande de gado, de fazendeiros, de coias assim e queremos chegar à conclusão de como o meu pai chegou ao sítio que chegou, como ele veio para Santarém...comprou uma fazenda ao pé do cemitério que se chama o enterro da forca só nasceu lá o meu irmão que já morreu e o outro que já morreu e eu e a minha irmã que é viva. O resto foi por Casével...mas de resto não sabemos as origens, só conheci o meu pai, mas nunca conheci o meu pai a trabalhar para os outros. Era o gado, a minha mãe vendia leite, queijos, o meu pai criava gado, amanhava gado, pronto, foi assim do contra. Fome não passamos, andar a pedir nunca andamos, asseados andamos sempre, a minha mãe era muito asseada. Só tenho pena de não ter saudades de um beijo da minha mãe, de não ter saudades de um beijo do meu pai, de não me lembrar de m beijo do meu pai, nem de um beijo da minha mãe, mas acabo por dizer, eles andavam a trabalhar, a trabalhar de noite e de dia e os filhos tiveram que começar muito cedo a trabalhar. Assim como os meus, tiveram que começar a trabalhar na escola e quando saiam da escola. Eles só deixaram de ganhar para casa quando eram casados...

Estagiária – Exato...

A – Só quando se casaram é eu deixaram de ganhar para casa. Portanto, eu às vezes sou capaz de mexer comigo esta criação de agora ou talvez porque agente não sabia. Na minha ideia, e vejo pelos meus netos, acho mal deixar um telemóvel na mão de uma criança de 4, 5 6 anos. Isso mexe um bocadinho comigo, mas é a evolução da vida e a gente não pode fazer nada, mas acho que a criação deve ser cuidada e a pouca sorte também...

Ainda hoje digo que os meus filhos fazem besteiras e bastantes, mas se eles não tivessem mal não faziam tanta asneira. Os meus netos, tenho bons e maus, mas sou capaz

de ter meio por meio, mas isso já são com os pais e também tenho pena de não ter os meus netos todos iguais, mas o feitio não são todos iguais, a liberdade também não é igual...

Estagiária – Ninguém é igual...

A – Verdade. E eu tenho que me conformar assim, mas tenho orgulho da mãe que fui. Tenho pena de não ter dado muita coisa aos meus filhos. Tenho pena de não poder dizer “está isto que a mãe escreveu”, “está aqui isto que a mãe organizou”, não. Fui uma mulher que peguei de toda a raça de trabalhos, mas também sei que estive lá na hora H que eles precisassem de mim e ainda hoje, mas agora talvez eu esteja a prejudicar-me um bocadinho por eles, mas há de ser o que Deus quiser, há de ser assim e eu tenho de ser assim...

Estagiária – Muito Obrigada.

A – De nada.

UTENTE B

Estagiária – O senhor como estava-me a dizer, sei que não pode ter filhos.

B – Exatamente, não posso ter filhos.

Estagiária – Queria que me falasse um pouco de como acompanhou a gravidez da sua mulher.

B – Eu a acompanhava sempre bem porque gostava de ter filhos dela e então tinha prazer nisso.

Estagiária – Quantos filhos teve?

B – Desta senhora tive dois e da primeira tive outros dois. Um casal de cada. Um casal de primeira, em que antes de ontem fez 72 anos o mais velho. Como é que eu não hei de ser novo. No dia 5 de Abril de 1945, foi quando ele nasceu.

Estagiária – Ficou muito contente por saber que ia ser pai pela primeira vez?

B – Sim. Bastante contente na primeira vez, eu gostava bastante da minha senhora também, Deus quis levá-la. Tive apenas 8 anos com ela e quando nasceu esse filho eu estava a trabalhar num local chamado Alpedrinha e então quando cheguei à casa tive a novidade de que ele já tinha nascido, mas que não queria mamar, e então a minha sogra disse que tinha de ir a um sítio e com tal fulano que faz uma certa reza, e eu que não acreditava nessas coisas e ir daqui até a tal parte, a uma terra chamada Cabeça do Boi. E eu então lá foi de bicicleta e falei com o senhor e ele fez-me umas quantas perguntas que eu não achava piada nenhuma naquilo e depois vim-me embora e quando cá cheguei o miúdo já mamava e a minha sogra “Estás a ver?”, “isso é intriguista, eu não gostei nada da conversa do homem”. E assim foi a primeira vez do meu mais velho...

Estagiária – E o enxoval, foi a sua mulher que fez?

B – Sim, isso foi a minha mulher. A minha mulher é que fez e uma irmã que foi a madrinha do batizado, a irmã mais velha...

Estagiária – O enxoval passou de filho para filho?

B – Não! Cada um teve o seu. Não foi repartido. Depois nasce a filha mais velha, a irmã dele, que nasceu a 26 de maio de 1949. Então essa a madrinha dessa foi uma senhora que quando é pelos anos da minha mulher, ou coisa assim, ou pela afilhada, ela está em Lisboa, ela nunca se esquece dela de maneira nenhuma, ela liga-lhe sempre...pelas festas. Ela sempre foi muito convidativa para ela e para nós.

Estagiária – Depois conheceu a D. Francisca...

B – Depois casei-me com a D. Francisca que nasceu um filho mais velho, 10 anos depois do primeiro, portanto foi em...

Estagiária – 1955?

B – Exatamente. 10 anos depois do primeiro. Esse foi propriamente...o padrinho foi um cunhado meu, ou seja, uma irmã da minha mulher também. É claro que foram elas que formaram também o enxoval.

Estagiária – Uma pergunta, esse primeiro filho do segundo casamento foi muito bem aceite pelos seus outros filhos?

B – Em princípio não aceitavam nada, porque ele sempre foi um pouco contrário à minha mulher e ainda hoje ele não liga nenhuma. Ele não sabia se o irmão era irmão dele. Ele era desconfiado da minha mulher...a minha mulher que fez tanto por ele quando ele andava a estudar. Mas ele é um tipo...muito esperto. Ele foi inspetor da Caixa Geral de Depósitos, mas a esperteza, esperteza que lhe chamo de saloia, tão esperto para o que não deve ter. Bem, mas agora já se falam e são compadres. Ele foi padrinho da minha neta. E depois aquilo foi passando....

Estagiária – Depois nasceu a menina...

B – Mas a menina que é ela, não sei se já a viu cá alguma vez...

Estagiária – Acho que já...

B – Pois. 10 anos depois da primeira...

Estagiária – Em 1959.

B – Exatamente. A 20 de Junho.

Estagiária – Entre irmãos davam-se muito bem?

B – Sim. Como irmão, dávamos sempre muito bem...está a perguntar pelos meus irmãos?

Estagiária –Não...dos seus filhos.

B – Não! Eles deram-se sempre bem. Os primeiros com a irmã nem por isso, e até supomos que eles tenham assim relações cortadas, porque a minha filha foi um bocado...enfim, para o torto. Eles saíram ao lado dos meus sogros, principalmente ao lado da minha sogra.

Agora estes deram-se sempre muito bem e são mesmo irmão. Só estão bem um com o outro e querem fazer bem com o meu filho, até na casa dele de eletrodomésticos ele oferece coisas à minha irmã e nunca lhe leva nada porque é irmã.

Estagiária – Voltando a uns tempos atrás, ainda se lembra das primeiras falas dos seus filhos?

B – Não bem.

Estagiária – E de algumas brincadeiras?

B – Quanto a isso, eu só me lembro de uma vez do meu filho mais velho, estava ele a trabalhar em Lisboa e nessa altura tinha uma hérnia e era para ser operado e nessa altura eu não sabia quando é que lhe ia custar a hérnia, como eu já tinha posto dinheiro de parte e ele já era empregado, nessa altura estava no hospital de S. José e escrevi-lhe a perguntar se ele me ajudava e ele nunca me respondeu, mas depois fui fazer uma obre em Lisboa e ele foi ter comigo “Oh pai, essa obra?”.

Estagiária – Quantos anos ele tinha?

B – Nessa altura ele devia ter uns 18/19 anos.

Estagiária – Já era um rapaz...

B – Então digo-lhe eu assim “então Afonso, eu escrevi assim, assim, assim e tu nunca me respondeste!”, e ele me diz assim e nunca me esqueci as palavras que ele disse “Oh pai, o pai gastava tanto por mês comigo e eu já a há tantos meses que eu estou aqui e o pai não está a pagar estes meses, portanto já deve ter um bocado de volume para pagar essa despesa, portanto não lhe dei, nem lhe dou porque ele não lhe deve faltar nada”. Isto a resposta que ele me deu e de facto eu nunca precisei de nada dele.

Estagiária – Algum dos seus filhos seguiu as suas pisadas de pedreiro?

B – Não... este aqui estudou até tirar o 7º, mas tirou o curso de eletricista e tanto assim que tem uma casa de eletrodomésticos. O primeiro como eu já lhe disse também esteve a estudar e naquele tempo quem tirava o 5º ano já era qualquer coisa e então foi se empregar lá no hospital de S. José e depois continuo a estudar e mudou-se para cá e superou os outros, até chegar ao ponto de ser fiscal ou inspetor. Corria Portugal, ia às Caixas.

Este aqui, o mais velho não, porque ele até tem uma deficiência no braço e tem qualquer coisa de paralexia infantil que foi apanhada logo à nascença, no braço esquerdo. Mas este aqui sempre que faz alguma coisa, nota-se que tem jeito.

Estagiária – Tem orgulho nos seus filhos e nas pessoas que eles se tornaram hoje em dia?

B – Bastante, tenho orgulho. Tenho pena com o que se passa com os primeiros, muitas das vezes eles falaram assim, é assado. Se fosse falar dos meus, o que eu tinha a dizer. Tenho bastante pena.

Agora orgulho, tenho de todos eles, todos espertos, enfim...tanto que as minhas irmãs dizem assim “aquele sai ao pai”, enfim...

Estagiária – A educação que deu aos seus filhos, foi a mesma que o seu pai lhe passou?

B – Dei-lhes a mesma educação que o meu pai me passou, por isso aprendi a educação que o meu pai me deu e aos meus filhos lhe dei o mesmo. Tanto que ao princípio, este meu filho mais velho rezava o terço connosco e tudo, ele foi sacristão também e hoje ele não acredita que há deus...é esperto, esperto, mas para estas coisas não é nada e andou de sacristão. Portanto, eu ensinava-lhes como eu aprendi na casa dos meus pais. Liberdades na altura do meu pai, só nos davam aos domingos um bocadinho para ir brincar, nos outros dias trabalhávamos com ele de sol a sol, não é como agora 8 horas. Então aos domingos como não trabalhava, tínhamos que fazer as nossas coisas, íamos regar a hora, íamos aqui, ali, acolá...tratávamos das coisas lá em casa e só depois então é que nos levavam um bocado para irmos brincar, mas que ao pôr-do-sol, coisa, menos coisa tínhamos que estar em casas. Então era um risco que nós cumpríamos. Eu dizia-lhe isso, mas ele é que não...

Estagiária – O tempo era outro...

B – Este então aqui foi sempre muito obediente, mesmo este aqui cumpriu sempre à risca o que lhe dizia.

Estagiária – Nunca diferenciou a educação das suas filhas para os seus filhos? Ou tratou-os da mesma forma e educou-os da mesma forma?

B – Sim, sempre da mesma forma, nunca fiz ao contrário.

Estagiária – Muito Obrigada.

UTENTE H

Estagiária – Nesta vez o tema é sobre a gravidez dos vossos filhos...

H – Ah! Já sei o que vou dizer...

Estagiária – Que foi tudo uma brincadeira

H – Foi tudo uma brincadeira...

Estagiária – Então foi tudo muito fácil?

H – Foi, mas menos a primeira que foi com 4 quilos e meio. Nós não tínhamos lá hospitais como vocês têm aqui, era só a casa de saúde. O serviço era lá tudo naquele tempo. O meu filho tem 54 anos, veja lá quando é que foi isso.

Estagiária – Quantos filhos teve?

H – Tive 5. Mas um não se diz, tenho 4.

Estagiária – E o enxoval foi feito por si?

H – Não. Nós naquela altura usávamos os sacos, que eram coisas feitas pela minha mãe. E essa coisa toda. Depois foi tudo comprado e o meu marido também podia.

Estagiária – Os seus filhos nasceram no hospital ou em casa?

H – Ah, isso aí! A mais velha saiu do elevador e foi ter à casa de saúde. A seguir foi a Lena e nasceu aqui em Torres Nova...

Estagiária – Ah, essa nasceu em Portugal. Todos nasceram em Portugal?

H – Não. A mais velha nasceu em Moçambique, é a que disse que nasceu na casa de saúde e que não tinha hospital. A seguir a Lena nasceu para aqui para...isso era conforme onde o meu marido trabalhava de militar, então fui ter a Torres Novas, deu-me dores e o meu marido estava em Campos e eu “vamos ter bebés”, “está bem, depois eu pago-te”, e depois entrei num sítio “É para ter aqui?”, “Não senhora, aqui é a praça dos touros, não pode ir ter na arena!”, mas fui ter a uma casa de freiras, não sei se ainda existe ou não...

Estagiária – Era um convento?

H – Era

Estagiária – Então teve o segundo filho num convento?

H – Pois, aquilo era um convento. Agora não sei se é alguma coisa. Aquilo deve estar bonito, dizem que Torres Novas estão bonitas com coisas novas.

Estagiária – E o terceiro?

H – Ora bem, a Belinha foi para Tomar, porque a minha mãe andava para a frente e para trás, veio para cá para ficar a viver e depois fugiu outra vez para ultramar. Eu estava a fazer as coisas com ela, vai para Coimbra e deixa-me lá, deixa-me lá a tomar conta do resto das coisas e não podia ter uma mãe assim...madrasta que fazia isto. Eu comecei a ter as dores de parto, eu já sabia o que era, porque sabia o que a casa gasta e estava a ter outro bebé, uma vizinha minha telefonou para Santos, para o meu marido...para já ele não era sargento ainda, mas o amigo empresta-lhe o carro dele, ora pegou no carro do comandante e ele foi nascer a Coimbra, lá mesmo na maternidade de Coimbra. Mas isto foi assim, eu saí do elevador, depois “o bebe está a cair”, puseram-me a maca. O meu marido estava de farda a espera do que era, ele gostava de um rapaz, mas saiu raparigas...depois lá foi ele para Santos. Ele antes de ir embora quis registá-la, então ele disse ao médico para a gente

registá-la e naquele tempo para escolher um nome de rapariga... A gente sempre escolhia nome de machos que era para não haver aquela coisa de ter uma menina. E no fim pusemos Carla, se fosse rapaz seria Carlos Manuel, que era do meu irmão que morreu. E ele disse está bem. Ele “vim registá-la e depois tenho que ir para Santos. Vim ver a minha mulher e eu queria pôr o nome de Carla Maria”, “Não, não pode. Nós não usamos Carla porque é um nome estrangeiro”, nesse tempo, agora há Carlas aos pontapés!

Estagiária – A sério? Não sabia...

H – E ele “E você como é que se chama?”, e ela disse “Eu chamo-me Isabel”, “Então ponha Isabel Maria”, olhe se ela fosse Pulquéria!? Opá eu não queria nada desses nomes esquisitos, mas ficou Isabel Maria.

Estagiária – E o seu filho?

H – O meu filho nasceu já em Lourenço Marques, porque depois foi dali para a Beira, mas antes de irmos para a Beira, passamos por Lourenço Marques e eu nem sabia que estava grávida e o médico “Você não pode ir...”, “Então porquê que eu não posso ir? Tenho as malas prontas, como é?”, “Você está bem?”, “Não tou, se eu tenho o período, como é que estou grávida”, “Vamos fazer o seguinte, mas não diz sou o culpado, você vai tomar estes comprimidos para tomar o período, porque depois o menino sai rapidinho”... Vim a Lourenço Marques e quem fui apanhar no hospital de Lourenço Marques? O Doutor que era futebolista do Académica e que ele já me conhecia de outra filha que já tinha nascido lá também. Em Torres Novas apanhei-o lá e em Lourenço Marques...

Estagiária – Olha que engraçado...

H – Ele disse assim “a sua cara não me é estranha, mas de onde?”, “Oh Sr. Doutor, já me fez nascer uma, agora é este”, “Então na sua terra não há televisão?”, “Não Sr. Doutor, na minha terra não há televisão, não há nada”. Depois ele disse que ela não se pode mexer, e com aquela coisa dos nervos aquilo fechou mais, “tenha calma para ser rápido e para o bebé sair logo”. Oh, bem dito e bem-feito, já cá está.

Depois nasceu o Carlos Painho. O nome dele é Carlos Manuel, porque é o nome do meu irmão Carlos Manuel que morreu. Eu bem gostava do meu irmão. Foi para a segunda guerra.

Estagiária – E assim foi... Davam muitas dores de cabeça?

H – Já se sabe, eram todos muito pequenos. Depois tive um problema com a minha segunda filha, porque nós lá em África podíamos beber leite-condensado e aqui não bebiam e era muito raro haver cá em Portugal leite-condensado. Ela apanhou uma coisa... já não sei como se chama... aquela coisa que os bebés ficam doentes... um vírus. Internaram-na em Coimbra, mas nos hospitais de estudantes, olha aquilo só estava para estudarem, deram-lhe

injeções nas costas, ela começou a emagrecer e foram dar-lhe leite em pó, Parmalat, que ela não gostava. Ela esteve a soro...depois a minha cunhada “A miúda já lá está a dois meses no hospital de Coimbra!?”, eu chegava lá a miúda só dizia “mamã, mamã! E eu comecei a chorar...assinei um papel de como ia tirá-la de lá, depois eles “você vai se dar mal e vai se arrepender. A menina pode morrer”, e eu “não faz mal, ela morre ao pé de mim”. Fui a um Doutor de Coimbra já velho, “a menina não tem doença nenhuma, a menina tem é ...”, já não me lembro o nome daquilo...quando comem açúcar...

Estagiária – Não faz mal. Também não estou a ver o que é.

H – Ele deu um coiso para tomar, “depois ela vai fazer fezes vermelhas, mas não é sangue verdadeiro, é do remédio que também é vermelho e não tem doenças nenhuma”, depois resolveu-se o problema...

Estagiária – Eram muito traquinas?

H – Oh! Saíam à mãe...subiam às árvores, faziam o pino, jogavam à macaca...não posso me queixar, quem sai aos seus...

Estagiária – Não degenera. Teve orgulho na educação que deu aos seus filhos?

H – Tive. Regime tudo pelo meu pai. O que ele me deu, também dei aos meus filhos

Estagiária – Não deu um pouco de liberdade a mais?

H – Tudo ali certinho e direitinho e quando o meu marido reparou que eu estava a reger-me pelo meu pai, ele ficou com ciúmes e começou a dar regime militar...

Estagiária – Tem orgulho nos seus filhos e no que eles se tornaram hoje em dia?

H – Todos tiraram um curso bom, estudaram mais que eu...

Estagiária – Ainda se lembra das primeiras palavras que eles disseram? E das primeiras brincadeiras?

H – A primeira...aliás, foram de todos. A palavra foi mamã. Depois a segunda foi a mesma coisa e o mais novo começou a dizer coisas para comer ou o que era isto ou aquilo. Por exemplo, a minha mais velha gostava de laranja...essas coisas assim.

Estagiária – Brincavam muito entre eles?

H – Brincavam muito, muito mesmo. Bons tempos. Não gritavam, não puxavam os cabelos umas às outras e o mau das coisas foi os ciúmes... A minha mais velha foi a Las Palmas na escola e tirou uma foto e eu mandei a foto e queriam que ela fosse para Nice e ganhou...ela era bonita. Tinha os cabelos abaixo das costas.

Estagiária – Muito Obrigada, já tenho todas as informações.

UTENTE M

Estagiária – Ainda à bocado já lhe tinha dito que o tema é a gravidez ou o nascimento do primeiro filho. Referiu que teve dois filhos...

M – Os dois vieram da mesma maneira, mas como eu já sabia como já tinha dito o primeiro, o segundo veio uma parteira com curso e depois ela deu-me daquelas injeções na barriga para ele nascer mais de pressa. Mas como ele era miudinho e tinha a cabeça mais miudinha, agora tem uma grande cabeçorra.

Estagiária – E o enxoval foi a senhora que fez?

M – Ai, o meu enxoval foi muito falada lá pela Chamusca, mas também sei o que sou. Eu fiz um enxoval lindo...Eu comprava daquelas revistas que vinha uns bonecos que eram umas formigas... Foi tudo feito a ponto cruz...

Os meus filhos nunca tiveram carrinho, mas tiveram muito amor.

Estagiária – Isso é que era o essencial...

M – às vezes ponha-me a espreitar atrás dos vidros da minha varanda, vejo-as a vir todas encasacadas e a criança lá à frente ao leu a apanhar com o vento todo. E eu assim “nem embrulhadinho, com a cabeça à mostra”. Os meus filhos tiveram uns saquinhos de malha que eu fazia e uma coisa que era um passa-mo-panhas, sabe o que é?

Estagiária – Não. Por acaso não sei.

M – é um corpo que começava no pescoço e ia até aos pés e ficava com a cabeça de fora. Eu só queria que o meu filho reconhecesse que o pai era o pai. Tinha uma vizinha que tinha o portão “Gosto de ver tanto o teu marido com o filho ao colo”...O meu marido pegava o filho ao colo. Tinham vergonha de pegar nos filhos...

Estagiária – Os homens?

M – Pois. O meu marido é que fazia lá ver os outro homens todos. Pegava no cachopo e ia com os outros todos.

Eu não fui parideira como a minha mãe, mas fui boa para dar a mama como ela...e ainda tinha que tirar leite.

Estagiária – Foi uma mãe muito presente na vida dos seus filhos?

M – Fui. Eu trabalhava em casa. Uma vez me aconteceu uma coisa...os meus filhos nunca usaram chucha...Pronto, o que quer saber mais?

Estagiária – Tem orgulho no que os seus filhos se tornaram?

M – Sim, eles podiam ter estudado mais, mas não pôde ser. O meu filho na tropa foi um bom militar, porque quando o meu filho morreu vieram pessoas e disse-me um militar quando foi o funeral e disse “O seu filho era tão boa pessoa e gostavam todos de o conhecer, está aqui eu e está todas as unidades do país”.

Estagiária – E a educação que recebeu dos seus filhos é a mesma que recebeu dos seus pais?

M – Mais ou menos...

Estagiária – Deu pais liberdade aos seus filhos, do que o seu pai deu a si?

M – Nós tínhamos liberdade, mas como eu era mulher e morávamos num casal, não podia abalar de casa sozinha, mas de resto... Eu fui à escola, mas a minha mãe não me deixou porque eu deixava os sapatos e ia descalça. Eu já nasci doente e era uma família que era assim. A minha irmã não era doente, aquilo era um ciclo em que calhava esta coisa...

Estagiária – Os seus filhos eram muito traquinas?

M – São como as outras crianças, não digo que os meus filhos eram o melhor do mundo. O meu Manel subia para cima de tudo, partiu-me muita louça e outras das coisas, era sem querer. O meu Zé Carlos estava sempre sentado, mas quando começou a conhecer as primeiras letras foi quando ele queria aprender e foi para a escola.

Estagiária – Qual foi a primeira palavra dele?

M – Era mama com certeza.

Estagiária – Já nem se lembra a modo.

M – Pois. Mas não era mamã, era mama. Mas também disseram pai muito cedo. O meu filho mais velho andou muito cedo, até entortou as pernas, o mais novo foi mais tarde. E o mais velho foi o que falou mais cedo e o mais novo começou a falar mais tarde. Tinha lá uma miúda que nasceu mais ou menos quanto ele, ela dava beijinhos, ela dizia mãe e pai, e o meu...

Estagiária – nada...

M – Era mais preguiçoso. Eu era assim “A filha da Adélia, o raio da cachopa já anda, já fala e este está a ser preguiçoso, mas quando começou nunca disse uma palavra mal dita, começou a falar, mas começou a falar bem. O meu Mané começou a falar mais cedo, mas mais atrapalhado. Mas depois pronto...ele estudou na escola industrial e nunca chumbou e ela chumbou a todos...depois ele não quis estudar mais.

Estagiária – Muito bem. Obrigada.

UTENTE N

Estagiária – Eu queria saber se foi um pai muito presente durante a gravidez da filha. Quantos filhos têm?

N – Eu tenho duas meninas, mas é uma de cada mãe.

F – Não são da mesma mãe, mas as duas são filhas verdadeiras! São as duas do mesmo pai.

N – Verdade.

Estagiária – E como foi ao saber que a sua primeira mulher estava grávida? Ficou muito contente?

N – Eu fiquei.

Estagiária – E queria que fosse o quê? Menino ou menina?

N – Foi preciso é vir com saúde...

Estagiária – E quem tratou do enxoval?

N – Isso tem que ser as mães, não é?

Estagiária – As mães...

N – As mães e se calhar os avós, não é.

Estagiária – E onde é que nasceu a sua primeira filha?

N – Onde é que nasceu?

Estagiária – Sim, em casa ou no hospital?

N – Em casa. Havia lá uma senhora que se fazia de parteiras, ou enfermeira e ela ia lá ter para ela lá ter em casa.

Estagiária – E a sua segunda filha?

N – A minha segunda filha, essa foi no hospital.

Estagiária – Estava em casa quando...

N – Não senhora. Eu estava em França.

Estagiária – Estava em França na qual? Na segunda ou na primeira?

N – Foi na segunda que eu estava em França.

Estagiária – E na primeira?

N – Na primeira estava em Portugal.

Estagiária – Estava em Portugal. Então acompanhou a gravidez do início ao fim

N – Eu cá não acompanhei não acompanhei a gravidez dela.

Estagiária – As duas filhas se dão bem uma com a outra?

N – Sim senhora.

Estagiária – Brincavam muito?

N – Brincavam. Brincavam no natal e no ano novo lá em casa... e tenho uma neta quase da idade da minha outra filha.

Estagiária – Foi um pai muito presente na vida das suas filhas?

N – Fui.

Estagiária – Tem orgulho nas suas filhas e no que elas se tornaram?

N – Eu tenho. Tenho orgulho muito grande. Mas às vezes tenho e não tenho. A primeira casou e não pediu autorização para se casar e no fim começaram a fazer uma casa e o marido era chofer daquelas camionetes que iam para o estrangeiro buscar materiais, depois avariou a cabeça...andou com uma brasileira, andou com esta e com aquela. Depois apareceu lá um que queria levantar todo o dinheiro do banco para acabar a casa e disse que não pagaram ao banco e ficaram sem a casa...

Estagiária – Ainda se lembra das primeiras palavras da sua filha?

N – Eu não me lembro nada disso. Isso já vai a tantos anos.

Estagiária – A educação que você recebeu dos seus pais foi a mesma que deu às suas filhas?

N – Foi sim. Não vou dizer que não, os meus pais deram a educação...tinha que ir trabalhar e guardar as ovelhas quando era mais novo...

Estagiária – E para as suas filhas já não fez isso...

N – Não, a segunda aprendeu a ler e a escrever, deu o 12º ano, mas como não quis estudar mais foi trabalhar. Ela é como eu, é muito amiga de trabalhar. E quando ela andava a estudar ia para o campo, para o tomate apanhar tomate, para as vindimas...às vezes ela vinha toda molhada e suja por trabalhar no campo e eu “Não vais! Vai estudar!”.

Estagiária – E assim foi. Muito obrigada.

UTENTE O

Estagiária – Quantos filhos teve?

O – Eu não tive nenhum...

Estagiária – Pois, a sua mulher é que teve dois filhos. Acompanhou a gravidez da sua mulher?

O - Sempre

Estagiária – Quando soube que ela estava grávida, ficou muito contente?

O – Claro que fiquei muito contente. Era o primeiro filho...

Estagiária – Foi um homem ou uma mulher o primeiro?

O – Foi uma mulher. E também fiquei muito contente por isso, porque eu pensei sempre, bem é uma rapariga quando eu for velho ela vem...

Estagiária – Para lhe tratar...

O – Mas afinal enganei-me...

Estagiária – E mudou fraldas ou nem por isso?

O – Fraldas? Não.

Estagiária – Ou isso era o trabalho das mulheres?

O – nunca tive vagar para mudar fraldas.

Estagiária – E o enxoval, foi ela que o fez todo?

O – O enxoval ela já tinha e quando a filha se casou, também queriam fazer um enxoval e eu disse logo que depois isso passava de moda...depois eu tive que comprar tudo na altura.

Estagiária – Diga-me uma coisa, os seus filhos eram muito brincalhões, davam muita dores de cabeça ou nem por isso?

O – A minha filha deu-me muitas dores de cabeça porque o médico de santarém arranjou uma doença e eu tive que a levar para Lisboa...olhe se não fosse o sogro desde senhor da farmácia, era morta. Ela morria...

Estagiária – E tirando isso, tem muito orgulho nos seus filhos?

O – Tinha! Agora já não tenho e o que tinha já perdi. Eles não me ajudavam em nada.

Estagiária – A educação que o senhor teve foi a mesma que deu aos seus filhos? Ou acha que deu um bocado mais liberdade?

O – Não. Nunca se ouviu dizer que eu nunca lhes dei educação. Dei-lhe educação e ainda andaram a estudar. A mãe faleceu quando o meu filho tinha 13 anos, depois nunca quis estudar, depois estava na sala e a professora falava para ele e ele nem sequer lhe dava resposta.

Estagiária – Muito Obrigada.

O – De nada Jéssica.

UTENTE Q

Estagiária – Como é que foi o nascimento do seu primeiro filho? Ficou contente?

Q – Fiquei, quem é que não há de ficar?

Estagiária – Há pessoas que não estão a espera...

Q – Tive 5 filhos, quatro raparigas e um rapaz. Já sei que quer saber onde nasceram e tudo não é?

Estagiária – Sim, mais ou menos.

Q – Casei com 19, aos 20 já tinha a minha primeira filha, ela nasceu na Alfredo da Costa e os outros 4 nasceram em casa porque a Alfredo da Costa estava avaliada como mau comportamento perante uma mãe...

Na altura o Doutor Amâncio Costa foi dizer ao meu marido que “um parto como este, até o chão era parteiro” e eu cá me ajudei, está aí o chão...depois do primeiro eu disse que os próximos não nasciam em casa, mas nasceram mais 4. Não sei o que quer que diga mais...

Estagiária – Então...

Q – Então tive um bom parto entre todos eles, portanto qualquer deles...

Estagiária – E ter filhos em casa não era muito difícil?

Q – Não, não achei que fosse difícil

Estagiária – E o enxoval, quem preparou o enxoval?

Q – Foi eu. Não, na altura a minha irmã teresa que é a mais velha, que tem 74 anos. Não havia nem fraldas, não havia vestidinhos, nem assim, havia coeiros. Não sabe o que é coeiros?

Estagiária – Não.

Q – Coeiros é uma peça de roupa que nós fazemos para dar aos filhos, é uma coeira...

Davam a comida mais quente que hoje. Hoje começam a dar mais tarde as papas. Agora já não dão fígado, não dão mioleira, isso fazia parte da alimentação das filhas até 1 ano e tal que começavam a comer da panela também, não era só caldo...

Estagiária – A grávida podia comer de tudo?

Q – Comíamos de todo, como não tínhamos não era necessário se preocupar com isso.

Estagiária – Ainda se lembra de algumas brincadeiras dos seus filhos?

Q – Brincadeiras e umas coisas desastradas...

Estagiária – São coisas que ficam para sempre. Davam muito trabalho?

Q – A minha filha que cá esteve ontem fez-me chorar montanhas de lágrimas, tantas, tantas. A minha casa era gigante e ficava em Memartins e tinha uma varanda que mandei fechar para fazer um sítio de costura e então estávamos a fazer umas coisinhas, umas roupas e para casa...começamos a ouvir assim “vou voar” e outra vez “vou voar”, ela tinha 5 anos e quem é que vai pensar que uma garota de 5 anos vai se atirar do muro? E atirou-se! Quando a ouvi a chorar descí aquelas escadas do 1º andar para o resto chão toda louca e fui espreitar antes de descer o quintal e aquilo tem 2 metros e meio de altura e vejo a minha filha numa poça de sangue. Depois disso começou a passar com o tempo.

A mesma onde começou a chorar e quando fui ver ela estava com a cabeça entre os ferros do portão...

Estagiária – Então ela era meia traquinas...

Q – Era! O irmão mais novo, estavam elas a brincar as escondidas na vivenda e ela pôs-se numa das esquinas com a tesoura de cortar a relva, e apanhou o irmão na barriga e ainda hoje ainda tem a marquinha. A sorte, foi da tesoura de corta relva tem os bicos redondos, não é bicuda.

Estagiária – Tem orgulho nas pessoas que se tornaram os seus filhos?

Q – Tenho. São pessoas honestas, são pessoas trabalhadoras, estudaram...

Estagiária – A educação que recebeu foi aquela que deu aos seus filhos?

Q – Não, era muito difícil. A minha mãe era analfabeta, o meu padrasto era uma besta, era difícil...não dava. Da família do pai as coisas eram muito diferentes, uma família famosa, pessoas com bastante instrução, o que também ajudava crescer os meus filhos.

Estagiária – Muito obrigada.